ANDREW FUKUDA

CAÇADA



AS PRESAS

intrínseca

AS PRESAS

ANDREW FUKUDA

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2013 by Andrew Fukuda

TÍTULO ORIGINAL
The Prey

PREPARAÇÃO
Rayssa Galvão

REVISÃO
Bruna Cezario
Flora Pinheiro

REVISÃO DE EPUB
Vanessa Goldmacher

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-642-9

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



» » »



»

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26

27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45

Agradecimentos

Sobre o autor
Conheça o primeiro volume da série
Leia também

Para Obaachan

1

PENSÁVAMOS QUE finalmente tínhamos nos livrado deles, mas estávamos enganados. Naquela mesma noite, eles viriam atrás de nós.

Ouvimos o grupo de caçadores poucos minutos antes de chegarem à margem do rio: gritos determinados atravessam o céu noturno, roucos e afiados como vidro estilhaçado. O cavalo, revirando os olhos e dilatando as narinas, se levanta do chão assustado. Com os músculos contraídos, ele sai galopando de orelhas para trás, o branco dos olhos brilhando como duas luas insanas na vastidão escura.

Nós seis pegamos as bolsas e disparamos para o barco ancorado, com as pernas tremendo. Os nós que prendem a embarcação estão apertados, e nossos dedos trêmulos não conseguem soltá-los. Ben tenta abafar o choro, e Epap já está de pé no convés, paralisado de medo, a cabeça virada na direção dos gritos que se aproximam. Algumas mechas de seu cabelo estão levantadas como braços em rendição, sinais de um cochilo que nunca deveria ter acontecido.

Sissy tenta cortar as cordas. A lâmina produz fagulhas quando os golpes ficam mais rápidos, mais urgentes a cada segundo. Ela para de repente, a adaga ainda no ar. Está olhando para longe. Ela os vê: dez pontos prateados correndo na nossa direção por uma pradaria antes de desaparecer atrás da colina mais próxima. Os pelos da minha nuca congelam, estalam e se quebram ao vento.

Eles reaparecem, dez gotas de mercúrio no topo da colina com determinação inabalada. *Pontos prateados, gotas de mercúrio*, termos tão singulares, uma tentativa fútil de dar um ar inócuo ao horror, de fazer com que pareçam apenas joias. Mas são pessoas. São caçadores. Estão vindo para cravar as presas na minha carne, me destroçar, me devorar, e saborear meus órgãos.

Pego os meninos mais novos e os empurro para o barco. Sissy está cortando a última corda, tentando ignorar os uivos direcionados a nós, escorregadios e encharcados de saliva. Seguro uma vara, pronto para agir assim que ela tiver cortado a corda. Segundos antes da chegada deles, a última corda se rompe, e empurro o barco para longe da margem. Sissy pula nele. O rio nos envolve, nos afasta da terra.

Os caçadores se reúnem à margem, dez grotescos amontoados de pele derretida e cabelo emaranhado. Não reconheço nenhum deles — não vejo sinais de Lábios Escarlate, Tanquinho, Decrépito e nem do Diretor —, mas o desejo naqueles olhos é bastante familiar. É um impulso mais poderoso do que a luxúria, um desejo desesperado de devorar e consumir carne e sangue de eper. Três caçadores pulam no

rio veloz, em uma tentativa inútil de nos alcançar. Suas cabeças aparecem uma vez, duas, e então afundam para longe, inofensivas.

O restante nos segue pelas margens durante horas. Tentamos não olhar para eles, mantendo os olhos fixos no rio e nas tábuas do convés. Mas não temos como ignorar os gritos cheios de luxúria não saciada, um lamento desesperado. Os quatro garotos do Domo — Ben, David, Jacob e Epap — passam a maior parte da noite encolhidos dentro da cabine. Sissy e eu ficamos na popa, guiando o barco com as varas compridas para nos mantermos longe da margem. A aurora se aproxima, e o céu nublado fica cada vez mais claro. Os caçadores, em vez de perderem as forças com a aproximação do nascer do sol e da morte certa, apenas gritam mais alto, a ira intensificada.

O sol ascende lentamente e brilha por trás de nuvens negras. É um brilho filtrado, difuso. Por isso os caçadores morrem devagar, aos poucos, de forma horrenda. Demora quase uma hora até o último grito gorgolejante ficar para trás, e não sobra nada para ver, ouvir ou sentir.

Sissy fala pela primeira vez em horas.

— Pensei que já tivéssemos ido longe o bastante. Pensei que não os veríamos mais.

Ainda é manhã, mas a voz dela já está exausta.

— Estava ensolarado — respondo. — Até a tempestade de ontem.

A chuva e as nuvens deixaram o dia escuro como a noite e permitiram que os caçadores saíssem horas antes do crepúsculo e nos alcançassem.

Sissy projeta o maxilar para a frente.

— É melhor não chover hoje, então — conclui, entrando na cabine para ver como estão os garotos.

O rio corre com uma insistência propulsora. Olho para ele até onde some, na escuridão distante. Não sei o que há à frente, e a incerteza me entorpece de medo. Uma gota cai na minha testa, depois outra e mais outra, até que a água da chuva escorre pelo meu pescoço e por meus braços arrepiados como veias protuberantes. Olho para cima. Nuvens escuras e cheias se movem e se abrem. A chuva cai pesada, escura e inclinada. O céu está preto como um bando de corvos à meia-noite.

A caçada apenas começou. A caçada não vai terminar nunca.

2

FICAMOS SENTADOS na cabine, juntos, tentando nos abrigar da chuva. As roupas encharcadas se grudam aos nossos corpos magros e barrigas vazias como pele enrugada e encouraçada. De tempos em tempos, motivado pela falta de lógica da fome, alguém abre a sacola de comida e a encontra (mais uma vez) vazia. Todas as frutinhas e a carne esturricada de cachorro selvagem já foram devoradas faz tempo.

Com a chuva pesada, a corrente do rio está mais forte. Nós nos revezamos em turnos curtos para guiar o barco, pois perdemos as forças depressa. No começo da tarde, Sissy e eu trabalhamos juntos. Duas horas depois, estamos exaustos. Desabamos na cabine, e Epap e Jacob assumem nossa posição.

Estou exausto, mas não consigo dormir. O vento sopra pelo rio e deixa a superfície já agitada pela chuva ainda mais turbulenta. Esfrego o rosto, tentando espalhar calor pelas bochechas. Do outro lado da cabine, de olhos fechados, Sissy está deitada de lado e encolhida, a cabeça apoiada nas mãos unidas. O rosto, relaxado pelo sono, é suave e de contornos bem-definidos.

— Você está me encarando há alguns minutos — sussurra ela, ainda de olhos fechados. Levo um susto. Os lábios dela se curvam em um leve sorriso. — Da próxima vez, é só me acordar. Dá para abrir um buraco em uma parede de aço com esse seu olhar.

Eu coço o pulso.

Ela abre os olhos e se senta. O cabelo castanho grosso cai sobre seu rosto, desgrenhado como o cobertor que ela coloca sobre Ben, roncando ao seu lado. Sissy boceja e estica os braços acima da cabeça, alongando as costas. Depois anda até mim, contornando a pilha de gravetos que levamos para o barco, e se senta ao meu lado.

— A correnteza está forte. Talvez forte demais. Estou preocupado — digo.

— Não, isso é bom. Significa mais distância entre nós e os caçadores.

Poucos dias se passaram desde que fugimos do Instituto Eper. Fomos perseguidos por um grupo sedento por nosso sangue e faminto por nossa carne. Eles saíram do Instituto às centenas, atraídos para um banquete e impulsionados pela sede de sangue. Contra uma horda dessas, nós seis não tínhamos nenhuma chance. Nossa única esperança efêmera de sobrevivência estava no diário do Cientista, um caderno codificado que sugeria uma rota de fuga por este rio. Por sorte, conseguimos

encontrar o rio. Achar o barco foi um milagre ainda maior. Mas não descobrimos o motivo de o Cientista nos mandar seguir por este caminho.

— Também significa que a distância entre nós e ele vai diminuir — continua ela, como se tivesse lido meus pensamentos.

Sissy me encara com olhos determinados, mas também gentis e sábios. Desvio o olhar.

Ontem, quando encontrei o desenho que Epap fez do meu pai, foi a primeira vez que vi o rosto dele em anos: os olhos fundos, o maxilar forte, os lábios finos, a expressão pétrea que, mesmo no desenho, dava sinais de graça e tristeza ainda mais profundos.

Penso nos segredos que aqueles olhos deviam guardar, nos planos nunca revelados por seus lábios. No nosso último dia juntos, meu pai entrou correndo em casa, suando muito, mortalmente pálido. Vi as marcas em seu pescoço. Ele fora muito minucioso ao fingir a transformação. Quando saiu correndo para a rua, momentos antes do nascer do sol, pensei que estivesse correndo para a morte, para me salvar.

Mas estava apenas correndo para a liberdade, me condenando à morte.

Pego dois gravetos finos da pilha e começo a esfregá-los um no outro, como se estivesse afiando uma faca.

— Você acha que o Cientista deixou este barco para vocês, não acha? — pergunto. — Que planejou toda essa fuga elaborada para vocês. Quer saber minha opinião? O barco não era para vocês. Era para ele, só para ele. Era *sua* fuga. Só que ele não foi inteligente o bastante para encontrá-lo. Ou talvez tenha construído, mas foi caçado antes de conseguir fugir.

Ela olha para os gravetos, depois para mim.

— Você está enganado. O Cientista nos prometia quase todos os dias que nos levaria para fora do domo. Falava de um lugar maravilhoso, onde não havia perigo ou medo, onde havia segurança, calor e incontáveis outros humanos. Uma terra de leite e mel, frutas e sol. Era assim que ele a descrevia. Às vezes, chamava-a de Terra Prometida. E, sempre que falava da fuga, falava como se fosse a *nossa* fuga.

— Foi uma promessa e tanto.

Ela comprime os lábios.

— Foi. Mas era disso que precisávamos. Você tem que entender… Nascemos no domo, todos nós. E realmente pensávamos que morreríamos nele, depois de uma vida longa e difícil no cativeiro. Era uma existência infeliz. O Cientista… bem, ele apareceu do nada. E, com essa promessa, mudou nosso modo de ver as coisas, nossas vidas. Nos deu esperança. Os garotos se transformaram, principalmente Jacob. A esperança faz isso com as pessoas. — Ela sorri. — Nem sabemos qual é a aparência e o gosto de leite e mel.

— Vocês colocam muita fé na promessa de um homem.

Ela olha para mim.

— Você não o conhece como nós.

Quase me encolho ao ouvir aquelas palavras, que doem. Mas consigo me controlar. Uma vida de treinamento deixa qualquer um especialista em esconder as emoções.

— Você não quer encontrá-lo? — pergunta ela. — Não está nem um pouco curioso para saber para onde ele pode ter ido?

Os gravetos em minhas mãos param de se mexer. A verdade é que não consigo pensar em outra coisa.

O luar refletido no rio ilumina seu rosto.

— Me conte, Gene — sussurra Sissy, os olhos fixos nos meus.

Faço uma pausa, ainda ouvindo o eco das palavras dela: *Você não o conhece como nós*. Tantas coisas que eu poderia contar. Que o homem que eles conhecem como *o Cientista* é o mesmo que eu chamava de *pai*. Que moramos juntos, brincamos, conversamos, exploramos a metrópole, que ouvi as histórias dele. Sei que, quando dormia, seu rosto tenso desaparecia e dava lugar à face de um menino, que ele roncava baixinho, o peito subindo e descendo, subindo e descendo, as mãos inertes ao lado do corpo. Que passei mais anos a seu lado do que eles, e tive experiências mais profundas. Que ele me *amou* com o amor de um pai, um laço mais forte do que qualquer outro.

Em vez disso, esfrego os gravetos com mais força um contra o outro.

— Você carrega o peso do mundo nos ombros, Gene — murmura ela.

Cruzo as pernas debaixo do corpo e não digo nada.

— Os segredos — continua Sissy — vão consumir você por dentro.

Ela se levanta e se junta aos outros.

* * *

Mais tarde, naquele mesmo dia, a chuva para. O sol passa por uma abertura nas nuvens, e os garotos gritam de alegria. Jacob declara que agora tudo está perfeito: eles têm luz do sol *e* velocidade.

— Tomem isso, caçadores! — grita com fervor.

Os outros epers, rindo, o incitam.

— Isso mesmo! Comam poeira!

Suas gargalhadas ecoam pelo céu cada vez mais azul.

Mas não compartilho dessa alegria. Porque cada centímetro a mais entre nós e os caçadores só aumenta o abismo entre mim e Julia Brasa.

Nesses últimos dias, ela veio me procurar sem ser anunciada, através das visões mais aleatórias: a forma das nuvens, ou a silhueta das montanhas ao leste, cada vez mais próximas. A cada segundo, a cada onda que fica para trás, sinto a corda ao redor do pescoço dela ficar mais apertada. A culpa me consome. Ela está sozinha no Instituto Eper, depois de se sacrificar por mim. Resistindo por mim, por um resgate que não fui capaz de executar. A essa altura, já deve saber que não vou voltar. Que falhei.

Os garotos estão gritando, a euforia estampada nas palavras vibrantes e intensas. Estão gritando a respeito do Cientista, da Terra Prometida.

Ouço passos apressados se aproximando. É Ben.

— Venha ficar com a gente no convés, Gene! — chama ele, com um sorriso largo no rosto. — É bem mais quente no sol do que na cabine.

Respondo que preciso ficar fora do sol.

— Venha, venha — insiste, puxando meus braços.

Mas os puxo de volta.

— Não posso. Não estou acostumado com o sol. Minha pele já está ardendo. Não sou escuro como vocês, ep… — Consigo me segurar bem a tempo.

Ben parece desapontado. Ele se afasta e vai para o sol, me deixando sozinho na sombra fria da cabine úmida.

Durante a hora seguinte raios de sol atravessam as nuvens. A terra se abre, as cores carregadas sangrando por todo o terreno. O verde viçoso das pradarias, o azul profundo do rio. Durante toda a tarde, ouço as vozes dos outros entrando pelas rachaduras nas paredes da cabine. Mesmo na proximidade do barco, eles parecem a mil quilômetros de distância.

O sol brilha, e os raios nebulosos são como grãos de sal nas feridas abertas da minha consciência.

* * *

É fim de tarde. Eles estão espalhados pelo convés como cães tomando banho de sol, absorvendo os raios, cochilando. Estão sem energia, as barrigas vazias roncam mesmo durante o sono. É meu turno outra vez. Absorvo o som da água batendo nas tábuas de madeira, um som rítmico e oco estranhamente reconfortante. O movimento do barco me deixa sonolento.

Epap está acordado. Ele rabisca alguma coisa em um canto, completamente absorto no desenho. Sou vencido pela curiosidade e me aproximo devagar, sem ser notado.

O garoto está fazendo um desenho de Sissy. Na imagem, ela está de pé em uma

pedra na beira de uma cachoeira, com um dos braços levantado e olhando para a frente. O braço é tão fino quanto o horizonte é longo. A cachoeira cintila, parecendo cravejada de rubis e diamantes. Está usando um vestido de seda sem mangas, e tem os seios mais fartos e a cintura mais fina do que são de verdade. No desenho, há alguém de pé atrás dela. Demoro um momento para perceber quem é: Epap, de camiseta regata, os braços muito musculosos e a barriga tanquinho refletindo o luar. Uma de suas mãos está na cintura dela, e a outra, mais abaixo, pousada na coxa direita com delicadeza controlada. Sissy está com o braço esticado para trás, segurando forte a nuca dele com o punho fechado, os dedos entrelaçados nas mechas de cabelo ondulado.

— Uau, que imaginação.

— O q…! — exclama Epap, fechando o caderno. — Pare de bisbilhotar!

— O que está acontecendo? — murmura Sissy, os olhos pesados de sono.

— Calma — digo. — Quando você acabar seus, hã, desenhos, pode me dar uma ajuda com o barco? A correnteza está forte.

Sigo para a proa e inclino a vara até o barco se endireitar. Dentro da cabine, Epap está resmungando alguma coisa. Depois de alguns minutos, é David quem sai para me ajudar.

Ele move os lábios formando um *Uau!* quando vê o rio.

— Estamos indo bem rápido.

Ele pega a outra vara.

Epap está na popa conversando com Sissy, os braços esticados para manter o equilíbrio. Ela balança a cabeça em resposta e aponta para o céu ainda coberto de nuvens, de onde saem colunas de sol. Epap se aproxima mais, sacudindo as mãos, animado. Eles continuam a conversa, enérgicos, mas não consigo ouvir nem uma palavra por causa do barulho do rio. Caminho até lá.

— … rio — está dizendo ele.

— Do que vocês estão falando? — pergunto, ao me aproximar.

Epap me lança um olhar irritado.

— Não é nada.

Olho para Sissy.

— O que tem o rio?

— Está cheio d'água! — debocha Epap. — Agora vá cuidar da sua vida!

— Vocês estão pensando em parar, não estão? — pergunto a Sissy. — Para procurar comida.

Sissy não responde, só olha para o rio com o maxilar contraído.

— Isso seria uma péssima decisão. Um erro.

— Ninguém pediu a sua opinião — retruca Epap, posicionando-se entre mim e Sissy.

— Descer deste barco é um grande erro, Sissy — insisto, contornando Epap. Ele endireita as costas, irritado. — Não aprendemos nada na noite passada? Tem…

— Que parte de "vá cuidar da sua vida" você não entendeu? — rosna Epap. — Na verdade, vá aprontar as cordas. Precisaremos prender o barco quando descermos.

— Você está louco? Eles querem comer a gente…

Epap se vira para mim com puro desdém nos olhos.

— Ah, é mesmo? E você descobriu isso sozinho?

— Escute! Eles ainda podem estar por aí…

— Não mais — retruca Epap. — Você não sabe nada sobre eles? Estou surpreso com sua falta de conhecimento, já que viveu no meio deles a vida toda. Acorde, eles queimam no sol. E olhe: o sol está brilhando.

— Não está forte o suficiente. Os caçadores são inteligentes, improvisam, têm tecnologia e são determinados. Você os subestima por sua própria conta e risco.

— A única coisa que tem lá é comida — grita Epap em resposta. — Tem tanta vida selvagem correndo para todo lado que mais parece um zoológico. Já devo ter visto pelo menos três marmotas. Deixe que Sissy e eu tomemos as decisões.

— Epap — intervém Sissy. Ela balança a cabeça. — Não sei. Talvez seja muito arriscado.

Uma expressão magoada surge no rosto dele.

— Mas Sissy, não entendo. Você acabou de concordar em sair para caçar. — Os olhos dele estão igualmente confusos e incrédulos. — Sabe como estamos com fome. Pense no Ben.

— É claro. Mas vamos manter a cabeça fria, tá bom?

— Não, você acabou de concordar comigo. Que deveríamos ancorar e sair para procurar comida.

— Estou tentando ser cuidadosa…

— É por causa dele? — interrompe Epap, apontando o dedo para mim. — Só porque ele disse que não deveríamos ancorar, de repente você concorda com ele?

— Pare.

— É por causa dele?

— Epap! Não estou dizendo que devemos ficar longe da terra para sempre. Mas vamos esperar o céu clarear um pouco mais. O sol queimar a terra de verdade. Se tivermos que esperar até amanhã, esperaremos. Um dia a mais de fome não vai nos matar. Mas ir para a terra de forma impulsiva e prematura talvez mate.

Epap vira de costas para ela, a raiva emanando dos ombros estreitos.

— Por que se esforça tanto para agradá-lo? Não consigo acreditar que está do lado dele!

— Não estou do lado de ninguém. Estou do lado da razão. Do que é melhor para todos nós.

— Do que é melhor para *você*! Você quer que ele goste de você, é por isso que está do lado dele!

— Chega, não vou discutir mais — responde ela, e sai andando.

Epap encara as costas dela, irritado. Ainda está com raiva.

— Está vendo o que você fez? — pergunta para mim. — Você se acha tão inteligente, não é? Se acha tão durão. *Ah, olhem para mim, sobrevivi durante anos no meio deles. Ah, vejam como sou bom.* Sabe, acho você ridículo.

Não morda a isca, vá embora, digo a mim mesmo.

— Queria ser um deles? — pergunta Epap em voz baixa. — Sente vergonha do que é?

Paro na mesma hora.

— Porque eu percebi o jeito como olha para nós. Vi a arrogância no seu rosto — continua ele, os lábios retorcidos. — Você nos despreza. Acha horrível ter que se juntar a nós. Lá no fundo, você os *admira*, não é? No fundo, você deve querer *virar* um deles.

— Epap, pare — interrompe Sissy.

Ela se virou de novo e nos observa com atenção.

— Você não faz ideia — respondo com a voz estrangulada.

— Como é? — pergunta ele, com um sorriso bobo no rosto.

— Você não faz ideia do que eles são. Se soubesse, jamais diria uma coisa tão idiota.

— Eu não faço ideia? É mesmo? É sério isso? *Eu* não faço ideia? — Ele me olha com raiva e zombaria evidente. — É você que não faz ideia. Mas, pensando bem, por que faria? Você era um deles, foi amigo deles a vida toda. Nunca os viu rasgarem seus pais em pedacinhos. Nunca os viu arrancarem os membros de sua irmã ou seu irmão bem na sua frente. Você não os conhece como nós.

— Eu os conheço melhor do que você pensa — digo. Minha voz está baixa e controlada, mas tensa, pronta para dar o bote a qualquer momento. — Acredite em mim. Afinal, o que você realmente sabe? Eles não passaram de babás corujas para vocês, alimentando, dando roupas, fazendo bolos de aniversário…

Epap parte para cima de mim, o dedo esticado como uma garra.

— Por que você…?

Sissy segura o braço dele.

— Chega, Epap!

— Olha aí de novo — grita ele. — Por que você sempre fica do lado dele? *Chega, Epap. Pare, Epap.* O que você tem com ele? Por que você… ah, esquece! — Ele arranca o braço da mão dela. — Se quiserem passar fome juntos, fiquem à vontade. Mas, se adoecermos, se morrermos de fome, a culpa é sua, não se esqueça disso.

— Chega de drama, Epap.

Dá para ver o peito dela subindo e descendo.

Ele desvia o olhar e não diz nada. Mas, de repente, se joga na minha direção. O impulso me pega de surpresa, e nós dois caímos com força no convés. As tábuas estalam com o impacto.

Um baque curioso e oco soa logo abaixo. Como se eu tivesse soltado alguma coisa na parte inferior do barco.

Epap está falando palavrões e se agitando em cima de mim, e só consigo evitar os golpes. Logo Sissy o puxa para longe, com o rosto em um tom intenso de vermelho.

— Já temos muita coisa com que lidar! — grita. — Precisamos nos concentrar em lutar contra *eles*, não uns contra os outros!

Epap se vira e olha para a margem do rio. Passa a mão pelo cabelo, a respiração entrecortada. Mas não estou prestando atenção nele. Todo meu foco está no convés abaixo de mim. Bato no chão. Ouço o mesmo baque oco. Bato no convés a um metro de distância, o que produz um som diferente.

— O que foi? — pergunta David.

Todos se viram para me olhar.

Bato no convés com toda a força. E escuto de novo o som de algo se deslocando. De alguma coisa escondida debaixo do barco, afastada de olhares indesejados. Sinto um nó se formar na minha garganta quando me dou conta de uma coisa.

— Gene — chama Sissy —, o que está acontecendo?

Olho para ela com uma expressão atordoada.

— Gene?

— Acho que tem alguma coisa debaixo do barco — digo. Todos estão me encarando. — Está debaixo dos nossos narizes esse tempo todo.

Ben observa o convés, confuso.

— Onde? Não vejo nada.

— No único lugar onde um caçador não pensaria, não ousaria, olhar — explico. — Debaixo d'água.

* * *

Mergulhar no rio é como quebrar a superfície de um espelho. E a sensação é a mesma: cacos gelados atingem e cortam minha pele. Meus pulmões se contraem para o tamanho de bolas de gude. Subo à superfície em busca de ar. A correnteza é furiosa. Apesar da corda ao redor do peito devido à chance remota (que agora percebo não ser tão remota assim) de ser levado pela correnteza, isso não me tranquiliza. Agarro a lateral do barco na mesma hora. Permito-me alguns segundos

para me acostumar com o frio, então mergulho.

Para me apoiar, enfio os dedos entre as tábuas do convés. Minhas pernas são levadas pela correnteza, o que me deixa paralelo ao barco. Pareço uma bandeira ao vento. A luz do sol brilha por entre as tábuas, finos raios de luz atravessando a água turva. Aqui embaixo é estranhamente silencioso, ouço apenas um zumbido profundo e lamentoso quebrado por um som ocasional de água agitada. Meus olhos passam de um lado ao outro, tentando encontrar alguma coisa, qualquer coisa, fora do comum.

Ali. Um compartimento retangular preso ao centro do barco. Com cuidado, permito que meu corpo flutue na direção dele até estar com os braços ao redor da caixa, grato pelo apoio. Há uma tranca de metal enferrujada na lateral. Ela não cede quando dou um primeiro puxão. Puxo com mais força, e a parte de baixo da caixa se abre.

Um pedaço grande e plano de pedra cai e me acerta na nuca. A dor é atordoante e me deixa desorientado. Tento desesperadamente pegar a tabuleta às cegas, enquanto ela desliza por meu corpo. Mas é tarde demais. A pedra passa pelas minhas pernas, bate na canela esquerda e some nas profundezas turvas.

Com os pulmões explodindo, eu me viro até ficar agachado de cabeça para baixo, com os pés plantados no barco. É agora ou nunca. Tenho uma chance de mergulhar e pegar a tabuleta antes que ela afunde demais e se perca. Dou impulso no fundo do barco. Meu corpo dispara para baixo, na escuridão, no frio.

Uma fração de segundo antes que a corda que me envolve fique esticada ao máximo, encosto as pontas dos dedos na pedra. Agarro-a com firmeza. Em seguida, sou puxado como se estivesse preso a uma corda elástica, e a força quase me faz soltar a tabuleta. Aninho-a contra meu peito nu e sinto letras entalhadas na pedra.

Surjo na superfície da água em meio a um jorro de espuma branca, meu corpo reduzido a uma boca enorme em busca de ar. Epap e David veem a tabuleta e a tiram dos meus braços cansados. Eles me deixam na água, agarrado à lateral do barco, quase sem conseguir me segurar.

Quando consigo me içar para o convés, com o corpo encharcado e pesado, todos já estão reunidos ao redor da tabuleta. Com as cabeças unidas e inclinadas, leem as palavras entalhadas na pedra:

FIQUEM NO RIO.
— o Cientista

Eles estão abrindo a boca. Um coral de risadinhas e gargalhadas começa antes de se transformar em gritos. São todos sorrisos, espanto e delírio.

— Eu falei! Eu falei! Eu falei! — grita Ben, e bate nas costas de todo mundo. — Ele já tinha tudo isso planejado!

Sissy está de pé com as mãos sobre a boca, as sobrancelhas arqueadas e lágrimas brilhando nos olhos.

— Eu *sabia* que ele não nos decepcionaria! — grita Jacob. — A Terra Prometida! Ele está nos levando para a Terra Prometida. De leite e mel, frutas e sol!

O rosto de Sissy se abre em um sorriso que quase parece emanar calor. Seus olhos se fecham de alívio.

— Como sabia que a tabuleta estava debaixo de nós, Gene? — pergunta ela.

Faço uma pausa antes de falar. Meu pai brincava comigo de caça ao tesouro quando eu era pequeno e deixava pistas pela casa. Lembro-me do quanto ficava nervoso quando não conseguia achar as pistas que sabia que estavam ali. Ele me obrigava a parar, respirar fundo e observar o local com calma. Dizia: *Você está olhando, mas não está vendo. A resposta está bem debaixo do seu nariz.* E, quase sempre, quando eu me acalmava, encontrava a pista em uma rachadura no piso, enfiada entre as páginas de um livro que eu estava segurando o tempo todo, ou no meu próprio bolso.

Mas não conto nada disso.

— Acho que tive sorte — respondo.

Começo a tremer quando o vento sopra lâminas de gelo no meu corpo. Estou só de cueca, pois tirei a roupa antes de mergulhar.

Um dos epers fala alguma coisa, seguida por uma explosão de gargalhadas. Sissy se junta ao grupo e bate palmas. Há tanta emoção emanando deles.

Vou até a cabine, onde deixei as roupas empilhadas. Tiro a cueca e a torço com mãos e braços trêmulos. Ainda consigo ouvi-los rindo, as erupções de gargalhadas indo e vindo. Não entendo por que eles precisam demonstrar com tanta ênfase o que estão sentindo. Não podem apenas sentir as emoções sem externá-las? Talvez o cativeiro os tenha atrofiado, tornando-os incapazes de intuir as emoções uns dos outros, a não ser que estejam estampadas em seus rostos.

Eles começam a dar risadinhas, falando como o Cientista isso e o Cientista aquilo. Essa é a confirmação que eles estavam procurando. O sinal de que ele nunca os abandonou, nem os traiu, de que na verdade está esperando no final deste caminho. Esperando por *eles*.

E não por mim.

Eu fui abandonado em uma cidade de monstros. Para me virar sozinho. Um menino que chorava até dormir e molhou a cama durante meses depois que ele se foi. Mas, para *eles,* meu pai criou um plano elaborado de fuga que envolvia um diário (que claramente fora deixado para ser encontrado) e um barco para levá-los à terra do leite e mel, frutas e sol.

Ouço outra risadinha, então mais uma, e suas gargalhadas são como golpes zombeteiros. Estou prestes a mandá-los calarem a boca quando me dou conta de que caíram em um silêncio repentino e apavorante. Olho pelas rachaduras entre as tábuas. Não consigo decifrar muito, vejo apenas David e Jacob levantando a

tabuleta de pedra. Coloco as roupas secas depressa e saio da cabine.

Eles tinham apoiado a tabuleta na base e se reunido atrás dela. Ainda tem água pingando das letras sulcadas na pedra, formando uma poça no convés. Leio as palavras de novo.

FIQUEM NO RIO.
— o Cientista

Mas os epers do Domo não estão olhando para a inscrição, e sim para a parte de trás. Seus olhos observam algo que não consigo ver, e estão arregalados de choque ao percorrerem a superfície da pedra e encararem os meus.

— O quê? — pergunto.

Lentamente, eles viram a tabuleta para que eu possa ler.

Quatro palavras. Quatro palavras que ficarão gravadas na minha mente tão permanentemente quanto as letras entalhadas na tabuleta de pedra.

NÃO DEIXEM GENE MORRER.

Depois de anos, essas são as primeiras palavras do meu pai para mim, sobre mim. Um sussurro do passado que cresce e vira uma brisa, depois ventania. Uma corrente de eletricidade percorre meu corpo, e sinto o estalar de gelo derretendo em minha medula. E, apesar de ser uma onda de luz, esperança e força que flui em mim, não consigo evitar desabar de joelhos.

Jacob e David são os primeiros a me alcançar, estão me levantando. Sinto suas mãos nas minhas costas, as vozes altas, mas não mais irritantes, os corpos pressionados contra o meu, mas não invasivos. Os braços se cruzam nas minhas costas quando eles me levantam, a surpresa se espalhando nos rostos. Os dois sorriem, e seus olhos emanam um brilho acolhedor. Sissy fecha os olhos e leva as mãos cerradas aos lábios, emocionada. Quando os abre outra vez para olhar para mim, estão quentes e carinhosos.

— Eu sabia — diz. — Não é por acaso que você está aqui, Gene. Sempre foi intenção dele que você estivesse conosco. Que fosse parte do grupo.

Não digo nada, apenas sinto a água do rio escorrendo pelo corpo. O vento aumenta, e meu corpo treme. Ela passa os braços ao meu redor e me dá um abraço. Ainda estou molhado, mas ela não se importa.

— Pare de agir como um estranho — sussurra em meu ouvido, tão baixinho que as palavras só podem ser dirigidas a mim, e me abraça uma última vez antes de nos separarmos.

O rosto e a parte de cima de sua blusa estão úmidos, e ela joga o cobertor que Ben acabou de trazer sobre meus ombros. A luz do sol nos ilumina, e também o barco, o rio e a terra.

3

NO MEU segundo ano, na noite em que quase fui devorado vivo, estava sentado sozinho no canto do refeitório. Era cedo para o almoço, e o local quase vazio seria um dos principais motivos pelos quais eu sobreviveria àquela noite. Em comemoração ao Aniversário do Soberano, bifes sintéticos especiais, particularmente sangrentos e macios, foram servidos no almoço. Todos comeram com entusiasmo, as presas perfurando os bifes, sangue escorrendo pelos queixos e pingando nas tigelas.

Mordi a carne falsa e senti o sangue escorrer como água de uma esponja. Era difícil ignorar a textura. Eu já tinha superado havia algum tempo a ânsia de vômito que carnes sintéticas sangrentas costumavam provocar, mas esse bife novo era especialmente nojento. Inspirei várias vezes de forma profunda e controlada, tomando o cuidado de não deixar minhas narinas se dilatarem. Fechei os olhos fingindo deleite e mordi o pedaço de carne mais uma vez.

Senti uma pontada de dor na gengiva que quase fez com que eu me encolhesse. Fiz uma pausa, ainda com os dentes afundados na carne. O sangue se acumulou na minha boca. Deixei que escorresse. Pelo meu queixo. Até a tigela. Dei outra mordida. Daquela vez, a dor explodiu e se irradiou pelo meu crânio. Precisei segurar um grito. Com os dentes ainda afundados na carne, fechei os olhos, como se de prazer, desejando que as lágrimas que surgiam se dissipassem por trás das pálpebras.

E foi de trás do negrume de minhas pálpebras fechadas que primeiro ouvi a erupção de sibilos e pescoços estalando. Aumentando de volume, surgindo de todos os cantos do refeitório. Esperei mais alguns segundos agonizantes, até ter certeza de que meus olhos estavam secos, para poder abri-los.

Os alunos tremiam de excitação, saliva se misturando com o sangue que escorria por seus queixos. Alguns atacavam os bifes com fervor renovado, acreditando erroneamente que o aroma provocante saía da carne em suas mãos. Outros, os mais velhos, erguiam os narizes no ar e farejavam. Estavam detectando uma coisa bem diferente.

Mordi a carne de novo, ainda sem compreender o que se passava. Estava apenas no segundo ano, afinal. Era um garotinho, um moleque. Mais uma vez, senti a pontada de dor na gengiva. O sangue escorreu e se acumulou na minha boca. Mas havia alguma coisa diferente nele.

Era quente.

Eu não entendi. Forcei o fluxo de sangue para fora da boca e senti um calor ainda mais intenso na pele do meu queixo.

E, quase no mesmo instante, todos pararam de comer. Sibilos altos e inquisitivos ecoaram pelo refeitório. Alguns alunos subiram nas cadeiras, estalando os pescoços instintivamente.

Passei a língua pela fileira superior de dentes. Comecei no último e avancei um por um, passei pelas fendas ásperas, continuei pela ponta do canino falso que inseria a cada crepúsculo. Minha língua chegou aos dois dentes da frente, deslizou pelo primeiro e…

Onde devia estar o outro dente, havia um buraco.

Meu dente tinha caído.

Fiquei de pé. Metade dos alunos já estava de pé ou agachada nas cadeiras. Até os funcionários da cozinha, no canto mais afastado do refeitório, pararam de trabalhar. Só as crianças do jardim de infância, que acreditavam erroneamente que o aroma vinha da carne falsa, continuavam a comer, os olhos arregalados, os maxilares em movimento.

Peguei minha tigela. Fingi bebê-la, mas, por trás do cálice, apertei bem os lábios, formando uma barreira intransponível. Deixei o sangue sintético escorrer pelo meu queixo, pelo meu pescoço, pelas minhas roupas. Para disfarçar o sangue eper da melhor maneira possível.

Coloquei a tigela na mesa e saí andando de forma lenta e natural. Quando senti um par de olhos me observando, me abaixei para amarrar os sapatos, fingindo ter todo o tempo do mundo e nenhuma preocupação. Saí andando, um passo de cada vez, sugando o buraco nos dentes, sugando meu próprio sangue, sem querer que uma única gota escapasse da boca, engolindo, engolindo e engolindo.

Eu me obriguei a andar pelo corredor e a segurar o choro. Quase perdi o controle da bexiga, o que com certeza implicaria na minha morte. Mas consegui controlar tudo. Eu tinha sete anos e segurei as lágrimas, a bexiga, os instintos. Não aceitei que o medo ou que as emoções deixassem a menor marca no meu rosto. Meu pai me ensinou bem.

A sala de aula estava vazia — todos estavam almoçando —, e, depois de entrar e fechar a porta, quase desisti. Quase cedi ao medo e ao pânico, quase permiti que as lágrimas, o sangue e a urina fluíssem de mim em uma enxurrada de rendição e medo. Mas me controlei e ergui a tela sobre a mesa. Ainda sugando e engolindo sangue, tomando cuidado para que nem uma gota escorresse de meus lábios, digitei o endereço de e-mail do meu pai. Meus dedos tremiam a cada tecla. Era uma mensagem simples, uma mensagem que ele me ensinou a usar em momentos de emergência.

Um e-mail em branco. Sem mensagem.

Significava apenas uma coisa.

Apertei ENVIAR e peguei minha mochila. Saí da sala de aula e ouvi a agitação crescente no refeitório. Gritos e berros. Engoli e engoli, torcendo para ser o bastante.

Meu pai deveria estar recebendo o e-mail naquele momento. E eu sabia que, independente do que estivesse fazendo, do quanto pudesse estar ocupado naquele arranha-céu de vidro, ele largaria tudo. Na mesma hora. E viria me buscar.

Eu me obriguei a andar devagar, como se estivesse apenas passeando lá fora. Evitei o portão principal, mais movimentado. Atravessei o campo de futebol, o de beisebol, e cheguei à rua. Alguns pedestres viraram a cabeça na minha direção ao passar por mim, as narinas inflando. Mas continuei engolindo, e meus olhos, brilhando com lágrimas de pavor, estavam escondidos pelos óculos escuros.

Só quando cheguei em casa, trinta minutos mais tarde, depois de trancar a porta e fechar as persianas, foi que caí de joelhos, desprovido de toda a força e perseverança. Eu me encolhi e abracei as pernas, que eram meu único consolo, e fingi haver outro ser de sangue quente me reconfortando.

E foi assim que meu pai me encontrou, quinze minutos depois, quando entrou correndo em casa e trancou a porta depressa. Ele tomou meu corpo trêmulo nos braços grossos e musculosos e me abraçou. E não falou nada enquanto eu chorava na camisa dele, molhando seu peito. Só acariciou meu cabelo e, depois de um minuto, me disse que estava tudo bem, que eu tinha agido certo, que estava orgulhoso de mim, que eu era um bom garoto.

Mas precisou me deixar algumas horas depois. Quando a lua se pôs e o sol nasceu, meu pai abriu a porta da frente e saiu pelas ruas vazias e banhadas pela luz. Foi até minha escola. Era meu dente. Precisava encontrá-lo. Se alguém o achasse em um canto isolado do refeitório, ou ao lado de uma mesa, as desconfianças, que ainda nasciam e, portanto, tinham grande probabilidade de morrer, como todos os boatos malucos a respeito dos epers, seriam confirmadas. E, caso isso acontecesse, eles juntariam as peças e viriam atrás de mim em minutos, segundos. Eu seria caçado e então devorado até não sobrar nada.

Quando meu pai voltou horas depois, minutos antes do crepúsculo, estava de mãos vazias. Não conseguiu encontrar o dente. Estava exausto, seu rosto lutava contra o medo, mas disse para que eu não me preocupasse. Talvez eu tivesse simplesmente engolido o dente, disse, e ele estivesse em segurança dentro de mim.

Comecei a chorar. Pensei que não houvesse problema, eu estava em casa, e ele tinha me deixado chorar mais cedo. Mas ele me censurou:

— Chega de choro. Chega de lágrimas — ralhou. — Você terá que ir para a escola daqui a pouco, sua ausência pode chamar atenção.

Eu consegui parar de chorar, mas não pude sufocar o tremor que tomava conta de

mim. Pensei que ele brigaria comigo de novo, mas meu pai me abraçou com força, como se para absorver as vibrações com o próprio corpo. Eu me senti seguro em seus braços.

— Eu queria ser um deles — disse, contra o peito dele.

Ele ficou tenso no mesmo instante.

Eu prossegui:

— Por que não fazemos isso, pai? Estou cansado de fingir, de me esconder o tempo todo. Por que não nos transformamos? Seria simples, eu poderia encontrar um jeito de trazer um pouco da saliva deles para casa. — De repente fiquei tão perdido nas minhas próprias palavras que não notei a raiva em seu rosto. — Só precisaríamos colocar a saliva em um cortezinho na pele. E então não precisaríamos mais fugir nem nos esconder. Seríamos normais, como todo mundo. Poderíamos fazer isso juntos.

— Não! — respondeu ele, e essa palavra foi como um grito na minha cabeça, um eco que jamais pararia de ressoar. — Não. — Ele segurou meu rosto com as mãos grandes e me olhou nos olhos. — Nunca diga uma coisa dessas. Nunca pense uma coisa dessas. Nunca mais.

Eu assenti, mais de medo do que de compreensão.

— Nunca se esqueça de quem você é, Gene. — Suas mãos apertaram mais o meu rosto. Acho que ele não percebeu a força que usava. — Você é perfeito. É mais especial do que todas as pessoas lá fora juntas.

Ele falou mais, fez promessas e juramentos de nunca me abandonar, e sua voz acabou se suavizando, seu timbre me acalentou e se espalhou por meu corpo, até parecer que a voz dele tinha se misturado com o DNA de minhas células. Meu pai me abraçou com força até eu parar de tremer.

Meu dente nunca foi encontrado. Eu devo tê-lo engolido. Mas, durante semanas, meses e até anos, vivi com o medo constante de que, em algum lugar, em algum buraco, fresta ou rachadura, meu dente esperava, velho e amarelado, prestes a ser descoberto. Assim como minha existência excruciante: rejeitada e escondida, que acabaria sendo descoberta.

Enfim. Apesar de eu viver em um pequeno vão entre dois mundos, nos braços do meu pai havia um universo de consolo tão extenso quanto o próprio amor. E, naquele dia, fiz um juramento que se fundiria com a essência do meu ser de tal forma que eu acabaria me esquecendo de tê-lo feito. Até que, uma década depois, descendo um rio em um barco, eu de repente me lembraria ao ver meu nome entalhado em uma tabuleta de pedra e me comprometeria outra vez: meu pai era o meu mundo e, se ele algum dia desaparecesse, eu o procuraria até o fim desta terra deturpada.

4

A NOITE CAI. O clima de celebração se esvai com o fim do dia. A terra escurece, e a superfície do rio, antes lisa como se feita de placas de metal, se agita. Esguichos de espuma branca são lançados contra as margens como fantasmas efêmeros. Ninguém pronuncia a palavra *caçador*, mas o medo que ela gera está sempre presente nas rugas de preocupação em nossas testas, nos olhos que observam a terra com nervosismo, nos corpos tensos que não se deitarão para dormir esta noite. Apesar de não comermos há dias, nos adaptamos à falta de alimento, recorrendo às nossas reservas. Mas em pouco tempo, no máximo dois dias, elas vão se esgotar, e começaremos a desmoronar.

Sissy está afiando as adagas, os olhos fixos na margem do rio. Epap anda de um lado para o outro, com o diário do Cientista na mão, virando as páginas ocasionalmente. Quando acontece, é de repente.

— Sissy… — sussurra David, de olhos arregalados.

São três. Correndo em formação ao longo da margem, um quilômetro e meio atrás de nós. Estão de quatro, mais parecem guepardos. Impulsionam os braços e as pernas no chão, parecendo ficar mais velozes a cada salto e chute. O primeiro sai da posição e vai para o final da formação. Um novo líder assume seu lugar. Sei o que estão fazendo: seguem em fila, o que os permite diminuir a resistência contra o ar e explorar o vácuo deixado pelo primeiro corredor. Correr em fila traz um aumento de velocidade de pelo menos dez por cento, uma vantagem significativa em uma viagem de centenas de quilômetros.

Em segundos, estão correndo ao nosso lado. Parecem saídos de um pesadelo. A pele, como plástico em um forno, foi parcialmente derretida pela luz do dia e se petrificou com o cair da noite, solidificando as dobras. Tufos de cabelos projetados em ângulos horrorosos estão espalhados aleatoriamente por seus corpos. Não, não é cabelo, são os restos das Capas de Sol, agora mescladas à pele meio derretida e mole. Eles espumam pela boca como animais selvagens e esfarrapados, a pele morta se solta dos ossos, e as mãos esfoladas vão de encontro ao chão com força. Seus olhos nos observam com desejo e devoção.

O terceiro caçador parece vagamente familiar. Em algum lugar atrás de todas as dobras derretidas de pele, há um rosto que quase reconheço. Leva uma bolsa grande presa às costas — todos levam, na verdade —, cheia do que parece equipamento pesado e cordas. Devem estar carregando pelo menos uma tonelada daquilo. Sua

força desconcertante é horrenda e ao mesmo tempo incrível.

E então passam correndo por nós.

— Sissy — murmura Jacob.

Sem olhar para trás, seus corpos saltitantes e pálidos desaparecem atrás de uma pequena colina. Logo reaparecem no morro seguinte, bem mais longe, menores, e ainda mais rápidos.

— Sissy, o que eles estão fazendo? — O rosto de David está tomado pelo medo. Ele olha ao longe, para o local onde os três desapareceram. — Por que continuaram correndo?

A garota se vira para mim, confusa e ansiosa.

— Você sabe?

Balanço a cabeça. Nada nisso faz sentido.

— Não estou gostando nada disso — sussurra Sissy, e, pela primeira vez em dias, vejo um medo genuíno surgir em seus olhos. — Eles estão ficando mais astutos e fortes. Mais criativos e mais determinados a cada dia.

Ela está certa. É a primeira vez que caçam uma presa com inteligência e determinação à altura. Tornaram-se astutos por necessidade.

Sissy dá batidinhas na coxa. Há frustração em seus olhos.

— Precisamos lançar âncora, Sissy! — grita Epap. — Se aqueles três estão de fato nos esperando, não podemos simplesmente ficar flutuando na direção deles.

Ela olha para o rio.

— Pode ser uma armadilha. Talvez haja outro grupo de caçadores esperando que atraquemos o barco. Não podemos permitir que nos passem a perna.

— Não acho que seja esse o plano — intervenho. — Não é assim que eles agem. Quando se trata de caçar epers, o egoísmo prevalece. O altruísmo para o benefício de outro grupo não se encaixa em sua forma de pensar. Se há outro grupo atrás de nós, então o que acabou de passar não vai ganhar nada com isso. — Olho para o rio à frente. — Não, acho que só há um grupo. O que passou correndo.

— E eles estão preparando uma armadilha? — pergunta Sissy.

— Provavelmente. — Faço uma careta. — Não sei.

— Então o que estamos esperando? — insiste Epap. — Vamos atracar agora mesmo.

Ele vai na direção da vara.

— Espere! — pede Sissy. — Talvez estejam esperando por isso. Eles podem ter dado a volta e estar nos acompanhando secretamente por trás daquelas colinas agora mesmo. Talvez o plano *seja* nos fazer atracar, e só estão esperando que a gente aja de forma idiota e remova a única barreira que há entre nós: o rio. Se atracarmos, vão nos alcançar em dez segundos.

— O que a gente faz, Sissy? — pergunta David.

Uma determinação de aço brilha nos olhos dela.

— Continuaremos no rio. Se tiverem montado uma armadilha à frente, passaremos direto. Seja lá o que eles tenham preparado para nós, vamos lutar. Mas não podemos ficar parados sem fazer nada. Vamos encarar nosso destino de frente, seja ele qual for. — Sissy olha para mim. — É assim que *eu* faço.

* * *

Durante quase uma hora, não vemos coisa alguma. O barco segue pelo rio agitado, cada segundo tomado de tensão, uma eternidade de incertezas. Estou ao leme, de olhos bem abertos, observando. As ondas viram espuma branca ao colidirem com as margens mais estreitas à frente. *Não desacelere*, fico pensando*, nem mesmo por um seg...*

A embarcação para de repente, como se tivéssemos atingido uma parede de concreto. Somos jogados para a frente e caímos estatelados no convés. Quase sou jogado no rio, mas consigo agarrar a beirada do barco no último segundo. Sissy é a primeira a ficar de pé e gira o corpo de um lado para outro, tentando entender a situação.

Vejo o que nos fez parar. Uma corda atravessa o rio de uma margem à outra, agora esticada pelo barco. O equipamento que os caçadores estavam carregando devia ser um arpão. Eles o usaram para disparar a corda para o outro lado do rio, na parte onde se estreitava.

— Acho que machuquei as costelas — comenta Epap, trincando os dentes. Ele aperta as mãos com cuidado na frente do peito, como se aninhasse um bebê invisível. — Não consigo respirar, dói até para respirar…

— Sissy! — grito. — Me dê a adaga! Temos que cortar a corda!

Ouço o som de passos na madeira, e Sissy corre na minha direção, espalhando água. Ela olha para o rio e vê a corda. O horror surge em seu rosto. Está prestes a esticar a mão para cortá-la, mas hesita.

— Corte logo, Sissy!

— E se eles estiverem escondidos na água?

— Eles não conseguem ficar debaixo d'água!

— Então onde estão?

— Não se…

Alguma coisa cai no rio a poucos metros, espalhando bastante água.

— O que foi isso? — grita Jacob.

Ouvimos mais barulho, desta vez mais perto do barco.

— Eles estão no rio?! — pergunta Jacob, afastando-se do ruído. — São eles?

— Não! — grito. — Eles não sabem nadar!

— Então o que…

Algo explode ao lado do meu pé, espalhando estilhaços de madeira. Um gancho de ferro — preto como a noite e com quatro garras afiadas — está parcialmente enfiado no convés. Ele está preso a uma corda que vai até a margem. E é lá que os vejo. Os caçadores. Estão meio escondidos atrás de um morro coberto de grama, mas a corda é como uma seta apontando direto para eles.

Coloco as mãos ao redor do gancho, que está coberto por uma gosma escorregadia — saliva —, e eu o largo na mesma hora.

— Não toquem nos ganchos! — grito, o mais alto possível. — Espalharam saliva neles!

— Não é hora de frescura! — grita Sissy em resposta. — Temos que soltá-los!

Olho para ela, estupefato por sua ignorância. Pode ser que ela simplesmente não saiba: se a saliva dos caçadores entrar em um corte ou outro ferimento e penetrar em nossa corrente sanguínea, será o fim. A transformação começará. Eu arranco a camisa e a enrolo em um dos ganchos.

— Não encostem na saliva! — grito — Usem as camisas!

Mas não consigo soltar o gancho, está enfiado muito fundo na madeira.

Outro gancho se choca contra o convés à minha direita, passando perto da cabeça de David.

Os caçadores saem das sombras e puxam as cordas dos dois ganchos com uma força brutal e impiedosa. O barco começa a guinar para a margem, aproximando-se dela a uma velocidade desanimadora.

— Sissy! Corte a corda!

Mas ela não consegue me ouvir, está tentando soltar o segundo gancho — o que está mais fundo na madeira —, e sei que não vai conseguir. Estico a mão até o cinto dela, pego a adaga e corro para a popa. Mas, quando me inclino e toco na corda do arpão, pressionada contra o barco, meu coração despenca. É feita de um material sintético bem resistente, e posso dizer que a adaga não a cortará com facilidade. Vou levar quinze minutos. Tento empurrar a corda para baixo, em uma tentativa de soltar o barco. Mas ela está comprimida demais contra a madeira.

A essa altura, o barco já está na metade do caminho até a margem, perto o bastante para podermos ver um caçador — sibilando, enfiado na água até os tornozelos — jogando algo em nossa direção. Outro gancho voa pelo céu noturno.

— Cuidado! — grito.

Ben está concentrado em soltar o primeiro gancho, então não vê esse, que dispara pelo ar em direção à sua cabeça. Epap, ainda aninhando as costelas, dá um pulo e puxa o garoto bem na hora em que o gancho acerta o lugar exato em que ele estava ajoelhado. Os dois caem no chão em frente à cabine, o corpo de Epap largado no

convés. Ele está desmaiado; dá para ver um corte feio na lateral de seu rosto, onde o gancho deve tê-lo atingido. Sangue jorra da ferida.

Os gritos de êxtase dos caçadores reverberam na noite.

A corda cai bem em cima de Epap, e mergulho em sua direção, empurrando-o para o lado antes que ela seja esticada e o prenda dolorosamente contra o convés, ou, ainda pior, ampute um de seus membros. Somos puxados pelas três cordas com tanta força que a extremidade oposta do barco se ergue cerca de trinta centímetros da água. A embarcação, inclinada para um dos lados, segue ainda mais rápido na direção da margem, como se impulsionada por um motor.

Sissy está tentando cortar uma das cordas presas aos ganchos, mas acaba desistindo. São feitas do mesmo material que a corda do arpão. Os olhos dela se concentram, intensos, e parece fazer cem cálculos em alguns segundos, uma dezena de opções são consideradas e descartadas, até sobrar apenas uma. Ela agarra David e Jacob de qualquer jeito e os empurra para a cabine, onde Ben e eu ainda estamos caídos. Epap continua inconsciente, e sua respiração é rápida e superficial.

— Escute — diz ela. Água pinga de seu rosto. — Posso nadar até a margem. Vou mergulhar deste lado da cabine e nadar por debaixo d'água, para que eles não me vejam. Enquanto isso, vocês precisam distraí-los. Continuem tentando soltar os ganchos.

— Sissy, não! — grita Ben.

— É nossa única opção.

— Tem que ter outra coisa…

Ela segura o braço de Ben com força suficiente para fazê-lo se encolher.

— Não tem, Ben.

— Então me deixe ir — peço. — Eu nado bem, acho que consigo.

— Não — responde ela, colocando a adaga no cinto.

— Vamos nós dois, então — insisto.

— Não — repete ela, tirando a adaga da minha mão e a prendendo com segurança no cinto.

— Sissy…

E ela me lança um olhar intenso, ao mesmo tempo de raiva *e* assombro. Sissy sustenta meu olhar por um momento a mais do que o necessário.

— *Não deixem Gene morrer* — sussurra por fim, e, sem mais uma palavra, passa por mim e mergulha no rio quase sem fazer barulho.

David começa a chorar. Eu o levanto, e a Jacob e Ben também, sabendo que os três vão precisar uns dos outros.

— Escutem, rapazes — começo, com o máximo de convicção que consigo reunir. — Sissy lhes deu uma missão. Tirem aqueles malditos ganchos do nosso barco. Usem as camisas, nada de contato direto. Entenderam?

Jacob assente, e aninho delicadamente o rosto de David nas minhas mãos. Sua pele é fina demais. Ele não foi feito para um mundo como este. Olho em seus olhos até transmitir minha coragem. Ele assente.

— Vão! — digo, e os empurro para o convés.

Eles saem correndo, cada um para um gancho.

Então pulo do barco e mergulho no rio.

* * *

Líquido frio e negro. A correnteza me puxa. Luto contra ela, resistindo aos redemoinhos agitados que quase me fazem girar. Se eu deixar a correnteza me puxar, ficarei desorientado para sempre. Dou braçadas fortes, ignorando o meu destino, querendo apenas me impelir para a frente antes que meus pulmões desistam.

A margem vem de encontro a mim com um golpe cruel. Pedras afiadas cortam minhas mãos, machucando meus dedos. Saio da água com as roupas molhadas pesando no corpo. Forço-me a ficar de pé. Vejo o barco. Está mais longe do que eu pensava. A corrente me carregou quase cinquenta metros rio abaixo. Um líquido quente se espalha pela minha mão. Mesmo antes de ver, sei o que é. Meu sangue jorrando dos cortes.

Uivos soam no ar, agudos o bastante para estilhaçar as estrelas, sacudir a lua. Eles sentiram o cheiro do sangue.

As três cordas presas aos ganchos ficam frouxas de repente, e o lado inclinado do barco cai de novo na água com um estrondo. Os caçadores as soltaram. Estão vindo atrás de mim.

— Sissy! Onde você está?

— Aqui. Venha logo.

Ela está de pé ao lado de uma pilha de equipamento largada no chão. Mais cordas, ganchos e um arpão carregado. Os caçadores devem ter deixado equipamento extra aqui mais cedo, só por garantia. Caso conseguíssemos de alguma forma nos libertar da primeira armadilha, eles sairiam correndo e montariam outra.

— Eles estão vindo, Sissy.

— Eu sei.

Abaixo-me para pegar o arpão. Ao menos, tento. Pesa uma tonelada. Não vou conseguir carregá-lo, muito menos usá-lo. Não sozinho.

— Sissy, me ajude com esta arma. Juntos, podemos erguê-la.

Ela não responde.

Eu olho para cima. Ela sumiu.

Mais uivos soam na minha direção, perturbadoramente próximos. Corro para o

topo da colina, e lá, na metade da descida, parecendo ainda menor ao luar, está Sissy. Ela segura com firmeza uma adaga na mão muito branca. Dois caçadores correm na direção dela. Horas correndo sem parar queimaram toda a gordura corporal deles. As costelas se destacam nos peitos magros, e a pele membranosa se sacode sobre os corpos ossudos como roupas alvejadas pendurada em um varal. O terceiro caçador não está à vista.

Sissy não se move. Eles estão a vinte segundos dela, que está esperando a hora certa, tentando encontrar o melhor ângulo para lançar as adagas. Mas ela não os entende como eu. Conheço as táticas deles.

— Sissy — digo, correndo até ela. — Acabe com eles agora.

— Não — sussurra. — Estão longe demais.

— Eles vão se separar daqui a pouco. Um para a esquerda, outro para a direita, e atacarão de lados opostos. Para deixar você desorientada. Para pegá-la de surpresa. Você vai mirar em um, e o outro estará pulando nas suas costas. Agora, Sissy!

Ela acredita em mim. Em um movimento rápido, lança uma adaga à esquerda dos caçadores que se aproximam. Enquanto eles correm, suas cabeças se viram para observar a lâmina que gira e reluz. Eles acompanham o arco lento e lânguido que ela faz ao passar por cima do rio e de volta na direção deles.

E, no último instante, quando a arma guina na direção deles, os dois pulam por cima da adaga voadora.

Eles se viram para nos encarar de novo e dão um grito vitorioso. Já sabem. Alguém contou a eles sobre as adagas de Sissy.

Mas há uma coisa que eles não sabem.

Aquela não é a única adaga no ar.

Enquanto seus olhos seguiam a trajetória da primeira adaga, Sissy lançou uma segunda.

Um dos caçadores é jogado para o lado com violência, como se alguém tivesse dado um puxão em sua coleira invisível. A segunda arma empalou seu pescoço; a pele derretida e viscosa oferece pouca resistência, e a lâmina penetra até quase o cabo. Ele cai deitado de costas, sacudindo os braços e as pernas como uma tartaruga de cabeça para baixo. O caçador luta para se levantar, mas não consegue. A lâmina perfurou sua traqueia.

O outro grita. Não de medo. Não de dor pelo companheiro abatido. Mas de alegria. Agora terá uma porção maior dos epers. Ele parte para cima de Sissy, salivando como um maníaco.

Sissy leva a mão ao cinto. Restam apenas três adagas. Ela lança a primeira à direita. Todos os olhos, inclusive os do caçador, se viram para segui-la. Mas ela nos enganou. A lâmina ainda está em suas mãos. E, então, não está mais. Sissy a joga em arco, como um bumerangue, na direção oposta à do lançamento falso.

Mas ela não espera para observar o feito. Já está jogando outra adaga para a frente, mirando entre os olhos do sujeito. Agora são duas armas, ambas cortando o ar noturno na direção do caçador cuja cabeça está virada, ainda tentando localizar a adaga que nunca foi lançada. Ele não faz ideia. Vai ser um acerto duplo.

Mas, desta vez, tem uma coisa que *nós* não percebemos.

O caçador sabe. Sempre soube que o primeiro lançamento foi falso.

No último segundo, ele se joga no chão e desliza para o lado. As duas lâminas batem uma na outra, bem acima da cabeça dele. Há uma explosão de fagulhas. O caçador solta um guincho por causa do brilho. Mas é a única dor que sente. E já está se levantando, os olhos fixos em nós. Ele ergue o pulso e o coça, em movimentos longos e profundos. Seus olhos parecem dançar de júbilo e alegria.

Só sobrou uma adaga.

O caçador parte para cima da gente. Está a segundos de distância.

Sissy lança o braço para trás, preparando-se para jogar a última adaga. Mas comete um erro raro. Um erro fatal. Quando levanta o braço, a adaga escorrega de sua mão, sai voando por trás de nós e sobe para o céu.

O caçador grita de prazer. É o mais próximo de uma gargalhada que já ouvi de algum deles. É um som obsceno e perverso.

Sissy se vira enquanto a adaga dispara para o alto. Seu movimento é deliberado, proposital, como se cada microssegundo que já passou e que está prestes a passar seja parte de um plano coordenado. A adaga é fácil de ver. Forma uma silhueta perfeita na circunferência da lua cheia e brilhante.

Não sou o único observando a lâmina. O caçador acompanha a subida com atenção, levantando a cabeça. O brilho intenso da lua o pega desprevenido, batendo com tudo em seu rosto. Ele aperta os olhos, depois os fecha com um grito. Ele fica momentaneamente cego.

E então entendo.

A adaga atinge o ápice da trajetória e faz uma curva diagonal na nossa direção. Na direção do meu rosto.

Sissy dá um pulo e pega a lâmina. No mesmo movimento, enquanto ainda está no ar, joga a arma contra o caçador. A adaga passa brilhando por mim, a dois centímetros da minha cabeça. Os olhos do caçador ainda estão fechados; ele nem a vê chegando.

A adaga atinge a lateral da cabeça dele, bem na depressão macia da têmpora. A lâmina perfura fundo, provocando um dano invisível, mas necessário, dentro do crânio e das órbitas. Líquido ocular escorre por entre as pálpebras fechadas. O caçador cai no chão em espasmos. Ele tenta tirar a adaga, mas, em meio ao pânico alimentado pela dor, apenas provoca mais dano. Seus braços se sacodem loucamente, as pernas chutam a grama.

Sissy está agachada no chão após o pouso. Coloco as mãos nos seus braços. Eles tremem um pouco ao longo dos tríceps esguios e fortes. Parecem os braços mais solitários e corajosos que já toquei.

— Venha, eu ajudo você — digo.

— Ainda tem mais um por aí.

Ela endireita as costas, o corpo a princípio apoiado no meu, e sai correndo.

— Sissy! Aonde você vai?

Ela corre por cinquenta metros e pega duas adagas. Guarda-as depressa e corre de volta, olhando para os caçadores caídos que não pararam de gemer. Para as adagas espetadas neles. Ela as quer de volta. Mas sabe que não deve testar a sorte.

Um único uivo sinistro soa de uma rocha à nossa esquerda. É o terceiro caçador, agachado sob o luar. Ele estava nos observando em silêncio o tempo todo, nos estudando, aprendendo nossas táticas.

Sissy recua até ficar ao meu lado.

— Esse é diferente. Mais perigoso.

Ele desce da pedra, elegante e felino, as patas tateando a superfície rochosa e marcada. Eu o reconheço. É a mulher. Lábios Escarlate. Um dos caçadores do sorteio. Seu rosto está distorcido, como se o víssemos através de uma janela de vidro, os lábios que costumavam ser vermelhos estavam repuxados e mesclados com as bochechas. Mas, mesmo agora, em um corpo com a constituição de mingau e plástico derretido, seus movimentos têm uma fluidez selvagem e sexual.

— Fique atrás de mim — sussurra Sissy. — Vou derrubá-la com as adagas.

— Adagas não vão funcionar. Não com essa. Ela nos observou e estudou, já conhece todos os seus truques.

Sissy aperta mais as adagas.

— Continue andando para trás — sussurro. — Tenho um plano.

Lábios Escarlate pula da pedra e começa a avançar lentamente de quatro em nossa direção. Seus braços e suas pernas se movem em sincronia, perna esquerda com braço esquerdo, perna direita com braço direito, os membros inferiores pisam no mesmo local onde, momentos antes, estavam os superiores.

— Qual é o plano? — pergunta Sissy.

— O arpão.

Sissy balança a cabeça.

— É pesado demais.

— Não se nós dois o levantarmos. Agora! — digo, então me viro e saio correndo para a pilha de equipamentos que vi antes.

Sissy me acompanha passo a passo. Vamos cada um para um lado da pilha, e a grama úmida nos permite deslizar sem dificuldade. Lábios Escarlate dispara em nossa direção.

— Me ajude!

Sissy está segurando seu lado do arpão. Pego o outro e o levantamos juntos. Tem o peso de três homens grandes. Boto dois dedos no gatilho. Os dedos de Sissy já estão lá, e coloco os meus sobre os dela.

Lábios Escarlate, ao ver o que seguramos, para de repente.

— Isso mesmo, para trás! — grita Sissy.

A caçadora inclina a cabeça. Então dispara para o lado e depois avança direto para nós, emitindo um grito de romper os tímpanos.

Sissy e eu apertamos o gatilho.

É preciso toda a força de nossos quatro dedos. O arpão se enrijece e estala com violência, dando um tranco quando o projetil explode. Nossa mira não é perfeita, mas é boa o bastante. Lábios Escarlate levanta a mão — um reflexo inútil de defesa —, e a ponta afiada corta seus dedos. Vejo dois cotocos, talvez os dedos indicador e médio?, voarem pelo ar bem na hora em que o arpão empala seu ombro esquerdo. Lábios Escarlate gira e cai no chão. Seu grito de dor é horrível.

— Venha, vamos! — grita Sissy, puxando minha mão.

Damos uma volta larga ao redor de Lábios Escarlate, que se contorce no chão, tentando arrancar o arpão. Sem sucesso. Presa sob o peso dele e cada vez mais fraca, a caçadora faz uma careta de dor. Nossos olhares se encontram.

— Sua designação é *Gene*? — pergunta ela.

Paro na mesma hora. O som do meu nome naqueles lábios me deixa arrepiado.

— É a palavra que ela não parava de repetir — explica Lábios Escarlate.

— Quem? — pergunto, dando um passo em sua direção.

Mas eu já sei.

— Chegue mais perto — diz Lábios Escarlate com a voz mais baixa, mais rouca. — Aproxime-se, Gene.

Sissy puxa meu braço.

— Não, Gene! Ela só está tentando nos atrasar. Pode haver outros a caminho.

Os olhos de Lábios Escarlate estão grudados nos meus.

— A garota que você deixou para trás no Instituto Eper — explica, inclinando a cabeça em um ângulo estranho — Quando finalmente acabou, ela não parava de murmurar *Gene, Gene, Gene.*

O sangue se esvai do meu rosto. *Quando finalmente acabou.* Pisco com força, e tudo parece rodar…

Sissy me dá um tapa.

— Temos que ir. Agora!

E ela me puxa pelo braço, obrigando-me a correr a seu lado.

O grito de Lábios Escarlate nos segue até o barco. Os garotos soltaram os três ganchos, mas a embarcação ainda está presa pela corda do arpão. Seguimos a linha e

localizamos o disparador entre duas rochas.

— Me ajude aqui, Gene — pede ela. — Ei, acorde, qual é o seu problema?

Ela começa a chutar a lateral do disparador do arpão, tentando soltá-lo das rochas.

Do convés do barco, David grita para nós:

— O caçador está voltando!

Esse é todo o incentivo de que ela precisa. Sissy dá um chute poderoso e desaloja o disparador, forçando-o a ficar na vertical. Ele desaparece pela rachadura.

Pulamos no rio e nadamos até o barco. O choque da água gelada me tira do transe, e nado com vontade, dando braçadas e pernadas violentas. Os garotos nos puxam, e desabamos no convés, incapazes de fazer qualquer outra coisa além de olhar para as estrelas no céu. Estão tão imóveis que nem parece que estamos em movimento. Só consigo perceber o deslocamento porque os gritos da caçadora ficam cada vez mais distantes.

Epap desperta, grunhindo alto. Os garotos correm até ele, mas já estou de pé e os impeço.

— Fiquem longe, não toquem nele! — mando.

— Qual é o problema? — pergunta Sissy.

— Ele pode estar infectado. Pode estar se transformando.

Pelos olhares vagos, dá para ver que eles não fazem ideia do que estou falando.

— Ele foi atingido na cabeça por um dos ganchos. Aqueles ganchos estavam cobertos com a saliva deles. — Deito Epap com cuidado no convés e começo a verificar seus sinais vitais com atenção. — Se uma mera gotinha da saliva entrar no nosso corpo, nos transformamos. Nos tornamos um deles.

Todos os olhos se desviam para Epap, nervosos. Ele está me encarando, o olhar inquieto, cheio de medo e perplexidade.

— Vocês nunca ouviram falar disso porque transformações são muito raras. Na maioria das vezes, não sobrevivemos aos ataques, simplesmente somos devorados.

— Quanto tempo demora essa… transformação? — pergunta Sissy, com o rosto tomado de preocupação.

— É rápido. Pode durar alguns minutos ou várias horas. Depende da quantidade de saliva. E, se formos infectados pela saliva de mais de um deles, o processo é acelerado exponencialmente. — Examino a pele de Epap em busca de algum corte ou ferimento. — Acho que você vai ficar bem, Epap. Não está com nenhum sintoma. Eles aparecem logo.

— Tipo? — pergunta ele, nervoso.

— Pele fria, tremores, suor profuso, batimentos acelerados. Mas você está bem. Deu sorte.

Ben se joga em Epap e o abraça.

— Fique longe de mim — diz Epap, sentando-se. — Não temos certeza se estou

mesmo bem.

— Você está bem — digo.

E os garotos partem para cima dele e o derrubam. No meio do emaranhado de membros, vejo o rosto de Epap se abrir em um sorriso. Um braço se levanta do meio da confusão — seria de Jacob? — e segura minha mão. Antes que eu possa me dar conta, sou puxado para a bagunça e meu corpo é lançado no emaranhado de soluços de alívio.

* * *

O barco segue adiante, ganhando velocidade com a correnteza. À nossa frente, a enorme silhueta das montanhas ao leste se aproxima cada vez mais.

5

HORAS DEPOIS, ainda estou acordado. Vou até a popa, para longe dos roncos altos na cabine e de Sissy manobrando o barco na proa. Preciso ficar sozinho. Nada se move na planície banhada pela lua, a paisagem é tão imóvel quanto uma foto em preto e branco. O rio parece formado de músculos robustos, tendões surgindo ao longo dele, fluindo depressa. E avança, ao mesmo tempo ansioso e raivoso.

Estou pensando em Julia Brasa.

As palavras de Lábios Escarlate ecoam na minha cabeça, mesmo horas depois. *Quando finalmente acabou…*

A última vez que vi Julia Brasa foi através de um monitor no Instituto Eper. Ela estava inclinada sobre a bancada da cozinha, escrevendo furiosamente uma carta. Ainda a tenho no bolso, molhada e borrada, as bordas rasgadas. Ela arriscou a própria vida, correndo para as entranhas do Instituto, acreditando na pequena possibilidade de que eu voltaria para salvá-la.

Já estudei o texto incontáveis vezes. Sei o formato de cada letra, cada curva e cada ponto. Pego a carta. O papel está úmido, a caligrafia, borrada pela umidade.

Estou na Apresnt. Vou esperar vc.
Nunca esqueça

Passo o dedo pelas letras uma última vez. O vento sopra, frio e intenso, e sei o que farei em seguida. Fecho os olhos, incapaz de me ver arrancando um pedacinho do canto do papel. Solto o pedacinho ao vento. Ele voa, flutuando como uma mariposa, e desaparece na noite. Rasgo outro pedaço, depois outro e mais outro. E, enquanto a lua sobe cada vez mais alto no céu, solto centenas de milhares desses papeizinhos ao vento, a carta em minhas mãos ficando cada vez menor. Até que sobra apenas um pedaço do tamanho de uma unha cortada, tão pequeno que não consigo rasgá-lo mais. Seguro-o por bastante tempo. Então, com um grito silencioso de dor, acabo abrindo a mão, e ele se vai.

6

ALGUÉM ME sacode para me acordar. Abro os olhos e vejo o rosto pálido de David.

— O que foi? — pergunto. O céu está escuro, ainda é noite. — Mais caçadores?

David balança a cabeça.

— Não. Outra coisa.

— Epap? Ele está bem?

— Está. — David faz uma pausa. — É uma coisa… Não sabemos exatamente…

Fico de pé num salto. A corrente está mais forte, parece uma torrente agora, como se a paciência do rio tivesse acabado de repente e de uma vez. Borrifos de água, disparados para cima como gêiseres, caem no convés deixando marcas de mãos abertas. O céu está tão negro e caótico quanto o rio, nuvens pretas aglomeradas.

Todos estão olhando para mim, o medo evidente nos olhos arregalados e lábios tensos.

— A corrente está rápida por causa das chuvas recentes — digo, tentando acalmá-los. — Mas eu não ficaria com medo por causa disso.

— Perdemos as varas. A corrente as arrancou de nossas mãos.

— O quê?

— Mas não foi por isso que acordamos você — explica David. — Está ouvindo esse som?

A princípio, não ouço nada além de água batendo no barco. Mas, aos poucos, começo a perceber um leve sibilar, como estática no rádio, um som distante, mas perturbador. Fecho os olhos e me concentro.

— À nossa frente. Mais abaixo no rio.

— Ouvi pela primeira vez há uns dez minutos — diz Epap, baixinho. — Ia e vinha, oscilando. Mas agora… Escute só. Está cada vez mais alto. Mais próximo.

Olho para a frente, o mais ao longe que consigo. Mas, nesta escuridão, isso não passa de cinquenta metros. Até as margens sumiram de vista. O medo arranha minha espinha como uma unha suja.

— Acho que é uma cachoeira — comenta Epap. — O Cientista nos ensinou que cachoeiras fazem um som sibilante quando você se aproxima delas de longe. — Ele se vira para mim, o rosto coberto de respingos do rio. — O que você acha, Gene?

— Não sei nada sobre cachoeiras. Até agora, achava que elas só existiam em contos de fadas.

Olho para a escuridão à frente. O sibilar se transforma em um estalo contínuo. Mais alto, mais ameaçador.

— Acho que este barco está indo direto para uma cachoeira — opina Epap. — Precisamos nos preparar para nadar até a margem. — Ele olha para mim, e eu assinto em resposta. — Vou pegar as cordas.

Nos quinze minutos seguintes, a fúria do rio se intensifica. O barco gira como um carrossel fora de controle. Gotas de chuva caem como se lançadas com fúria. E aquele sibilar sempre presente fica cada vez mais alto. Nós nos reunimos ao redor de Epap. Ele passa uma corda em volta de nossos corpos e nos amarra com segurança, fazendo nós firmes. Apertamos os olhos contra os respingos de água e o vento frio, tentando manter o equilíbrio no barco que balança e gira.

— Olhem para mim — pede Epap. — Todos vocês. Olhem para mim. Precisamos pular deste barco, nadar até a margem…

— Epap, não sei, não! — interrompe Jacob. — A correnteza está forte demais! Pode ser que a gente seja carregado, se separe, sejamos puxados para o fundo!

— Não temos escolha! — grita ele em resposta. — Segurem-se a esta corda. Se você for puxado para baixo, se for carregado, não solte a corda!

— Vamos ser puxados mesmo assim! — grita Jacob, balançando a cabeça.

— Não! — responde Sissy. — Epap está certo. Temos que pular.

Com a corda amarrada firme ao redor do peito e sob as axilas, nos aproximamos da beirada com cuidado. Sissy se vira para mim, a boca bem perto do meu ouvido.

— Você e eu. Temos que ficar juntos. — Ela verifica minha corda, puxa-a até ficar esticada, os dedos molhados e brancos, as articulações salientes. — Os outros. Eles não sabem nadar muito bem. David e Jacob até conseguem um pouquinho. Mas Ben e Epap serão peso morto. Entendeu?

Faço que sim com a cabeça. A velocidade do barco é apavorante. Por um segundo horrível, o barco é levantado no ar e cai de novo na água.

— Pessoal, vou contar até três! — grita Sissy. — Lembrem-se: não soltem a corda. Batam as pernas, não usem os braços. Suas mãos nunca devem soltar a corda, entendido? Não soltem nunca!

Olho para o rio, e a água parece uma loucura rodopiante. Não vai dar certo, seremos carregados. Jacob está certo. A correnteza está forte demais.

— Um… — começa Sissy.

Assim que cairmos na água, seremos sugados para o fundo, e então puxados em seis direções diferentes pelas correntes letais no fundo do rio. Vamos nos jogar em um buraco negro mortal.

— Dois…

Ao meu lado, Jacob fica com o corpo tenso de repente, como se tivesse percebido alguma coisa.

— Três!

Sissy dobra os joelhos, preparando-se para pular no rio negro. Ao longo da beirada, os outros parecem manchas cinza, também se preparando.

Eu dobro os joelhos, pulo…

— PAREM! — berra Jacob, jogando o corpo para longe da beira.

A corda fica esticada e me para no ar. Sou puxado para trás, um ruído abafado escapa da minha boca, e eu caio no convés. Segundos depois, como ecos atrasados, ouço o som dos outros tombando atrás de mim.

— Jacob! — grita Sissy. — O que você está fazendo?

— Nós temos que descer a cachoeira! — responde ele. — Temos que ficar no rio!

— De que você está falando? — pergunta Sissy, a chuva batendo em seu rosto.

— Os caçadores não sabem nadar! — explica Jacob. Os olhos dele brilham de empolgação. — Se afogam com facilidade. Foi o que o Cientista nos contou. Lembra? Ele disse que eles são dominados por um reflexo de pânico se a água passa da linha do maxilar. Eles ficam paralisados e se afogam em segundos.

— E daí? — retruca Sissy.

— Pense bem. Para eles, uma cachoeira é morte certa. Eles jamais se aventurariam além, seria suicídio. Mas esse não é bem o caso para nós. Sabemos nadar. *Podemos* sobreviver a uma cachoeira. É como uma fechadura à qual só nós temos a chave. É a ponte para a liberdade que só nós podemos atravessar. É por isso que a instrução da tabuleta nos manda ficar no rio.

— Não sei — responde Sissy.

Jacob não se deixa abater.

— Acho que foi por isso que o Cientista nos ensinou sobre cachoeiras. Para nos preparar para isto. Mas vocês lembram, ele sempre as descrevia de uma forma bela, encantadora. Como se fosse um portão para o paraíso. — Ele balança os braços com empolgação, e de repente me lembro do desenho que Epap estava fazendo ontem. *Era* uma cachoeira linda, um oásis de beleza. — Temos que continuar no rio e descer a cachoeira — insiste Jacob.

— Você não está pensando direito, Jacob — retruca Sissy. — Ali na frente tem uma *cachoeira*!

— Eu sei, eu sei, eu sei — responde ele, fechando os olhos com força. Suas mãos se abrem e fecham. — Mas temos que ficar no barco! Sinto isso.

— Do que você está falando?

— *Fiquem no rio!* — grita Jacob. — Era isso que dizia a tabuleta! É o que o Cientista quer que a gente faça. Ele quer que a gente fique aqui. Que continue em frente.

— Até certo ponto! — exclama Sissy. — Tem uma cachoeira chegando! O que você está sugerindo é loucura.

— Por favor, Sissy — pede Jacob, com olhos suplicantes. — Não vamos nos desviar nem um pouco. Vamos fazer exatamente o que o Cientista instruiu. Ficar no rio. Porque é o que vai nos levar à Terra Prometida. Ao leite. Ao mel. Às frutas e ao sol. A ruas cheias de outros humanos, estádios esportivos, parquinhos, parques de diversão com milhares de crianças. Se seguirmos as instruções dele, chegaremos lá. — Ele balança a cabeça de um lado para o outro com violência, lágrimas escorrendo de seus olhos. — Vale a pena correr o risco. Por favor, Sissy.

Sissy morde o lábio inferior, olha para o rio à frente, o rosto concentrado. Ela encara Jacob.

— Sempre ficamos juntos, não ficamos? — pergunta para eles.

— Sempre, Sissy — responde Jacob, com a voz rouca de emoção.

— Então, o que quer que eu decida, todos faremos, certo? — continua ela. O garoto assente. — Quer dizer que você confia em mim?

— Confio.

Ela respira fundo.

— Vamos sair deste barco. Neste instante.

Os ombros de Jacob desabam.

Um relâmpago corta o céu de repente, deixando à vista a silhueta das montanhas ao leste, um colosso corcunda e preto, tão perto que posso sentir o cheiro almiscarado de uma floresta de mogno. Por um milissegundo, vejo o rio. Torrentes de água avançam com velocidade e força apavorantes. Ele se transformou em uma fera desembestada, ondulando e espumando, raivoso, direto para a montanha. Não a contorna, nem avança por uma passagem estreita. Mas, de alguma forma, segue direto para o coração das trevas.

Coloco a mão no braço de Sissy e balanço a cabeça.

— É tarde demais, Sissy. O rio já virou um túmulo. Se pularmos, vamos nos afogar.

Ela aperta os olhos contra o vento e a chuva, projetando o maxilar devido à frustração. Sabe que estou certo. Não há mais nada a dizer. A água do rio se mistura com o vento cortante e encharca nossos rostos. Olhamos para a frente, imaginando o que nos aguarda.

* * *

Cinco minutos depois, a chuva para de repente e a temperatura despenca. A noite fica mais escura, ficamos encharcados de tinta negra. O rio ruge ao nosso redor, produzindo um eco retumbante.

Entramos em alguma coisa. Um túnel escuro e profundo. Que nos leva para dentro

de uma das montanhas ao leste.

— Não consigo ver nada, não consigo ver nada — murmura David ao meu lado. — Estamos na montanha, estamos na montanha, *entramos* nela de algum jeito.

Eu fecho os olhos. Abro-os outra vez. Não faz diferença: é o mesmo negrume impenetrável, seguido de mais e mais negrume, até que a desorientação chega a quase provocar pânico. Tudo está mais escuro, mais rápido, mais úmido e mais alto. O rugido da cachoeira é ensurdecedor.

— Se preparem! — grita Sissy. Estamos agachados juntos, os braços unidos, a corda prendendo uns aos outros. — Fiquem apoiados em um joelho! Um joelho no chão! Preparem-se para pular…

A voz dela é sufocada. Eu me apoio em um joelho, puxando Ben para perto de mim. Sinto uma névoa de respingos fina no rosto. Devemos estar nos aproximando da queda.

— Quando cairmos, pulem o mais longe do barco que conseguirem! — grito, sem saber se eles são capazes de me ouvir naquela barulheira. — Encolham o corpo e não soltem a corda. Não importa o quanto a gente caia, não soltem a corda!

Passo os olhos pelo grupo, tentando descobrir se alguém me ouviu. Mas não consigo ver nada. Só posso sentir a tensão dos outros corpos, o medo que emana deles aos montes.

E então, chegamos à cachoeira. O rugido é ensurdecedor.

Abro a boca para gritar, mas até o medo fugiu.

O barco começa a se inclinar para a frente e, pouco antes de cairmos no precipício e de sermos acometidos pela sensação nauseante do vácuo, quero apenas segurar a mão de Sissy. E, de alguma forma, mesmo na escuridão, encontramos a mão um do outro e nosso aperto é forte, intenso e calorosamente humano. E a cachoeira está ali, depois não está, então estamos caindo em uma garganta de escuridão.

Caímos pelo que parece ser uma eternidade.

7

QUANDO JÁ tinha desistido de encontrar o fundo, atingimos a água, que nos recebe com a força atordoante de uma calçada de concreto.

E então me vejo em um mundo subaquático escuro e lamacento, com redemoinhos de bolhas e o barulho ensurdecedor de água contra água. A corda ao redor do meu peito me puxa, tensa como metal, e joga minha cabeça para trás. Um braço acerta meu rosto, uma perna me chuta. Não sei se estou indo para a superfície ou para o fundo.

Siga as bolhas, digo para mim mesmo. É o que faço, batendo as pernas com força. Sinto o puxão da corda contra meu peito. Estão todos abaixo de mim. Estou carregando todos eles para cima sozinho.

De repente chego à superfície, saio da escuridão líquida para a escuridão vazia, ainda batendo os braços e as pernas com força. Não vejo nada, apenas silhuetas acinzentadas. Jogo-me para a frente e estico o braço para uma forma mais escura que meus arredores. Minha mão bate em uma coisa sólida, e a sensação é de salvação. Seguro-a com as duas mãos e me iço para cima. Estou em uma pedra.

Eu me viro e começo a puxar a corda. Como um milagre, eles sobem à superfície. Chegam um de cada vez, cuspindo, chorando, xingando e tossindo.

Vivos.

8

NAQUELA NOITE, ficamos deitados amontoados na pedra dura de calcário. Não fazemos ideia se é grande ou pequena, nem temos vontade de descobrir. Estamos apenas muito gratos por estarmos vivos e reunidos, deixando os soluços de alívio sacudirem nossos corpos.

— Vamos esperar pela manhã — sugere Sissy. — Vamos esperar a luz.

Ninguém discorda. Não naquele momento, e nem nas horas seguintes. Mas sei o que todos estão pensando: e se Sissy estiver errada? E se a manhã não trouxer luz? E se, neste útero de escuridão, o amanhecer não interromper este negrume persistente?

* * *

— Uau — diz David, o primeiro a acordar.

Acontece que não estamos em uma pedra isolada, mas sim na área de pedra que cerca a piscina formada pela queda da cachoeira. Ao nosso redor, incontáveis raios de sol entram pelas aberturas escondidas no teto. São feixes tão definidos que mais parecem colunas sustentando a enorme caverna. *Enorme* é um termo muito gentil: a caverna é colossal. Mais raios se espalham por centenas de metros em todas as direções, expondo as profundezas cavernosas do interior.

A cachoeira não é tão alta quanto parecia enquanto caíamos na noite anterior. Gera uma enorme nuvem de gotículas que umedece as densas camadas de musgo nas pedras da queda d'água. Apesar de não haver sinal do barco, algumas das nossas bolsas estão flutuando, aglomeradas em um canto da piscina natural.

— Olhem aquilo! — diz Ben, apontando para cima.

Estalactites pendem do teto, centenas de metros acima de nós, como presas, alaranjadas pela luz do sol. Do meio delas, galhos de hera pendem como se fosse comida entre os dentes. Enormes torres de calcita se elevam do piso da caverna em ângulos agudos, e samambaias e palmeiras crescem ao redor delas. As estalagmites, mais finas, chegam a cinquenta metros de altura, mas é o tamanho absurdo da caverna que mais impressiona.

— Cabe uma cidade aqui dentro — grito, tentando me fazer ouvir acima do rugido

da cachoeira. — Arranha-céus de vinte, trinta andares. Quarteirões de mais de um quilômetro de comprimento.

Ninguém responde, porque ninguém escuta. Eu me afasto para um lugar mais silencioso.

Os outros me seguem, e nos reunimos sob uma coluna larga de luz do sol. O calor é glorioso. Os raios iluminam nossa pele, nos fazem brilhar com efervescência nuclear.

— E agora? — pergunta Epap.

Todas as cabeças se viram para Sissy.

— Vamos explorar — responde ela.

— É aqui? — pergunta Ben. — Esta é a terra de leite e mel, frutas e sol?

— Espero que não — responde Epap, balançando a cabeça. — Este lugar é um lixo. Prefiro o Domo a isto aqui, na verdade. Não vejo leite, mel ou frutas. Tem luz do sol, pelo menos alguns raios, mas tínhamos mais no Domo.

— Faremos o seguinte — diz Sissy. — Vamos nos dividir em dois grupos e procurar pistas, sinais, qualquer coisa. O Cientista deve ter deixado alguma coisa.

Ela olha ao redor e anda até o fundo da caverna, seguida por Ben e Jacob.

— Muito bem, vocês dois. — Epap aponta para David e para mim. — Vamos por aqui. Olhos bem abertos, rapazes.

Seguimos na direção oposta à de Sissy, ao longo da margem, acompanhando o rio.

* * *

Horas depois, nossos esforços ainda não geraram frutos. O terreno dificulta a caminhada, pedras soltas que parecem feitas especialmente para torcer nossos tornozelos estão espalhadas por todo o lugar. David, Epap e eu andamos devagar, sem querer perder nada, mas passamos a maior parte do tempo com os olhos fixos no chão, seguindo com cautela por entre pedras e limo escorregadio. E, apesar de estarmos seguindo na direção do que esperamos que seja a saída da caverna, depois de duas horas ainda não há luz no fim do túnel, literalmente. Se é que há um fim. O rio avança em uma sucessão de grandes corredeiras com quedas em três níveis diferentes, e a descida é íngreme e traiçoeira. Várias vezes tivemos que desviar por uma distância considerável para contornar rochas imensas. Escorregamos com frequência em pedras cobertas de musgo, sacudindo os braços em desespero e nos agarrando a torres de calcita cobertas de carbonato de cálcio e a pedras altas e arredondadas. Em determinado ponto, nosso caminho fica completamente bloqueado por um muro de calcário estriado, muito largo e coberto de algas, de cerca de dez andares de altura. O rio serpenteia por uma abertura relativamente estreita na rocha e

inicia outra sequência de pequenas quedas d'água. Começamos a voltar, os corpos encurvados pelo cansaço, fome e desânimo.

Quando chegamos, os outros estão sentados sob uma coluna de luz perto da cachoeira. A julgar pelos ombros caídos e expressões de desânimo, a exploração que fizeram não foi muito melhor. Eles entregam nossa parte do almoço: algumas frutinhas que encontraram no caminho, e as engolimos com avidez.

— Que porcaria de terra de leite e mel, frutas e sol — reclama Epap. — Não tem comida, leite e nem mel. Não tem nem mesmo madeira para fazer uma fogueira.

— Deveríamos partir — diz Jacob. — Seguir o rio até a saída.

— Acabamos de fazer isso — respondo. — Ao menos, tentamos. É mais longe e difícil do que você pensa.

— É a única alternativa — afirma Jacob, olhando para a enorme queda d'água. — Não podemos voltar, teríamos que subir pelas laterais da cachoeira, e é íngreme e escorregadio demais. Mas também não podemos ficar aqui. Precisamos de comida. Devíamos ir logo.

— Não — responde Sissy, sem olhar para nós. — Vamos ficar aqui.

— Sissy… — Jacob começa a dizer.

— Não quero saber! Eu vou ficar — interrompe ela. — Vá se quiser. Eu vou ficar.

Jacob fecha a boca, a mágoa transparecendo nos olhos.

— Eu só queria dizer…

— Não vou discutir com você, com nenhum de vocês! Só precisamos fazer duas coisas, certo? Encontrar o sinal deixado pelo Cientista e manter Gene vivo. É simples o bastante para vocês entenderem? Nossas vidas estão reduzidas a seus elementos mais puros. Encontrar um sinal, mantê-lo vivo. Só duas coisas, pessoal.

Ficamos perplexos com a explosão dela. Sissy se afasta, ofegante, e desaparece atrás de uma grande pedra.

Eu vou atrás. Ela está olhando para a cachoeira, os braços cruzados sobre o peito.

— Ei — digo o mais delicadamente que consigo, e atravesso uma abertura estreita entre duas rochas.

Ela não responde, só morde o lábio inferior, e apenas metade dele: a outra parte fica mais saliente. Sissy fecha parcialmente as pálpebras, e uma lágrima escorre pela bochecha. Ela não se vira, como achei que faria. Levanta a mão — imagino que para limpar a lágrima —, mas para o movimento ao chegar na frente dos lábios. Ela tampa parte da boca com os dedos trêmulos, e seus lábios cedem. Agora se vira de costas para mim assim que vejo seu rosto desmoronar.

A pressão a atingiu. O peso de carregar todas aquelas vidas nas costas.

Eu toco seu ombro. Sissy não se afasta como imaginei, em vez disso se apoia na minha mão, e a curva de seu ombro se encaixa perfeitamente à minha palma. A pele

dela é macia, mas também há certa firmeza na camada fina de músculo abaixo e na protuberância sólida da escápula. Ela se vira e me encara com uma intensidade feroz. É o tipo de atenção que meu pai sempre me ensinou a evitar. Contato visual significa que você é o centro da atenção de alguém. Fuja disso, desapareça, se afaste.

Mas não consigo desviar o olhar. Não tinha reparado em como os olhos dela eram aquilinos e belos.

— Sinto como se estivesse falhando com todos, Gene.

— Você está sendo ridícula. Estaríamos mortos se não fosse por você. — Eu me aproximo mais, até conseguir sentir o calor que emana de seu corpo. — Estou do seu lado nisso, Sissy. Quero encontrá-lo tanto quanto você. Ou talvez mais.

Por um momento, vejo algo dócil e delicado passar pelos olhos dela.

É demais para mim. Viro o rosto.

Ficamos alguns segundos sem falar nada. Em seguida, ela balança a cabeça.

— Sinto como se estivesse deixando passar alguma coisa óbvia — explica ela. — Alguma coisa que ele deixou para nós. Uma pista, um sinal. Algo que está bem debaixo do meu nariz. Como no jogo que ele fazia comigo.

Um ciúme estranho se apossa de mim. Então ele também brincava de caça ao tesouro com ela. Pensei que eu fosse o único.

— Tudo bem, Sissy?

É Epap, do outro lado da passagem estreita. Sissy se afasta de mim quando ele passa entre as pedras.

— Tudo bem? — pergunta o garoto outra vez, olhando para ela com atenção.

Sissy esfrega a bochecha molhada de lágrimas rapidamente.

— Tudo bem — murmura, passando por ele e voltando pela passagem.

Ao ficar sozinho comigo, Epap me encara com um olhar severo. Abaixo a cabeça e caminho ao seu lado. Quando volto ao grupo, Sissy já está sentada junto a Jacob, bagunçando o cabelo dele e sorrindo. O garoto ri.

* * *

Estamos cansados demais para nos movermos. Os raios de sol continuam presentes, mas não dá para saber por quanto tempo mais.

Após uma hora, alguns de nós adormecem.

Sissy se senta de repente.

— Ah, sou tão burra! — exclama, dando um tapa na testa.

— Sissy — chama Epap.

Ela não responde, só anda na direção da cachoeira. Pisa com cautela nas pedras

molhadas ao redor da piscina natural. Um escorregão tão perto da cachoeira poderia deixá-la presa debaixo da água por uma força mortal.

Os outros garotos acordam.

— O que ela está fazendo? — pergunta Ben.

Sissy para por um momento, espremida contra a parede na lateral da cachoeira. Depois, segue em frente e desaparece atrás da cortina de água.

— Sissy! — grita Ben, e, no segundo seguinte, todos corremos até lá.

Ben está fora de si de preocupação, e é preciso dois de nós para segurá-lo. Espiamos, ansiosos, tentando ver através da pesada camada de água corrente.

— Ali! — grita Jacob, apontando para a lateral da cachoeira onde a cortina de água é mais fina e transparente.

Ela é uma mancha atrás da cascata. Os braços surgem primeiro, depois a cabeça, encolhida contra a força da água. Quando termina de passar, Sissy está encharcada. Mas tem um sorriso mais largo e brilhante no rosto.

— Vocês vêm ou não?

— Hã? — pergunta Epap.

— Venham, não sejam medrosos — provoca. — Tem uma caverna atrás da cachoeira.

— Espere aí, Sissy — intervenho. — Como é que você sabe que deveríamos entrar aí?

— É só um palpite — responde ela, dando uma risadinha. — E talvez porque encontrei roupas secas *e* uma escada de corda que leva para fora.

* * *

Está escuro dentro da caverna. Apenas uma coluna nebulosa de luz do sol ilumina o interior. Nossas roupas estão encharcadas, e já estamos começando a tremer.

— Aquelas roupas secas que você mencionou… — comento, batendo os dentes.

Sissy sorri e nos leva até uma cesta escondida nas sombras. Há roupas o bastante para mais de dez pessoas e em tamanhos variados.

— De onde veio essa ideia de olhar atrás da cachoeira? — pergunto, enquanto vestimos as roupas secas.

Ela coloca um par de meias de lã.

— Se alguém quer impedir que os caçadores descubram a terra de leite e mel, uma cachoeira seria a tranca mais eficiente. Nenhum caçador, supondo que conseguisse sobreviver à cachoeira, pensaria em olhar aqui atrás. O Cientista é bem inteligente. — Seus olhos brilham. — Tente acompanhar meu raciocínio, certo? — provoca com um sorriso.

Depois de trocarmos de roupa, ela nos reúne sob a coluna de luz e aponta para cima. Por um momento, não vejo nada incomum. Apenas um único feixe de luz, como um holofote, saindo do teto coberto de hera. Mas então, encontro: perdida entre as heras, quase imperceptível, há uma escada de corda.

Fica na coluna de luz solar. No único lugar em que os caçadores jamais cogitariam — ou ousariam — olhar. Outra tranca.

Usando as mãos unidas de Epap como apoio, Sissy se ergue no ar. Ela segura a parte mais baixa da escada, ergue os pés e vira de cabeça para baixo, passando os tornozelos com segurança pela abertura da escada. Com o corpo pendurado e os braços esticados, ela pega Ben, que estava sentado nos ombros de Epap. Não é fácil, mas Sissy consegue levantá-lo. E, de maneira similar, ela iça todos para a escada e começamos a subir, sem a menor ideia do quanto o caminho até a saída será longo e árduo. Se soubéssemos, não teríamos iniciado em um ritmo tão intenso.

Apenas meia hora depois, com a empolgação diminuindo e a exaustão aumentando, as paredes em forma de tubo se fecham ao nosso redor. A claustrofobia chega, intensa e rápida. Eu a sinto ainda mais, por ter ombros largos. Meus cotovelos arrastam nas paredes irregulares, até minhas costas são arranhadas. É tão apertado que ficamos tentados a largar as bolsas. Em um ponto mais estreito, fico entalado. Mesmo com os braços erguidos acima da cabeça, não consigo me espremer pelo túnel. Epap precisa me empurrar por trás, apoiando as mãos na minha bunda, em um momento de constrangimento supremo.

O sol neste túnel estreito e vertical dura pouco, só mais meia hora. A luz começa a recuar de um lado do túnel, no começo ainda curva e lenta. Depois, com uma aceleração repentina, simplesmente desaparece. Sem visibilidade, ficamos mergulhados em uma penumbra espessa. E, com a escuridão, vem uma queda radical de temperatura. É uma sensação estranha, a escuridão crescente e o frio fazem parecer que estamos descendo para as entranhas da terra, e não subindo para sair dela.

— Sissy, consegue ver alguma abertura de onde está? — pergunta Epap, abaixo de mim.

— Vejo apenas um ponto de luz. A cabeça de um alfinete. Pequeno demais para julgar a distância direito. Mas parece muito distante.

Depois de algumas horas subindo, fazemos uma pausa longa. Envolvemos os membros nas cordas da escada para ficarmos seguros. Com os braços prestes a se soltar e as mãos machucadas pelas cordas ásperas, passamos com muito cuidado as frutinhas que sobraram entre nós. Os braços de Ben, que está acima de mim, não param de se mexer.

— Eles ficam tremendo — explica. — Não consigo fazê-los parar.

Os cotovelos dele estão arranhados, cobertos de ferimentos sangrentos.

Nossos corpos estão abatidos, nosso ânimo, mais ainda.

Dez minutos depois, retomamos a subida. Depois de apenas cinco segundos, toda aquela dor pungente retorna. Parece que não descansamos nada.

9

A NOITE CAI. O ar gelado adentra o poço estreito. Estou passando mal. Minha cabeça está congestionada com secreção. Calor emana da minha testa, derretendo o gelo nas paredes, que escorre em filetes, assim como o meu nariz. Estamos em pares, Ben com Sissy, Jacob comigo logo abaixo, e David e Epap abaixo de nós. Jacob ronca à minha frente, do outro lado da escada, preso pela corda e apoiado em meus braços debaixo de suas axilas. Nossos corpos ficam ainda mais seguros pelo atrito com as paredes do poço.

— Você está bem? — sussurra Sissy. Um longo momento de silêncio passa. — Psst. Gene. Está acordado?

— Estou. Pensei que você estivesse falando com Ben.

— Não. Ele está dormindo. Como um bebê. Como está Jacob?

— Apagado. Epap e David também.

— Que bom. Eles estão bem presos?

— Estão. Verifiquei duas vezes.

— Que bom — repete ela. A corda estala de leve quando ela muda de posição. — Amanhã vamos sair daqui.

— Você acha?

— Tenho certeza — sussurra ela. — Sei de uma coisa que você não sabe.

— Me conte.

— Flocos de neve.

— Não. Sério?

— É. Começaram uns dez minutos atrás. Só alguns. Senti contra o rosto, caindo no meu nariz. Devemos estar mais perto do topo do que pensávamos. A neve não consegue cair muito fundo.

— Não vi nem senti nada.

— Acho que estou bloqueando a maior parte.

— É, sua bunda de hipopótamo está *mesmo* no caminho.

— Ha, ha, que engraçado.

— Quer dizer, daqui de baixo, seu quadril parece tão grande que provocou um eclipse total.

Ela não responde.

— Se fosse maior, cortaria a circulação de ar — acrescento.

A escada de corda sacode um pouco. Por fim, ela explode em gargalhadas,

incapaz de se controlar.

— Pare — pede ela, rindo. — Olha só quem fala. Sua bunda é tão grande aí embaixo que parece uma entidade com vida própria.

— É para Jacob que você está olhando.

— Falei para parar — diz ela, rindo baixinho.

Caímos em um silêncio confortável. Ben e Epap roncam em sincronia com o ressonar de Jacob no meu ombro.

— Ei — sussurra Sissy, alguns minutos depois.

— O quê?

— Acho que está ficando mais claro.

— Já é de manhã?

— Não. A luz é prateada. Deve ser a lua.

Ela fica em silêncio por alguns minutos. Quando levanto o rosto, vejo apenas escuridão.

— Está vindo com tudo — continua ela.

— A luz ou a neve?

— Os dois. Espere. — A corda se mexe de leve quando ela muda de posição. — Tudo bem, olhe para cima e me diga se vê alguma coisa.

Vejo a silhueta das pernas dela pressionadas contra a parede, o que permite um fino filete de luz prateada passar. Por essa pequena abertura, passam flocos de neve. Um cai na minha bochecha. Belisca minha pele. Toco nele e sinto uma gotinha de água. Minutos se passam. Mais flocos caem, como em um sonho, parecendo raspas prateadas da lua. Um peso desaparece do meu peito. O espaço ao meu redor se expande, fica mais lento. O mundo fica mais puro, os ângulos, mais claros.

— Ei, você pode me responder uma coisa? — pergunta Sissy, a voz suave como o luar.

— Diga.

— Quando fomos atacados no rio, um dos caçadores mencionou uma garota. — Ela hesita.

Fico em silêncio por um longo tempo.

— Me desculpe — diz ela. — Não queria me intrometer.

— Não, não é isso. Só estou tentando encontrar as palavras.

— Eu não devia, é seu…

— O nome dela era Julia Brasa. Como eu, ela sobreviveu na cidade fingindo ser um deles. — As palavras saem depressa, como se tivessem ficado presas por tempo demais. — Nós nos conhecíamos havia muitos anos, mas não sabíamos que éramos iguais. Até alguns dias atrás, quando estávamos no Instituto. Quando nossa verdadeira natureza foi descoberta, ela se sacrificou por mim.

— Sinto muito, Gene. Não sei o que dizer.

— Eu não queria deixá-la. Tentei voltar para buscá-la. Mas não tive escolha, não havia nada que eu pudesse fazer. Eles eram muitos, seria suicídio voltar…

— É verdade — comenta Sissy, baixinho. — Não havia nada que você pudesse fazer. Eu estava lá, Gene. Vi o mar de pessoas nos perseguindo. Você fez a única coisa que podia, que foi fugir.

Jacob geme alto em meu ouvido. Percebo que estou apertando demais. Diminuo a força com que o seguro.

Depois de um longo tempo, Sissy continua, com muita delicadeza:

— Não havia nada que você pudesse fazer, Gene.

— Eu sei.

— Sinto muito mesmo.

Ficamos em silêncio por bastante tempo depois disso. A corda estala e fica imóvel.

— Sissy.

— O quê?

— Preciso lhe contar uma coisa.

Uma pausa.

— O que é? — pergunta ela.

— É sobre o Cientista.

— Vá em frente.

— Eu estava escondendo uma coisa de vocês.

— Acho que sei o que é — retruca ela, depois de um momento.

— Não, acho que não. Não isso.

— Ele é seu pai, não é?

Meu queixo cai até o fundo do poço.

— Como é que você… *o quê?*!

— Shh… Você vai acordar os outros — ralha Sissy.

— Ele contou para você sobre mim?

— Não. Nunca.

— Então como…?

— É o jeito como você se mexe. Tão parecido com ele. Como você se senta no chão, com uma perna esticada e a outra dobrada, o queixo apoiado no joelho. A cor e a forma dos seus olhos. A expressão no seu rosto quando está perdido em pensamentos. Até a maneira como fala.

— Os outros desconfiam?

— Rá. Eles adivinharam assim que o vimos pela primeira vez.

— Não acredito.

Ela ri um pouco.

— Podemos ter vivido em cativeiro, mas não somos cegos. — A corda balança

um pouco enquanto ela se mexe. — Você acha… que ele está lá em cima?

— No céu?

— Não. Lá em cima, no lugar onde este poço vai dar.

— É melhor que esteja. Nada é mais importante para mim do que encontrá-lo. — Eu faço uma pausa, surpreso por essa revelação inesperada. Mas é verdade. Desde que encontrei a tabuleta, desde que vi meu nome entalhado na pedra, não consigo pensar em mais nada. Olho para cima e digo baixinho: — Eu iria até o fim do mundo para encontrá-lo, Sissy.

Ela fica quieta, parece esperar que eu continue.

— Você pode me contar uma coisa? — pede.

— O quê?

Ela hesita.

— Me conte como era. Sua vida com ele. Você tinha irmãos? Sua mãe estava viva? Eram uma família feliz? Conte-me sobre sua vida no meio daqueles monstros.

Um minuto de silêncio se passa.

— Minha irmã e minha mãe morreram quando eu era pequeno. Saíram com meu pai, de manhã e, horas depois, só ele voltou. Foram devoradas. As pessoas falaram disso por anos, sobre a descoberta extraordinária e milagrosa de uma garota eper e sua mãe no meio da cidade ao anoitecer. Falaram que as pernas da garota se quebraram quando ela foi atropelada por uma carruagem, e que a mãe ficou parada ao lado dela, estupidamente, recusando-se a abandoná-la. E que, quando a multidão as alcançou, a mãe cobriu a garota com o próprio corpo. Acabou em segundos. Ao menos, a parte da comilança.

A corda estala.

— Me desculpe, Gene. Não precisamos mais falar disso.

Acho que é o fim da conversa. Mas surpreendo a mim mesmo quando volto a falar. No começo, as palavras saem hesitantes e incertas, primeiro uma, depois duas, uma frase inteira. E então alguma coisa estala, a necessidade aumenta, e pensamentos e lembranças fluem de mim. Até que não parece mais que estou cuspindo as palavras para fora, e sim que elas jorram, como uma catarse, uma confissão. E, quando termino, quase sem voz, Sissy não diz nada. Fico com medo de que ela tenha adormecido.

E então, ela sussurra:

— Eu queria poder segurar sua mão.

Flocos de neve passam delicadamente pelo meu rosto e somem ao seguirem para a escuridão abaixo de nós.

10

SISSY ESTAVA CERTA. Chegamos à superfície no dia seguinte, pois a saída do túnel ficava surpreendentemente perto.

Minutos depois que a câmara se enche de luz, despertando a todos, retomamos a subida. Nossos braços e nossas pernas estão gelados e duros, mas a luz que entra pela abertura nos aquece e lubrifica nossas juntas. Em pouco tempo, já nos esquecemos das bolhas nas mãos e do sangue escorrendo dos dedos e nos concentramos em avançar para o degrau seguinte. E depois o próximo. Até que, como bebês recém-nascidos, nos espremos pela abertura e saímos em uma clareira, inspirando o ar fresco da montanha e apertando os olhos contra o sol.

Estamos no meio de um vale verdejante, com penhascos de granito se elevando por todos os lados como dedos rígidos. Uma névoa fraca paira no vale, espalhada por todo o bosque sombrio que nos cerca. Árvores despontam da névoa como se fossem servos da floresta vindo nos cumprimentar. Ou nos mandar embora.

Acima de tudo, está o pico da montanha. Ele se ergue, alto e arrogante, a face íngreme enrugada como se estivesse apertando os olhos, incomodado com a claridade do sol. Ou com nosso grupo, andando em seus ombros largos. Do meio dela, uma cachoeira distante surge de um paredão, caindo por milhares de metros e virando névoa lá embaixo. Um tênue arco-íris surge em meio aos respingos de água.

Agora que estamos a céu aberto, o frio é de gelar os ossos. A brisa, apesar de leve, desliza para dentro das roupas, tocando nossa pele porosa, congelando nossos pulmões. Tenho outro ataque de tosse e me inclino, o catarro arranhando meu esôfago como tachinhas cobertas de ácido. Levo a mão à testa. O calor de um atiçador em brasa emana de mim. O chão se inclina, balança, a montanha e o céu giram ao meu redor, em minha própria avalanche.

— Vamos para o bosque — digo —, para longe deste vento.

— Espere — responde Sissy.

Ela se ajoelha ao lado do túnel e começa a estudar a circunferência.

— O que você está fazendo? — pergunta Ben.

— Aqui, olhem — explica ela, apontando para a única parte da abertura em que a grama está pisada. — Quem quer que esteja usando este túnel vem e vai por este caminho. Acho que deveríamos seguir na mesma direção pelo bosque.

* * *

O bosque é um ninho de calor. O vento para assim que botamos os pés entre as árvores. Um delicioso aroma de mel faz nossos estômagos roncarem. Cambaleamos até encontrar, em meio a um monte de agulhas de pinheiro no chão, leves marcas de uma trilha. Seguimos por ela, cada vez mais animados.

Mas, depois de apenas quinze minutos, paramos para recuperar o fôlego, apoiados em uma árvore coberta de líquen. Não estamos acostumados ao ar rarefeito da montanha. Um tordo pula nos galhos acima de nós, a cabeça preta virando depressa de um lado para o outro. Ele dá um grito áspero que parece de censura, como se criticasse nossa falta de vigor. Após alguns minutos, retomamos a caminhada, dessa vez em um ritmo mais lento. Vinte minutos depois, paramos.

— A trilha sumiu — comenta Sissy, olhando ao redor com preocupação.

— Seria bom encontrarmos um lugar para passar a noite, não é? Acender uma fogueira? — sugere Epap, batendo os dentes.

— Temos que nos apressar — concorda Sissy. — Porque o frio só vai piorar.

— Você e eu vamos procurar madeira, Ben e Gene ficam aqui…

— Não — retruca Sissy, interrompendo Epap. — A partir de agora, faremos tudo juntos. Não vamos nos separar, nem mesmo por um segundo, está ouvindo? Sinto que esta floresta quer nos destruir.

Todos sentimos. Caminhamos bem perto uns dos outros, às vezes roçando os braços ou esbarrando os ombros. Mas ninguém se importa.

E então, quando a floresta já ameaça se condensar em uma escuridão de piche denso, nós nos deparamos com uma clareira. A cortina de árvores e escuridão se dispersa. Do outro lado da clareira, há um penhasco. De onde estamos, vejo lagos glaciais e campinas no vale abaixo. Mas logo meus olhos são distraídos por outra coisa.

No meio da clareira, banhada pela luz do sol, há uma cabana feita de troncos.

11

AS JANELAS da cabana estão fechadas, bloqueadas por placas negras presas ao batente. A porta da frente foi pintada de preto e parece ter sido hermeticamente selada.

Sissy adentra a clareira, seus sapatos afundam na neve macia.

— Sissy! — sussurra Epap.

Ela se vira e gesticula para ficarmos escondidos. Quando os garotos recuam para o bosque, corro até ela.

— Você está fazendo isso errado — sussurro.

Ela para.

— Como assim?

— Não pode ir até a porta da frente e simplesmente…

— Ah, por favor. Eu não ia bater.

— Mas é melhor nem mesmo subir na varanda. As tábuas podem estalar. — Ela não responde, mas sei que está ouvindo. — Eu vou pelo lado direito, você, pelo esquerdo. Depois de cinco minutos, se não ouvirmos nada, nos encontramos nos fundos. Se a parte de trás estiver livre, tentamos a porta da frente.

Ela assente e sai andando.

A neve no chão está congelada, e preciso andar bem devagar. Quando chego na lateral da casa, caminho com cuidado até as janelas fechadas. Espero bastante tempo antes de colocar a orelha no vidro. Nenhum som.

A cabana parece vazia.

Depois de cinco minutos, ando com cautela até a parte de trás. Sissy já está lá, a orelha encostada na janela fechada. Ela levanta as mãos e balança a cabeça. *Ninguém dentro*. Então ergue as sobrancelhas. *Devemos entrar?*

A varanda estala sob nosso peso, apesar de nos esforçarmos para caminhar com leveza. Em frente à porta, Sissy segura a maçaneta, faz uma careta ao sentir o metal frio e aperta com firmeza. Ela abre a porta, e ficamos surpresos com a ausência de ruído nas dobradiças.

Entramos e a fechamos atrás de nós. É melhor impedir a luz de entrar o mais rápido possível. Não queremos chamar atenção se houver alguém morando aqui. Entramos em um corredor escuro e estreito e esperamos até que nossos olhos se ajustem à escuridão. Buscamos sons que não queremos ouvir: ruídos de movimento, de algo sendo arranhado, rosnados. Mas há apenas o silêncio.

As formas surgem gradualmente. Entramos na ponta dos pés no aposento à esquerda, e o piso geme sob nossas botas. Observamos o teto primeiro: ao menor sinal de alguém dormindo lá em cima, sairemos da cabana na mesma hora e dispararemos para o bosque. Mas está vazio, há apenas algumas vigas. Uma mesa e um armário grande são as únicas mobílias do cômodo.

Seguimos com cautela até o aposento do outro lado do corredor. O teto também está desprovido de corpos adormecidos e pendurados. Há um banquinho de madeira no canto, e seu assento circular parece um olho aberto nos encarando. É um aposento abandonado, sem qualquer outra mobília, tomado pelo cheiro de mofo. Há beirais compridos acima de nós, estranhamente sinistros. *Alguma coisa ruim aconteceu aqui*, penso, e tremo. Saímos de lá.

Só sobrou um aposento, que fica no final do corredor. Sissy está dois passos à frente, e ela vira a cabeça para mim ao entrar. Seu rosto se ilumina de esperança.

É uma cama. Um colchão fino sobre uma estrutura estreita e, em cima dele, um cobertorzinho embolado perto do travesseiro, parecendo pele morta de cobra.

Ando até as janelas e encontro uma alavanca para abrir as placas. Elas deslizam para cima, fazendo muito barulho. A luz do dia entra, mais forte do que eu lembrava, apesar de o céu estar coberto de nuvens densas. Depois disso, posso ver um instrumento curioso pendurado na parede do outro lado do quarto. Parece algum tipo de pipa gigantesca, ou uma mariposa monstruosa pregada à madeira.

Sissy está ao lado da cama, inspecionando o colchão.

— O que você acha? — pergunto.

— Acho que este lugar está vazio há bastante tempo. — Ela fareja o ar, tentando detectar odores. — Vamos passar a noite aqui. Caçar algum animal, fazer uma fogueira, recuperar nossas energias, ter uma boa noite de sono. Amanhã, logo após o amanhecer, faremos uma busca para ver se encontramos mais alguma coisa.

— E se for aqui? A terra de leite e mel.

Ela anda até a janela e olha para fora.

— Então, vai ser.

Olho para a cama.

— Mas onde *ele* está?

12

É TARDE da noite. Todos estão dormindo no quarto: os garotos, espremidos no colchão, com os pés pendurados para fora, e Sissy, encolhida em uma cadeira de madeira. Ando pelo corredor e entro em um dos outros cômodos. Depois do jantar — um par de marmotas que caçamos e assamos na fogueira —, discutimos sobre fechar ou não as placas das janelas. No fim, resolvemos arriscar e deixá-las abertas, provavelmente por ainda estarmos com o túnel escuro e claustrofóbico fresco na memória. Fico feliz por termos feito isso. A paisagem invernal, banhada pelo luar prateado, é tranquilizadora. Até o pico da montanha transmite uma enorme calma.

Visto um casaco forrado e aprecio o calor. É uma das peças de roupa que encontramos guardadas em um baú de madeira. Ben encontrou o baú debaixo da cama, e gritou com muita alegria quando o abriu e deu de cara com casacos forrados de pele de coelho, cachecóis, meias de lã e luvas. E também um colete de aparência estranha, pesado devido aos muitos ganchos e mosquetões presos nele de cima a baixo.

A casa estala o tempo todo, as vigas de madeira se deslocando por causa da temperatura cada vez mais baixa. O barulho — às vezes bastante alto — assustou Ben quando ele se acomodou na cama para dormir.

Está tudo bem, ainda consigo ouvir a voz de Sissy em minha mente, *vai ficar tudo bem.*

Talvez ela esteja certa. Talvez seja aqui. O fim, o destino, a Terra Prometida. Esta cabana, esta clareira, esta montanha. E, a qualquer momento, meu pai sairá do bosque e nos encontrará aqui.

Ouço passos no corredor. O som me assusta. Quando me viro, arrasto os dedos no parapeito de madeira lascada. Sinto uma pontada de dor e afasto a mão. Gotas quentes de sangue escapam do corte.

É Epap. Ele estuda o aposento, sonolento, o luar iluminando seu rosto. Estou escondido nas sombras, então não posso ser visto. O rosto dele se contrai em confusão. Está prestes a se virar quando vê alguma coisa lá fora.

Sua expressão muda, o rosto empalidece. Ele se agacha.

— Epap — chamo, saindo das sombras.

Ele dá um pulo ao ouvir minha voz. Mas, em vez de me dar uma bronca, leva o indicador aos lábios. Depois, indica a janela com o queixo. Mantendo-me abaixado,

vou até ele.

Tem alguém de pé na clareira lá fora.

Uma figura escura e pequena contrasta com a neve branca. Uma garota.

Olhando fixamente para nós.

13

ELA ESTÁ tão imóvel quando Epap e eu.

É uma garota nova, imagino que tenha treze ou quatorze anos. Parece um elfo da floresta, com cabelo curto e quase branco, de tão loiro, além de um corpo frágil. Usa um cachecol preto, escuro como a carapaça de um escorpião, ao redor do pescoço. O rosto permanece inexpressivo enquanto seus olhos vão de Epap para mim, e de volta a Epap.

— Nada de movimentos bruscos — sussurro para Epap, tentando mexer os lábios o mínimo possível.

— As placas nas janelas, precisamos fechá-las.

— Não temos tempo. Ela pode nos matar em dois segundos. Se dermos motivo.

Ficamos muito, muito imóveis.

— E agora? — pergunta Epap.

— Não sei.

Ela dá um passo na nossa direção. Para. Ergue um dos braços lentamente, até apontar o dedo para mim. Depois o abaixa de novo.

— Eu vou até ela — digo.

— Não!

— Tenho que ir. Esta cabana oferece tanta proteção quanto uma lamparina de papel. Se ela quiser nos devorar, com certeza irá.

— Não…

— Ela não sabe o que somos — falo, interrompendo Epap. — Senão, já estaria aqui. Vou sair e atraí-la para dentro. Aí nós atacamos.

— Isso não vai…

— É nossa única opção. Agora acorde Sissy. *Sem fazer barulho.*

Abro a porta da frente.

Vivi entre eles durante a vida inteira. Conheço seus maneirismos, sou capaz de imitar até as menores nuances. Saio com calma, sem revelar qualquer sinal de medo. Quando piso na varanda, hesito nas sombras antes de sair sob o luar, com os olhos semicerrados, fingindo. Deixo os passos fluírem, leves, deslizando, tentando não levantar muita neve. Mantenho a expressão vazia como a lua. Meus braços pendem imóveis ao lado do corpo.

E então eu me lembro.

O sangue na minha mão.

A garota tem um espasmo. Está olhando para mim com interesse fervoroso renovado. Cruza os braços e inclina a cabeça, apertando os olhos antes de arregalá-los.

Ela dá um passo na minha direção, então outro, e mais outro, até suas pernas se tornarem manchas em movimento.

Vem na minha direção com um sorriso no rosto, atravessando a neve e o ar da noite, como uma maldição sussurrada.

Firmo os pés no chão e me preparo para o ataque. No pescoço. Eles sempre começam pelo pescoço.

Atrás de mim, pela porta aberta, escuto Epap:

— Sissy, acorde, acorde, acorde!

A voz dele está tão distante quanto as estrelas.

E a garota…

Tem alguma coisa errada.

Ela ainda está correndo. Não percorreu nem metade da distância. E mantém os braços no ar, em vez de se jogar de quatro no chão. Seu peito sobe e desce pelo esforço, e flocos de neve se elevam ao redor de seus pés.

A resposta me atinge como um raio. Eu observo enquanto a garota se aproxima, e minhas desconfianças são confirmadas.

Mas ainda não. Há um último teste. E é tudo ou nada.

Levanto o dedo que está molhado de sangue.

Os olhos dela se desviam para a minha mão e ficam ali por um segundo infinito. Então voltam para o meu rosto, indiferentes.

Ela não é um deles. É um de nós.

— Ei! — grito, sem saber o que dizer em seguida. — Ei!

Ela continua correndo. Na cabana, ouço o som de passos se aproximando pelo piso de madeira.

Eu me viro com os braços bem levantados. Vejo Sissy disparando pelo corredor na minha direção. E sua silhueta, com o braço erguido e o brilho de uma adaga prestes a ser lançada.

— Sissy, espere!

Mas é tarde demais. Quando seu pé toca a varanda, ela lança a adaga. Como estou no caminho, Sissy precisa jogar a lâmina para o lado, que avança como um bumerangue na direção do alvo.

Eu não espero, não há tempo. A trajetória curva me deu três segundos a mais.

Dou um salto para a frente e disparo na direção da garota. Ela está vindo até mim, eu estou indo até ela. Ouço um zumbido ficando mais baixo e depois mais alto.

A adaga. Está fazendo a curva na direção da garota. Na nossa direção.

Me jogo nela, e meu braço envolve seu peito. Caímos juntos na neve. Um

microssegundo depois, a adaga passa voando acima de nossas cabeças.

Não perco tempo.

— Sissy! Não!

O braço de Sissy já está preparado para jogar outra adaga.

— Ela é como a gente! *Como a gente!* — grito.

A adaga, erguida acima da cabeça de Sissy, fica imóvel. Então é abaixada lentamente. Os garotos saem da escuridão da cabana. Estão com olhos arregalados e as testas enrugadas de confusão.

A garota se levanta e limpa a neve do corpo.

— Onde está a Origem?

Ela olha para mim, depois para os outros. Seus olhos são de um azul gélido, desprovidos de qualquer rastro de calor.

Nós a encaramos de volta, sem palavras.

— A Origem, onde está a Origem?

Depois de mais um momento de silêncio, Ben pergunta:

— Do que você está falando?

É a vez dela de ficar confusa.

— A Origem. Vocês deveriam estar com a Origem.

Por fim, Ben faz a pergunta que todos queremos saber.

— Quem é você?

14

ELA SÓ conta depois que voltamos para a cabana e estamos de pé ao redor da mesa, constrangidos.

— Sou Clair — diz ela.

Sissy a observa, sem disfarçar a desconfiança, e pergunta:

— Você mora aqui? Esta casa é sua?

A garota balança a cabeça.

— *Nayden, nark*.

Ficamos olhando para ela.

— Como é? — pergunta Sissy.

Mas Clair a ignora e se vira para mim.

— Você está com a Origem?

— De que você está falando? — retruco. — O que é essa Origem?

O pequeno queixo da garota começa a tremer. Ela pisca e sai correndo da sala. Segue pelo corredor, observando tudo, e vai até o quarto. Quando a alcançamos, ela está revirando a bolsa de Epap, espalhando as peças de roupas e o caderno de desenhos na cama.

— Ei, o que você pensa que está fazendo? — pergunta Sissy, arrancando a bolsa das mãos dela.

— Me digam onde está a Origem! — exige a garota.

— Não sabemos do que você está falando! — retruca Epap.

— Sabem sim! Krugman disse que vocês estavam chegando. Disse que trariam a Origem.

— *Quem* disse isso? — pergunta Epap. — Quem é Krugman?

Eles continuam a cobrir a garota de perguntas. Mas eu não. Com o coração acelerado, pego o caderno da cama e viro as páginas até o retrato do meu pai. Coloco a página na frente dela.

— É ele? — grito. Todos param de falar e se viram para mim. — Esse é o Krugman?

A garota espia o desenho. Seus olhos se arregalam, como se em reconhecimento. Mas ela só diz:

— Não, não é ele.

Fico desapontado.

— Esse homem que falou com você sobre nós — continua Sissy. — Krugman. Ele

mora aqui?

Ela balança a cabeça.

— Ele mora muito longe.

— Então nos leve até ele — peço.

— Primeiro me mostrem a Origem. — A voz da garota, embora fina e delicada, mostra sinais de teimosia. — Depois, levo vocês até lá.

— Nos leve primeiro — respondo —, depois a mostramos para você.

Ben olha para mim sem entender.

Ela faz uma pausa.

— Tudo bem — responde, mas com desconfiança nos olhos. — Partiremos ao amanhecer.

— *Nayden, nark* — retruco. — Partiremos agora mesmo.

Clair observa meu rosto. Há pensamentos passando por trás de seus olhos atentos, misteriosos e indecifráveis. Por um breve segundo, algo parecido com reconhecimento parece brilhar neles.

— Certo. Peguem suas coisas. É longe.

* * *

Estamos cheios de perguntas enquanto a seguimos, mas o esforço necessário para acompanhá-la torna quase impossível falar. Entendo agora por que ela queria esperar até o amanhecer. A viagem é bem mais longa do que eu imaginava. Andamos na escuridão, passamos por um riacho gorgolejante e saímos do bosque. Continuamos subindo, deixando a vegetação para trás, e atravessamos uma área de granito árida que parece não terminar nunca. Passamos *horas* em cima dos domos de granito, cujas superfícies surpreendentemente lisas brilham sob o luar como cabeças carecas. A vista é linda, com cachoeiras jorrando de penhascos e florestas de coníferas cheias de vida cobrindo o vale, mas estou cansado demais para apreciar. E doente. Minha cabeça gira, ardendo de febre, enquanto o vento frio faz meu corpo tremer. A altitude também não ajuda em nada, apenas me deixa tonto e desnorteado.

Em determinado ponto, o caminho nos leva a uma face íngreme da montanha. Há um par de cabos de metal presos no granito, que usamos para subir. Fazemos uma pausa na metade do caminho para recuperar o fôlego. Daquele ângulo privilegiado e vertiginoso, vejo o distante rio Nede brilhando como um fio de prata abaixo de nós, impossivelmente pequeno e insignificante. Voltamos a subir e chegamos ao topo em um estado de pura exaustão. Clair não parece cansada: continua em pé, impaciente, enquanto o restante do grupo recupera o fôlego. Ela chuta pedras soltas, passando os olhos pelas bolsas que carregamos. Sem dúvida procurando a Origem, seja lá o que

isso for.

Finalmente, com a proximidade do alvorecer, e nossas pernas doendo por causa da longa descida, Clair guina de repente para a esquerda e passa por uma abertura estreita entre duas pedras enormes. Quando saímos do outro lado, parece que chegamos a um novo planeta.

Em vez do vento forte da montanha, somos recebidos pela tranquilidade de uma floresta de sequoias. Adentramos nela com alegria, pisando na grama verde no chão e caminhando entre o marrom orgulhoso das sequoias, pontilhadas com alguns crisântemos aqui e ali. Um som delicado de água corrente fica cada vez mais alto. Quando chegamos à fonte — um riacho — Clair nos manda beber. A água é deliciosa: doce e cheia de um frescor cristalino. Com a sede aplacada, seguimos ansiosos, movendo os pés cada vez mais rápido.

— Estamos quase lá — diz a garota.

O sol já aparece entre as árvores. Vemos mais cor, mais formas, tudo mergulhado em calor e cor. Pássaros cantam nas árvores altas acima. Ao fazer uma curva, Clair leva as mãos à boca e dá um grito ululante. É diferente de qualquer coisa que já ouvimos. Ben não para de olhar para ela.

— Estou avisando a Missão que está tudo bem — explica Clair. — Avisando que encontrei vocês.

— "Missão"? — pergunto.

Ela não responde. Andamos por mais dez, quinze minutos.

E então… a floresta acaba de repente. Paramos na mesma hora.

Uma grande fortaleza surge à nossa frente. O muro tem vários metros de altura e é feito a partir de enormes pedras presas com pedaços fibrosos e irregulares de concreto, metal e troncos de árvore. O sol do alvorecer surge acima das montanhas, e é quando o estado de descuido da fortaleza fica evidente. Apenas uma torre no canto parece receber manutenção, pois foi revestida com placas de aço pretas e lisas. Na circunferência da torre há uma grande janela iluminada.

— Aquele é o escritório de Krugman — explica Clair, apontando.

A garota nos leva pelos portões abertos, duas placas metálicas enormes, cada uma com quinze centímetros de espessura e a altura de três pessoas. A julgar pela quantidade de ferrugem nos trilhos no chão, os portões não são fechados há muito tempo. Talvez há anos. Clair leva as mãos ao rosto de novo e emite o mesmo grito ululante.

Atravessamos os portões e adentramos a fortaleza.

— Nossa — comenta Ben, baixinho, como se estivesse com medo de interromper uma miragem.

Tem uma vila inteira lá dentro. O sol da manhã ilumina a comunidade, uma luz vermelha intensa que banha os chalés com telhado de sapé. As construções brilham

com um tom delicado e agradável, o interior iluminado por lareiras. Fumaça sai, serena, de chaminés altas e decoradas. Uma janela se abre em um chalé próximo. Vejo uma cabeça aparecer, e outra surge em seguida.

Um córrego borbulha à nossa frente, a água cristalina. Acima dele há uma ponte em arco rústica, feita com pedras cortadas à mão, que brilham sob a luz do alvorecer como olhos calorosos piscando para nós.

Mais janelas se abrem. Cabeças pequenas e grandes aparecem nelas. Portas são escancaradas, e vários corpos as atravessam.

Ben segura a mão de Sissy.

— Sissy… — sussurra, com empolgação.

Ela sorri e aperta a mão dele.

— Acho que agora tudo vai ficar bem.

As pessoas saem das casas como peixes coloridos, usando roupas de cores intensas e alegres. Com calma, elas seguem na nossa direção, andando de forma curiosa e desajeitada, os olhos cintilando.

— Quantas pessoas? — pergunta Epap.

— Umas duzentas e poucas — responde Clair.

Paramos perto da ponte de pedra. Do outro lado, a multidão faz o mesmo. Por um minuto, ficamos olhando uns para os outros. Os rostos deles são redondos e saudáveis. Muitos ainda estão usando pijama e descabelados. Um calor rosado emana de suas bochechas.

Um homem grande avança em meio à multidão, sua grande barriga balançando. Meu coração para, mas só por um segundo. Logo fica claro que esse homem corpulento não é meu pai. Ele nos avalia por um segundo, inclina-se para trás com as mãos na cintura e solta uma gargalhada. É um rugido profundo, intenso e alegre. Ele se aproxima, parecendo ficar maior conforme percorre a ponte. Na metade do caminho, no ápice da subida, abre bem os braços, com um sorriso largo no rosto.

— Bem-vindos à Missão — diz, com voz grave e sonora. — Estávamos esperando vocês.

Ele para a alguns passos do grupo. Sua presença é marcante, seu carisma cai sobre nós como gotas em um guarda-chuva. A silhueta ampla bloqueia o sol nascente. Sob a sombra dele, a temperatura cai um pouco. Mas só por um momento. O homem muda de posição depressa, como se tivesse percebido. Olha para nós, e seu sorriso parece hesitante. Está tentando descobrir quem é o líder do grupo. Seu olhar passa direto por Epap, por Sissy, para em mim, volta para Epap e então, finalmente, acaba se decidindo por mim. Ele sorri outra vez.

— Meu nome é Krugman. É um grande prazer conhecê-lo. Um prazer deleitável e indescritível!

Ele estica a mão, que engole a minha, de tão grande e musculosa. Mas a pele é

macia, lisa e delicada.

— Vamos? — diz, dando um passo para o lado, os braços balançando devagar, indicando o caminho.

A ponte se curva como um arco-íris à nossa frente em direção a um mar de sorrisos.

A princípio com cautela, mas também com empolgação crescente, começamos a atravessar a ponte. Sissy e os garotos, por terem morado no Domo a vida toda, nunca viram uma multidão tão grande, e a prudência faz com que parem no meio do caminho. Daqui, captamos o aroma de comidas suculentas que nunca sentimos antes. Nossos estômagos roncam.

— Só pode ser aqui! — exclama Ben. — Tem que ser. A terra de leite e mel, frutas e sol. — Ele puxa a manga de Sissy. — É *aqui*, não é? Aonde o Cientista prometeu nos trazer?

Ela não responde, mas seus olhos estão marejados.

— É aqui, não é? — pergunta David.

Sissy finalmente assente, em um movimento quase imperceptível.

— Talvez. Mas ainda precisamos ter…

Mas é tudo que David e Jacob precisavam ouvir. Eles seguram nossas mãos na mesma hora e nos puxam pela ponte.

A multidão se divide para nos deixar passar, mas apenas um pouco. Conforme avançamos, as pessoas esticam os braços para nos tocar, as mãos ansiosas dando tapinhas em nossas costas e ombros, as cabeças assentindo e até balançando de empolgação, os dentes brancos brilhando. Para onde quer que viremos, há olhos acolhedores e acenos afirmativos. Em determinado ponto, Ben puxa meu braço. Ele é todo sorrisos, e lágrimas escorrem pelas suas bochechas. Está dizendo alguma coisa, mas não consigo ouvir por causa da algazarra ao redor. Eu me inclino e entendo uma parte, “terra de leite e mel, frutas e sol, precisamos…”, mas o restante das palavras é engolido pelo barulho.

E acho que ele está certo. O sol sobe no céu, ficando mais quente e espalhando sua luz sobre a montanha, a vila e a multidão sorridente. Ouço o som de gargalhadas de aceitação tão altas que fazem meus ossos vibrarem e vejo Sissy sorrindo para mim com a pureza do céu mais azul. Sinto algo diferente de tudo que já senti.

Parece que voltei para casa.

15

KRUGMAN NOS leva pela rua principal da vila, pavimentada com tijolos e pedras. É um guia entusiasmado, que de vez em quando para e nos ensina os nomes de todas as coisas novas que vemos ou ouvimos. De perto, percebo que os chalés são bem-construídos, feitos sobre bases de pedra com estruturas de madeira nos andares superiores. Flores em pequenos vasos de cerâmica enfeitam as janelas, uma mistura colorida de lírios, tremoceiros, gerânios, cravos e resedas. Tudo é limpo, arrumado, claro e organizado. Rostos — quase todos de garotas jovens — nos espiam pelas janelas de mainel. Mais garotas nos seguem, e algumas das mais velhas olham para mim aos cochichos.

Epap está atônito desde que chegamos. Nunca viu outra garota além de Sissy, e a grande massa de mulheres é como uma sobrecarga sensorial. Ele olha para todos os lados com os olhos arregalados, atordoado, e um sorriso nervoso repuxa seus lábios.

Krugman mostra as construções: os depósitos, a clínica, o espaço de carpintaria, a maternidade, a casa de costura. Todos são um pouco maiores do que os chalés. Quando nos aproximamos da parte norte da vila, a área residencial some de vista de repente, e o caminho de pedra e tijolo dá lugar à terra batida. Um aroma flutua pelo no ar: sangue, carne e fezes de animais. Vários chalés pequenos ocupam o centro da fazenda, áreas reservadas para o abate, explica o guia, sem olhar para eles. Passamos por mais fazendas, cobertas de fileiras do que o homem diz ser milho, batata e couve, além de um bosque de macieiras, pereiras e ameixeiras. Algumas pessoas andam entre as fileiras, tão pequenas quanto formigas.

Quando Krugman contorna fileiras de amoreiras e um campo de centeio, um lago glacial surge de repente, sem aviso. A água é clara como cristal, e pedras de tons variados cintilam perto da margem, onde é mais raso. Uma brisa vem da montanha, ondulando a superfície espelhada e distorcendo o reflexo das montanhas, das nuvens e do céu. Há alguns barcos presos a um pequeno píer feito de troncos. A essa altura, nossos estômagos estão roncando de fome, mais alto do que nunca. Krugman sorri ao ouvir isso e nos leva de volta para o centro da vila, cortando caminho por uma campina coberta de grama.

Entramos em um refeitório enorme, com várias fileiras de mesas vazias e bancos compridos. Jovens garotas trazem pratos de comida da cozinha, dando olhares furtivos e curiosos para nós enquanto sussurram o nome de cada prato. Praticamente engolimos sem mastigar. Apesar de estar tossindo muito, não consigo me controlar.

Sinto os olhos lacrimejarem, o nariz escorrer e pingar no prato, e a cabeça girar como um mosquito bêbado. Mas não consigo evitar me entupir de comida. Mingau, ovos mexidos, bacon e pão. São os nomes dos pratos colocados à nossa frente. A multidão fica do lado de fora, os rostos espremidos nas janelas, observando. Todos muito bonitos e jovens.

E é aí que percebo. Uma coisa curiosa. Quase todos os moradores da vila são mulheres jovens.

Observo os rostos juvenis espremidos nas janelas. Crianças pequenas, pré-adolescentes, adolescentes, a maioria de mulheres. Há apenas uns poucos garotos, nenhum com mais de sete ou oito anos.

O interior do refeitório é um estudo de contrastes. Em vez de garotas jovens, cerca de dez homens mais velhos estão de pé ao redor da sala, todos calvos, barrigudos e com idades entre quarenta a cinquenta anos. Nenhum deles se parece com meu pai, nem de longe. São homens corpulentos e barbados, enquanto meu pai era musculoso e mantinha o rosto limpo. No canto mais afastado, dois homens particularmente barrigudos estão flanqueando Krugman. Toda a alegria parece ter desaparecido de seu rosto. Os olhos estão mais sóbrios, os lábios, comprimidos, os braços grossos cruzados sobre o peito. Ele diz alguma coisa, só uma ou duas palavras, e um dos homens sai do lado dele e segue para fora.

É nessa hora que reparo nos retratos. São cerca de doze, espalhados em uma parede, intercalados pelas janelas altas. São pinturas a óleo magníficas de homens, dignos e altivos. Estão penduradas no alto, e têm molduras feitas à mão. Olho de passagem para algumas antes de voltar a atenção para o prato.

Fico paralisado.

Com o coração acelerado, empurro a cadeira para trás e fico de pé. Ninguém parece perceber, nem mesmo Sissy e os garotos, ocupados demais comendo e bebendo.

É a caminhada mais lenta, a caminhada mais longa. Um pé na frente do outro, com os olhos fixos em um único retrato escondido nas sombras. O refeitório mergulha em silêncio. Todos param para me observar enquanto sigo na direção do retrato, como que em transe.

Tusso, desalojando uma bola de catarro. Mas continuo andando, e o retrato se aproxima, o rosto parecendo flutuar na minha direção devido ao meu estado febril. Conforme chega cada vez mais perto, as sombras ao redor do quadro se dissipam como filetes de névoa do cume da montanha. Um rosto aparece, encarando-me com olhos familiares, ao mesmo tempo gentis e autoritários. As bochechas fundas são taciturnas e fortes, as maçãs, salientes no rosto esculpido. Seu cabelo agora está grisalho, as rugas nos cantos dos olhos parecem mais pronunciadas.

Meu pai.

Ouço passos pesados atrás de mim. Eles param a poucos metros.

— Você o conhece? — pergunta Krugman.

Ignoro a pergunta e faço a minha:

— Quem é ele?

— É o Ancião Joseph.

Joseph. Joseph. Repito o nome em pensamento, como se o som fosse conjurar lembranças. Nada. Minha mente gira, febril e latejante.

— Onde ele está? — pergunta Sissy.

Ela está de pé atrás de mim, o rosto pálido. Atrás dela, os garotos estão a meio caminho de se levantarem, os olhos grudados no quadro.

— Como vocês o conhecem? — pergunta Krugman.

Faço a única pergunta que importa, a pergunta que fiz e repeti por anos, em um silêncio sem fim, em uma escuridão persistente:

— Onde ele está?

A voz de Krugman sai rouca e triste.

— Ele não está mais entre nós.

— Onde ele está? — Desta vez, é Sissy quem pergunta, com urgência na voz e o medo impregnado nas palavras.

Krugman se vira para ela devagar, o corpo imenso mais parece um continente se movendo.

— Ele morreu. Em um trágico… incidente — responde.

Dou um passo para trás. Mas não sinto meus pés se movendo. Não os sinto tocar em nada.

Uma dor aguda surge na minha cabeça, como se parte do crânio tivesse sido removida e estivessem esfregando um pedaço de madeira cheia de farpas no meu cérebro exposto. O refeitório fica mais claro de repente, com uma luz vermelha que pisca de forma hipnótica. Minha queda é uma espiral lenta, e vejo os rostos deles, manchas brancas e luas, girando em um mundo que ficou vazio.

16

ACORDEI COM meu pai sacudindo meu ombro.

— O que é? — perguntei.

Não fiquei com medo, pois ele parecia animado.

— Vamos sair — respondeu meu pai.

— Vamos? Por quê?

— Venha — apressou-me ele.

— Temos mesmo que ir, papai? Não quero sair no sol.

— Venha logo — respondeu, e é claro que fui.

Obedientemente, coloquei os sapatos, passei protetor solar nos braços e no rosto e enfiei o chapéu de forma que a aba cobrisse minha testa. Colocamos os dentes falsos nos bolsos. Só por precaução. A luz do dia, ao abrirmos a porta, parecia queimar nossos olhos como ácido.

Andamos pelas ruas sem os óculos de sol. Era o tipo de truque que só se aprendia ao longo dos anos. Não usar óculos de sol durante o dia, pois eles poderiam deixar marcas no rosto. Não usar relógios, pelo mesmo motivo. Todas essas regras eram invioláveis. Mas, naquele dia, por algum motivo, nós quebramos uma regra importante: se puder evitar, não saia em um dia sem nuvens, quando o sol brilha desimpedido. Fiquei olhando para ele, curioso. Mas meu pai não disse uma palavra.

Procuramos andar à sombra dos arranha-céus, acompanhando as laterais dos prédios altos. As ruas estavam vazias, é claro, o silêncio se estendia pelas calçadas de concreto, pelos prédios cromados e pelas portas destrancadas de cafés, lojas e mercearias. A água do chafariz em frente ao Centro de Convenções estava plana, lisa, um reflexo perfeito do céu azul.

Meu pai passou pela porta giratória do Edifício do Domínio, o arranha-céu mais alto da cidade, com sessenta e quatro andares. O Ministério da Ciência e a Academia de Conjectura Histórica ficavam ali. Meu pai trabalhava naquele prédio desde que eu me entendia por gente. Segui-o pela porta giratória até o átrio que se abria para cinquenta e nove andares. A luz do sol entrava no saguão espaçoso e arejado, e o vidro, como um prisma, criava uma variedade de raios com as cores do arco-íris.

— Aqui — chamou, parado em frente ao elevador de vidro.

Ele ia até o topo do átrio, lá em cima. Apesar de não ter ninguém por perto, tanto no prédio quanto na cidade, conversávamos aos sussurros.

— O que estamos fazendo aqui, papai? — perguntei.

— É surpresa. Uma coisa que estou planejando há semanas.

A porta do elevador se abriu, e meu pai digitou uma senha para liberar o último botão, que ia para o andar executivo, onde o acesso era restrito a poucos. Olhei para ele, surpreso, e meu pai retribuiu o olhar, coçando o pulso. O elevador subiu depressa, e precisei engolir saliva para aliviar a pressão nos ouvidos.

Passamos rapidamente pelos muitos andares cheios de auditórios, laboratórios científicos, salas de conferência e milhares de cubículos do governo. Passamos pelo misterioso quadragésimo quinto andar, que estava fechado havia décadas. Por fim, o elevador apitou, e paramos. As portas se abriram. No mesmo instante, fomos recebidos por um jorro ainda mais forte de luz do sol, que inundou nossos olhos. As mãos do meu pai tocaram meus ombros, empurrando-me para a frente, para a luz inclemente. Eu avancei um pouco.

A luz não era inesperada. Eu já fora ao último andar pelo menos umas dez vezes ao longo dos anos, pois meu pai tinha orgulho de mostrar seu local de trabalho. "Aqui é onde eu almoço", dizia ele. (Na escada, sozinho, papai?) "Aqui é onde ficam guardadas as vassouras, os rodos e os aspiradores." "Aqui é onde lavo as toalhas." "Aqui é onde ficam os produtos de limpeza." "Aqui é o depósito de lixo." Ele conhecia cada centímetro quadrado do prédio. Ao sair do elevador, sob aquela luz cegante, meu pai se moveu sem hesitar, segurou meu braço com gentileza e guinou para a esquerda.

Nossos sapatos faziam barulho no piso translúcido. Raios de sol cintilantes refletiam nas vigas de metal e se refratavam ao passar pelas janelas em volta. Aquela era uma grande prova da eficiência e do profissionalismo de meu pai como zelador. Seu rosto expressava orgulho enquanto andávamos pelo corredor, a luz banhando tudo como se estivéssemos caminhando em uma piscina de diamantes. Aquele andar, lar dos arquivos e documentos mais secretos, era o local mais seguro da metrópole: o ponto mais alto, bem acima dos outros prédios, que durante o dia ficava cercado pela luz mortal do sol por todos os lados. Era impenetrável. Menos para nós.

A única área escura do andar era uma pequena área que parecia um armário, bem escondida no canto nordeste. Era chamada de Quarto do Pânico e ficava separada do restante do andar por paredes de um cinza translúcido, feitas de um vidro especial que neutralizava a toxidade do sol. O Quarto do Pânico fora criado como precaução, para o caso extremamente improvável de alguém, inadvertidamente, ficar trancado no último andar durante o amanhecer. Ao apertar um botão lá dentro, o chão se abria e revelava um túnel que levava para dez andares abaixo. Às vezes, era citado como o espaço mais privado, solitário e seguro em toda a metrópole durante o dia, embora nunca tivesse surgido a necessidade de testá-lo.

Havia apenas oito escritórios no andar, cada um deles separado por divisórias de vidro e mobiliado com escrivaninhas e cadeiras de acrílico. Era como estar em um aquário. Dava para ficar de pé em um dos lados do pavimento e ver o outro com bastante clareza. À noite, os ocupantes de cada escritório, assim como o que estavam fazendo, ficavam visíveis para todos. Um governo transparente, diziam as pessoas. Oficiais de alto escalão e funcionários de confiança trabalhavam no andar, e passavam a noite de frente para a vista da cidade enquanto encaravam os monitores, estudando os números que passavam na tela rapidamente, as cabeças virando da direita para a esquerda, às vezes em sincronia. Conversavam entre si com um distanciamento frio, enquanto tomavam uma decisão importante atrás da outra. A única pausa daquela monotonia terrível era o intervalo do almoço, quando meu pai servia pedaços de carne crua em poças de sangue.

Tenho que fazer uma coisinha rápida, era o que ele dizia sempre que íamos ao prédio durante o dia. E eu o via se mover depressa de um escritório a outro, ligando telas, mexendo em arquivos, de vez em quando rabiscando algumas anotações apressadas em um caderno. Ao observar suas costas tensas e o nervosismo com que ele ligava as telas, eu percebia que o que estava fazendo era ilegal. O tipo de coisa ilegal que, se fôssemos pegos, nos levaria diretamente para o pelotão de execução.

Mas, naquele dia, meu pai não entrou nos escritórios nem me pediu para esperar na recepção. Atravessamos o hall dos elevadores e subimos uma escada. As paredes nos cercaram, e mais uma vez tudo fui tomado pela escuridão. Então eu não estava preparado para me deparar com um grande espaço aberto quando meu pai abriu a porta no fim da escadaria. Senti que fui jogado para os céus.

Meu pai se movia com energia, e estava com uma ansiedade nada característica no andar, quando me levou até a beirada. Dava para ver os escritórios através do telhado de vidro logo abaixo de nossos pés.

— Papai.

— Certo, vamos parar aqui. — Estávamos a três metros da beirada, perto o bastante para eu poder ver a rua bem abaixo. — Feche os olhos.

— Papai.

— Só feche os olhos.

Os passos dele se afastaram de mim.

Fechei os olhos. Ele era meu pai, e eu não estava sentindo medo algum. Um minuto depois, ouvi os passos dele se aproximando.

— Muito bem, pode abrir.

Eu abri os olhos. Nos braços dele havia um objeto grande e com asas, coberto de painéis lisos e metálicos. Os olhos do meu pai brilhavam, observando minha reação.

— O que é isso? — perguntei.

— Um avião. Lembra quando lhe contei o que era um avião?

Fiquei olhando para a coisa, intrigado.

— A coisa que voa no céu? Lembra?

Ele parecia decepcionado.

— Mas não está voando. Está morto? — perguntei.

— Não, bobo. É de controle remoto — explicou ele, enquanto mostrava o controle na mão, uma caixa quadrada com uma antena comprida. — Aqui, segure o avião bem alto acima da cabeça. Não, coloque as mãos aqui, nas asas. Isso mesmo, agora levante bem alto. Só não solte. Pronto?

— Pronto.

Ele acionou um interruptor no controle. No mesmo instante, o avião começou a tremer nos meus dedos, ressuscitado e vivo, um morcego cujas asas lutavam para se soltar.

— Você devia ter visto a sua cara — zombou ele, coçando o pulso com dois dedos livres.

— É para soltar?

— Não, continue segurando. Quando eu disser *já*, dê o maior impulso que conseguir. Na diagonal, para o céu, o mais forte que der, beleza?

— Beleza.

Ele esperou pacientemente, até que meus braços começaram a cansar com a vibração. Eu estava prestes a baixá-los, quando ele disse:

— Prepare-se!

Senti o vento soprar por trás, levantando mechas do meu cabelo e inflando minha camisa como um balão. Meu pai esperou. O vento aumentou, fazendo minhas roupas estalarem contra o corpo, ameaçando arrancar o avião das minhas mãos.

— Já! — gritou ele, e joguei o avião bem alto no céu.

O avião saiu voando, vacilante, e as asas faziam um barulhão. Pensei que falharia e cairia. Mas conseguiu se firmar e continuou no ar.

— Uau! Papai, está voando!

Ele assentiu para mim e fez pequenos ajustes no controle. Os cantos de seus lábios tremeram de leve, de forma inconsciente. Fiquei olhando para ele. Foi o mais perto que já o vi de sorrir.

O avião voou alto no céu, oscilando para cada vez mais longe. Meu pai colocou o controle em minhas mãos. Quase o deixei cair, não de surpresa, mas de medo. Mas ele envolveu minhas mãos com as dele.

— Aperte este botão — disse.

— O que ele faz?

— Liga o piloto automático.

Assistimos enquanto o avião ficava cada vez menor, ao longe, brilhando como uma estrela no céu ensolarado.

— Para onde ele vai, papai?

Ele apontou.

— Para lá.

— Para as montanhas ao leste?

Meu pai assentiu, e falou palavras que me deram medo:

— Não se esqueça deste momento.

— Tá bom — concordei.

Mas ele não ficou satisfeito.

— Não se esqueça de para onde o avião está indo. Quero que você se lembre disso, certo?

— Certo. — Olhei para ele. — Para onde está indo?

O silêncio foi tão longo que achei que ele não tivesse ouvido. Mas então sussurrou duas palavras tão baixo que acho que não era para eu ouvir.

— Para casa.

Por um momento, pareceu que ele ia dizer mais alguma coisa. Não apenas uma palavra ou frase, e sim uma torrente de pensamentos que seria despejada sem controle. Um medo dominou meu coração. Porque, mesmo com toda a minha curiosidade, percebi que não queria saber, não queria ouvir a série de confissões retidas em seu peito havia tanto tempo, de segredos guardados com tanto cuidado. *Não quero isso*, pensei, *não quero nada disso.*

Mas meu pai fechou os olhos e, quando os abriu, a determinação tomara conta deles.

— Lembre-se de para onde esse avião está indo, certo? — pediu.

Naquele dia, a direção do avião não me pareceu extraordinária. Era como se meu pai tivesse escolhido o caminho por uni-duni-tê, ou permitido que um vento aleatório determinasse o curso. Mas mais tarde, anos depois, percebi que devia ter sido deliberada. Em qualquer outra direção, o avião acabaria caindo no deserto infinito. Apenas indo para o leste teria encontrado um final diferente: as pradarias verdes das montanhas, o azul dos lagos glaciais, o branco da neve mesclado ao brilho vermelho do alvorecer.

17

… VOZES BAIXAS, depois silêncio. Um cobertor áspero é colocado com delicadeza sobre meu corpo trêmulo e gelado, e eu o agarro com as mãos quentes. Apago…

… E desperto em meio a um calor cinza, com uma camada de suor encharcando as roupas. Mesmo em meu estado febril, sinto a passagem do tempo: o peso de noites e dias que se passaram, o nascer e o pôr de luas e sóis. Em minha testa quente, uma compressa fria é colocada uma vez, duas, e sibila a cada contato. Vozes baixas murmuram na escuridão antes de voltar a ouvir apenas o silêncio. Uma mão fria segura a minha, refrescante e adorável, como mármore liso. Aperto-a com força enquanto afundo de novo no poço febril de calor e frio…

Horas — dias? — depois, consigo abrir os olhos. O quarto, achatado como uma pintura bidimensional, tremula como uma bandeira ao vento. Um rosto surge acima de mim. É Julia Brasa, com a pele parecendo doente e pálida. Mas a cor do cabelo está errada. Então o rosto dela se transforma nas feições de Sissy. Os olhos castanhos encaram os meus com preocupação. O aposento gira, e fecho as pálpebras. Do meu lado ouço o som delicado de água. Uma toalha molhada é pressionada na minha testa em brasa. O mundo desaba em escuridão…

… Meus olhos se abrem, cobertos por uma crosta de resíduo. Um dia, uma noite se passou desde que se abriram pela última vez. E, quase no mesmo instante, começo a despencar para a escuridão de novo. Mas não antes de ver Sissy, olhando pela janela, alheia ao meu despertar, o rosto banhado pelo luar e rígido de tensão. E medo. Tem alguma coisa errada. Apago de novo…

* * *

Desperto, e parece um renascer. Pela primeira vez em dias, minha mente está lúcida, e meu corpo, recuperado, embora fraco. Levo a mão à testa. Está fria e seca. A febre baixou. Inspiro e sinto o catarro alojado nas vias respiratórias.

O sol entra pelas cortinas finas. Estou em um quarto pequeno com uma alcova, que o deixa maior. As paredes são revestidas com painéis de madeira. Sentada em uma poltrona de couro, dormindo profundamente, vejo Sissy. Ela está com a boca

aberta, e o cobertor sobe e desce de leve.

Faço força para me sentar, sentindo-me fraco.

— Vamos com calma, muita calma — diz Sissy, ao meu lado em um piscar de olhos, com a mão debaixo da minha cabeça, ajudando-me a deitar outra vez.

— Quanto tempo? — pergunto.

A voz, rouca e áspera, não parece a minha.

— Você passou três dias apagado. Ficou muito mal durante os dois primeiros, ardendo de febre. Para ser sincera, pensamos que você não acordaria mais. Aqui, beba um pouco. — Ela leva uma tigela aos meus lábios. — A febre cedeu ontem à noite.

— Pode deixar que eu seguro.

Mas a tigela pesa uma tonelada, e quase derramo tudo na cama. Sissy coloca as mãos sobre as minhas e segura a tigela. Tomo alguns goles e me deito no travesseiro. Uma onda de calor percorre meu corpo.

Sissy parece exausta, com o cabelo desgrenhado e alguns fios grudados nas bochechas, parecendo desenhados. Está com grandes olheiras e a tensão é evidente em seu rosto. Tem alguma coisa errada.

— É de manhã ou de tarde? — eu pergunto.

A pergunta a pega de surpresa.

— Não sei. Perdi a noção do tempo — responde, e olha pela janela. — Parece de tarde. — Então observa as janelas do outro lado do aposento. — É, o oeste fica pra lá, então é de tarde.

— Onde estão todos? Os garotos?

— Por aí.

— Eles estão bem?

Ela assente.

— Mais do que bem. Estão gostando bastante daqui. — Ela tenta sorrir, mas seus lábios estão tensos. — Adorando, na verdade. Não podiam estar mais felizes.

— Então é mesmo aqui? A terra de leite e mel?

Ela assente e fica em silêncio.

— Sissy, qual é o problema?

— Não, nada. É ótimo. Frutas e sol. A Terra Prometida. — Mas ela não me olha mais nos olhos.

— Você pode me contar — digo, com delicadeza.

Ela morde o lábio e se mexe na cadeira. Em voz baixa, dispara:

— Tem alguma coisa estranha neste lugar.

Eu me sento.

— Como assim? — O catarro se acumula em meu peito, e começo a tossir. Ela se senta ao meu lado e bate de leve nas minhas costas. — Sissy, conte para mim.

Ela balança a cabeça.

— Você precisa descansar.

Eu seguro a mão dela.

— Conte.

Ela hesita.

— É difícil dizer com certeza. Não é nada grande, são várias coisas pequenas.

— Os garotos também repararam? Epap?

Uma pontada de frustração surge nos olhos dela.

— Tem comida demais, distrações divertidas demais aqui. Comentei sobre isso com Epap ontem, mas ele não se importou. Me disse para deixar para lá, parar de ser paranoica. Para relaxar e apreciar o lugar. Mas não consigo. Tem alguma coisa errada.

Naquele momento, ouvimos o som de passos se aproximando. A porta é aberta de supetão. Um homem alto, ligeiramente corcunda, como se constrangido pela própria altura, entra. Sissy fica tensa.

— O que você está fazendo aqui? — ralha ele, ríspido. — Isso não é bom. Isso não é nada bom!

— Qual é o problema? — pergunto.

O homem olha para mim.

— Você está acordado! — responde, oscilando.

— Estou.

Ele pisca com força, por um longo tempo.

— Sou o Ancião Northrumpton. Estou cuidando de você.

A voz dele é arrastada, e os olhos estão injetados. Mesmo da cama, consigo sentir o cheiro de álcool em seu hálito. Ele vai cambaleando até a janela e luta contra a tranca. Depois, ao se inclinar para fora, solta um grito ululante com as mãos em concha ao redor da boca. Até o grito é arrastado. Então se vira para mim.

— Prepare-se — diz ele. — O jantar será servido em alguns minutos. Um grupo de garotas o acompanhará até o refeitório, daqui a pouco. — Ele aponta para um armário. — Tem roupas de frio e do seu tamanho ali. Vou lhe dar um pouco de privacidade, para você se trocar. Mas seja rápido.

— Ele devia ficar na cama — interpela Sissy. — Está fraco. Podemos trazer comida para ele.

O ancião une as sobrancelhas, irritado.

— Ele vai jantar com o restante de nós no refeitório — responde. — O Grande Ancião Krugman ficará muito satisfeito em ver Gene acordado e bem. Muito satisfeito ao ver como cuidei bem dele. — O homem umedece os lábios e volta a atenção para Sissy. — E o que você está fazendo neste quarto? Não devia estar aqui.

Ela fica tensa, mas não responde.

— Vamos. Agora mesmo.

O homem sai do quarto e deixa a porta aberta. Não ouço o som de seus passos se distanciando. Ele está parado do lado de fora, esperando que Sissy saia.

Ela se inclina na minha direção, os olhos atentos.

— Escute, você precisa saber de uma coisa — sussurra, depressa.

— O quê?

— É sobre seu pa… — Ela olha para a porta. — Sobre o Cientista.

E, ao ouvir aquelas palavras, todo o ar no quarto desaparece. Eu lembro: os lábios grossos de Krugman se abrindo, o odor enjoativo do hálito dele no meu nariz, as palavras nos meus ouvidos: *Ele morreu. Em um trágico… incidente.*

Meu pai. Morto.

De novo. É a segunda vez que fico de luto por ele, sinto sua ausência, sou abandonado. Noto o vazio que ele deixou no mundo.

De repente, fica difícil respirar.

Sissy desliza a mão por cima da minha. O toque delicado é familiar. Percebo que foi a mão dela que segurou a minha nos últimos dias, um alívio frio na minha pele quente. Foi ela quem cuidou de mim até eu me recuperar.

— O que é? O que tem ele? — pergunto.

Uma tábua no piso do corredor estala. O ancião reaparece na porta de repente.

— Vamos! — grita.

Sissy fica de pé para ir embora, mas agarro a mão dela. Preciso saber.

Ela hesita ao ver minha ansiedade, mas pega um pano úmido e exagera ao molhar minha testa uma última vez. Enquanto faz isso, se inclina até os lábios encostarem na minha orelha.

— Foi suicídio — sussurra. — Disseram que ele se enforcou naquela cabana de madeira.

O quê?

— Sinto muito — sussurra.

Ouvimos um estalo mais alto quando o ancião começa a vir na nossa direção.

— Conversaremos depois — diz ela depressa, apertando minha mão antes de sair.

Ouço os passos deles se afastando. Fico sozinho em um silêncio intenso.

Suicídio não faz sentido. Meu pai valorizava a vida. Ele incutiu em mim, desde cedo, o quanto ela era sagrada. Durante nossa existência infernal na metrópole, ele recusou o caminho mais fácil que a morte oferecia. Em vez disso, vivia um dia de cada vez. *Viver* era um dogma para ele. E, se lutou para permanecer vivo naquela maldita metrópole por tantos anos, por que cometeria suicídio *aqui*, na Terra Prometida?

Um coral de vozes femininas entra de repente pelas janelas, interrompendo meus

pensamentos.

Os sinos de vento estão tocando
O sol reluz sobre o metal
Os sinos de vento estão cantando
É hora do jantar fenomenal

As vozes soam como uma só. Abro as cortinas e vejo as garotas bem ali. Em duas filas de dez, formando um semicírculo, olhando para mim. Estão fazendo uma serenata. Os rostos estão limpos e saudáveis, como se feitos do ar da montanha. Elas olham para mim, no segundo andar, com sorrisos sinceros.

Eu me afasto da janela e me encosto na parede, onde não posso ser visto. As vozes continuam a soar. Tenho vontade de fechar as janelas. A escuridão em mim está em guerra contra o sol que brilha lá fora, contra os sorrisos e a harmonia.

* * *

Três músicas depois, saio cambaleante do chalé. O sol faz meu rosto formigar de forma agradável. Isso, somado ao ar frio da montanha, parece dar vida aos meus ossos, faz eu me sentir um pouco otimista. Sissy está de pé e um pouco afastada, os braços cruzados sobre o peito. Achei que a cantoria cessaria quando eu saísse, mas elas continuaram mesmo depois que faço sinal para pararem. Os rostos redondos e angelicais coram de constrangimento sempre que elas me olham nos olhos, mas isso não as impede de me encarar. Os olhos estão arregalados, e as bocas, abertas, como se em uma expressão de espanto perpétuo.

O médico funga.

— É tudo beleza, paz e harmonia por aqui. Essa é a essência da Missão.

Depois da última música, o coral se dissolve ao nosso redor. Uma das garotas se aproxima de mim.

— Gostaríamos que você se juntasse a nós no jantar.

— É, acho que entendi — respondo, tentando parecer alegre e agradecido.

As bochechas dela ficam vermelhas.

— Venha com a gente, então — diz.

O grupo acompanha a mim e a Sissy pela rua de pedra em um semicírculo apertado. Cada uma sorri com exuberância, os dentes brancos brilhando ao sol. Enquanto seguimos para o centro da vila, os corpos delas bamboleiam e gingam de forma curiosa.

— É assim que elas andam — conta Sissy, ao meu lado. — Perguntei o motivo, mas elas me ignoraram. Como ignoram todas as minhas perguntas. — Ela baixa a

voz. — Acho que tem alguma coisa a ver com os pés dela. São minúsculos.

Ela está certa. Os sapatos que aparecem debaixo dos vestidos babados são saliências minúsculas.

Há mais garotas na rua, muitas delas bochechudas e barrigudas. É então que percebo que o que pensei ser robustez, na verdade é outra coisa: estão grávidas. Quando começo a prestar atenção, vejo garotas em vários estágios de gravidez andando para todos os lados com suas barrigas protuberantes. Tem pelo menos uma a cada três. Todas sorrindo, as bocas esticadas para deixar à mostra fileiras duplas de dentes brilhantes e brancos.

— Você está bem? — pergunta Sissy, olhando para mim de soslaio.

— Estou — respondo. Balanço a cabeça e afasto os pensamentos. — Onde estão os outros?

— Já devem estar no refeitório. Comem sem parar desde que chegamos aqui. As barrigas enormes são prova disso.

Como todas as outras pessoas aqui, estou prestes a dizer, mas já estamos entrando no refeitório.

A primeira coisa que chama minha atenção é o quanto o refeitório está lotado em comparação à primeira vez. Quatro longas mesas preenchem o lugar, cada uma com dois bancos compridos de carvalho. Todas estão lotadas de garotas da vila e de vários meninos pequenos, de uma ponta à outra. O salão está cheio, mas ordenado e silencioso. A luz do sol entra pelas janelas altas que vão até o teto, os raios formando ângulos ao nosso redor.

Sou levado para a frente do salão, até um palanque. Os garotos estão sentados ao redor de uma mesa colocada ali. Sissy está certa: todos ganharam peso. Estão com os rostos mais redondos e com um aspecto mais descansado. Estão felizes em me ver; Ben, David e Jacob correm para me abraçar.

— Ben! — exclamo, quando nos sentamos. — Suas bochechas! Estão do tamanho de balões!

Todos à mesa riem. Jacob entra na brincadeira.

— Parece que os cinco quilos que Ben ganhou aqui se concentraram apenas nas bochechas. — Ele estica a mão e belisca o rosto de Ben, de brincadeira.

— Há quanto tempo estamos aqui? — pergunto. — Três dias ou três meses? Vejam quanto peso ganharam!

Ben inclina a cabeça para trás e sorri.

— Você não pode nos culpar — responde, rindo. — A comida aqui é demais.

Nossa mesa não é a única no palanque. Outra, mais firme e com pernas tão majestosas e grossas que parecem crescer do próprio piso, fica na parte da frente. Em uma toalha de mesa engomada, talheres prateados brilham ao lado de pratos cintilantes.

— Os anciões se sentam naquela mesa — diz Jacob, os olhos na porta da cozinha.

Como se aquilo fosse combinado, um grupo de homens entra no salão. Todas as pessoas se levantam na mesma hora, mantendo as cabeças baixas em deferência. Eles entram em fila, as barrigas redondas pendendo por cima dos cintos. Krugman é o último, e os anciões sentam só depois que ele se senta, e então o restante de nós. Tudo é feito em um silêncio surpreendente. Até os bancos se arrastam no chão com o mínimo de barulho. Logo estamos todos sentados e perfeitamente imóveis, ninguém se mexe. Por fim, Krugman pega uma caneca e fica de pé.

É quando reparo que Sissy não está conosco. Ao pensar naquilo, lembro que ela sumiu do meu lado assim que entramos no refeitório.

— Estamos mais uma vez reunidos aqui, hoje, em comemoração à chegada de nossos valentes viajantes. A jornada foi longa, e os perigos que tiveram que enfrentar para chegarem a nós foram muitos. Uma chegada tão milagrosa pede várias comemorações. Pois nossos irmãos, antes perdidos, foram encontrados.

As pessoas aplaudem quando Krugman faz uma pausa. Ele olha com carinho para nós cinco.

Eu me inclino na direção de Epap.

— Onde está Sissy? — sussurro.

— Shh — responde ele, sem nem se virar para mim, os olhos grudados em Krugman.

— Aqueles de nós — prossegue o homem — que tiveram a sorte de conversar com eles, podem atestar: são almas gentis, inteligentes, atenciosas e sensíveis, guerreiros legítimos. Nós os recebemos como se deve receber uma pessoa da família: com braços calorosos e bem abertos, aceitando-os com alegria na comunidade da Missão. E hoje nossa alegria fica mais completa — continua, elevando a voz de forma dramática. — Pois Gene, o destemido líder do grupo de novos companheiros, se recuperou por completo da mais debilitante das doenças. Agradecemos ao Ancião Northrumpton pelo conhecimento e persistência em restabelecer a saúde dele. Fico feliz em dizer que o jovem Gene sairá da clínica para residir em um dos chalés.

O Ancião Northrumpton baixa a cabeça em agradecimento.

— Oremos — continua Krugman. Todas as cabeças se abaixam na mesma hora. — Grande Provedor, agradecemos pela abundância de comida e bebida, de alegria e luz do sol que o Senhor nos fornece com tanta fidelidade a cada dia. Agradecemos por conceder saúde ao nosso novo irmão, Gene. Rezamos para que, em Sua sabedoria e tempo, entregue a Origem ao nosso cuidado confiável. Sua fidelidade é enorme, Sua misericórdia é enorme, Sua gentileza é enorme, Sua proteção a esta amada comunidade é enorme.

Ele assente para uma garota na porta da cozinha, e quase no mesmo instante um

rio de pratos sai de lá, as serventes indo de um lado para outro.

— Onde está Sissy? — pergunto a Jacob, sentado do meu outro lado.

Ele mal ouve enquanto observa a comida chegar.

— Está sentada com as outras garotas na área principal — murmura Jacob, desinteressado. — Garotas não podem subir no palanque.

— Vocês deviam ter insistido para que Sissy…

Mas ele não está mais ouvindo. Virou-se para o outro lado. Está inclinado por cima de David, apontando para os primeiros pratos que se aproximam.

Procuro por ela nas mesas das garotas. Ali. No fundo, perdida no mar de rostos femininos. Sissy está sentada no meio de uma fileira, tão silenciosa quanto suas acompanhantes. Nossos olhos se encontram apenas por um segundo. Logo um grupo de garotas com bandejas chega até minha mesa e bloqueia a visão.

A comida, levada depressa até nossa mesa e devorada na mesma velocidade, está deliciosa. Servidos muito quentes, ainda fumegantes, os pratos têm nomes exóticos, anunciados pela garota que nos serve quando os coloca na nossa frente. Os outros atacam os pratos assim que eles encostam na mesa.

— Epap! — chamo. — Sissy deveria se sentar aqui conosco.

Ele balança a cabeça, as bochechas infladas.

— Ela está bem. As garotas comem no chão. Está no regulamento — responde, falando de boca cheia.

Ele enfia ainda mais comida na boca, sem conseguir acompanhar o ritmo dos pratos que chegam da cozinha. Em pouco tempo, começo a fazer o mesmo. Percebo que estou faminto, um sinal de que de fato estou curado. Os pratos saem da cozinha quentes, borbulhando, carne de esquilo, coelho, porco e vaca, tudo acompanhado dos molhos mais deliciosos e suculentos.

— De onde vem toda essa comida? — pergunto a ninguém em particular, e ninguém se dá ao trabalho de me responder.

Depois de duas rodadas de sobremesa, nós nos reclinamos nas cadeiras, empanturrados e saciados. Um sino toca no fundo do refeitório. Na mesma hora, todos os talheres são colocados na mesa. Os bancos são empurrados para trás, e as pessoas se levantam ao mesmo tempo. Só os anciões ficam sentados, ainda comendo.

Uma garota fica de pé no centro do salão.

— Uma leitura do regulamento — proclama com a voz alta e clara. — Primeira regra.

— Fiquem juntos em grupos de três ou mais — dizem todos, em uníssono. — A solidão não é permitida.

— Segunda regra — grita a garota alta.

— Sorriam sempre com a alegria do Provedor — gritam as outras, em resposta.

— Terceira regra.

— Obedeçam aos Anciões como obedeceriam ao próprio Provedor.

Elas continuam de pé quando um dos outros anciões, ainda mastigando, se levanta.

— Temos notícias maravilhosas. Hoje é o aniversário de Cassie, Fiona e Sandy. Cassie e Fiona dormirão na taverna esta noite. Sandy irá cochilar lá à tarde.

Não há resposta das garotas.

O ancião se senta. Naquele momento, todos saem, uma mesa de cada vez. Há um grande quadro-negro ao lado da saída. Quando cada garota passa por ele, para e lê.

— O que é aquilo? — pergunto.

— São as tarefas diárias — responde Epap. — Todos os dias, cada uma delas é designada para um chalé diferente para executar uma tarefa específica: costurar, cuidar dos bebês, cozinhar, o que for. Os anciões dizem que é bom ser capaz de fazer de tudo um pouco. As tarefas diárias são completamente aleatórias. Nunca se sabe com quem vai trabalhar e ao lado de quem vai dormir. Porque você dorme no mesmo chalé em que trabalhou naquele dia. Se trabalhar na casa de costura, passa a noite lá. Ajuda a desenvolver um senso de comunidade. Mistura as coisas.

* * *

Depois do jantar, Krugman e um grupo de outros anciões me levam para dar uma volta. Epap e os outros garotos, que já conhecem a Missão, se afastam. Não vejo Sissy em lugar nenhum. Quando pergunto sobre ela, os anciões apenas dão de ombros. Ao contrário das garotas, eles têm passos firmes, longos e naturais, e as botas pisam na rua de pedras e tijolos com confiança.

— Temos orgulho de duas coisas na Missão — comenta Krugman, com os braços gorduchos se mexendo para a frente e para trás. — Comida e música.

Aproveitando a deixa, um deles solta um arroto gigantesco, rouco e úmido, liberando o fedor de ovos podres e leite azedo. O cheiro se espalha entre nós.

— Essa não é a parte da música — comenta um dos anciões, dando uma risada, enquanto os outros gargalham em aprovação.

— Agora — diz Krugman, um minuto depois — chegamos ao setor de culinária da vila. Basta sentir o cheiro para saber que está aqui. Dá para engordar só de inspirar esses aromas doces. — Ele se aproxima dos chalés. — Venha, vamos espiar.

Entramos na casa mais próxima, a padaria. O aroma de pão, rosquinha e croissants assando preenche o ambiente. Sou o primeiro a entrar, e, um segundo antes de as garotas lá dentro notarem nossa presença, percebo suas expressões. Melancólicas, sérias, como se toda a cor tivesse desbotado, deixando a cozinha sem graça e

cinzenta. Mas de repente elas começam a sorrir e falar, como se uma luz tivesse se acendido.

— Bem-vindos! Que surpresa maravilhosa! — diz a mais próxima, sorrindo com alegria.

— Ofereçam gostosuras para nossos estimados convidados, depressa! — grita Krugman de forma estridente.

Nuvens de farinha voam da boca dele, parecendo a respiração de alguém quando faz muito frio.

Recebemos amostras de cupcakes e suflês, tudo delicioso. Quando saímos, as garotas fazem uma reverência com as mãos unidas à frente do corpo, agradecendo-nos pela visita. Todas estão sorrindo.

— Onde conseguem toda essa comida? — pergunto a Krugman, enquanto andamos pela rua. Passamos por um grupo de garotas carregando baldes de água, e elas dão sorrisos largos e fazem mesuras para nós. — Todos os ingredientes que elas estavam usando — prossigo quando Krugman não responde. — Vi poucas áreas de plantio, então de onde vem tudo isso?

Krugman olha para mim com alegria nos olhos, como se a felicidade por si só já fosse resposta.

— Tem que vir de algum lugar… — começo a dizer.

— O Bom Provedor é fiel — responde Krugman. — Novas provisões chegam a cada manhã, a cada manhã.

— Eu não acho…

— Ah, chegamos na próxima parada! O setor de canto! — grita Krugman, virando-se de costas para mim.

Dois anciões estão me encarando. Seus olhos ardem com uma simpatia corrosiva.

— Esses chalés aqui — anuncia Krugman — são as meninas dos meus olhos. É onde treinamos nosso coral. Escute, consegue ouvi-las?

Ele abre a porta, e a música para na mesma hora.

— Ancião Krugman, estamos tão felizes que vocês nos deram o prazer da sua visita — diz a garota sentada ao piano.

Pelo tamanho da barriga, ela parece estar ao menos com sete meses de gravidez.

Krugman sorri.

— Eu estava contando ao nosso convidado como vocês são um grupo especial. Sei que não vão decepcioná-lo.

— Claro que não.

Mais amabilidades são trocadas. As vozes delas são animadas, os rostos exibem sorrisos alegres e doces.

E é assim em todos os chalés que visitamos: o de carpintaria, o de marcenaria, o de costura e decoração, onde as garotas aprendem tricô, crochê, bordado, macramê e

ponto cruz. Somos cumprimentados com cabeças baixas e conversas vazias. Até as garotas que encontramos na rua principal agem com a mesma simpatia petrificada, os dentes à mostra, sorrindo para o chão. Apenas os bebês na maternidade, com fileiras e mais fileiras de berços ocupados, escapam da conversinha calculada, com choros e gritos de desagrado.

* * *

O passeio termina ao anoitecer. O brilho do crepúsculo, que cai como uma camada roxa de poeira sobre as montanhas, é apagado pelo cair da noite. Quase todos os anciões desistem do passeio, citam uma reunião qualquer e seguem para a taverna. Apenas os dois mais novos me acompanham, silenciosos e mal-humorados. As luzes dos postes estão acesas.

— Levaremos você para sua nova casa — dizem.

— Onde estão meus amigos?

Eles balançam a cabeça.

— Não tem lugar para você naquele chalé. Fomos instruídos a levar você para outro lugar. Você vai gostar. É novo, um chalé recém-construído, não tem mais ninguém dentro. Muita privacidade.

— Prefiro ficar com meus amigos. Não sei por que preciso ficar separado deles.

— Não fique assim. Você não é o único. A garota, qual é mesmo o nome dela, aquelazinha… Sissy. Ela está na fazenda.

Paro.

— Ela não está com eles?

— Ela tem pés grandes. Garotas com pés grandes não podem dormir na vila. Essas têm que dormir na fazenda. Está no regulamento.

— Falando no demônio — diz o outro homem. — Lá vem ela.

Sissy está com um grupo de dez garotas. Um ancião anda logo atrás dela, olhando para suas costas com uma atenção apavorante. Os braços gordos saem do colete sem mangas como bolhas peludas de banha.

— Oi, Sissy — digo.

— Oi — responde ela, mais do que depressa. — Gene.

Há um tom de súplica na voz dela. Mas o ancião a faz seguir em frente. O grupo segue pela rua de pedra. Observo-as sumirem na escuridão e reaparecerem, menores, no cone de luz do próximo poste. No último poste, Sissy se vira e olha para mim. Seu rosto está pequeno e pálido. Ela diz alguma coisa movendo os lábios, sem som. *Venha me encontrar.* E então sai da área iluminada e adentra a escuridão, que a engole inteira.

18

JULIA BRASA me visita durante o sono. É um sonho estranho que beira um pesadelo. Estou de volta ao Instituto Eper, sozinho na biblioteca onde fiquei hospedado. O fedor úmido de pó, livros mofados e páginas amareladas enche o ar. Julia Brasa surge da escuridão usando um vestido de noiva rodado de crinolina. Ela desce do teto, o rosto branco iridescente e indescritivelmente triste. Os olhos parecem enormes, de um jeito meio sobrenatural, envoltos com delineador preto e cobertos de lágrimas. Mas ela não está chorando quando segura minha mão. Não, ela não segura minha mão, e sim meu pulso, e é o primeiro sinal de que alguma coisa está muito errada.

Seguimos pelo caminho de tijolos na direção do Instituto. De cada lado, fileiras de funcionários nos observam, os rostos sérios e desinteressados, os corpos curvados de cansaço, como se estivessem esperando nossa passagem há muito tempo. Ninguém fala. Até o vento que sopra areia nas planícies do deserto está silencioso. E então, estamos entrando no prédio principal do Instituto Eper. No saguão, quando pisamos no carpete (o toque sedoso nos meus pés descalços é sedutor, e cada linha parece acariciar as solas dos meus pés), os caçadores aparecem para nos cumprimentar silenciosamente. Estão de cabeça para baixo no teto, coçando os pulsos sem pressa, os corpos balançando de leve como carcaças penduradas ao vento. Os ferimentos de nosso último encontro violento parecem me encarar, lacerações nas coxas e buracos nos peitos e cabeças. Lábios Escarlate ainda está empalada pelo arpão. Seus lábios vermelhos sussurram sem parar: *Gene, Gene, Gene.* O tempo todo, Julia Brasa segura meu pulso, não minha mão, e as unhas bem afiadas arranham minha pele. Como se tudo aquilo fosse muito engraçado, uma longa piada sem fim. Mas há delineador escorrendo pelo canto de seus olhos secos e sem expressão.

Ela me leva escada abaixo, nós dois descemos com facilidade. O frio do inverno aumenta, a escuridão fica densa a ponto de parecer que estamos forçando passagem através de um gel negro e frio. O vestido de noiva, branco e resplandecente, parece uma chama branca caindo em um poço escuro.

Na Apresentação, ela me amarra a um poste. Julia Brasa é meticulosa, mas parece entediada ao apertar as cordas ao redor dos meus pulsos e tornozelos, me deixando bem preso. Não sinto medo, nem um pouco. Ela está aqui comigo. Depois de examinar os nós, se afasta de mim, deslizando como uma aparição até o alçapão que

leva aos aposentos dela, o fosso. O alçapão se ergue quando se aproxima. Ela desaparece lá dentro, como um gênio voltando para a garrafa. O brilho do vestido é engolido, a porta se fecha, e a arena mergulha em uma escuridão impenetrável.

Então fico com medo.

Forço as cordas e, para minha surpresa, elas caem como tiras de gordura derretida. Tento encontrar o alçapão, mas a escuridão me cega. Estico os braços à minha frente, os dedos abertos.

Julia Brasa.

Mas as coisas ficam enevoadas na minha mente. Misturo o nome.

Brasa Julia.

Não, não, penso, balançando a cabeça. *Ju Brasia. Brase Juli. Venha até aqui, me ajude.*

De repente, estou nos aposentos dela, no fosso. Sei disso pela proximidade das paredes úmidas, a minha presença é como uma língua grossa e seca dentro de uma boca pequena.

— Ju Brasinha! — grito. — Ju Brasinha!

Ela aparece na escuridão, e o rosto é tudo que vejo. Mas é o rosto de outra pessoa, e fico confuso por um momento. Então percebo que é ela, mas suas feições estão sempre mudando e se transformando, os olhos encolhendo e se inclinando, as maçãs do rosto ficando maiores e caindo nas bochechas, o nariz se alargando e afinando, a cor dos olhos parece um prisma, mudando de verde para amarelo, então para preto. É ela. Em seguida, é Vestido Frufru. Depois, é Tanquinho. Por fim, é Lábios Escarlate.

Ela sussurra *Gene, Gene, Gene* sem parar, no começo com urgência e medo, mas depois com um tom resignado que deixa a fala indistinta. *Gene-Gee-Ge*... Até não parecer mais a voz de Julia Brasa, mas um amálgama de todas as vozes das garotas da vila, a princípio sorridentes e sonoras, depois, enriquecidas com uma energia que logo vira um frenesi, como uma plateia cantando. Cada vez mais rápido, cada vez mais alto, as vozes agudas atingindo um ápice desesperado.

Balanço a cabeça, tentando desanuviá-la. Mas a escuridão do fosso penetrou nas dobras do meu cérebro. Não entendo mais nada, não me lembro de mais nada. E é aí que está o horror, o que finalmente me faz despertar do pesadelo.

Não consigo mais me lembrar do rosto dela. Não consigo mais me lembrar do som da sua voz.

19

ACORDO COM um grito. O resquício do pesadelo envolve meu crânio como ferrugem ácida. Por um momento, penso que a febre voltou, mas minha testa está seca e fria ao toque. Fecho os olhos e tento voltar a dormir. Mas o sono foi embora, espantado pelo pesadelo, e não voltará esta noite.

Venha me encontrar, disse Sissy apenas movendo os lábios.

As estrelas estão brilhando como nunca. Nada se mexe, não ouço nenhum som vindo dos chalés ao redor enquanto caminho pela rua de pedra. Passo pelo refeitório, pela cozinha, com os aromas de carne assada ainda pairando no ar. Em frente à enfermaria, piso em algumas pedras maiores do caminho, largas como troncos de árvore. Mais cedo, vi Ben pulando nelas como se estivesse atravessando um rio, os braços esticados para manter o equilíbrio, rindo com prazer.

Um grito corta a noite, abrindo uma ferida.

É tão perto que fico paralisado. Antes que eu consiga me recuperar, a porta da enfermaria se abre bem na minha frente. Pressiono as costas na parede e tento me misturar às sombras.

Uma figura indistinta, corcunda e encapuzada fecha a porta e passa depressa por mim. Sinto o cheiro de fluidos corporais estranhos emanando dela. Está com alguma coisa nos braços, em um tipo de trouxa. E então, some. Mas não antes de eu ver uma perninha branca saindo do meio dos panos. É a perna de um recém-nascido, com dedos gordinhos e pequenos como girinos, quente no ar frio da noite. Ouço um choro leve e abafado vindo da trouxa.

A figura corcunda segue apressada pela rua, o choro do bebê já diminuindo.

Sigo-os a uma distância segura. O ser encapuzado sai da rua principal e segue para uma construção de formato estranho e sem janelas, afastada dos outros chalés. Ela é torta e inclinada, um dos lados formando um arco no alto e então descendo reto como um escorregador de parquinho.

Sob o luar, a pessoa para, virando o rosto pálido na minha direção.

Eu o reconheço. É um dos homens de confiança de Krugman, o ancião de olhos caídos, nariz aquilino e papada.

Fico escondido atrás de um chalé e torço para que as sombras me mantenham fora de vista. O som de passos vem na minha direção, baixos e rápidos. Prendo a respiração, sem ousar espiar, sem ousar me mexer. Os passos param. Um instante depois, recomeçam, mas se afastando de mim, o som diminuindo.

Quando espio, a rua está vazia. O ancião sumiu. Tento ouvir o choro do bebê recém-nascido, mas as ruas não oferecem ruído algum. Ando devagar em meio ao silêncio, permanecendo nas sombras. Tudo está quieto, tudo está vazio.

Apesar do frio, minhas costas estão cobertas de suor.

Minutos depois, mesmo afastado do centro da vila, seguindo pelas campinas de uma fazenda, ainda me sinto tenso. Dou passos nervosos e rápidos, e as pontas das minhas botas ficam úmidas com o orvalho. Na metade do caminho, olho para trás. Fora as pegadas dos meus próprios passos na terra, não há sinal de qualquer outra pessoa. À minha direita fica o lago glacial, banhado pelo luar.

A fazenda está silenciosa. Não estou familiarizado com o lugar e acabo entrando no galinheiro. Só algumas galinhas estão acordadas, as cabeças se movendo de um lado para outro, e o cheiro ruim das penas enche minhas narinas. Sigo para o pequeno chalé, onde acho que Sissy deve estar dormindo. Mas mudo de direção assim que ouço porcos roncando lá dentro.

Há um chalé isolado ao lado do pasto, e sigo para lá. Algumas vacas pastam, meras silhuetas, e sua presença é estranhamente calma e pacificadora. Nuvens de vapor saem de suas narinas como fumaça de uma chaminé no inverno.

Antes de eu chegar na metade do caminho, a porta da frente se abre e Sissy sai correndo. Ela não para quando se aproxima, e sim se joga nos meus braços e me dá um abraço apertado.

— Caramba, como é bom ver você — diz, a boca colada no meu ouvido. — Quando alojaram você, já não sabia mais em que chalé deveria entrar. Onde o colocaram?

— Qual é o problema?

Ela só balança a cabeça.

— Nada. Eu só queria ver você. Acho que virou um hábito checá-lo todas as noites. Fazia isso para ter certeza de que não estava morto. — Ela dá um passo para trás e bate no meu peito algumas vezes com o punho. — Por que demorou tanto para chegar aqui? Estou esperando há horas!

— Me desculpe. Acho que ainda estou me recuperando e precisava descansar.

Ela me puxa delicadamente pelo braço na direção do bosque.

— Vamos conversar. Mas não aqui — diz, olhando para o chalé.

* * *

Andamos em um silêncio confortável pela grama prateada. Ela segura minha mão, entrelaçando os dedos com os meus. Sua pele é fria, macia, delicada. Ainda fico surpreso com a sensação da pele de outra pessoa na minha. Depois de um momento

de hesitação, também aperto a mão dela. Sissy me dá um sorriso torto, e o cabelo, preso em um rabo de cavalo, balança.

No bosque, a escuridão e o silêncio nos envolvem como um domo. Não temos onde sentar, então ficamos de pé ao lado de uma sequoia alta. Estamos de frente um para o outro, os corpos bem próximos para compartilharmos calor. E tem outra coisa. Nossos rostos estão tão próximos que os vapores da nossa respiração se misturam e viram um só.

Há uma gotinha de umidade nos cílios dela. Tenho vontade de tocá-la.

— Você está bem? — pergunto.

Ela mordisca o lábio e assente.

— Não consigo acreditar que separaram você dos garotos — continuo. — Que jogaram você aqui, tão longe da vila.

— Está no regulamento deles.

— O precioso regulamento! Os outros não quiseram que você ficasse com eles?

— É claro. E foram insistentes.

— Então por quê…

— Os anciões foram mais insistentes. E eu não queria causar confusão nem ser malvista. Lembre-se, isso tudo aconteceu poucas horas depois de chegarmos aqui, e eu não sabia com quem estava lidando. Achei melhor não discutirmos. Assim, falei para Epap e os garotos que estava tudo bem.

— Não acredito que Epap não…

— Não, eu fiz acontecer. Eu insisti.

— Mas ele poderia ter lutado mais por você.

Ela balança a cabeça.

— Pegue leve com ele. Com todos os garotos. Depois de passarem a vida inteira em um domo, é de se esperar que percam um pouco a cabeça. — Ela sorri. — Eles estão cercados de comida, bebida e diversão. E Epap está recebendo mais atenção feminina do que consegue suportar. Estão todos apaixonados por este lugar.

— Eu não caio nessa, Sissy. Depois de tudo que você fez por eles, depois de tê-los trazido aqui, sozinha, sem que sofressem nem um arranhão, era de se esperar que demonstrassem um pouco mais de lealdade a você.

— Não fiz tudo sozinha — responde, apertando minha mão.

— Bem — digo, baixando o olhar quando o rubor invade minhas bochechas —, eu só ajudei um pouco, você fez o trabalho pesado.

Ela franze a testa.

— Eu estava me referindo ao seu pai. A tudo que ele fez: o mapa, o barco, a tabuleta.

— Ah, sim, meu pai — concordo. — É claro.

Ela ri. É um som estranho como um deslizamento, um escorregão. Sissy levanta a

mão e bagunça meu cabelo, seus lábios se abrem em um sorriso.

— Você achou que eu estava falando de você?

— Não, é claro que eu sabia que estava falando do meu pai.

E então, o clima muda. Talvez seja a tristeza que surge nos meus olhos, ou o quanto encolho os ombros, mas o sorriso dela desaparece. Ela continua a acariciar meu cabelo, mas com mais delicadeza e mais devagar.

— Sinto muito por seu pai — comenta.

— É difícil para nós dois.

— Mas deve ser pior para você. Ele era seu pai. — A respiração dela forma uma nuvem entre nós. — Disseram que o encontraram na cabana. Sem bilhete de suicídio. — Ela balança a cabeça de leve. — Não acreditei no começo. Não consegui. Não é nem um pouco o estilo dele.

— O que levaria meu pai a fazer uma coisa dessas? — Olho para as luzes distantes da vila. — O que há com este lugar?

Ela aperta minha mão com mais força.

— Gene, tem *tanta coisa* esquisita aqui.

— Reparei. Quer dizer, qual é o segredo por trás de pés tão pequenos, de tantas garotas grávidas? E os anciões, andando por aí como pavões? Tantos regulamentos e ordens. E onde estão os garotos adolescentes e as mulheres adultas?

— Você não sabe nem da metade — começa ela, animada. — Passou a maior parte do tempo inconsciente, imerso na bênção da ignorância. Em alguns momentos, tive vontade de estapeá-lo até você acordar, só para ter com quem conversar.

— E Epap e os garotos? Não repararam em nada?

Ela balança a cabeça em frustração.

— Os garotos, inclusive… não, Epap em especial, têm sido inúteis. *Inúteis*. Estão encantados demais com este lugar, totalmente alheios. — Ela range os dentes. — E, quando comentei com Epap, ele me acusou de ser paranoica.

Assinto, lembrando que ela mencionou isso mais cedo.

— Não consigo acreditar que ele acusou *você* de ser paranoica. Você é a pessoa mais equilibrada que conheço.

Ela solta uma gargalhada, e consigo ouvi-la suspirar de alívio.

— Ah, Gene — diz ela —, algumas vezes eles conseguiram me fazer duvidar até de mim mesma. Para ser sincera, passei muito tempo me perguntando se tudo isso é mesmo esquisito, ou se não é uma espécie de normalidade à qual não estou acostumada. Afinal, passei minha vida toda em um domo de vidro, portanto o que sei do mundo real? — Ela balança a cabeça e começa a bater no meu peito. — Nunca mais fique doente! Nunca mais me deixe sozinha desse jeito!

O som do vento se espalha no bosque e faz os galhos se moverem. Uma gota de água cai de uma folha lá em cima. Ela bate na têmpora de Sissy e escorre pelo

maxilar. Eu a seco, meus dedos úmidos em sua pele macia.

Ela ainda está batendo no meu peito, mas os movimentos estão mais lentos, distraídos, até que ela para de repente, a mão estática entre nós. Eu a encaro nos olhos. Antes, eram apenas castanhos. Mas agora parecem explodir com a cor do bosque ao redor de nós, da cor de castanhas, pomares e ciprestes.

Retiro a mão da lateral do rosto dela e envolvo seu punho gentilmente. Ela está prestes a dizer alguma coisa.

Então desvio o olhar e solto a mão dela.

Sissy abaixa o braço. Ficamos parados sem nos mover, sem falar nada.

— Você disse que eu não sei nem da metade — digo, por fim.

— O quê?

— Sobre a vila. O que mais você viu?

Ela olha ao redor.

— Ah, certo. — Ela ri, não com humor, mas como se estivesse limpando a garganta ou mudando de assunto. — Venha por aqui. Encontrei uma coisa muito estranha, uma noite dessas. Não sei o que é.

Ela me leva por entre as árvores, curvando-se vez ou outra para passar sob os galhos mais baixos. Paramos quando chegamos, de repente, a uma clareira. À nossa frente há uma barragem íngreme que divide a floresta em duas.

— Aqui em cima — diz, subindo o monte de terra.

Subimos a barragem, as botas fazendo rolar pedras soltas e seixos. No topo, vejo duas vigas estreitas de metal paralelas, com a distância do corpo de uma criança entre uma e outra. Parecem infinitas, seguindo por toda a extensão da barragem e desaparecendo em manchas idênticas de escuridão. Há tábuas perpendiculares às vigas, ligando uma à outra como os degraus de uma escada.

Sinto algo mais frio do que gelo me congelar por dentro.

Eu me abaixo e toco uma das vigas. O frio corta minha pele enquanto olho para a extensão dela, os olhos seguindo seu sumiço gradual na escuridão.

— Você sabe o que é isso? — pergunta Sissy. — É um trilho para algum tipo estranho de esporte?

Eu fico de pé e olho para a extensão das vigas na direção oposta, até desaparecerem. Meu pescoço fica tenso, e sinto uma apreensão cada vez maior.

— É uma coisa chamada "trilho de trem". Li sobre isso quando criança. Vi ilustrações em livros de contos de fadas.

— "Trilho de *trem*"? — Ela olha para os trilhos. — O que é um *trem*?

— Uma coisa grande — digo baixinho. — Uma locomotiva usada para viajar. Por distâncias enormes e inimagináveis, centenas de quilômetros, até. Passam em cima dessas vigas de metal. Com uma velocidade incrível.

Tento esconder a emoção, mas minha voz, trêmula, revela meu medo.

— *Centenas* de quilômetros?

Sissy dá um passo na minha direção, o rosto cada vez mais pálido.

— O que um *trilho de trem* está fazendo aqui?

— Não sei.

Ela olha para os chalés distantes da Missão.

— Gene — sussurra, com os olhos arregalados. — Que lugar é este? Onde estamos?

20

APESAR DE ter passado a maior parte da noite acordado, levanto-me logo que amanhece. Estou no meu quarto, mas não na minha cama. Sissy está deitada nela, perdida em sonhos, o rosto relaxado no travesseiro. Mas seu corpo parece tenso, mesmo durante o sono, como se a lembrança das últimas horas (e provavelmente, para ela, dos últimos *dias*) tivesse penetrado na mente, mesmo enquanto descansa.

Ela queria ficar comigo, foi o que disse na noite anterior, ao lado dos trilhos de trem. Perguntei se aquilo não podia nos trazer problemas. Se sua ausência não seria notada na fazenda, se não era contra o regulamento…

— Dane-se o regulamento — respondeu Sissy.

A verdade é que eu também não queria ficar sozinho. De volta ao meu chalé, depois que acendi a lareira, pois estávamos gelados até os ossos, ela adormeceu. E depressa, como se o fizesse pela primeira vez em dias.

Sem querer acordá-la, sento-me no sofá sem fazer barulho e fico olhando as brasas se extinguindo na lareira. As janelas à minha esquerda dão vista para o leste, e a cortina deixa escapar um brilho alaranjado. Nem meu corpo nem minha mente estão sonolentos, há apenas adrenalina. Em um minuto, coloco o casaco e saio.

O sol morno ganha força conforme sigo pelas ruas ainda vazias. O pico da montanha, elevando-se atrás da vila, está quase sem neve, apenas com a pontinha coberta de branco. Inspiro o ar limpo.

A rua contorna a vila na forma de uma ferradura, não chega a formar um círculo. Quando alcanço o final, minha atenção é desviada para um córrego à minha esquerda. Uma trilha bastante usada leva até a margem, onde há um deque de madeira coberto de varais. Tábuas de lavar roupa e baldes estão empilhados de maneira organizada sob um banco. Um gole de água cairia bem. Sigo para lá.

A água está fresca, limpa e fria. Depois de beber o bastante para saciar minha sede, molho o rosto e o cabelo. Gotas de água escorrem pelas minhas costas, pinicando e despertando meu corpo. Sinto os pensamentos se cristalizarem, a atenção se apurar.

Do outro lado do rio, uma pessoa está de pé. Observando.

— Oi, Clair — digo, surpreendido.

Ela não responde, apenas continua me olhando.

— Você não devia estar aqui — diz a menina, por fim. A voz autoritária corta o ar

parado. — É contra o regulamento.

— Nem você. Venha aqui — digo, chamando-a com a mão.

Por um segundo, ela hesita. Mas acaba cedendo e pula de pedra em pedra, atravessando o córrego quase sem molhar as botas.

— Ei — digo, percebendo uma coisa depois de ela ter atravessado —, como você fez isso?

Ela parece confusa.

— Usei as pedras. Você me viu…

— Não. O que quero dizer é que você não é como as outras garotas. Não anda cambaleando. Você é… normal.

— Você quer dizer feia.

— O quê?

— Tenho pés feios de homem. Pode dizer.

Olho para as botas dela, manchadas de um marrom mais escuro, por causa da água.

— Não vejo como…

— Sim, sim, eu sei. São enormes. São pés de homem. Já sei. Eles ainda não se transformaram em lindos pés de lótus. Não precisa ficar olhando. — Ela curva os lábios em repulsa. — Mas minha hora está chegando. Era para meu procedimento ter sido ano passado. Mas acabei recebendo uma tarefa.

— Tarefa de fazer o quê? Do que está falando?

— Eu coleto madeira. Preciso ter pés de homem para andar pela floresta e catar madeira. Essa é a minha função.

— Por isso que você estava tão longe da vila. Na cabana da montanha.

Ela arregala os olhos, alarmada. Observa os arredores depressa.

— Por que você não anuncia isso para o mundo todo? — Ela dá um passo para perto de mim. — Por favor, não conte para ninguém, certo? Não posso me afastar tanto. Ao menos, não mais.

— A cabana. Era lá que o Cientista, o Ancião Joseph, dormia, não era? Onde morava?

Ela assente e baixa os olhos.

— Por que ele morava lá? Tão longe da Missão?

— Tenho que ir.

— Não, por favor. Você é a única pessoa com quem posso falar aqui. O que aconteceu com o Cientista?

Ela estreita os olhos, desconfiada.

— Ele morreu. Se enforcou. — Ela me observa com atenção. — Não contaram para você?

— Não foi suicídio, não é?

O rosto de Clair fica sombrio, e ela arregala os olhos.

— Preciso ir — diz. — Estamos quebrando o primeiro regulamento: "Fiquem juntos em grupos de três ou mais. A solidão não é permit…"

— Sei o que o regulamento diz. Esqueça-o por um segundo, por favor? — Dou um passo na direção dela e suavizo a voz. — Este lugar me dá arrepios. Você pode me contar, Clair. O que aconteceu com o Cientista?

Por um momento, vejo um brilho nos olhos dela.

— Ele não se suicidou, não é? — pergunto, com urgência.

Alguma coisa nela cede. Sua postura relaxa, e ela abre a boca para falar…

O som de cantoria surge atrás de nós, enaltecendo o alvorecer e a graça e um novo e belo dia. Uma fila de garotas da vila, com pesados cestos de roupa suja nos braços, surge em uma curva. Elas param, surpresas por me verem no deque.

Eu me viro. Clair sumiu. Observo o bosque e tento ver movimento.

— Clair?

Mas ela desapareceu.

Frustrado, passo pela fila de lavadeiras. Elas fazem uma mesura, mantendo as cabeças baixas e os lábios arreganhados para expor os dentes, no que devia ser um sorriso. São tão falsos que até meus sorrisos fingidos parecem mais sinceros. *Bom dia*, dizem. *Bom dia. Bom dia.*

Algumas já dobraram as mangas, prontas para lavar as roupas no córrego. Vejo o brilho da pele e uma cicatriz feia e alta na parte de dentro do antebraço de uma delas. É uma crosta grossa no formado de um X, duas tiras rosa-claras, como sanguessugas cruzadas. Estou pronto para ignorar e seguir em frente. Mas vejo a mesma cicatriz em outra garota, só que dessa vez são duas.

Paro. Fico olhando para as cicatrizes. Percebo o que são. Percebo o que foi feito às garotas.

Elas foram queimadas, marcadas.

A garota percebe meu olhar e, mais do que depressa, puxa a manga rapidamente para cobrir as cicatrizes. Mas só a esquerda. Ela não toca na direita, ainda puxada até o cotovelo. A pele do antebraço direito também está marcada. Não com cicatrizes de queimadura, mas com uma tatuagem curiosa:

— Qual é seu nome? — pergunto a ela.

Ela se encolhe ao ouvir minha voz. Por um momento, fica paralisada. Todas ficam.

— Bom dia, senhor — responde, a boca sorrindo para o chão, a voz tremendo de medo.

— Qual é seu nome? — insisto, o mais delicadamente que consigo.

— Não podemos falar com você — explica ela.

Está encolhida.

— Por quê? — pergunto, tentando manter a voz firme. — Só seu nome. Só isso. Qual é?

— Debby — murmura ela, depois de um momento.

— Debby — repito, e ela pula ao ouvir o nome saindo da minha boca. — O que é isso? — pergunto, apontando para seu braço.

Ela olha para cima e vê que estou indicando a tatuagem.

— É minha Marca de Mérito — explica, encarando de novo o chão.

— O que é isso? — pergunto.

Mas ela não responde. Mechas soltas de seu cabelo voam ao vento.

— Qual é o problema? — insisto. — Por que você não…?

— Deixe-a em paz.

Há um som coletivo de surpresa. Mais do que depressa, todas as cabeças se inclinam ainda mais. Menos a da garota que falou. Os olhos dela estão grudados nos meus. Há medo neles. Mas também algo duro como pedra, que não murcha. Mas só por um segundo. Logo ela abaixa a cabeça e observa o chão.

Olho para a garota com atenção. É a mais alta do grupo, mas também a mais magra. Várias sardas se espalham por seu nariz e pelas bochechas. Mas esse não é o traço mais distinto. É o antebraço esquerdo. Ela tem *quatro* X marcados na pele. Brutais e feios, como instrumentos metálicos afundados na pele.

Ela levanta o rosto de novo e me encara. Sem timidez. Nem vergonha.

Na verdade, há um leve traço cauteloso de… esperança.

— O que é isso? — pergunto, apontando para as marcas no braço dela.

— São chamadas de Designações de Demérito.

Olho para o antebraço direito dela. Está limpo, sem nenhuma tatuagem de sorriso.

— Por que você tem essas… *Designações de Demérito?* O que significam?

E tudo que ela responde é:

— Por favor. — A voz é delicada, mas firme.

— O quê? — pergunto.

— Se eu responder suas perguntas, quebro o regulamento. E, se eu quebrar o regulamento, todas nós quebramos. Está escrito nos preceitos. *Culpa por associação.* Todas seremos punidas, não apenas eu. — Ela me encara de novo. Há uma súplica urgente em seus olhos. — Algumas de nós têm muito a perder com mais um demérito. — Ela baixa a voz. — Portanto, por favor, permita-nos continuar nossos afazeres. Por favor, deixe-nos em paz.

Dou um passo para trás, sem saber como responder.

Ela segue em frente.

— Vamos, garotas — chama, e todas a seguem para o deque, os pés estalando

com um som oco nas tábuas de madeira.

Sigo pela trilha, confuso. Há muitas perguntas ainda não inteiramente formuladas na minha mente, cujas respostas sei que não vou receber. As cores da vila cumprimentam meus olhos, os vestidos floridos de mais garotas seguindo pela rua de pedra, a mancha vermelha das chaminés de tijolo, o amarelo espalhafatoso das molduras das janelas.

Antes de fazer a curva, olho para o deque. Todas estão inclinadas, tirando as roupas das cestas e esfregando-as no rio. Só a garota de sardas está de pé. Mantém a cabeça virada para o lado, mas dá para perceber que me observa com atenção pelo canto do olho. Mas ela também se ajoelha e cuida da roupa suja.

* * *

Passo a manhã caminhando, como se imerso em um passeio casual e relaxado. Mas na verdade, estou de olhos bem abertos em busca de… não sei. Alguma coisa. Qualquer coisa que pareça estranha. Mas a paisagem é sempre a mesma — grupos de garotas iniciando a rotina diária: carregando sacos de farinha para a cozinha, tomando conta de um grupo de crianças pequenas no parquinho, martelando um novo armário no chalé de marcenaria, levando mamadeiras de leite até a maternidade, para as fileiras e mais fileiras de bebês, que choram nos berços. Quando fico com as pernas cansadas, sento-me na praça no centro da vila e observo o movimento de um dos bancos.

Sob a luz do sol, ouço o grito ocasional de uma águia voando baixo, a conversa das crianças, o barulho dos pratos vindo da cozinha. É fácil ser absorvido pelo ritmo provinciano, pelas cores quentes, pelos aromas de mel que vêm da cozinha. Quase consigo entender como Epap e os outros se deixaram enfeitiçar tão facilmente.

Meus pensamentos vagueiam até meu pai. Cada pedra em que piso nesta vila me faz pensar em quantas vezes ele pisou nela. A cada maçaneta que giro, a cada garfo que uso, eu me pergunto quantas vezes os dedos dele tocaram o mesmo objeto. As impressões digitais de meu pai estão em toda parte. Invisíveis. A presença dele parece estar flutuando pelas ruas, mantendo os olhos em mim, como se estivesse tentando me dizer alguma coisa.

Quando Sissy me encontra, estou sonolento e, apesar de tudo, quase feliz. Ela está tensa e se senta ao meu lado, a postura ereta.

— Não consigo encontrar os garotos — reclama, irritada.

— Você olhou no refeitório? — murmuro. — Ben deve estar lá.

— Ele não está lá. — Ela suspira. — Tem sido assim a semana toda. Todos os dias, eles saem para descobrir alguma nova atividade em algum cantinho. Não

consigo encontrá-los. Gene, acho que estou perdendo eles.

— Eles estão bem.

— Eu sei. — E então acrescenta, com a voz mais baixa: — Estão? Estamos?

Eu me sento direito e pisco até estar bem acordado.

— Devíamos perguntar a alguém onde eles estão.

Sissy ri com deboche.

— Boa sorte. As garotas não respondem as minhas perguntas. Nem olham para mim. Só para me encarar de cara feia quando pensam que não estou vendo, provavelmente porque estou quebrando outra de suas preciosas regras.

Naquele momento, ouvimos Epap gritando de empolgação. Ele saltita pela rua, com seu corpo magro.

— Sissy! Você precisa ver isso, você tem que ver isso!

Os pés dele levantam poeira quando para à nossa frente.

— O que é? — pergunta Sissy. — Acalme-se.

— Não dá para me acalmar com isso! — exclama ele, ofegante de empolgação. Epap me ignora, não lança nem um olhar na minha direção, e segura o pulso de Sissy. — Venha — diz, virando-se e a arrastando atrás de si.

Sissy puxa a mão de volta.

— Não mesmo.

Epap olha para ela com uma expressão magoada. Ele lança um olhar rápido para mim e depois para Sissy.

— Você precisa mesmo ver isso.

— O quê?

— É sério, é incrível. Vi um grupo de crianças em um passeio escolar. Fui atrás. Você não vai acreditar no que vi.

— Tudo bem, eu vou, mas não precisa arrancar meu braço.

Ele dá de ombros e sai andando. De tempos em tempos, olha para trás para ver se Sissy ainda está seguindo. Ele nos leva por um caminho sinuoso por trás do chalé da escola.

— Para onde está nos levando? — pergunto.

Ele me ignora e anda mais rápido na direção da construção escura e de formato estranho que reconheço da noite anterior. Para onde o ancião carregou o recém-nascido.

— Epap, que lugar é este? — pergunto, mas ele não responde.

Cerca de vinte crianças estão enfileiradas em frente às portas duplas, fechadas. Duas garotas mais velhas (as professoras?) conversam baixinho com um ancião. Todas as cabeças se viram quando chegamos.

— Você não vai acreditar no que tem aqui — comenta Epap, umedecendo os lábios.

O homem olha para nós quando nos aproximamos.

— Aqui é uma maternidade? — pergunto.

— Como é?

— Os recém-nascidos não são trazidos para cá?

A expressão dele fica rígida.

— Nada do tipo. A maternidade fica lá atrás — explica, apontando na direção geral da praça da vila. — Aqui é o Vastinário.

— O "Vastinário"? Vi um recém-nascido ser trazido para cá ontem à noite.

Ele olha nos meus olhos de repente.

— Não falamos sobre nascimentos. É contra os preceitos.

Ele me dá as costas.

Franzo a testa. Estou prestes a fazer outra pergunta quando as portas duplas se abrem. Um grupo de estudantes, piscando por causa da luz, sai lá de dentro. Os rostos são imagens pálidas e assustadas, como se tivessem acabado de assistir a um filme de terror que não deveriam ter visto.

— Epap — repito —, que lugar é este?

Mas ele está agitado demais, preocupado demais em ficar ao lado de Sissy para me ouvir.

O jovem ancião conversa com outro lá dentro, sussurrando baixinho e olhando para nós de vez em quando. Por fim, eles assentem em concordância, e somos todos levados para dentro em fila única.

As portas de ferro se fecham atrás de nós, mergulhando-nos na escuridão. Ouço um zumbido metálico vindo da porta, e faz-se silêncio. Estamos dentro, estamos trancados.

— Não tenham medo, não tenham medo — sussurra Epap, em algum ponto na escuridão, a voz trêmula de empolgação. — Sissy, isso vai ser tão incrível.

Uma das professoras fala:

— Daqui a pouco, a próxima porta será aberta. Ela leva a um pequeno auditório. Andem com cuidado, pois lá dentro está ainda mais escuro. Sentem-se na segunda fileira. Vou entregar um Brilho Incandescente a cada um de vocês quando entrarem, mas não o acionem até eu mandar.

Com um estalo metálico, as portas se abrem. Entramos. Alguma coisa é entregue para mim. É leve, tem uns trinta centímetros e parece um tubo de plástico. Deve ser o tal Brilho Incandescente.

Avançamos até a ponta de um banco curvo e nos sentamos. Uma forma escura se aproxima de mim.

— Venham comigo — diz a professora. — Temos assentos especiais para convidados tão estimados como vocês. Normalmente, só os anciões são permitidos lá, mas abriremos uma exceção para os três.

Sissy, Epap e eu nos levantamos e seguimos para a fila da frente. O banco VIP é mais largo e acolchoado, com almofadas de veludo.

A voz da professora soa atrás de nós.

— Bem-vindos à visita bimestral ao Vastinário. Como sempre, o objetivo dessa visita é nos lembrar do mundo cruel pelo qual temos que zelar, reacender em nós um senso de propósito e missão. Tornar real aquilo que pode acabar se tornando meramente abstrato e teórico.

Ao meu lado, Epap está pulando de empolgação.

— Agora — continua a professora —, peguem os Brilhos Incandescentes. Dobrem até estalarem e os joguem uns vinte metros à frente de vocês.

Imediatamente, da fileira atrás de nós, ouvimos uma série de estalos na escuridão. Uma luz verde difusa se acende. Menos de um segundo depois, filetes de luz verde rodopiam sobre nossas cabeças e batem em uma parede de vidro à frente. Os tubos quebram com o impacto e espalham um fluido verde, que escorre e ilumina a parede de vidro. E o que há entre as paredes, dentro do espaço isolado.

A câmara engloba uma área do tamanho de uma sala de aula. Uma garota pequena e bem nova está lá dentro. Ela tem o corpo magro e elegante, além de cabelos negros e compridos que tapam parte de seu rosto. Os olhos têm um formato felino, uma intensidade incrível, e os lábios são pequenos. Ela move a cabeça lentamente, como se com grande relutância. Olha com desinteresse para a fila de alunos, mas, quando nos vê nos assentos VIP, inclina a cabeça para o lado com violência. Ela nos encara com atenção.

— O que está acontecendo? — pergunta Sissy, com urgência na voz. — Por que aquela garota está lá dentro?

Epap mal consegue se controlar. Ele desliza no banco para mais perto de Sissy, a boca se abrindo em um sorriso largo.

— O que faz você pensar que é uma garota? O que faz você pensar que é uma humana? — Ele inspira uma vez, duas, bem depressa. — É um deles. Um "noturno". É como são chamados aqui. Nome adequado, não é mesmo, considerando que só saem à noite. Queria que tivéssemos pensado nisso. Todos esses anos sendo observado por eles, teria sido bom ter um nome para gritar de volta.

Sissy se encolhe, e seu rosto parece se paralisar em choque. As mãos agarram a beirada do banco. Vejo os ossos saltando de tensão enquanto ela olha para a garota presa. A *noturna*. Sussurro a palavra:

— Noturna.

O que ela está fazendo aqui? Como chegou a esta vila?

Epap dobra o Brilho Incandescente ao meio. A luz verde ilumina seu rosto, que de repente ficou sério. Ele se levanta e joga o tubo com toda a força, que voa até se estilhaçar bem no centro do vidro. Ele levanta a mão em comemoração, mas repara

no bastão ainda em minhas mãos repentinamente inertes. Ele o pega, dobra e joga com um grito. O tubo se quebra contra o vidro, bem na frente da garota. Ela nem pisca. Ainda está olhando para nós. Para mim.

Atrás de nós, todos estão em silêncio. Não se ouve nem um som no grupo de crianças.

Epap finalmente se senta.

— Esperem só o que vem a seguir — diz, com a respiração pesada.

Botas estalam pelo corredor central. Uma professora se aproxima, os braços ao redor de um recipiente de plástico com tampa, cheio até a boca com um líquido escuro que chacoalha lá dentro. A noturna fica ereta de repente, as costas inclinadas e os olhos grudados no pote.

— Nunca devemos esquecer, nunca devemos parar de temer — sussurra a professora — a fome e a sede insaciáveis que os noturnos têm por nossa carne e nosso sangue. Observem e aprendam, pequenos.

A professora fica de pé em frente a uma abertura no vidro, com dimensões tão pequenas que mal acomodariam o punho de uma criança. Ela faz uma pausa. A noturna, como se agisse conforme o combinado, desloca-se para o lado oposto da câmara, os olhos fixos no recipiente. A professora espera até a noturna se agachar no chão e coloca o pote na abertura mínima, então fecha a porta e a tranca.

Uma porta correspondente se abre no interior da câmara. No mesmo instante, a noturna dá um salto e percorre toda a extensão da câmara. Ela não diminui a velocidade, apenas se choca contra a parede com uma força que teria provocado uma concussão em uma dezena de crânios. Estica a mão para a abertura enquanto se joga no chão, os braços e pernas se debatendo como se cada membro fosse uma entidade separada e estivesse competindo com os outros.

Uma garotinha grita na fileira atrás de mim. Ouço outro grito lacrimoso, e o som de choro se espalha entre as crianças.

A noturna rasga a tampa com os dentes e derrama o líquido garganta abaixo. Em segundos, acaba com o conteúdo do pote e usa a língua para lamber o sangue que escorre pelos cantos da boca. Ela olha para mim outra vez. Uma tristeza surpreendente enche seus olhos, e uma expressão de vergonha se espalha pelo rosto da noturna. Ela vira de costas e se recolhe a um canto, a única parte da câmara ainda tomada pelas sombras.

— E isso foi só sangue de porco — sussurra a professora, acima dos soluços das crianças. — Nas raras ocasiões em que recebe sangue humano, ela fica muito mais frenética, muito mais desesperada.

Sangue humano?, me pergunto, e fico arrepiado com o pensamento.

A professora anda até onde a noturna está agachada. Ela estala outro Brilho Incandescente e o segura perto da garota.

— Vejam como a luz os incomoda — comenta, enquanto a noturna se afasta, protegendo os olhos com os braços. — Noturnos têm aversão a quase todas as luzes que conhecemos. Eles se escondem até da lua cheia.

— Como vocês conseguiram essa noturna? — pergunta Sissy, com voz tensa.

— Nada de perguntas — diz a professora. — É proibido fazer perguntas no Vastinário.

— Por quê?

Uma pausa.

— É assim que as coisas são.

Desta vez, não é a professora quem responde. A voz é masculina. O ancião. Ele está de pé perto da porta, escondido nas sombras.

— Só quero saber…

— Prossiga — instrui o homem para a professora, com voz alta e indiferente.

Epap se inclina para Sissy.

— Esta é a melhor parte — sussurra, com empolgação.

Outra professora atravessa o corredor carregando um pesado saco de juta pingando sangue. Ela vai até um dos lados da câmara, onde percebo pela primeira vez que há uma porta. Existe um motivo para eu não tê-la notado: é quase invisível, pois não passa de um contorno retangular no vidro, com uma maçaneta fina de metal na parte de fora e uma tranca eletrônica ao lado.

Dou um pulo no banco.

— Não é possível! Digam que não vão abrir essa porta.

A professora para de arrastar o saco por um segundo.

— É claro que não. Não seja ridículo.

Ela volta a puxar o saco, ignorando a porta.

— Essa porta funciona? — pergunto.

— Hã? — exclama a professora, bufando de cansaço.

— A porta. Com o teclado numérico.

— É segura, não se preocupe. Fica sempre trancada. Só os anciões de alto escalão sabem a combinação.

— E para que é usada? Não é arriscada demais para…?

— Chega de perguntas! — A voz do ancião soa alta, como uma porta batendo com força.

A professora arrasta o saco até o canto. A noturna observa, inclina a cabeça e corre até um pequeno quadrado de água no chão, perto da parede de vidro. Até esse momento, eu não tinha reparado no poço. A superfície da água é plana como um espelho, um quadrado perfeito de no máximo noventa centímetros de lado. A noturna para em frente à piscina chutando poeira na superfície da água, criando ondulações.

— Noturnos amam carne humana — explica a professora —, mas também comem

qualquer tipo de carne animal. Hoje, temos carne de porco.

E é nessa hora que reparo em outra piscina quadrada. Esta fica do lado de fora da câmara de vidro, aos pés da professora, mas com dimensões idênticas à de dentro. Fica bem do outro lado do vidro, como se fossem imagens espelhadas uma da outra. A professora levanta o saco bem acima da água e o deixa cair, fazendo barulho. Para minha surpresa, o saco é engolido, desaparece completamente e então volta à superfície como uma rolha.

— Na verdade, isso é um poço em forma de U — explica a professora, para mim e Sissy —, com um túnel vertical dentro da câmara de vidro e outro aqui, do lado de fora. Esses dois túneis estreitos descem por dez metros até se encontrarem, formando um U. As aberturas, como vocês podem ver, estão aqui aos meus pés. — Ela dá uma olhada para dentro da câmara de vidro. — E aos pés da noturna. O poço está completamente cheio d'água. Como eles não sabem nadar, se afogariam até em uma poça, os idiotas, é perfeitamente seguro. Na verdade, os noturnos têm tanta aversão à água que muitos especulam que esse poço é a parte mais segura da câmara. Na minha opinião é absolutamente genial, simples e brilhante. Ele nos permite alimentar o noturno com itens grandes, como esses pedaços de carne de porco, que não passam pela pequena abertura no vidro.

A professora pega uma vara comprida debaixo de uma fileira de assentos e a enfia no poço. Então, usa-a para empurrar o saco. Quando está quase completamente submerso, ela o inclina na direção do vidro e balança. Satisfeita, puxa a vara de volta.

— Empurrei o saco para o outro lado. Já deve estar flutuando, subindo pelo túnel lá dentro. Só precisamos esperar. Não deve demorar.

A noturna está de quatro, olhando atentamente para a abertura cheia de água, o queixo quase tocando a superfície. Seu corpo treme de expectativa, filetes de saliva pingam na água. As luzes começam a se apagar, e a professora aciona outros Brilhos Incandescentes. A noturna se encolhe por causa da luminosidade, mas não se afasta. Ela deixou o cabelo preto cair na frente do rosto. Como se estivesse se escondendo de vergonha. Seus quadris se elevam quando ela aproxima a cabeça mais ainda da água. Em um piscar de olhos, enfia um braço na piscina até a axila, virando o rosto a poucos centímetros da superfície.

O saco é retirado da água, e a noturna rasga o tecido. Pingos de baba e gotas de água voam pelo ar e salpicam o vidro. Ela rosna e enfia a cara na carne fria e úmida.

De repente, Sissy se levanta do banco e sai. O ancião ao lado da porta tenta impedi-la, mas ela empurra o braço dele. Ouço as portas se abrindo, vejo luz entrando e sumindo. Quando a alcanço, ela está com o rosto virado para o sol, inspirando fundo para se acalmar e apertando os olhos por causa da luz brilhante.

Mas Epap me empurra e corre até ela.

— Sissy, qual é o problema? — pergunta.

Ela se afasta dele.

— Me deixe em paz!

— Qual é o problema? — Ele está genuinamente confuso. Seus olhos vão de Sissy para o Vastinário. E depois para mim. — O que você fez com ela? Por acaso tocou nela? No escuro?

— De que você está falando? — pergunto.

— Não, é sério. Você tocou nela?

— Pare, Epap! — A voz de Sissy soa alta, mas resignada. — Ninguém tocou em mim.

— Sissy — chama ele.

Ela não responde e sai andando, com as pernas estranhamente bambas. Epap corre para alcançá-la e coloca as mãos nos ombros de Sissy, incerto. Ela se contorce para se livrar e empurra os braços magros dele para longe.

Aquilo o deixa irritado.

— O que foi, Sissy?

Ela se vira para Epap.

— Como pôde fazer isso comigo? Por que me levou lá para dentro?

— O quê?

— Como pôde pensar que isso seria algo que eu gostaria de ver?

— Não, não, você não entendeu. É perfeitamente seguro. Aquele vidro é como o do Domo. É impenetrável. E a porta está bem trancada. Quanto ao poço, você ouviu a professora, está cheio de água. Os noturnos não conseguem passar. Eu nunca colocaria você em perigo, Sissy, você sabe disso…

A raiva deixa o rosto dela vermelho.

— Não é disso que eu estou falando!

— Sissy! Não estou entendendo. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Pensei que você fosse gostar. Por que não gostaria? Depois de tudo que eles nos fizeram passar, agora é a nossa vingança. "Vejam só, seus patetas, vejam como é ficar em uma prisão de vidro! Serem observados como animais!" — Ele está quase gritando. — Por que você não iria gostar disso?

Balançando a cabeça, ela anda até mim e me puxa pelo cotovelo.

— Você vem comigo? — pede baixinho. — Precisamos chegar ao fundo disso.

Epap está desnorteado. Não sabe o que fazer com os braços inertes, com a cabeça que balança, nem com as partes que parecem desabar no chão. Seus olhos se dirigem para a mão de Sissy no meu cotovelo, e, quando se encontram com os meus, parecem aguçados por um entendimento triste.

— O que ele tem? — pergunta, apontando o polegar na minha direção. Como ela não responde, Epap anda atrás de nós. — O que ele tem que a deixou tão fascinada?

Gene só precisa assobiar que você vem correndo.

Ele segura-a pelo cotovelo, vira-a para si e afasta a mão dela do meu braço. Sissy puxa o braço, e parece prestes a dar um soco na cara dele. A quebrar seu nariz ou deixá-lo com o olho roxo.

Mas ela se segura. O punho fechado treme ao lado do corpo.

Epap não se deixa intimidar.

— Veja atrás de quem as garotas da Missão estão. Veja para quem ficam olhando. Veja quem as faz corar. Sou eu, Sissy! Eu! Não ele! Você não as viu? Não notou como me seguem, falam de mim, olham para mim? Talvez devesse prestar mais atenção. Quem sabe pararia de me ignorar e começaria a me enxergar *de verdade*.

Sissy o encara com raiva, o maxilar tenso.

— O que mais preciso fazer, Sissy? Todos esses anos, a vida toda que passamos juntos, isso não significa nada? Esse cara novo chega como quem não quer nada, e na mesma hora você começa a babar por ele. O que ele tem que eu não tenho? Eu faço qualquer coisa por você, e você me despreza. Você me *despreza*, Sissy. — Ele dá um passo para a frente e invade o espaço dela. Mas Sissy não se move, não recua. — Não vê o que eu tenho para oferecer? Todas me querem, mas é você quem *eu* quero, é para você que estou disposto a dar tudo.

Há uma pausa curta, e a expressão dela se suaviza. Sissy dá um passo na direção de Epap, e os olhos dele se iluminam, mas ela passa direto pelo garoto.

Seu rosto desmorona.

— Sinto muito, Epap — diz Sissy.

Ela me segura pelo cotovelo e me puxa delicadamente. Juntos, nos afastamos. Ela não olha para trás.

21

— PARA ONDE vamos? — pergunto a Sissy, enquanto andamos depressa pela rua.

— Vou chegar ao fundo de tudo isso, Gene.

— Mas me conte o que tem em mente.

— Vou procurar Krugman. Vou arrancar as respostas dele.

Dez passos depois, digo:

— Sissy, precisamos prosseguir com cautela.

Ela para. Seus olhos parecem brasas.

— Nós dois sabemos que tem alguma coisa muito errada nesta vila. A noturna cativa. Os trilhos de trem. — Ela balança a cabeça. — Tenho certeza de que alguma coisa aqui levou seu pai ao suicídio! O momento de prosseguir com cautela acabou!

— Eu sei disso, Sissy! Mas nos dê um pouco mais de tempo para investigar por conta própria. Revelar nossas desconfianças para Krugman a essa altura não é a melhor estratégia.

Ela chuta o chão.

— Você está se esquecendo de uma coisa. Apesar de isso tudo ser novidade para você, já estou aqui há cinco dias. E cansei de xeretar, de bancar a detetive. Chega de cautela. — Ela passa a mão pelo cabelo. — Quer saber? Vou sozinha se precisar. Mas prefiro ter você comigo, Gene.

Vejo a intensidade de seu olhar. Ela pode estar certa. Talvez um confronto seja a única forma de obter respostas. Penso nas garotas lavando roupa esta manhã, nas tatuagens e cicatrizes. Na relutância em falar. Assinto. Um brilho de satisfação surge nos olhos de Sissy.

* * *

— Onde está Krugman? — pergunta Sissy, dirigindo-se a um grupo de garotas quando passamos por elas na rua.

Todas balançam as cabeças e dão sorrisos vagos.

— Onde está o Grande Ancião Krugman? — pergunto, a outro grupo de garotas.

Elas fazem mesuras, balançam a cabeça e se recusam a me olhar nos olhos.

— É inútil! — reclama Sissy, frustrada.

— Ei, você! — grito para um ancião, através de uma janela aberta.

O homem está jogado em uma cadeira lá dentro, os pés no tampo da mesa e uma caneca na mão. Ele pisca, com os olhos embaçados. A espuma da cerveja escorre pela lateral da caneca.

— O que foi?

— Diga onde Krugman está! — grito, sabendo que estou fazendo uma cena.

Pela janela, vejo que todos os anciões estão dentro do que parece ser uma taverna. Eles me olham com os olhos úmidos e a expressão divertida.

— Você não precisa saber — responde o homem.

— É urgente. Preciso falar com ele.

Ando até a janela.

— Ah, e quem não precisa?

As palavras saem arrastadas. Lá dentro, a taverna está cheia de homens em vários estados de embriaguez. As canecas de cerveja, taças de vinho e copos de uísque firmes nas mãos de dedos grossos e inchados. O cheiro de álcool se mistura com a fumaça do tabaco, aumentando o fedor que sai de suas bocas frouxas.

Eu me afasto da janela. Quando desapareço, eles pensam que desisti e fui embora. Alguém murmura algo, seguido de um estrondo de gargalhadas. Sissy e eu os surpreendemos ao passar pela porta vaivém segundos depois. Os sorrisinhos desaparecem.

— Disse que preciso ver Krugman. Onde ele está?

Um ancião no bar encosta o ombro no meu.

— Qual é o problema? Talvez eu possa ajudar — pergunta, com a voz animada e ansiosa, e percebo a zombaria.

As risadas que surgem em seguida confirmam minhas suspeitas.

Mas então vejo um ancião com olhar nervoso e gargalhada ansiosa virar o rosto para os fundos da taverna. Para uma porta fechada.

— Ele está ali dentro? — pergunto, apontando para a porta.

De repente, os risos morrem. O ar parece ter sido sugado da sala, substituído por tensão.

— Ele está lá dentro, não está?

Já estou indo para a porta, com Sissy me seguindo de perto.

Os homens se levantam ao mesmo tempo, a embriaguez descartada como se fosse uma escolha, e arrastam cadeiras e bancos pelo piso de madeira. Eles não emitem sequer uma palavra ao se moverem depressa para bloquear a passagem. Um deles estica o braço e empurra meu peito.

— Já chega, bonitão — diz.

— Ele está ali dentro. Preciso falar com ele.

— Não pode.

— Então peça para ele sair.

— Não. Você precisa…

— Krugman! — grito. — Krugman! Preciso falar com você. Agora!

Os outros homens não perdem tempo. Em um piscar de olhos, todos me cercam, agarram minha nuca, meus braços, meus ombros…

— Isso é mesmo necessário? — pergunta Krugman, abrindo a porta. Ele a fecha atrás de si, e seus dedos tocam os painéis de madeira. Sua voz é suave, com um tom casual, enquanto abotoa a calça e bota a camisa para dentro. Seus olhos estão claros e brandos, calmos. — Parece até que tem uma avalanche vindo para cá. — Ele olha para os anciões. — Não tem, tem?

— Não, não — responde um homem. — Só um rapaz e a namorada dando um chilique por nada.

— Explique por que vocês têm um deles, um noturno, nesta vila — exige Sissy, ao meu lado.

— Ah, vejo que vocês tiveram chance de visitar o Vastinário — diz Krugman. — Eu mesmo ia levá-los lá, mas parece que não será mais necessário. Ah, e eu prefiro qualquer outro termo a *vila*. Faz a Missão parecer tão… provinciana.

— O que um noturno está fazendo aqui? — pergunto.

Ele assente para alguém no bar. Momentos depois, são trazidos dois copos com uísque. Krugman segura um em cada mão.

— Você não estava prestando atenção durante a apresentação no Vastinário? A noturna tem um propósito educativo. Serve para lembrar nossas crianças, da forma mais visceral possível, dos perigos que se escondem na Vastidão além da segurança dos nossos muros. Vocês deviam ter prestado mais atenção.

Ele estica o braço e me oferece a bebida. Ignoro a oferta.

— Eu estava prestando atenção. Agora é você quem precisa prestar atenção em mim. — Krugman arregala os olhos. — Eu morei no "mundo lá fora". Sei, por experiência própria, do que eles são capazes. Nada os detém quando o assunto é sangue humano. Ao manter um noturno aqui, você trouxe o perigo para dentro da própria casa.

— A noturna está presa — retruca Krugman, elevando a voz. — Se você soubesse alguma coisa sobre aquele vidro, entenderia que não tem como ela escapar. É inquebrável. Sabe, o vidro…

— Eu conheço a tecnologia daquele vidro. E conheço muito bem os noturnos. Aquela garota pode parecer fraca e dócil dentro daquela câmara, mas está tramando um jeito de fugir enquanto conversamos. E pode acreditar: ela vai sair.

Alguma coisa na expressão de Krugman se enrijece de repente. Ele inspira com força, o peito estufando, e depois solta o ar. E, quando olha para mim de novo, sorri

gentilmente, mantendo o queixo abaixado. Uma pinta gorda e preta aparece em uma das dobras da papada gorda, como um olho de ciclope perfeitamente centralizado, e de cabeça para baixo. Alguns pelos saem da pinta, como água de uma lata virada.

— A Missão é como um motor bem lubrificado. Os cidadãos vivem vidas ocupadas e satisfatórias. Além do mais, são felizes. Dá para ver isso em como sorriem, como cantam. A felicidade deles é de extrema importância para nós. *Extrema*. É nosso dever garantir que eles tenham uma infância mágica e feliz. Cada necessidade, cada vontade, é satisfeita. Em abundância.

Os olhos dele se enchem de uma mistura de júbilo e ódio.

— Desde que você chegou aqui, satisfizemos todas as suas necessidades. Comida, cuidados médicos, roupas, entretenimento. — Sua boca se curva em um sorriso de desprezo. — Mas talvez você tenha outras necessidades que não conseguimos atender?

— Acho que não estou entendendo — respondo.

— Ah, é claro que não — retruca ele, e pisca para mim. — Você apreciou a comida, não tenho dúvidas. E tenho certeza de que apreciou o chalé também. Talvez — continua, dando um sorrisinho para os outros anciões — também queira apreciar as garotas. Isso pode ser facilmente resolvido.

Alguns dos homens dão risadinhas de deboche.

— Seu companheiro Epap parece ter gostado das garotas daqui. E temos mais do que o suficiente. Tenho certeza de que você já viu quantas moças bonitas temos na Missão. Deixamos as… menos atraentes na fazenda, fora do caminho.

— O que os olhos não veem, o coração não sente — concorda um ancião, e mais risadas são ouvidas.

— Sabe — continua Krugman, após um momento —, essa é a parte em que você ri conosco. Em que damos tapinhas nas suas costas, o seguramos pelos ombros e o levamos para a sala de observação.

— Não sei do que você está falando — respondo.

— O mocinho ainda não foi iniciado.

O ancião que diz isso, um homem alto com olhar vidrado, bate com os dedos na barriga protuberante. Os outros riem com ele.

— O rapaz está um pouco tenso, pobrezinho — provoca Krugman. — Toda essa repressão o deixou tenso. Devíamos ter tido mais consideração com as necessidades dele. Vamos, então? Para a sala de observação? Há garotas em abundância lá.

Sissy responde às minhas costas:

— Acho que não. Mas falando em abundância… De *onde* vem tanta comida? Onde conseguem todos esses suprimentos? Os medicamentos, as ferramentas, os talheres, o vidro…

— Vejo que vocês têm várias perguntas — retruca Krugman, observando-nos com

olhos frios e avaliadores. Por um momento prolongado, o silêncio predomina. Mas então ele sorri com aquele carisma envolvente. — E não vão ficar satisfeitos até terem respostas — continua, em um tom simpático. — São como gatinhos, os dois. Dois gatinhos curiosos. Miando como gatos de rua no cio.

Um dos homens sorri, os lábios abertos em uma careta torta.

Krugman funga e observa o muro da fortaleza.

— Venham, então — diz, apontando para o lado de fora. — Ficarei feliz em responder suas perguntas. Mas vamos para meu escritório, certo? Fica na torre do canto do muro. Não é longe, é uma caminhada curta a partir daqui.

Nesse momento, a porta fechada atrás de Krugman se abre. Uma garota jovem sai de lá, o cabelo desgrenhado e amassado de um lado. Ela leva um susto ao ver todos aqueles homens, aperta o cobertor ao redor do corpo e cobre depressa o ombro desnudo. Então abaixa a cabeça, murmura um pedido de desculpas e volta para o quarto, fechando a porta.

Ninguém comenta. Krugman se vira, encara a todos e sorri.

— Bem — diz, o hálito de vinagre vindo na minha direção. — Essa aí com certeza já foi “iniciada”.

22

ENQUANTO KRUGMAN, dois de seus homens de confiança, Sissy e eu atravessamos a praça da vila, o líder da Missão aponta para cima. Um longo cabo segue do telhado de um chalé próximo até o muro da fortaleza.

— Aquele cabo leva energia ao meu escritório — explica Krugman. — Para todos os brinquedos e aparelhos eletrônicos que mantenho lá. A forma mais fácil de encontrar o escritório é olhando para cima. O cabo de energia vai guiá-los.

É verdade. Ele sai da área dos chalés, passa pela rua de pedra e pela campina até chegar ao escritório de Krugman, localizado em uma das torres do muro da fortaleza.

Subimos por uma estreita escada em caracol dentro do muro, o metal dos degraus estalando sob nossas botas. No alto, somos levados por um longo corredor até o escritório. É impressionante. Janelas que vão do chão ao teto ocupam todo o aposento, oferecendo uma vista panorâmica impressionante. O clima soturno e impessoal do interior é aliviado pela mistura de mobília tradicional. Estantes rústicas de carvalho ocupam uma parede do escritório, com prateleiras curiosamente desprovidas de livros, mas cheias de desenhos emoldurados — de arco-íris, pores do sol e pôneis — que só podiam ser obra de crianças. Na parede oposta fica uma grande lareira de pedra. Um tapete oval, bege e com bordas de estampa floral, ocupa o chão em frente. Acima há um quadro com campos verdes, lagos azuis, flores e um sol ardente que parece uma gema amarela.

Uma garota que não deve ter sequer treze anos se aproxima. Ela serve um copo de uísque para cada ancião.

— Sentem-se — convida Krugman, indicando um sofá de aparência estranha. Hesitamos. — Chama-se *chaise longue* — explica ao perceber que observo o móvel. — Essa é a pronúncia clássica, mas é claro que vocês não tinham como saber. Notem a base de treliça feita à mão. O ranger sutil quando alguém se senta ou deita nela, a forma como ela vira uma cama, com espaço perfeito para duas pessoas se acomodarem. As almofadas simples, a estética orgânica… Adoro esse divã. — Ele dá um sorriso. — Mas vocês não vieram aqui para falar sobre decoração de interiores, não é mesmo? Que perguntas incomodam vocês?

Sissy e eu nos entreolhamos. Começo a falar, mas paro. Não sei bem por onde começar.

Ao reparar em minha hesitação, Krugman dá um sorriso simpático. Ele abaixa o

queixo, criando mais uma dobra. A pinta preta parece saltar, e os pelos se espalham como bigodes de rato. Ele sorri, acomodado na poltrona de couro de costas altas.

— Aqui estamos — diz ele. — Podem perguntar o que quiserem.

Eu pigarreio.

— Primeiro, queremos agradecer por tudo. Sua hospitalidade tem sido incrível, a recepção foi melhor do que poderíamos sonhar. A comida, a cantoria, o…

— Para onde vão os trilhos de trem? — pergunta Sissy.

Krugman desvia os olhos dos meus com prazer e fecha as pálpebras com languidez, antes de voltar a abri-las. Eles se grudam em Sissy como cola. É quase como se ele estivesse esperando pelo momento em que finalmente poderia encará-la de frente.

Sissy não se deixa afetar pela expressão do homem.

— E isso é só o começo. Conte-nos por que não ficou surpreso com nossa chegada. Se eu estivesse morando aqui e seis viajantes se materializassem do nada, eu ficaria chocada. Mas quase parece que você estava nos esperando. Conte-nos por quê.

— Eu posso contar. Mas é uma longa…

— E conte mais sobre esta vila. De onde vem toda a comida? Os suprimentos? A mobília. O vidro. A porcaria do piano. Aqui na montanha vocês mal deviam conseguir se virar. Mas estão vivendo no luxo. Podem ter impressionado Epap e os outros, mas, para mim, isso desperta mais desconfiança do que assombro.

— E conte também sobre o Cientista, o Ancião Joseph — digo. — Como ele morreu? Quem era ele? Quando…?

Krugman sorri como se…

— …tem alguma coisa engraçada em nossas perguntas? — indaga Sissy, lacônica, olhando para ele com raiva.

Krugman se recosta na poltrona e dá uma gargalhada que faz toda a barriga tremer. A pinta ciclope no queixo nos espia de novo.

— *Nayden nark, nayden nark* — responde, com os olhos úmidos. — Não é isso, de verdade. É só que vocês dois são um casal tão encantador, com essa forma de um terminar os pensamentos do outro. É tão fofo.

Ele assente para a criada. Ela passa pelos dois anciões e sai imediatamente.

— O fato é que — diz Krugman, quando a porta do escritório é fechada — eu queria mesmo ter essa conversa com vocês. Ao menos, com Gene. Como o homem mais velho do grupo, ele é o líder de direito, não é?

Ele se levanta da poltrona e vira de costas para nós.

— Vai ser mais fácil — continua — se começarmos pelo começo. Não sei o quanto vocês sabem, então vou supor que não saibam de nada. — Ele olha pela janela por bastante tempo. — Isso pode ser difícil para vocês… aceitarem. Se em

algum momento preferirem que eu…

— Estamos prontos — retruca Sissy. — Conte logo.

Ele fica de lado para nós enquanto olha para fora. E é assim que fala, não para mim e Sissy, mas para a janela.

— Nós os chamamos de *noturnos*, as coisas que querem nos comer, beber nosso sangue. — Krugman olha para nós. — Mas acho que já sabem disso. Como vocês os chamam? Estou bastante curioso, na verdade.

— De nada — respondo. — São apenas… pessoas. Nós somos as anormalidades, as aberrações. Os epers. — Cuspo a última palavra com desprezo.

— Vou contar uma coisa que vai, bem, chocá-los, por falta de uma palavra melhor. Sinto muito por terem que descobrir tudo desse jeito, mas infelizmente não há outra maneira.

Ele volta a observar a janela, mantendo os olhos fixos nas montanhas distantes.

— Séculos atrás, por motivos complexos demais para discutirmos agora, o mundo estava dividido por dissidências e facções entre nações em guerra. As grandes superpotências, conhecidas como Estados Unidos, China e Índia, estavam com arsenais impressionantes de armas nucleares, cibernéticas e bioquímicas. As nações menores, com medo de ficarem de fora, foram obrigadas a escolher um lado e se submeterem. Em um mundo saturado de armas de destruição em massa, com todos prontos para contra-atacar a qualquer momento, ficou bem claro: ninguém ia puxar o gatilho. Fazer isso seria cometer suicídio de proporções catastróficas, aniquilar o mundo todo em horas, se não minutos. Todo mundo perderia, ninguém sairia vencedor.

"Isso levou a outro tipo de corrida armamentista, cujo objetivo não era acumular a maior quantidade de armamentos possível, mas construir um novo tipo de arma. Uma arma secreta tão incomum e inesperada que, ao mesmo tempo, derrotaria as nações inimigas sem que desconfiassem e permitiria que um verdadeiro vencedor surgisse em meio aos escombros. Mas que arma era essa? Como seria, o que faria?

Um dos homens anda até Krugman com a garrafa de uísque na mão. Ele enche o copo do líder da Missão. Os dedos de Krugman apertam o vidro até ficarem brancos. Ele inclina a cabeça para trás e engole tudo de uma vez.

Então prossegue:

— Um pequeno grupo de cientistas desertores se juntou em um pequeno país insular chamado Sri Lanka e tentou criar um novo tipo de arma. Eles se autodenominavam Ceilonitas, um nome grandioso para o que não passava de um bando de estudantes de engenharia recém-formados com tempo livre de sobra, contas demais para pagar e que, durante uma depressão global, não conseguiram recusar uma oportunidade fantástica como aquela. Eles foram encarregados de desenvolver armas militares que não fossem nucleares, cibernéticas ou bioquímicas. Mas

genéticas.

Krugman dá uma risada aguda, tensa, do tipo que não parece convencida do próprio humor.

— Uma arma genética. Em resumo, um supersoldado geneticamente modificado. Resistente a radiação. Resistente a toda forma de arma bioquímica conhecida pelo homem. E, por ser feito de carne e osso e não ter nenhum chip implantado, resistente a ataques cibernéticos. E não apenas resistente, mas resiliente. Um supersoldado capaz de atacar não pelos canais bem protegidos do céu e da rede, mas marchando pelo chão. Que nação ainda mantinha sistemas de defesa contra campanhas por terra? Todas tinham caído em desuso, a Linha Maginot estava em ruínas, tão firme e útil quanto as teias de aranha que cobriam suas fortificações. Mas um exército de supersoldados resilientes marchando por terra seria brutal, surpreendente e arrasador. E se algo assim pudesse ser desenvolvido?

Krugman serve outra dose. Ele gira o uísque no copo, parecendo não notar as gotas que escapam.

— E se acontecesse? Jamais saberemos. Os financiadores ficaram receosos e cancelaram a operação. Mas um integrante fanático dos Ceilonitas, um homem de vinte e sete anos chamado Ashane Alagaratnam, ficou obcecado pelos experimentos. Mesmo depois que o financiamento foi retirado, e o laboratório, fechado, ele roubou suprimentos e equipamentos. Rejeitado pela liderança do grupo, o homem continuou a pesquisa em seu laboratório secreto e improvisado. O idiota.

"As autoridades acabaram descobrindo e prenderam todos os envolvidos. Exceto Alagaratnam. Quando a ação aconteceu, ele já tinha fugido, desaparecido, sumido do mapa. Sabe-se muito pouco sobre o que ele andou fazendo nos anos seguintes. Mas é certo que ficou sem dinheiro, a ponto de não ter recursos para comprar sequer ratos de laboratório. Assim, usou a única cobaia que tinha à mão.

— Ele usou a si mesmo — sussurro.

Krugman assente.

— Alguma coisa deu errado. Muito errado. Mas ele não percebeu. As mudanças estavam entranhadas nele, escondidas sob sua pele. Assim, o infeliz continuou fazendo experimentos, sem saber o que estava causando ao próprio corpo. Quando os sintomas apareceram, chegaram muito devagar. Sensibilidade acentuada à luz do sol, asco crescente por legumes e verduras acompanhado por um novo prazer: consumir qualquer tipo de carne, quanto mais crua e sangrenta, melhor. E então, um dia…

— Os sintomas ficaram mais aparentes — arrisca Sissy.

Krugman dá uma gargalhada e fecha os olhos por um breve momento.

— Dizer que ficaram mais aparentes… é ser gentil. *Catastróficos* é uma palavra melhor. Alagaratnam gravava um diário em forma de vídeo, que hoje em dia é um

artefato histórico preservado. Dá para ver a desintegração rápida de seu corpo. Os sintomas afloraram ao longo de poucas horas. O que começou como uma marca do tamanho de uma espinha no rosto acabou se tornando… uma explosão cataclísmica de proporções terríveis poucas horas depois.

Ele toma outro grande gole.

— A parte boa foi que isso tudo aconteceu na pequena ilha do Sri Lanka. Obviamente, o país foi destruído, e toda a população, transformada em uma semana. Mas, pelo menos, o surto foi contido. Aviões daquela região eram derrubados assim que avistados, barcos foram afundados sem dificuldade. E era tudo o que precisávamos fazer para conter o problema. Observar os céus, monitorar os mares. Deixar que a luz do sol matasse os monstros. Depois de um tempo, as pessoas transmutadas passaram a sair apenas à noite. Foi assim que ganharam o nome de noturnos. Eles não eram zumbis descerebrados, incapazes de refletir e raciocinar, nem brutamontes com tendências hedonistas e lascivas. Exceto pelo desejo de carne e sangue humanos, eram… civilizados. Inteligentes. Sabiam quem eram, falavam e pensavam como indivíduos. Quando a carne acabou, quando não havia mais humanos ou animais dos quais se alimentar, eles não recorreram ao canibalismo. Escolheram morrer de fome. Ou saíram correndo, em pactos suicidas em grupo, sob o sol ardente.

— E foi assim que terminou? — pergunto.

Krugman fecha os olhos de novo, e o corpo todo começa a tremer. Nenhum som sai de sua boca. Uma fileira de lágrimas escorre pelas bochechas gordas. Os pelos da pinta recolhem as lágrimas.

— É sério? Foi assim que terminou? Essa pergunta é séria? Então como foi que todos aqueles noturnos vieram parar aqui? Por que estamos nesta montanha, séculos depois, ainda lidando com eles? — A risada para de repente. — É impossível conter uma epidemia — diz, com a voz começando a ficar arrastada.

— O que aconteceu depois? — pergunta Sissy.

— Até hoje — continua o homem, limpando as lágrimas —, não sabemos como a contaminação se espalhou. Pelo menos, não com certeza. Alguns especularam que um pássaro, com uma gotinha de saliva de noturno nas penas, possa ter saído do Sri Lanka e voado até a Índia sem ser notado. E talvez uma criança gentil tenha pegado o pássaro ferido, e a saliva encostou em… um arranhão? Quem sabe?

Ele passa o dedo pela borda do copo.

— As coisas ficaram desesperadoras por um tempo. Continentes inteiros foram dominados pelos noturnos, e o restante da população mundial, relegada aos cantos mais remotos do planeta. O Polo Sul, com suas vinte e quatro horas de luz do sol, foi muito popular no começo. Isso até o final do verão, quando a temporada de noite incessante começou. — Ele comprimiu os lábios. — Foi uma época muito sombria.

O fim da humanidade parecia inevitável e iminente.

— O que aconteceu? — pergunto. — Com a humanidade.

— Um milagre. Os relatos históricos são superficiais, mas de repente viramos o jogo.

— Viramos o jogo? — indago.

— Na verdade, foi mais uma guinada do destino. Ao menos, era o que parecia. Em uma pequena ilha perto da costa da China chamada Cheung Chau, uma jovem chamada Jenny Shen, isolada em um vilarejo abandonado, heroicamente, descobriu um antídoto. Não tenho tempo de entrar em detalhes, mas basta dizer que o antídoto funcionou. Ao longo de muitas décadas, a maré virou. Botamos os noturnos para correr. Nós os perseguimos até a beira da extinção.

— E os que sobraram? — pergunta Sissy.

Krugman faz uma pausa.

— Eram imunes ao antídoto. Por algum motivo, em vez de matá-los, o antídoto apenas os deixava mais fortes, mais audazes. Mais rápidos. Mais apavorantes. Mas esse grupo incômodo era pequeno o bastante, e no fim conseguimos encurralá-lo, enjaulá-lo. Estavam a duas semanas da ordem de extermínio quando os liberais de coração mole e os religiosos se uniram. — Ele fala as palavras seguintes com desprezo. — Era uma aliança estranha, se querem saber. Com uma só voz, eles insistiram que, se os humanos eram mesmo a espécie mais inteligente, então não podíamos simplesmente executar os noturnos. Os liberais de esquerda defenderam os direitos inalienáveis dos noturnos. A direita evangélica alegou que as criaturas tinham almas capazes de redenção, almas que podiam ser salvas. Blá-blá-blá. Tolos, os dois lados. E a população também, por cair nessa balela.

"O resumo da história é que os noturnos remanescentes, todos os duzentos e setenta e três, tiveram a execução cancelada e foram sentenciados ao exílio. Depois de certo debate, a Corte Internacional decidiu jogá-los no deserto. Em uma cidade abandonada, para ser mais preciso, uma prisão perfeita, com casas já construídas e hotéis e prédios vazios. Apagamos as memórias deles e os jogamos lá. Deixamos matéria-prima com a qual trabalharem. Tínhamos certeza de que as centenas de quilômetros de deserto sob um sol escaldante eram uma barreira intransponível entre nós e eles. E era mesmo: está provado que essas são as grades mais resistentes, a prisão mais segura de todas. Um verdadeiro fosso de ácido, uma galáxia intransponível entre nós e eles.

Krugman lambe os lábios inchados.

— O único problema foi que não previmos que eles seriam tão… — O homem suspira fundo, cuspe voa de sua boca. — Nós os mandamos para lá para que, com o tempo, desaparecessem, para morrerem nos próprios termos, no próprio tempo, de uma forma que não perturbasse os corações moles e nem os fanáticos religiosos.

Mas não sabíamos o quanto eles conseguiriam se adaptar. No fundo, eles são impetuosos, são sobreviventes. E foi o que fizeram. Sobreviveram. Na verdade, ao longo dos séculos, fizeram mais do que sobreviver. Prosperaram. Perpetuaram a própria espécie. Como um bando de ratos. Construíram uma metrópole inteira, desenvolveram a própria tecnologia. Agora, só nos resta ficar de olho neles e nos mantermos completamente à parte. Se sentirem nosso cheiro, se tiverem a menor suspeita, atravessarão o deserto para nos devorar, nem que tenham que atravessar o próprio inferno.

Krugman olha para o copo. Ele o coloca na mesa, pega a garrafa de uísque e bebe direto no gargalo. Seus olhos ficam úmidos e avermelhados.

— E esse, damas e cavalheiros, é o motivo de estarmos aqui. De a Missão ficar aqui. Para sermos os olhos atentos da humanidade. Um posto de observação para vigiar os noturnos. Porque eles são tão promíscuos quanto uma matilha de cães no cio, pode acreditar. Hoje em dia, séculos depois, há quase cinco milhões deles, se nossas estimativas estiverem corretas. Assim, ficamos de olho. Tomamos conta para que não estejam desenvolvendo tecnologia que permita a travessia até este lugar. — Ele funga. — Vocês deveriam ficar felizes em saber que, depois de séculos de observação, parece que os noturnos não têm a menor inclinação por vagar por aí. Eles realmente odeiam o sol.

Olho para Sissy. Assim como eu, ela está chocada e mal consegue registrar a enxurrada de informação. De queixo caído e pálida, ela vira a cabeça. Nossos olhares se encontram como braços esticados, prestes a se tocar.

Eu falo, com a voz tensa:

— Me conte o que o Ancião Joseph tem a ver com essa história toda.

Krugman faz uma longa pausa. Fico com a sensação de que vai encerrar a conversa, que está considerando isso. Em seguida, fala baixo, como se para si mesmo:

— Ele era um cientista brilhante, uma das mentes mais geniais com quem já trabalhei. Jovem, impetuoso, extraordinário. Nos dávamos bem, ele e eu, nos primeiros anos.

— Primeiros anos? — pergunto.

— Antes de ele… — Krugman balança a cabeça. — Antes de ele perder a cabeça. Embora, mesmo naquela época, já surgissem sinais de instabilidade. Ele trabalhava obsessivamente no laboratório, com uma dedicação que beirava a loucura. Passou a acreditar que poderia criar uma cura para os noturnos. Algum tipo de bálsamo que reverteria, sim, *reverteria* as mutações no código genético deles. Uma coisa que ele chamava de Origem. — Os olhos de Krugman se voltam para nós por um segundo. — Mas o Cientista precisava entender melhor a fisiologia deles, tinha que coletar amostras. E tomou uma decisão que acabou sendo sua ruína: ele

precisava ir para a metrópole dos noturnos.

"Era uma ideia ridícula, é claro, e acho que, no fundo, ele sabia. Durante anos, adiou a ida, enquanto tentava encontrar outra forma de criar a Origem. Mas, no fim, percebeu que não havia outra opção. Precisava ir para a metrópole dos noturnos. E não sozinho. Teria que coletar um monte de amostras, precisaria ir com uma equipe. Era loucura, parece uma coisa para a qual ninguém se candidataria. Mas ele podia ser convincente, possuía carisma. Apelou para o sentimento religioso de todos, argumentando que era nosso dever espiritual fazer aquilo. Que isso salvaria as almas dos noturnos. Em pouco tempo, convenceu um grupo de cerca de trinta pessoas — trinta! — a ir com ele. A atravessar o deserto e entrar no vespeiro.

— Quando?

— Talvez vinte, trinta anos atrás? Eles se infiltraram na metrópole noturna, com a intenção de ficar no máximo duas semanas. Mas subestimaram muito a… tenacidade daquelas criaturas. O inimaginável aconteceu. Ou o que era totalmente previsível, dependendo de como você encara a situação, eu acho. Nosso pessoal foi separado, depois devorado em questão de dias, se não horas. A comunicação foi comprometida, os meios de transporte, destruídos. O grupo foi forçado a se esconder e, quando a comida acabou, restou apenas uma opção: se misturar à sociedade, fingir ser noturnos. E anos, décadas se passaram, sem ouvirmos sequer uma palavra deles. Sinceramente, pensamos que todos estivessem mortos.

"Mas, há alguns anos, o Ancião Joseph voltou. Parecia um fantasma que voltara à vida. Surgiu do bosque, passou pelo portão e entrou na Missão. Um milagre dos céus. Ou uma maldição. Porque ele era um homem perdido, com olhos selvagens e ideias fantasiosas. Insistiu em ficar no laboratório, em continuar a pesquisa. Recusou todas as ofertas de ser dispensado com honras e voltar à Civilização.

Sissy inclina a cabeça ao ouvir aquilo.

— Espere aí — interrompe. — O que quer dizer com isso?

Krugman fica intrigado.

— Ele quis ficar. Que opção…?

— Não, não — diz Sissy, balançando a cabeça. — A parte de voltar à Civilização.

— Bem — responde Krugman, confuso —, isto aqui não é a Civilização. A Missão é só um posto avançado, como falei. Não estava prestando atenção? Tem um mundo inteiro lá fora, cheio de pessoas, nossas cidades, nossa civilização. Tivemos que reconstruir tudo, desde a ascensão dos noturnos, e não chegamos nem perto do que éramos nos velhos tempos, mas estamos chegando lá aos poucos.

Sissy e eu estamos estupefatos.

— O que vocês acharam que havia lá fora? — pergunta ele.

Seu rosto está rígido de perplexidade, os olhos vidrados grudados em nós.

— Pensei que o planeta fosse cheio de pess… de noturnos — digo. — Eu não achava que houvesse muitos de nós, talvez apenas alguns, espalhados em áreas remotas.

Na verdade, três semanas antes, eu achava que eu era o último da nossa espécie. Isso até encontrar o grupo no Domo. Até Julia Brasa se revelar. Até o Diretor contar, talvez sem querer, sobre as centenas de humanos criados como gado sob o Palácio do Soberano.

Krugman olha para nós com olhos arregalados.

— Venham aqui — diz, chamando-nos com um movimento de braço que faz o uísque espirrar da garrafa. — Venham até a janela. Quero lhes mostrar uma coisa.

Ele aponta para fora.

— Lá — diz —, ao longe. Além das montanhas, onde a terra vira uma ravina profunda.

Então nós vemos. Uma ponte móvel, as duas plataformas de pé, como sentinelas em lados opostos da ravina.

— A cada duas semanas — explica Krugman —, nossos suprimentos chegam de trem. Comida, mobília, sementes, remédios. Era o que vocês queriam saber, não era? Tudo chega de trem. Baixamos a ponte. O trem atravessa. Descarregamos na estação. Em seguida, mandamos o trem de volta. Ele demora quatro dias para ir e quatro para voltar. Leva menos tempo no caminho de volta à Civilização por causa da descida íngreme da montanha. O trem praticamente voa. E é tudo automático. A simplicidade é uma maravilha: basta apertar alguns botões, e ele parte, a ponte abaixa, o trem desaparece na montanha. As portas ficam trancadas até chegar ao destino, seja aqui ou a Civilização. Normalmente, mandamos também uma lista com qualquer suprimento extra que necessitemos. E, em ocasiões especiais, o trem parte daqui com um passageiro. Ou dois.

Sissy e eu nos viramos para olhar para ele.

Ele assente, com um brilho fraco nos olhos.

— Para aqueles que serviram bem, aqueles que se dedicaram à Missão, uma recompensa os espera, uma dispensa honrada. Esses poucos escolhidos voltam à Civilização, onde serão compensados com uma pensão polpuda do governo pelo resto da vida. Mas isso precisa ser conquistado.

— Com Marcas de Mérito — digo, ao me dar conta.

Krugman, com uma expressão de leve surpresa e ligeiro respeito, assente.

— Você não deixa passar nada. Sim, Marcas de Mérito. Se ganhar cinco Marcas de Mérito, recebe a passagem de volta para a Civilização. Mas isso só costuma acontecer após uma década de serviço, pelo menos.

— Como se ganha uma Marca de Mérito? — pergunto.

— Ah, de muitas maneiras, eu acho. Adesão incondicional ao regulamento, amor

pelos anciões e cidadãos da Missão, dar à luz uma criança saudável. Dedicação às tarefas durante dez anos de serviço. Esse tipo de coisa.

— E a Designação de Demérito? — pergunto. — Como se ganha uma dessas?

A sala fica em silêncio.

— Ah, sim. As Designações de Demérito. Para simplificar, desobedecer aos regulamentos rende a você uma Designação de Demérito. Ou duas. Depende do nível da transgressão. Mas esse não é o foco principal da Missão. Preferimos nos concentrar no positivo, nas Marcas de Mérito…

— Deixe-me adivinhar — digo, lembrando-me das garotas com marcas e tatuagens nos braços. — Uma Designação de Demérito subtrai uma Marca de Mérito. Uma cicatriz anula uma carinha sorridente. Assim fica bem mais difícil conseguir cinco.

E o que acontece quando alguém ganha cinco Designações de Demérito? é o que estou pensando em perguntar, quando Krugman interrompe meus pensamentos.

— Subtração, pois é. Mas, aqui na Missão, acreditamos na *adição por subtração.* Mantém o entusiasmo, o ânimo, incentiva a cidadania. — Krugman sorri, coloca a mão no meu ombro e o aperta, para me tranquilizar. — Consigo ver do que se trata. Você está preocupado com a garota. — Ele aponta o queixo para Sissy. — Com as muitas transgressões dela. Mas não se preocupe. Não usaremos isso contra ela. Na verdade, nem se preocupe com Designações de Demérito ou Marcas de Mérito. Vocês foram direto para o início da fila. Não precisarão esperar: nem uma década, nem um ano, nem um mês e nem quinze dias. Sabe, um trem vai chegar aqui hoje à noite. Vamos levar várias horas para descarregar os suprimentos. Depois, se tudo correr bem, vocês seis embarcarão no trem amanhã, direto para a Civilização. Para seu merecido oásis.

Sissy coloca a mão na janela e aperta a palma contra o vidro. Então balança a cabeça.

— Me desculpe, é muita coisa para absorver de uma vez só.

— Eu entendo.

Por um minuto, olhamos para a ponte e tentamos digerir toda aquela informação destruidora de paradigmas.

— Por que vocês nos passaram na frente? — pergunta Sissy.

Krugman dá uma gargalhada e lança um olhar conspiratório para os outros anciões.

— Como se pudéssemos opinar! — Ele abre uma gaveta na escrivaninha, pega um envelope com um selo grosso de cera vermelha rompido. Tira uma folha de papel dobrada com cabeçalho em alto-relevo e a entrega para mim. — Uma carta do quartel-general da Civilização. Vá em frente, leia para ela.

Não me dou ao trabalho de corrigir a suposição de Krugman de que Sissy é

analfabeta. Tudo o que faço é abrir a carta e olhar para a letra cursiva. Sissy se inclina para ler.

> *A Civilização recebeu a informação incrível de que um grupo de seis jovens, com idades entre cinco e dezessete anos, escapou do cárcere dos noturnos. Nossos agentes nos informaram que provavelmente estão seguindo para a Missão. Se chegarem aí, tratem-nos com gentileza e hospitalidade. Devem embarcar no trem seguinte à chegada e virem para a Civilização. É imperativo que retornem com "a Origem". Atenciosamente, a Civilização.*

— Recebemos essa carta há poucas semanas — diz Krugman. — Foi por isso que não ficamos surpresos quando vocês apareceram na nossa porta. Estávamos esperando.

Sissy vira a folha de papel. Está em branco. Ela olha para Krugman.

— Então vamos embarcar nesse trem amanhã — diz, com a voz cheia de desconfiança. — E quando você ia nos contar isso?

Krugman dá uma gargalhada, uma tosse de alegria. Mas, em meio à explosão de som, detecto irritação.

— Ora, quando o jovem Gene se recuperasse. Não queríamos criar esperanças para depois deixá-los frustrados se ele não estivesse bem o bastante para a viagem. Lembre-se, ele estava à beira da morte apenas duas noites atrás. Mas olhe para ele agora — diz, olhando para mim —, é a imagem da saúde e da vitalidade, não é? Portanto, vocês vão embora amanhã com nossas bênçãos e, sem dúvida, as mais carinhosas lembranças.

Por um minuto, o único som é o *tique-taque* do relógio de chão.

— E o Cientista? — pergunto. — Por que ele não foi enviado de volta para a Civilização? Imagino que receberia o mesmo tratamento que nós. Por que vocês não o passaram na frente?

O ar parece ficar mais pesado. No reflexo da janela, vejo os asseclas de Krugman, em silêncio até o momento, ficarem tensos. O líder responde:

— A resposta simples é: nunca recebemos uma diretiva da Civilização.

— E a resposta completa? — indaga Sissy.

Krugman dá uma gargalhada alta e escandalosa.

— A resposta completa é: é complicado.

— Então nos dê a resposta completa — peço. — Conte tudo. Conte por que ele cometeu suicídio.

Krugman funga de irritação.

— Vocês precisam entender uma coisa. Quando o Ancião Joseph voltou, não estava batendo muito bem. Ele não era… cooperativo.

— Como?

— Ele se fechou. Recusou-se a falar da vida entre os noturnos. Ninguém nunca morou na metrópole noturna e viveu para contar a história. Ele ficou lá por mais de duas décadas; devia ser uma mina de informações. Mas se recusava a falar do tempo que passou lá. E, estranhamente, quando chegou a hora de pegar o trem de volta para a Civilização, ele se recusou a ir. Disse claramente que não queria e se trancou no laboratório, na verdade. Quando pressionado, dizia apenas que precisava esperar a Origem.

— E o que ele disse sobre a Origem? Vocês não pensaram em perguntar?

Krugman sorri de forma ambígua.

— É claro que perguntamos. Ele só disse que era a cura. Que nos anos que passou vivendo com os noturnos, teve acesso diário aos laboratórios e a documentos científicos confidenciais. Trabalhou como zelador no prédio mais seguro da metrópole, ao que parece. E, com acesso a todos aqueles equipamentos e informações, conseguiu elaborar uma fórmula. A Origem. A cura que reverteria os efeitos genéticos dos noturnos, que reverteria a transformação, tornando-os humanos de novo.

— Reverter os efeitos? — pergunto.

— Foi o que ele disse. Se é que dá para acreditar nisso.

— Essa cura, a Origem — sussurra Sissy, tão estupefata quanto eu. — Ele não estava com ela, então?

Krugman balança a cabeça.

— Não conseguiu trazê-la, mas alegava que um dia ela chegaria. Ele se tornou uma espécie de profeta louco, discursando todos os dias, de cajado e vara, que jovens chegariam com a Origem. *Abençoados são os pés jovens daqueles que trazem a Origem*, repetia. Quando não estava trabalhando no laboratório da Missão, ficava vigiando do muro da fortaleza, a noite toda. Francamente, perto do fim, estava louco. Precisou ser isolado em uma cabana a cerca de meio dia de caminhada daqui.

Concordo com a cabeça, lembrando-me da cabana da montanha.

— Quanto tempo ele ficou lá?

— Não muito. Uns dois meses, no máximo. Nós o visitávamos com frequência. Certa tarde, encontramo-no pendurado nas vigas. — Krugman olha para nós sombriamente. — Vocês queriam saber. E aí está, a verdade, sem enfeites. Dói, não é? A verdade?

— Mas o que o fez se matar? — pergunto.

Os olhos vidrados de Krugman brilham com uma clareza repentina. Ele olha pela janela. Quando me encara de novo, o rosto está tenso.

— Você reparou em uma coisa?

— O quê?

— Esta conversa foi um tanto unilateral. Sinceramente, estou ficando meio cansado de ouvir o som da minha própria voz. Gostaria de ouvir algo diferente. E de que vocês falassem um pouco mais.

Sissy e eu nos entreolhamos, confusos.

— Sobre o quê? — pergunta Sissy.

— A Origem. — Ele funga. — Eu achava que o Ancião Joseph estava com uns parafusos a menos quando falava disso, mas aí vocês seis aparecem de repente, do nada, como ele previu. E parece que a Civilização não só descobriu sobre a *Origem*, mas também parece inclinada a acreditar nessa teoria. Então, me contem. O que é? E, o mais importante, onde está? Eu gostaria de vê-la, por favor.

— Me desculpe — digo. — Nós não sabemos o que é. Não estamos com ela. E estamos falando a verdade.

Krugman dá um sorriso.

— Consigo entender por que vocês poderiam querer ser discretos, até cautelosos, mas agora somos amigos, não somos? Até mesmo família, talvez, não?

— Nós não estamos com ela — responde Sissy. — Não estamos sendo cautelosos.

Krugman ergue o queixo, a pinta aparece.

— Sabem em que eu também acredito? — diz, com uma pontada de empolgação na voz. — Acredito em *quid pro quo*, em dente por dente. Entendem o que esses termos significam?

Balanço a cabeça negativamente.

— Significa uma troca justa. Eu dou uma coisa para vocês, e vocês retribuem. Eu dei informações, respostas às suas perguntas. Então, em troca, *quid pro quo*, vocês me dão uma coisa. Entenderam? Dente por dente. Certo? Eu dei a vocês hospitalidade, então vocês me dão a Origem. — A voz dele vai ficando mais empolgada conforme ele fala, tremendo com emoção crescente. — É justo…

— Nós não estamos com ela — interrompe Sissy, e o corpo de Krugman se retrai. — Não fazemos a menor ideia do que seja essa Origem. Nunca ouvimos falar disso até chegarmos aqui.

Krugman a observa por bastante tempo. Depois assente de leve, e os dois capangas atrás de nós vão até a porta.

— Muito bem, então. Eles acompanharão vocês de volta para os chalés.

Nós nos viramos para ir embora, Sissy na minha frente. Ela para. A porta ainda está fechada, e os dois homens, de pé na frente dela. Eles sorriem, os braços cruzados sobre os peitos largos.

— Só mais uma coisinha — fala Krugman, com a voz estridente.

23

— QUERO LHES pedir um favor — continua Krugman, inspecionando as unhas e tirando sujeira de debaixo de uma delas.

— Pode falar — responde Sissy. — O que é?

— Preciso revistar vocês.

Os braços de Sissy ficam tensos.

— Como é que é?

— Escute — intervenho. — Já dissemos que não estamos com a Origem.

— Pois eu não acredito — responde Krugman, com distanciamento clínico.

Mas os olhos dele, ao se encontrarem com os meus, estão qualquer coisa, menos frios. São caldeirões de orgulho ferido e raiva borbulhante. Alguma coisa está se libertando dentro dele, algo que estava reprimido até agora.

— Olhe só — começa Sissy. — Não importa se você acredita ou não na gente, isso não muda o fato de que não estamos com a Origem. Você poderia nos revistar da cabeça aos pés e…

— É mesmo? — interrompe Krugman, com um brilho sinistro nos olhos. — Que engraçado você mencionar isso. Eu ia mesmo sugerir essa ideia. Da cabeça aos pés.

Sissy franze a testa, sem entender. Ela olha para mim. *O que está acontecendo?*

Atrás de nós, as tábuas de madeira do piso estalam. Um dos homens anda na direção de Sissy e diz:

— Tire as roupas. Todas. Precisamos examinar sua pele.

Eu olho para os homens, depois para Krugman.

— Mande-os se afastarem da porta.

— Não — responde ele, baixinho. Krugman dirige um olhar gentil para Sissy que me dá náuseas. — Temos motivos para acreditar que a Origem pode ser uma espécie de pista tipográfica impressa em algum lugar da sua pele. Algum tipo de escrita. Talvez uma equação, ou quem sabe algum código. Tire as roupas.

— Não mesmo — retruco, antes que Sissy possa responder. — Vamos embora agora.

— Você vai — diz o outro homem, com voz grave. — *Você*. Mas ela fica. É a única que ainda precisamos revistar. — O brilho de um sorriso chega aos olhos dele. — Já revistamos os quatro garotos. Verificamos você quando estava doente e apagado. Vocês não têm nada.

Ele olha para Sissy de novo. Estica a mão na direção dela.

— Não toque em mim — diz ela.

Não há qualquer som além do tique-taque do relógio, agora incrivelmente alto.

— Sabe, esse é o problema com as garotas que têm pés grandes como os dos homens — explica Krugman atrás de nós, com uma voz enjoativa. — Quando os pés ainda não foram embelezados, quando as glândulas ainda não estão atrofiadas. Se ficam intactas, essas glândulas secretam hormônios masculinos no corpo da garota. Transformam-na, fazem com que deixe de ser princesa e vire um peixe-boi cheio de opiniões. Então se torna uma pessoa que não compreende o próprio lugar na sociedade, que pensa, erroneamente, que pode andar, falar e ter opiniões como um homem. Que pode dizer não a um homem. "Uma garota de pés grandes é como um anel de ouro no focinho de um porco."

— Olhem só esses gigantescos pés de homem — comenta um dos outros presentes. — Será que ela é mesmo mulher?

Há uma pausa prolongada. Eles a observam, pensativos, avaliando as opções e considerando as indiscrições.

— Às vezes — sussurra um deles —, não dá para ter certeza dessas coisas.

— Talvez devêssemos investigar — diz o outro, após a deixa do colega. Os olhos próximos demais observam Sissy de alto a baixo. — Há formas de… — ele deixa a boca pender, como um sorriso de cabeça para baixo — confirmar o fato. De *descobrir* a verdade.

Eles começam a andar na direção dela.

Eu me jogo neles de uma forma nada elegante. Mas com a força da convicção. Empurro os homens para trás, e as costas largas deles se chocam contra a porta. Os dois quicam, e a fúria deixa suas bochechas vermelhas. Um deles está jogando o braço para trás, preparando um soco, mas Sissy pula em cima dele e enfia o cotovelo em seu esterno. O homem se curva, cuspindo palavrões e saliva.

Não sei o que teria acontecido em seguida se Krugman não tivesse começado a rir. Não uma risada qualquer. Parecia mais um ataque furioso de gargalhadas, daqueles que vem lá do fundo e sacodem nossas costelas. Ele desaba na cadeira, e as risadas logo perdem a intensidade, se transformando em um ronco vindo do fundo do estômago.

— Ah, rapazes — diz, entre gargalhadas. — Eu disse dente por dente, não cara a cara. — Krugman ri da piada improvisada. — Chega de conversas particulares, tá bom? — O rosto dele se ilumina em um sorriso.

Sissy encosta as costas da mão na minha. Logo, nossas peles deslizam uma contra a outra, até estarmos de mãos dadas, as palmas frias perfeitamente encaixadas.

Krugman está sorrindo, a barba dos cantos da boca emaranhada nas bochechas, como se um par de camundongos tivesse se escondido ali.

— Ora, ora — diz ele, por fim, com os polegares presos no cinto. — A Missão

não é assim. Somos adoradores da luz do sol, dos sorrisos e rostos felizes. Não de brigas e violência.

— Quase me enganaram — retruca Sissy, em voz baixa.

— Sua harpia histérica — grita um dos anciões. — Sua vaca desobediente, devíamos dá-la para a notu…

— Chega — interrompe Krugman. A voz dele está baixa. Ainda há um brilho de humor em seus olhos, mas a umidade parece ácido. — Infelizmente, isso é tudo minha culpa. Esqueci o quanto vocês devem estar cansados, o quanto devem estar tensos depois de tudo pelo que passaram. Por favor, perdoem meu lapso. — Ele alarga o sorriso. — Que tal deixarmos isso para lá? Águas passadas? O que passou, passou? Essas coisas?

Assinto. Com cautela.

— Gostaríamos de ir embora.

— Podem ir — responde Krugman.

Ele sinaliza para os outros anciões se afastarem. Quando passamos entre os dois, abrindo as águas de um mar de banha, Krugman murmura alguma coisa.

— O que foi? — indaga Sissy.

— Nada — murmura ele.

Ao chegarmos à rua de pedra, passamos por grupos de garotas sorridentes e com dentes perfeitamente brancos. Nuvens pretas surgiram no céu, grandes e cheias de promessa. Em minutos, a chuva fria e pesada cai, inclinada. Sissy e eu andamos depressa, lado a lado. Nossas mãos não se soltam, formando um pequeno santuário de calor contra o frio úmido. Não conto para ela o que Krugman murmurou quando saímos. Principalmente porque não sei bem como interpretar suas palavras, ou se possuem mesmo uma ameaça velada. *Quem espera*, sussurrou ele quando saímos, *sempre alcança.*

24

QUANDO CHEGAMOS ao meu chalé, estamos encharcados. Sissy pega minha bolsa no sofá e joga o conteúdo sobre a cama. Restos de comida, o caderno de desenhos de Epap, o diário do Cientista e outros pequenos objetos caem no edredom.

— Vê alguma coisa que possa ser a Origem? — pergunta.

— Tenho certeza de que eles já vasculharam essa bolsa — respondo. — Além do mais, não conseguem acreditar que a Origem seja alguma coisa marcada na nossa pele? Não conseguem acreditar que tem a ver com uma mensagem ou algo do tipo?

Ela pega o diário do Cientista, folheia as páginas e o joga na cama com frustração. Está começando a tremer. Nós dois estamos com frio. Ando até a lareira e tento acender o fogo com os dedos trêmulos.

— Ve-Veja — diz Sissy, batendo os dentes. Ela está apontando para a mesa de centro. Uma bandeja de comida foi colocada ali, e, a julgar pelo vapor ainda subindo das tigelas de barro cheias de sopa, foi trazida recentemente. — Você ficou sozinho em um chalé, tem uma lareira e um chuveiro com água quente só para você, e agora *também* ganha serviço de quarto?

Encosto no pão em cima da bandeja. Ainda está quente.

— Por que você não come um pouco? Acho que vai demorar até eu conseguir acender esse fogo. A sopa vai ajudar a aquecer o corpo.

Ela concorda, se senta no sofá e toma uma colherada da sopa. Então franze o nariz.

— Algum problema? — pergunto.

Ela balança a cabeça.

— Está muito salgada. Mas está boa. E quente.

Eu me mantenho ocupado na lareira, pegando alguns galhos empilhados ali ao lado. Mas os gravetos ainda estão úmidos, e tenho alguma dificuldade para acender o fogo. Sissy termina a sopa, mas continua tremendo.

— Sissy, tome um banho quente. Vai ajudá-la a se aquecer.

Ela está com frio demais para recusar. Então se levanta, e pego algumas roupas na gaveta, para ela.

— São grandes para você, mas roupas secas e quentes são melhores do que molhadas e frias.

Sissy fecha a porta do banheiro. Aproveito a oportunidade trocar de roupa

também, deixando as encharcadas no canto. Alguns minutos depois, consigo fazer o fogo arder na lareira. Eu me sento no sofá e aconchego os ossos frios nas almofadas macias. As chamas lambem a madeira, e a luz dança pela sala, reproduzindo uma tempestade vermelha e laranja nas paredes. Do banheiro, escuto o som distante de água corrente.

Apesar do fogo e das roupas secas, ainda estou com frio. Pego o edredom na cama e cubro as pernas. Olho para o fogo. O tremular das chamas lembra meus pensamentos, desorientados e agitados. Tomo um pouco de sopa, que agora já está morna, e, de fato, salgada demais. Coloco a tigela na mesa depois de tomar metade e observo a janela.

A escuridão tomou conta da vila, dissolvendo as trilhas de fumaça que saem das chaminés, engolindo os telhados de sapê. Alguns minutos depois, vejo que a noite absorveu as trilhas serpenteantes lá fora. De vez em quando um vento uiva através dos chalés, abafado pelas nuvens densas que flutuam, escondidas, no céu escuro. Gotas de chuva escorrem pela janela como pequenos cortes.

Estou preocupado com o que Krugman acabou de nos contar. Sinto um tipo diferente de frio, mais perturbador e inquietante, penetrar em meus ossos.

Sissy entra na sala com o rosto limpo e o cabelo úmido.

Ela fica de pé em frente à lareira por alguns minutos, passando os dedos pelo cabelo molhado. A luz do fogo brilha nas mechas soltas, parece incendiá-las.

— O banho ajudou muito — comenta. — Obrigada. — A luz das labaredas dança por sua pele recém-esfregada. — Mas me deixou com muito sono. Quase apaguei lá dentro.

Ela se senta ao meu lado. Por alguns minutos, enquanto o calor do fogo nos esquenta, ficamos em silêncio. Ela dobra as pernas sob o corpo e puxa o edredom para o colo.

— Foram dois dias bem loucos — comento.

— A última hora foi bem louca. — Ela se acomoda nas almofadas e estala os dedos. — Eu já estava me acostumando com esta vila, em ter tantos humanos ao redor. Então descubro que tem um mundo inteiro cheio de pessoas como nós. Minha mente está tentando absorver tudo isso… mas é como tentar ficar de pé em areia movediça.

Assinto.

— É muita coisa para absorver.

O fogo crepita, levantando uma nuvem de fagulhas.

— O que foi? — pergunta ela. — Você está escondendo alguma coisa de mim.

Fico de lado para poder olhá-la de frente.

— Krugman pode estar mentindo, Sissy.

Ela não diz coisa alguma, mas analisa meu rosto.

— Krugman diz que o trem vai até a Civilização. E talvez vá. Mas…

— Não sabemos nada sobre a Civilização — conclui ela.

— Nada além do que ele nos contou. Krugman diz que é o paraíso, um lugar incrível. Mas e se não for? E se tiver…?

— O quê?

Pego as mãos dela. Sinto o calor de sua pele e o batimento de seu coração nas pontas dos meus dedos. De repente, não quero dizer o que sei que precisa ser dito, quero apenas prolongar esse momento tranquilo por mais uma hora, um dia, um ano, uma década. Ficar sozinho com ela sem a interferência do mundo. Mas Sissy olha cheia de expectativa para os meus olhos, e eu falo:

— E se o trem nos levar direto para os noturnos?

O rosto dela mal reage, mas sua mão fica tensa entre as minhas.

— Quando eu estava no Instituto Eper, o Diretor deixou escapar uma história sobre o Palácio do Soberano. Disse que era um lugar onde havia centenas de epers escondidos. Mantidos em jaulas subterrâneas, como gado. Para serem consumidos de acordo com a vontade do Soberano. — Eu olho para o fogo e, em seguida, para o rosto pálido de Sissy. — E se o trem levar direto para o Palácio?

— Nós somos o gado? — Ela olha para a tigela de sopa vazia e para os restos de pão. — É por isso que estão nos engordando?

Eu trinco os dentes.

— Não sei. Talvez eu esteja apenas paranoico. Talvez a Civilização seja mesmo tudo que eles dizem ser. Um paraíso. O destino final para o qual meu pai estava nos guiando desde o começo. — Solto um suspiro de frustração. — Este lugar é estranho, sem dúvidas. Mas o que eu entendo sobre estranheza? Ou normalidade, para começo de conversa? Passei a vida toda fingindo ser um noturno em um mundo noturno. O que sei sobre o mundo humano?

Olho pela janela. O céu está coberto de nuvens negras. A chuva cai, trazendo mais escuridão. O mundo lá fora dá lugar a um negrume sem fim, nos encerrando neste pequeno aposento repleto de luz tremeluzente.

— Passei a vida toda preso entre dois mundos. E não pertenço ou conheço nenhum deles.

— Não posso ajudar você, Gene. — Ela tenta levar aquilo na brincadeira, mas há um peso em suas palavras. — Sou igual a você. Morei a vida toda em um domo de vidro. Não sei nada sobre o mundo humano ou o noturno.

Aperto mais a mão dela.

— Você tem seus instintos, Sissy. É a pessoa mais intuitiva e pé no chão que já conheci. Confie em seus instintos.

Ela não diz nada por bastante tempo. Com a outra mão, estica as dobras no edredom com movimentos firmes e fortes.

— Precisamos descobrir para onde aquele trem vai, Gene. Não vou deixar os garotos subirem naquilo enquanto não descobrirmos. Nem você.

Ela sustenta meu olhar. A luz da lareira reflete em seus olhos. Eles parecem vidrados e pesados, de uma forma nada característica.

— Não temos muito tempo — digo. — Menos de dois dias.

— Eu sei — afirma ela, com as palavras ligeiramente arrastadas, como se pesadas de cansaço. — Estamos deixando passar alguma coisa, não estamos? Uma pista óbvia, algo muito evidente.

Minutos se passam em um silêncio confortável. O som da chuva caindo no teto é musical e hipnótico, e meu corpo fica estranhamente letárgico. Agora a janela reflete o interior do chalé, e vejo nossos reflexos no vidro, a luz avermelhada da lareira nos envolvendo. Pela primeira vez em dias, vejo meu rosto. Parece mais velho, com os contornos mais definidos. Estou ficando ainda mais parecido com meu pai.

Um torpor toma conta de mim. Parece não se encaixar com o momento; sob a luz das novidades inesperadas, com o dilema de subir ou não no trem em nossas mentes, deveríamos estar andando de um lado para o outro, as vozes agitadas e nervosas. Mas estamos jogados no sofá, exaustos.

— De alguma forma, tudo isso tem a ver com meu pai — comento, tentando despertar com a conversa. — Se descobrirmos o que aconteceu com ele, descobriremos para onde vão aqueles trilhos. Ele é a chave de tudo isso.

Penso que Sissy vai responder. Mas, quando me viro para ela, vejo que suas pálpebras estão ainda mais pesadas de cansaço, a cabeça caída para o lado. Ela pisca com força e tenta conter um bocejo.

— Ei — murmura, olhando para a tigela vazia. — O que tinha naquela sopa?

Algo úmido brilha nos olhos dela. Sissy afunda mais no sofá, como se quisesse se fundir ao couro.

Nenhum de nós fala. O fogo crepita e sibila. Um peso me empurra para baixo, delicadamente, mas com insistência, de encontro ao sofá. Faço tudo que posso para resistir à pressão, para me manter acordado. A sala começa a escurecer e balançar, ondas cinza se transformando aos poucos em poças negras. Olho para a tigela vazia de Sissy e para a minha, com a sopa ainda pela metade, e as bordas estão meio borradas. Um alarme começa a soar na minha cabeça, mas o som é distante e baixo.

— Gene — murmura Sissy.

— O quê?

Ela escorrega mais no sofá, o corpo deslizando pelo couro liso até se apoiar no meu. A pele macia de Sissy se funde aos contornos do meu corpo. Parecemos nos encaixar perfeitamente.

— O que foi? — pergunto.

Por bastante tempo, ela não diz nada, e acho que finalmente dormiu. Mas logo

murmura algumas palavras, com a delicadeza das asas de uma borboleta.

— Nunca me abandone. Promete?

Ela fecha os olhos depois disso, a cabeça deslizando pelo encosto do sofá até meu ombro. Sinto a pele de sua testa no meu pescoço, macia e quente, a pulsação dela na minha clavícula.

Sissy abre a boca, e pequenos suspiros escapam com delicadeza. Ela está dormindo. Encosto de leve em seu rosto, passando as pontas dos dedos pelas bochechas, pelas sobrancelhas. Toco na franja dela, afastando-a da testa.

A luz das chamas se espalha pela sala como cobras frenéticas. São da cor do cabelo de Julia Brasa: um ruivo fogoso e ciumento que gira loucamente. Só consigo fechar os olhos contra a onda de culpa que me atinge. Acaricio o braço de Sissy, caído sobre meu peito, de um lado para o outro, de um lado para o outro. Cada movimento parece uma traição, uma traição, uma traição.

O sono me toma com uma rapidez misericordiosa.

25

ACORDO COM o som de pesadas gotas de chuva batendo na janela. Está escuro como breu lá fora. O fogo se reduziu a brasas cintilantes, e a sala ficou fria. O edredom está emaranhado no chão, caído como pele morta de cobra.

Sissy sumiu.

Coloco a mão na parte ainda afundada do sofá, onde ela adormeceu. O couro está frio. Eu me levanto, e as tábuas do piso estalam junto com meus ossos doloridos. A sala gira, balançando para a frente e para trás. Cambaleio até o banheiro e esbarro na mesinha de centro, derrubando as tigelas de argila.

A água fria ajuda. Encho as mãos em concha e molho o cabelo, mas uso tanta água que, quando levanto a cabeça, filetes gelados escorrem pelo meu pescoço, meu peito, minhas costas. Acordo de uma vez só.

— Sissy! — grito para o corredor escuro que leva até a porta de entrada, depois mais alto na rua.

A tempestade fez todos se recolherem em suas casas, deixando as ruas desertas. O chão está enlameado por causa da chuva, e vejo pegadas grandes feitas por botas. Grandes demais para serem dos pés de lótus das garotas do vilarejo, então devem pertencer a homens adultos. Os anciões. Pelo menos três, pelo que parece.

Sigo o rastro. Ele some quando chego à rua de pedra. Olho para os dois lados, em vão.

— Sissy! — grito.

Apenas a chuva nas pedras e nos telhados de sapê responde ao meu chamado. Corro na direção da praça da vila, atravessando uma névoa cinzenta. Apesar de normalmente ser o centro das atividades, o lugar está vazio, sem movimento, barulho e até cor, como se toda a vibração tivesse sido varrida pela chuva. As janelas dos chalés estão fechadas, como olhos bem apertados.

— Sissy! — grito de novo, agora com as mãos em concha ao redor da boca. — Sissy!

A porta de um dos chalés se abre. Uma pessoa sai e fica de pé debaixo de uma pequena cobertura. É Epap. Ele parece ter vestido a camisa com pressa, pois está desabotoada até a metade.

— O que aconteceu? — pergunta ele, com um olhar sonolento. — Onde está Sissy?

— Ela sumiu! Me ajude a procurá-la!

É difícil interpretar a expressão dele. O garoto me observa das sombras, sem querer se molhar na chuva.

— Epap?

Ele balança a cabeça, uma vez, duas, piscando devagar. Volta para o chalé, relevando o ressentimento que ainda guarda de mim e de Sissy. Eu viro de costas, furioso e decepcionado. Esperava mais dele.

Mas logo Epap dispara pela porta, vestindo um moletom, os pés batendo com urgência nas poças de lama. Já colocou o capuz quando me alcança.

— Me conte o que aconteceu — exige.

Seus olhos estão inquietos de preocupação.

— Ela irritou os anciões. Eles a levaram para algum lugar.

Ele olha para mim em busca da verdade.

— Isso é loucura. Por que você pensaria uma coisa dessas?

— Eles colocaram alguma coisa na sopa para fazê-la dormir. Eu não tomei tanto quanto ela, então… Caramba! Você vai ficar fazendo perguntas ou vai me ajudar a encontrá-la? Acho que ela está realmente encrencada.

— Você está exagerando — responde ele, balançando a cabeça. — Até agora os anciões só foram bons para nós. Por que não relaxa e deixa de ser paranoico? — Um dos lados da boca dele se abaixa. — O quê, acha que só porque Sissy não está com você, quer dizer que ela foi abduzida? Não pode ser porque… ah, sei lá, só porque ela não quer ficar com você? — Ele levanta os braços na chuva e ri, com deboche. — Você me fez sair nesse tempo horrível por causa *disso*?

Não tenho tempo para explicações ou drama. Dou as costas para ele e avalio em que direção correr.

Epap segura meu ombro. Me viro para ele, prestes a puxar o braço. Mas a expressão em seus olhos me faz parar.

— Espere — pede, suspirando de frustração. — Você acha mesmo que tem alguma coisa errada?

Assinto.

— Como você sabe?

— Epap, você acredita em mim ou não? Não vou perder tempo explicando.

Alguma coisa nele cede.

— Vamos procurá-la — diz.

E, quando saio correndo, ele segue ao meu lado. Nossas pernas se movimentam em sincronia, espalhando pequenas explosões de lama aos nossos pés.

* * *

Mas as ruas vazias e as casas escuras não revelam coisa alguma.

— Onde está todo mundo? — pergunta Epap, ofegando ao meu lado, quando paramos.

Ele apoia as costas em um chalé e se inclina para a frente, as mãos agarrando os joelhos.

— Venha — chamo, também tentando recuperar o fôlego. — Vamos continuar procurando.

Ele assente e se afasta da parede.

— Espere — pede, indicando algo à nossa direita com o queixo.

Uma garota da vila, usando um capuz, sai correndo de um dos chalés. Ela observa a rua vazia e começa a cambalear na nossa direção, tão rápido quanto seus pés de lótus são capazes.

Epap e eu nos entreolhamos e vamos correndo até a garota. Ela para e espera a gente chegar enquanto observa a rua, nervosa. Quando segura meu braço e nos puxa para uma viela estreita, a manga prende na minha e sobe pelo braço. Há quatro marcas de queimadura na parte interna do antebraço. Ela puxa o capuz. É a garota das sardas.

— É tarde demais — sussurra. — Voltem para os chalés.

— Onde ela está? — pergunto. — Para onde a levaram?

— Acabou. Vocês não têm nada a ganhar indo procurá-la. Mas têm muito a perder. Para seu próprio bem e para o dela, voltem para seus chalés.

— Ela está bem? Foi ferida? — pergunta Epap, dando um passo à frente.

— Ela será devolvida no devido tempo.

Seguro o braço da garota de forma delicada, mas firme. Ela é magra e, por baixo da fina camada de músculo, o osso é duro e rígido. Seus olhos brilham de inteligência.

— Você saiu para nos ajudar — digo. — Então, nos ajude. Onde ela está?

A garota hesita. Em seguida, sussurra:

— Já é tarde demais. Mas vão até a clínica. Sabem onde é, não sabem?

— A clínica? — pergunta Epap. — Sei onde é, mas por que diabos temos que ir até lá?

Ela puxa o braço.

— Vocês chegaram tarde demais.

A garota se afasta e desaparece, entrando no mesmo chalé de onde saiu.

O rosto de Epap está contraído de confusão e pânico crescente.

— A clínica? — Ele se vira para mim. — Gene, o que está acontecendo?

Eu não respondo, embora uma sensação horrível esteja crescendo em mim. Saio correndo, mais rápido do que em qualquer outro momento daquela noite.

* * *

Estamos completamente sem fôlego quando chegamos à clínica, mas não perdemos tempo. Epap passa pela porta, empurrando-a com o ombro. Ele vê alguma coisa: suas costas se enrijecem como uma marionete cujas cordas são puxadas de repente.

Sissy está no meio de uma sala vazia, deitada em um assento que parece uma cadeira de dentista. Mas com amarras e cintos. Os braços e as pernas estão esticados e separados de forma nada graciosa. Seus olhos estão fechados, e a boca, frouxa.

Um leve odor de carne queimada paira no ar.

— Sissy! — grita Epap, correndo até ela.

A manga da blusa dela está puxada, deixando à mostra a parte macia do antebraço. No meio da pele delicada, como uma entidade separada marcada a ferro, há uma cicatriz em forma de X gotejando pus. Ela foi marcada.

Não dizemos uma palavra, apenas nos apressamos para soltá-la. A respiração de Sissy está rápida e superficial, os lábios murmuram palavras sem sentido. Com cuidado, Epap enrola a manga dela para cima, para impedir que a lã áspera roce na pele machucada. Faço menção de pegá-la, mas ele me empurra para o lado. Então a levanta com uma força e graça surpreendentes para seus braços magros e a aninha em segurança contra o peito. Seus olhos se fecham em alívio, os lábios começam a se mover no cabelo dela.

— Estou com você, Sissy, vou protegê-la agora — sussurra.

Quando ele a levanta para passar o braço com mais firmeza debaixo das pernas dela, a cabeça de Sissy bate em seu nariz. Ele não grita nem reclama, só a segura com enorme carinho até a onda de dor passar.

Uma pontada inesperada de ciúme perfura meu coração.

Epap sai da clínica e vai para a chuva. Ela cai com a força de uma cachoeira, nos encharcando em segundos. Apesar do peso extra, o garoto corre com uma velocidade difícil de acompanhar. Ou de manter.

— Epap! — Seguro o braço dele para fazê-lo parar. — Para onde você está indo?

— Estou voltando para o meu chalé.

Ele tenta puxar o braço.

— Não. — Meus olhos encontram os dele. — Seu chalé é do outro lado da vila. A dez minutos daqui. Sissy não deveria ficar nesta chuva por tanto tempo. Não nessas condições. Leve-a para o meu chalé. É bem mais perto.

Os braços dele estão começando a tremer. Após a descarga de adrenalina, Epap está exausto. Ele concorda sem demora.

— Leve-nos até lá.

Mas faço uma pausa, pois acabo me lembrando de uma coisa.

— Temos que buscar os outros — digo.

Epap entende na mesma hora. Não é seguro eles ficarem sozinhos. Um ataque contra um de nós é um ataque contra todo o grupo.

— Eu levo Sissy — afirmo. — Vá buscar os garotos. Você sabe onde eles estão. Eu, não.

Ele me lança um olhar cauteloso.

— Não — diz. — Vou carregá-la…

— Pela vila toda? — pergunto. Coloco a mão no ombro dele. — Vou levá-la em segurança. Prometo. — Epap me encara, a indecisão estampada no rosto. — Sissy vai querer ver os garotos quando acordar. Vá buscá-los.

Aquilo o convence. Ele coloca Sissy nos meus braços. Eu não tinha me dado conta do quanto desejava aquilo. A cabeça dela tomba de encontro ao meu peito, sua pele se afunda de leve ao tocar na minha. Preciso de todo o meu autocontrole para resistir à vontade de abraçá-la com mais força, de mergulhar o rosto no cabelo dela e cheirá-lo.

Epap me olha com desconfiança. Digo onde fica meu chalé, e partimos em direções diferentes. E de repente estou cheio de energia, como se estivesse sugando a força vital de Sissy. Meus passos ganham velocidade e urgência. Choco-me contra as gotas de chuva, estilhaço-as em milhares de partículas de névoa.

26

JÁ NO chalé, trabalho depressa. Deito Sissy no sofá, e ela se encolhe toda, os braços tremendo e os lábios azulados murmurando, em delírio. Pego o edredom no chão e a envolvo em um casulo apertado, deixando o braço marcado por cima. Mas não é o bastante: o corpo dela ainda treme com um frio de gelar os ossos.

Vou depressa até a lareira. Algumas brasas ainda brilham, e acendo o fogo em questão de minutos. Sissy não parou de tremer. Um muco amarelo escorre do ferimento, e a pele ao redor dele está com um tom horrível de vermelho.

— Ah, Sissy — sussurro, entredentes.

Afasto o cabelo úmido de sua testa. Até aquele momento, eu não sabia que os sentimentos de fúria e carinho podiam coexistir ao mesmo tempo.

Os garotos chegam instantes depois, ouço seus passos nos degraus e no corredor. Eles entram pela porta com rostos pálidos e cabelos desgrenhados e úmidos.

— Como ela está? — pergunta Jacob.

Os quatro se reúnem ao redor do sofá e acariciam o cabelo dela, sem saber direito o que fazer. David sufoca um soluço quando vê a pele marcada. Ben começa a chorar.

— Pegue uma toalha molhada no banheiro — pede Epap para Ben, tentando distraí-lo. — Precisamos manter o ferimento frio. — Ben se afasta. Epap puxa o edredom e olha para mim com raiva. — Seu idiota! As roupas dela estão encharcadas. Não é de se surpreender que ela esteja congelando.

— Ah, e o que eu deveria ter feito? Tirado a roupa dela?

Epap não responde. Apenas volta a dar instruções aos garotos mais novos. Aponta para a cômoda, e Jacob se levanta e pega um conjunto de roupas secas. David corre até o banheiro para pegar mais uma toalha.

— E coloquem meias nos pés dela — manda Epap, quando os outros três começam a desabotoar e tirar as roupas encharcadas de Sissy.

Epap e eu andamos até o corredor e fechamos a porta. O garoto massageia a nuca.

— Eles drogaram a comida — explico. — O que fez com que nós dois apagássemos. Foi nessa hora que a levaram.

Ele assente. Eu esperava um pouco de rancor, além de acusação, mas a voz dele sai surpreendentemente gentil.

— Você está bem? — pergunta.

— Estou — respondo, depois de alguns segundos.

Epap assente de novo, anda pelo corredor e se apoia na parede. Encosta a cabeça na madeira e fecha os olhos.

— Eles queriam revistá-la — explico —, e ela negou. Queriam revistar o corpo dela, Epap.

O garoto abre os olhos de repente.

— O quê?

— Queriam que ela tirasse a roupa para examinar a pele.

Ele pisca.

— Por quê?

— Acham que a Origem pode ser uma inscrição ou algo do tipo tatuado em nosso corpo. Talvez uma equação ou fórmula. Algo parecido com uma inscrição.

Ele fez um *o quê?* só com os lábios, sem som. Então olha para mim.

— Mas por que só ela? Por que não você, eu e os garotos?

— Eles já nos examinaram. Fizeram isso comigo quando eu estava doente. E devem ter checado vocês quando estavam na casa de banho.

A expressão de Epap fica pensativa, e seus olhos se arregalam ao entender.

— Eles mandaram as garotas nos darem banho. E secarem com a toalha. Cada centímetro do nosso corpo.

— Vocês não protestaram? N ão reclamaram?

O rosto dele fica vermelho, ele olha para o chão.

— Não. Quer dizer, do que iríamos reclamar? Achamos que era um sinal de hospitalidade.

Dou uma risada de deboche, mas sem barulho. Puxo as cortinas da janela do corredor. Nada se move lá fora além da chuva escura.

— Você estava mesmo cego — comento. — Nem faz ideia, não é? Do que há de errado neste lugar?

O garoto cruza os braços sobre o peito.

— Sei das marcas. Não é o que você pensa. Só precisamos de um pouco mais de tempo para nos acostumar. Assim como a todas as outras… peculiaridades. Elas são como espuma na cerveja. É preciso passar por ela para chegar à parte boa.

— Eles marcaram *Sissy*. Isso não é uma coisinha com a qual eu possa me acostumar. Não é espuma.

O piso estala sob seus pés quando ele se mexe, desconfortável. Epap não diz nada. Atrás da porta, ouvimos os outros falando baixinho quando terminam de trocar a roupa de Sissy. Um longo minuto depois, Epap pergunta:

— O que acha que devemos fazer? Estamos em perigo? Devemos ir embora?

Dou de ombros.

— Eu é que devia estar fazendo essas perguntas. Passei dias de cama, inconsciente, vocês deviam conhecer a vila melhor do que eu. Mas estavam tão

ocupados tentando cair nas graças dos anciões, ignorando a "espuma". Vocês não sabem nada sobre este lugar.

Ele se afasta um pouco pelo corredor, mas volta.

— Isso não é justo.

— Vou lhe dizer o que é injusto. Ter deixado Sissy sozinha na fazenda. Foi isso que vocês fizeram. Vocês a abandonaram. Ela os trouxe para este lugar em segurança, atravessando a Vastidão e depois montanha acima, protegendo-os de ataque após ataque dos noturnos. E o que vocês fizeram para retribuir? Assim que botaram os pés neste lugar, a largaram em um canto como um saco de batatas. Saíram correndo por aí, comemorando com…

— Chega!

— … todas as garotas daqui, sem pensar em Sissy em nenhum momento.

— Sissy sabe se defender! Ela não precisa de alguém segurando a mão dela…

— A questão não é essa! É sobre união, é…

— Já disse para parar! Não preciso que você me dê um sermão sobre lealdade!

O rosto dele está tomado de raiva. Mas ela não é dirigida a mim. Os punhos cerrados batem na lateral do corpo. O ódio por si mesmo e a culpa contraem seus ombros.

— Vocês a deixaram sozinha — digo, agora com mais gentileza. — Não deviam ter feito isso. Os garotos menores, tudo bem, entendo que tenham ficado encantados com este lugar. Mas você. Você devia ter mantido a cabeça no lugar. E *nunca* devia ter deixado Sissy se virar sozinha, Epap. O que estava pensando, ao se cercar de todas aquelas garotas? Queria deixá-la com ciúme, não foi? — pergunto, aumentando a voz, cheio de acusação.

Ele comprime os lábios. Anda outra vez até o final do corredor, os passos pequenos e duros. Encara as botas, inconsolável. Quando volta, é com passos mais lentos e meditativos. Ele se apoia na parede e dá um chute para trás, batendo o calcanhar.

— Eu não queria deixá-la com ciúme — responde, baixinho. — Passar tanto tempo com as garotas da vila, ficar com elas, não fiz isso para entrar em um joguinho de ciúmes. Eu nunca faria uma coisa tão… infantil.

— Por que fez isso, então?

Seus olhos ficam úmidos, e Epap encara o chão.

— Queria provar *para mim mesmo* que era capaz de viver sem ela. Que não precisava dela. Que, na companhia de outras garotas, a esqueceria. — Epap funga. — E, no começo, achei que conseguiria. Toda aquela atenção era inebriante, entende? Mas eu estava enganado. — Ele olha para as mãos e bufa, irritado. — E você está certo, eu jamais devia tê-la ignorado. Pisei na bola, dessa vez.

Ele me encara com um olhar equilibrado e firme, cheio de determinação.

— Sou melhor do que isso. Vou compensar o que fiz. Vou mesmo.

Concordo com um movimento rápido de cabeça, sem deixar de olhar nos olhos dele. Demorou mais de uma semana, mas Epap e eu finalmente tivemos nossa primeira interação de verdade.

— Algo neste lugar deixa você incomodado — comenta ele. Seu olhar fica duro com a reprovação que sente de si mesmo. — O que eu perdi?

— Acabei de descobri algumas coisas. Coisas que você precisa saber. — Indico a sala com o queixo. — Mas vamos entrar. Quero que os garotos ouçam também.

Percebo movimento. Do lado de fora do chalé, uma fila de figuras cinzentas atravessa a chuva na nossa direção.

— Espere — peço. — Tem alguém vindo.

* * *

É um trio de garotas. Elas trazem pomadas medicinais e ataduras. Ajoelham-se em frente à Sissy, ainda inconsciente , e trabalham com uma eficiência que só pode vir da experiência. Espalham um creme de cheiro forte na pele queimada. Poucos minutos depois, o tiram e passam outro creme amarelado, dessa vez uma camada mais fina. As três colocam uma atadura ao redor da pele queimada, mas não em cima.

— Apliquem uma nova camada de hora em hora — explica a líder.

A garota tem olhos severos e bochechas cheias e gorduchas, o cabelo está preso em tranças. Ela se levanta para sair. As outras a imitam, e o piso estala sob o peso das três.

Uma delas, com a voz aguda e trêmula, fala:

— Os anciões desejam expressar sua insatisfação. Foi uma grande imprudência vocês terem tirado essa garota da clínica. No entanto, o Grande Ancião Krugman decidiu que não é necessário usar mais nenhuma forma de disciplina. Já houve punição suficiente esta noite. *A justiça foi feita, e a ordem, restaurada.* — A última frase é dita como uma entonação de cântico.

— No entanto — completa a terceira garota, com o rosto magro e impassível —, os anciões querem que eu transmita a ordem de que cada um retorne para a moradia designada. A divisão dos dormitórios é controlada com rigidez. Vamos acompanhar todos aos chalés e carregar a jovem de volta para a fazenda.

Os garotos se entreolham.

— Não — responde Epap. — Isso não vai acontecer. Vamos ficar todos aqui. De agora em diante, ficaremos juntos.

— Os anciões são insistentes.

— Eu também — retruca Epap.

As garotas, como não estão acostumadas a desafiar homens cara a cara, cedem rápida e facilmente. Uma delas ajeita o vestido.

— Sei o que estão pensando — diz. — Que o que aconteceu hoje com sua amiga é uma coisa terrível.

— E não é? — pergunto.

A garota puxa a manga do vestido. Ela tem três marcas no antebraço.

— Eu já fui selvagem e indisciplinada. Não entendia que minha desobediência era um câncer para a harmonia da Missão. Mas amadureci. E, agora, posso dizer com sinceridade que, desde que aprendi a colocar as necessidades da Missão antes das minhas, encontrei a paz e a alegria que buscava nos lugares errados. Sou mais feliz do que imaginei que era possível, ainda mais por saber que um dia alcançarei a maior das alegrias, uma passagem para a Civilização.

Ela vê a incredulidade em meus olhos.

— Os anciões nos ensinam, e passei a ver que é verdade, que a Missão vai prosperar ou afundar dependendo do quanto estamos em sincronia com ela. É por isso que qualquer desvio de comportamento, por menor que seja, deve ser corrigido depressa e, infelizmente, em raras ocasiões, de forma drástica. Mas esta é uma comunidade pacífica e maravilhosa. Vocês deviam parar de procurar problema onde não tem. Porque essa busca será infrutífera.

— Você foi marcada três vezes — digo, apontando para o braço dela. — O que acontece quando chega a cinco?

Ela não responde, apenas puxa a manga para baixo. Sua sobrancelha esquerda treme.

— Está na hora de irmos — diz.

Elas pegam as cestas com os medicamentos e saem cambaleando do aposento. Ouço-as caminhando pelo corredor.

Curiosamente, uma das garotas não saiu da sala. Está imóvel. É a menina de tranças. Ela se vira de repente e olha para mim.

— Tomem muito cuidado — sussurra com urgência, as sobrancelhas unidas em uma única linha de medo.

— O quê? — pergunta Epap. Alto demais.

Os passos no corredor, que estavam se afastando, param. Logo recomeçam, mas se aproximando. Elas estão voltando. E rápido. Como punhos batendo cada vez mais alto em uma porta.

— O que está acontecendo? — sussurro para a garota.

Mas é tarde demais. Ela ouve a aproximação das outras e se recompõe no mesmo instante.

— Podem pelo menos deixar que a gente traga comida para vocês? — pergunta

ela, bem alto.

As outras duas já chegaram à porta, e olham para ela com curiosidade.

— Não — respondo. — Não depois do que aconteceu mais cedo com a sopa.

Ela sai da sala, as tranças balançando.

O trio desce a escada. Ouvimos a porta da frente se abrir e fechar. Elas vão embora.

27

— ENTÃO ESSA é a situação — explico para os garotos. Minha voz está fraca e rouca, depois de tanto falar. — Precisamos decidir o que fazer. Se vamos subir ou não no trem.

Durante a última hora, contei a eles tudo que Krugman explicou para mim e Sissy no escritório. Sobre o mundo, a história dos noturnos, o Cientista. E sobre a Origem. Em intervalos regulares, para dar tempo de eles digerirem as informações, parei de falar e fui botar mais lenha na fogueira ou verificar o braço de Sissy. Eu também precisava da pausa. Depois de quase entrar em uma briga no escritório de Krugman, ser drogado e sair em busca de Sissy, eu também precisava digerir tudo aquilo. Quando compartilhei minhas desconfianças sobre a Civilização, de que ela poderia não ser a Terra Prometida, mas o Palácio do Soberano, minha voz fraquejou, e precisei apertar as mãos em punhos para meu corpo não tremer também.

Epap passa o braço pelos ombros de Ben, que está à beira das lágrimas. Ninguém diz uma palavra. Estamos sentados no tapete entre a lareira e o sofá, onde Sissy ainda descansa. Os rostos deles estão tensos, as testas, franzidas. Passo uma nova camada de creme na queimadura. A respiração de Sissy está mais profunda e ritmada, e a testa, mais seca. Os efeitos da droga que ingeriu estão passando, e ela deve voltar a si a qualquer minuto.

Lá fora, o crepúsculo, escondido por trás de uma cortina de chuva negra, virou noite sem que ninguém notasse.

— Mas não temos certeza, não é? — pergunta Jacob. — Não cem por cento, certo? A Civilização *pode* ser a Terra Prometida. O trem *pode* ser o caminho para o paraíso.

— Mas lembre-se do que disse a garota de tranças — comento. — Ela nos avisou para tomarmos cuidado.

— Mas pense no que a outra garota disse — responde Jacob. — Que não devemos procurar problema onde não tem. Talvez este lugar seja mesmo o portão do paraíso.

Sissy geme de dor, os olhos ainda fechados.

— Veja o que essas pessoas fizeram com Sissy — retruco. — Como pode confiar em qualquer coisa que digam?

Jacob se levanta e vai até a janela.

— Escutem. Tive um sonho na noite passada. Com a Civilização. — Ele faz uma

pausa, hesita. Mas volta a falar, e um rubor se espalha por suas bochechas. — Foi tão real. Vi estádios a céu aberto lotados de humanos assistindo a esportes sob a luz do sol, como em todos aqueles livros que lemos. Mercados de rua com centenas de barracas diferentes, shows de verão sobre gramados verdes, cidades tomadas por restaurantes, com mesas nas calçadas, humanos sentados e comendo… salada. E havia parques de diversão com desfiles, castelos incríveis e brinquedos emocionantes. Carrosséis com crianças rindo, passeios mágicos de barco cercados de bonecos cantantes, tudo que o Cientista nos contou. Não temos como *não* ir para lá.

— Pare com isso, Jacob, é só um sonho. Não podemos tomar uma decisão baseados em uma coisa tão vaga — responde Epap, chamando a atenção dele com delicadeza.

— Não é mais vaga do que os palpites de vocês. — Ele passa a mão pelo cabelo. — Só estou tentando dizer que não sabemos de nada. Pelo menos, não com certeza.

Ficamos em silêncio. Jogo outro pedaço de lenha na lareira, e olhamos para o fogo como se a resposta estivesse em algum ponto das chamas bruxuleantes.

— Mas sabemos de uma coisa — diz Ben, com a voz aguda e alta. Ele está sentado, abraçando as pernas dobradas, o queixo apoiado nos joelhos. O garoto levanta a cabeça com um sorriso. — A Origem. O que ela é.

Todos nos viramos para ele.

— *Quem* ela é, na verdade — continua. Ele levanta o braço com o dedo indicador esticado e aponta para mim. — Você é a Origem. É tão óbvio.

— Eu? De onde você tirou isso? — pergunto, querendo debochar, mas sem conseguir.

Uma série de arrepios percorre meu corpo. Os garotos estão olhando para mim com a mesma expressão de alguns dias atrás. No barco, quando viraram a tabuleta e leram as palavras entalhadas…

— *Não deixem Gene morrer* — diz Ben.

— *Não deixem Gene morrer* — repete Jacob, de forma lenta e pensativa, como se tentasse sentir a textura de cada sílaba. Seus olhos, quando se erguem para encarar os meus, se arregalam. — Ben está certo. A Origem não é uma coisa. É uma pessoa. É você. Você deve ser a Origem.

A lenha crepita na lareira às minhas costas.

— Isso meio que faz sentido — concorda Epap, cutucando o lábio inferior. — Afinal, procuramos em toda parte. Em todos os nossos pertences, nas nossas roupas. Reviramos as páginas do diário do Cientista várias vezes e sempre voltamos de mãos vazias. A essa altura, já teríamos encontrado a Origem, se ela fosse uma *coisa* que trouxemos do Domo. — Ele olha de relance para Sissy, deitada no sofá. — Você disse que os anciões acreditam que a Origem seja alguma coisa escrita, talvez

palavras tatuadas na nossa pele. Mas e se as letras não forem alguma coisa na nossa pele. Mas…

— … no nosso nome. No seu nome — completa Ben, olhando para mim.

Gene.

— E se a Origem estiver nos seus genes? — questiona Ben. — No seu genoma. Toda aquela coisa de DNA que o Cientista nos ensinou.

Eles me encaram como se de repente eu tivesse cinco cabeças.

— Não — respondo, balançando a cabeça. — Não pode ser tão simples. — Eu franzo a testa ao ver meu reflexo na janela escura. — Não é?

— Gene — começa Epap, levantando-se devagar. — Seu pai alguma vez mencionou alguma coisa para você?

— Sobre o quê? — pergunto.

— Sobre por que ele escolheu esse nome para você, Gene? — pergunta Epap.

Se é deboche ou brincadeira, ele não demonstra na voz e nem no olhar firme.

— Peraí — digo. — Vocês acham que a Origem… está nos meus *genes*? Vocês acham que a cura para os noturnos está no meu código genético?

Os olhos arregalados e as bocas abertas são resposta suficiente.

— Parem com isso! — retruco, com deboche. — Não sejam ridículos! Um nome é só um nome! Um som. Não tem nenhum significado especial! — Eu olho para Epap. — Vai me dizer que Epap tem algum significado? Ou Ben? Ou Jacob?

— Na verdade — começa Epap, o entendimento tomando seu rosto —, eles têm. Todos os nossos nomes têm significado. O Cientista disse que nos batizou de acordo com alguma característica específica nossa. Ben ganhou esse nome por causa do Big Ben, uma torre de relógio famosa, porque tinha braços e pernas gorduchos quando era bebê. Jacob recebeu o dele em homenagem a um personagem bíblico, porque manca um pouco. Quanto a Sissy, ele escolheu "Sis" porque ela era muito sisuda quando pequena. Mas depois passamos a chamá-la de Sissy, porque era mais fácil de pronunciar. E ele me batizou de Epap…

— Tudo bem, tudo bem, já entendi — respondo. — Ele escolheu nomes fofos para todos vocês. Fico feliz por isso. Mas posso dizer o seguinte: ele nunca me explicou o porquê do meu nome. Era só um nome. Não tinha significado especial.

Mas parece que eles não me ouviram. Estão sorrindo, os olhos arregalados de espanto.

— O tempo todo — começa Jacob, os olhos brilhando —, estava bem na nossa frente. A Origem. A cura para os noturnos, a salvação da humanidade. A maldita Origem.

Fico parado ali, sem jeito, diante deles, querendo distrair a atenção e as conclusões injustificadas. O couro firme do sofá estala.

— Acho que ainda h á esperança para vocês, seus miolos moles.

Era a voz de Sissy. Nós nos viramos para ela. Está de olhos abertos, a cabeça apoiada no braço do sofá. E está tentando sorrir.

— Talvez eu devesse desmaiar com mais frequência — diz. — Sair de cena. Ao que parece, faz com que vocês pensem por si mesmos. Que tenham ótimas ideias.

— Fui eu, Sissy! — grita Ben, sorrindo e indo até ela. — Fui *eu* que pensei nisso primeiro!

Sissy dá um beijo na bochecha dele.

— Mas é claro que foi. Você é meu irmão, não é?

Ben aponta para mim com orgulho.

— E ele é a Origem.

28

SISSY PASSA apenas alguns minutos em pé antes de precisar vomitar em uma bacia. Ela limpa a boca e diz que se sente melhor, depois de botar tudo para fora. O cheiro é horrível, e levo a bacia improvisada para fora. Quando volto, os cinco estão no meio de uma discussão acalorada.

— Temos que entrar no trem — diz Jacob, segurando o cotovelo com a mão. — Acredito que foi por isso que o Cientista nos trouxe até a Missão. Este lugar é como uma sala de espera, onde pegaremos o trem para o paraíso. Concordo que é uma sala de espera estranha, com todos esses regulamentos esquisitos e punições. Sei disso. Mas mesmo assim é uma sala de espera. — Ele suspira de frustração. — Daqui a uma semana, estaremos comendo em restaurantes elegantes ou passeando por toda a cidade cercados de luxo, rindo dessas desconfianças bobas. É hora de comemorar, não de desconfiar do Cientista. Ele nos trouxe até aqui para pegarmos o trem. Dá para ser mais óbvio do que isso?

— Se esse é o caso, por que ele mesmo não entrou no trem? — pergunta Epap.

— Ele estava nos esperando, esperando que Gene, a Origem, chegasse. Talvez quisesse viajar conosco, nos acompanhar pessoalmente até a Civilização. — Jacob sacode os braços, frustrado. — E estaria se revirando no túmulo se pudesse nos ouvir agora.

— E você acabou de mencionar a próxima questão. Porque ele *está* no túmulo. Se ia nos esperar, por que se matou? — pergunta Epap.

Jacob engole em seco.

— Não sei — responde, com a voz trêmula. — Quem sabe não estivesse nos esperando há muito tempo. Meses, ou até anos. Como não aparecemos, talvez tenha pensado que falhou conosco e que não merecia mais ir para a Civilização. Mas podemos honrar a vida dele indo para onde ele passou anos lutando para nos levar.

A sala é tomada por um silêncio pesado.

— Não sei, Jacob — intervém Sissy, em voz baixa. — Me desculpe, mas tem alguma coisa errada com essa Civilização. Com o suicídio do Cientista. Acho que a melhor forma de honrá-lo é ficarmos alerta e usarmos a cabeça. Precisamos saber mais sobre o que está acontecendo antes de subir no trem.

— E quanto tempo isso vai levar? Uma semana? Um mês? Um ano? — Os olhos de Jacob pousam na queimadura de Sissy. — Não podemos ficar aqui para sempre.

Sissy repara que ele está olhando para a marca e vira um pouco o braço.

— Temos comida e abrigo aqui — responde ela. — Essa cicatriz não é nada. Foi só um arranhãozinho. Quase não doeu. — Ela dá um sorriso tranquilizador. — Vamos ficar bem aqui.

Jacob encara os pés, os olhos úmidos.

— Você me conhece, Sissy — retruca ele, a voz tremendo de emoção. — Eu nunca iria contra o que você decidir para nós. Se você diz que precisa de mais tempo para investigar, acredito em você. Mas descubra rápido, está bem? Promete que não vai fazer a gente ficar aqui nem um dia a mais do que o necessário?

Ela anda até o garoto e puxa a cabeça dele de encontro ao peito. O corpo de Jacob, rígido de tensão, relaxa. Ele passa o braço pela cintura dela, seu corpo treme. Lágrimas escorrem dos olhos fechados.

— Nem um segundo a mais, está bem, garotão? Você será o primeiro a saber. E chega de choro! Você já está grandinho.

Jacob assente e limpa as lágrimas do rosto.

— Você é um miolo mole, sabia? — diz Sissy, bagunçando o cabelo dele.

29

ELES SE acomodam para dormir. Os três garotos menores dividem a cama, Sissy fica no sofá, e Epap escolhe o tapete. Eu pego um banco alto de madeira, levo-o para o corredor e o posiciono ao lado da janela. Digo a eles que quero ficar de vigia, só por precaução.

Ouço-os murmurando no quarto, uma conversa séria e grave. As vozes acabam dando lugar ao silêncio e então a roncos leves. A respiração dos cinco parece sincronizada mesmo na inconsciência do sono. Penso em voltar para lá, deitar na cama. Eles vão abrir espaço para mim, como sempre fizeram. Mas fico grudado no banco, olhando pela janela. Preciso ficar sozinho.

A chuva, caindo com a intensidade de quarenta dias e quarenta noites, para de repente. Depois de uma hora, quando até o gotejar dos telhados chega ao fim, só ouço o silêncio. As nuvens se abrem um pouco. O luar desce do céu, fragmentado e irregular, e se derrama sobre as montanhas.

Gene.

Ele disse por que escolheu esse nome para você, Gene?

Meus pensamentos são interrompidos pelo estalar do piso. Sissy, pálida, avança pelo corredor escuro. O edredom está enrolado nela como um xale.

— Por que você não volta para o quarto? — pergunta, em voz baixa.

Como não respondo, Sissy anda até mim. Nossos ombros quase se tocam quando ela olha pela janela. A manga está dobrada, e sombras escuras cobrem seu antebraço.

Seguro o braço dela com delicadeza e o puxo para debaixo do luar. O ferimento parece pior agora, a pele inchada ainda solta pus.

— Ah, Sissy.

Os olhos dela ficam mais sérios, mas desta vez de um jeito diferente. Com os garotos, para disfarçar a dor, eles pareciam escudos. Mas agora vejo por trás da dureza enormes poças de mágoa e raiva.

Ela me conta que não se lembra de muita coisa. Só do cansaço que se apossou de seu corpo depois de tomar a sopa e da sensação de ser carregada. Depois disso, só lembra de acordar na meu chalé. Onde descobriu que fora marcada.

— Tenho certeza de que eles devem ter me revistado — diz, e, mesmo que esteja sussurrando, posso ouvir a raiva em sua voz. — Não sei o que é pior, saber que eles fizeram isso ou não conseguir lembrar que aconteceu.

— Sinto muito. Tentei encontrar você. Nós dois, Epap e eu. Mas…

— Não podemos deixar isso nos afetar — interrompe ela, baixinho, mas vejo outra vez a raiva brilhando em seus olhos. — Não me entenda mal, estou cheia de vontade de dar uma surra neles, mas não podemos deixar isso nos distrair. Nossa prioridade número um — continua, virando-se para olhar para mim — é descobrir mais sobre aquele trem. Sair por aí em busca de vingança só vai atrapalhar.

Gotículas de sua respiração condensada brilham na janela. O braço de Sissy treme de leve em minhas mãos.

— Tem certeza de que você está bem? — Levanto a mão para afastar o cabelo dos olhos dela. — Ei, talvez a gente devesse ir embora. Fazer as malas e partir. Nos aventurarmos pela floresta.

— Não — retruca ela, baixinho. — Para onde iríamos? Como sobreviveríamos? O inverno está chegando. Além do mais, Jacob está certo. Talvez o trem leve mesmo até a Terra Prometida. Não podemos abandonar essa possibilidade tão rápido… talvez seja nossa melhor opção.

Ficamos em silêncio. As nuvens se desfazem e se abrem, permitindo que mais luar caia sobre a vila. Aos poucos, a postura de Sissy começa a relaxar, a expressão em seu rosto se suaviza. Ela se inclina na minha direção, e nossos ombros se tocam de leve. De repente, fico bastante ciente da sensação da pele dela contra a minha. Passei esse tempo todo segurando o braço dela. Afasto as mãos devagar. O braço de Sissy cai ao lado do corpo.

— O que foi? — pergunta ela.

Engulo em seco.

— Nada.

Olhamos para fora de novo. O som dos roncos chega até nós, atravessando o corredor.

— Venha — chama ela —, precisamos descansar. Volte para o quarto, tem bastante espaço e é quente. — Ela coloca a mão no meu cotovelo. — Dormir vai clarear nossas mentes. De manhã, pode ser que a gente pense em alguma coisa.

Balanço a cabeça.

Ela me encara com atenção.

— Você não precisa mais ser um lobo solitário, Gene.

— Não é isso.

— Então o que é?

— A resposta está em algum lugar lá fora. Na vila. Não em nossas cabeças. — Enfio as mãos nos bolsos do casaco. — Você me disse que meu pai brincava de caça ao tesouro com você. Ele também fazia isso comigo. O tempo todo. Escondia um prêmio e deixava pequenas pistas para me ajudar a encontrá-lo.

Os olhos dela brilham em reconhecimento.

— *A resposta está bem na sua frente. Bem debaixo do seu nariz.*

Assinto.

— Não consigo afastar a sensação de que ele deixou uma pista para mim em algum lugar. Bem na minha frente. Bem debaixo do meu nariz. E preciso encontrá-la. — Eu me viro para ela. — As respostas estão lá fora. Esperando para serem encontradas.

Ela segura minha mão com delicadeza.

— Acho que sei onde devemos procurar.

30

SEGUIMOS DEPRESSA pelas ruas iluminadas pela lua. Os raios intensos transformam as poças de chuva em piscinas reluzentes de mercúrio. Sissy recuperou as forças e me acompanha com facilidade, as botas fazendo barulho no chão molhado. Chalés ladeiam os caminhos estreitos, e só voltamos a conversar quando saímos da rua principal e pegamos uma trilha de terra.

— Por aqui — diz Sissy, quando estamos na metade do caminho entre a vila e as fazendas.

Aperto o casaco ao redor do corpo para me proteger do frio e a sigo até um prédio retangular e baixo, a cerca de cem metros, na beira do bosque. Uma construção comum. Não tem janelas, apenas uma porta de metal interrompe a parede de concreto. Metade do prédio está banhado pelo luar. A outra está escondida nas sombras das árvores.

— O laboratório do Cientista — explica ela, quando nos aproximamos. — Já chequei este lugar várias vezes quando você ainda estava doente. Eu sabia que os anciões já deviam ter examinado cada centímetro dele em busca da Origem. Mas queria ver no que o Cientista estava trabalhando.

* * *

O ar lá dentro é úmido e tem cheiro de mofo. Sissy aciona um interruptor, e luzes fluorescentes se acendem no teto. O laboratório é composto de quatro grandes estações de trabalho cobertas de tubos de ensaio, pequenos queimadores, cilindros e béqueres. Livros e blocos abertos estão espalhados em bancos e até no chão sujo de terra, todos com a caligrafia apressada que eu reconheceria em qualquer lugar. A do meu pai.

— Ele devia dormir aqui — comenta Sissy, apontando para uma rede no canto. — Era um rato de laboratório que não parava de pesquisar, investigar e estudar.

Pego um caderno. Está escrito do começo ao fim, de cima a baixo, com equações e fórmulas químicas sem sentido. Se possuem algum significado, não compreendo. Para mim, são como os trabalhos e rabiscos loucos e iludidos de um homem que perdeu a cabeça.

— Chequei todos os cadernos — diz Sissy. — São todos iguais. Cheios dessas equações. Significam alguma coisa para você?

Balanço a cabeça. Caminho ao lado da parede, observando tudo. Em um armário alto de vidro, há fileiras infinitas de frascos dispostos em prateleiras, vários cheios até a metade com um líquido transparente.

— O que ele estava fazendo aqui? No que estava trabalhando?

A voz de Sissy, do outro lado do laboratório, ecoa até mim.

— Acho que ele criou o líquido verde cintilante dos Brilhos Incandescentes.

Ela anda até o armário de vidro e pega dois frascos. Derrama o conteúdo do primeiro na superfície de uma bancada, fazendo uma pequena poça. Em seguida, abre o segundo e derrama o líquido em cima do outro. Na mesma hora, a mistura começa a brilhar em um tom verde.

— Pelo que descobri lendo os cadernos — continua ela —, o Cientista estava trabalhando nesse líquido havia anos. É algum tipo de fonte de energia alternativa. — Ela pega um caderno e bate na coxa com ele. — Me perguntei se havia alguma coisa por trás. Um objetivo escuso.

Pego outro caderno. Mais equações e fórmulas químicas, nenhuma frase com sujeito, verbo, objeto. Nem uma sombra de pronome pessoal.

— Só isso? Isso é tudo que ele fazia aqui? Trabalhava em um líquido luminoso idiota? — Pego outro caderno, folheio as páginas e o jogo no chão. — Tem que haver mais alguma coisa.

— Já olhei todos os cadernos, Gene. Não tem nada além de fórmulas e equações relacionadas ao líquido luminoso.

Ando entre as bancadas, virando os olhos de um lado para o outro, procurando. Abro algumas gavetas com béqueres sujos, frascos, óculos de proteção manchados, réguas de metal começando a enferrujar.

— Um sinal, uma pista, alguma coisa. Está aqui em algum lugar.

— Talvez — responde Sissy. — É um tiro no escuro, mas, se deixei algo passar, imaginei que você pudesse perceber.

Eu abro armários de vidro, afasto cilindros e béqueres, procuro inscrições nos bancos de madeira, um buraco na parede por onde um raio de sol pudesse entrar. Mas, depois de uma hora de busca, há apenas o nada, o vazio, a ausência de pistas. Um grito vazio no silêncio.

— Gene. Já olhamos tudo. — Sissy morde o lábio inferior. — Não tem nada aqui.

Começo a empurrar pilhas de tubos de ensaio de cima das bancadas, sem me importar se vão se quebrar ou não. Derrubo bancos, chutando-os para longe. Puxo casacos poeirentos e cachecóis dos ganchos de madeira. Estou atrás do meu nome, escrito, entalhado, riscado em madeira, plástico ou vidro. Procuro a letra *G*, a letra *E*, a letra *N*. Procuro pelo meu pai.

— Gene.

Pego mais cadernos, folheando-os, e eles não oferecem nada além de equações sem sentido e partículas de poeira que entram nos meus olhos e me fazem piscar e lacrimejar. Ele gastou tanto tempo escrevendo, rabiscou tantas letras. Mas nem uma vez as letras *G* e *E* e *N* combinadas.

— Gene.

Pego as capas dos cadernos, rasgo-as ao meio, as lombadas estalam como se feitas de cartilagem, e então jogo os pedaços rasgados nos armários de vidro. Apago a luz e observo o laboratório, na esperança de que letras e palavras brilhem no escuro, uma mensagem secreta deixada para mim. Mas não há nada além da escuridão vazia. E então corro para a porta e paro na soleira, em busca de ar fresco, com os olhos mais apertados do que meus punhos, batendo na ombreira de metal. Meu corpo tenso treme com uma raiva que parece ao mesmo tempo dor e desespero.

— Gene.

Sissy está ao meu lado, entrando na pequena coluna de luar que cai sobre mim. É como uma barraca prateada, e o cabelo dela fica iluminado em um tom sépia.

Ela toca meu rosto. Mantém os olhos fixos nos meus, os dedos acompanhando de leve a linha do meu maxilar. Sinto cada poro das pontas dos dedos dela, sinto a maciez de sua pele virar a ponta afiada da unha quando ela a desliza pelo meu queixo, pelo meu pescoço, pelo meu pomo de adão.

Encosto o rosto na ombreira fria da porta de metal. Mergulhamos em um silêncio confortável.

— Certa noite, quando eu tinha sete anos, meu pai teve que sair para procurar um dente que perdi na escola. Ele ficou algumas horas fora, mas pareceu uma eternidade. Eu era só uma criança, e achei que ele tinha sido devorado. Mas, quando estava quase perdendo as esperanças, meu pai voltou, e eu o fiz prometer que nunca me abandonaria. Ele me disse que jamais faria isso, disse que, mesmo quando parecesse que estava longe havia muito tempo, sempre voltaria. Ele prometeu que nunca me abandonaria.

Balanço a cabeça e solto um suspiro.

— Por que prometeu isso, se depois ia me abandonar? — pergunto. — E por que me trazer aqui só para me abandonar outra vez? Nem um bilhete. Nem a porcaria de uma palavra. Quão difícil seria para ele escrever *Querido Gene*?

Ela acaricia a lateral do meu rosto, os dedos deslizando pelos meus cabelos e a pele tocando minha orelha.

— Se realmente sou a Origem, será que eu não passava de um projeto de ciências para ele?

— Gene — sussurra ela, passando o polegar pelas minhas bochechas, espalhando umidade.

Sissy se inclina para a frente devagar. Nossos lábios se tocam, silenciosa e delicadamente, como duas nuvens colidindo no céu, aglutinando-se no ponto mais macio do universo. Fecho os olhos.

Então o chão começa a tremer. Bem de leve, apenas uma vibração.

Abrimos os olhos, e parece que tudo o que vejo (e tudo que importa no mundo) são as íris castanhas rajadas de verde de Sissy. As pupilas, dilatadas e escuras, se ampliam, me sugam. Sinto as mãos dela acariciarem minhas costas.

De repente, agarro-a, puxo-a para mim. Nossos corpos colidem e nossos braços finalmente encontram o caminho ao redor do corpo do outro. Nos abraçamos com força, e a sensação de que aquilo é ao mesmo tempo certo e errado desaba sobre mim, até eu não saber o que fazer a não ser abraçá-la com mais força. Nossas têmporas, pressionadas uma contra a outra, latejam em sincronia. A pulsação dela é leve como uma pena, e as mechas de cabelo que tocam meu rosto parecem dedos macios desfazendo os nós dentro de mim.

É então que o tremor fica mais óbvio, balança até os béqueres de vidro ao nosso redor. Ela afasta a cabeça, e sinto um abismo se estender entre nós dois.

Nós nos separamos.

— O que está acontecendo? — pergunta Sissy.

Vamos para o lado de fora. O chão treme de leve sob nossos pés. Mas é o som que atrai nosso interesse: um sacolejar metálico, um sibilar alto de vapor escapando, vindo do outro lado do bosque.

— O trem — diz Sissy.

Outra coisa chama nossa atenção. Ao longe, grupos de garotas da fazenda andam na direção do que deve ser a estação do trem. Parecem formigas pretas saindo do formigueiro, marchando obedientemente, em silêncio, por uma campina sarapintada de um milhão de gotas de chuva cintilantes.

31

SISSY E eu seguimos pelo limiar do bosque, onde não seremos vistos com facilidade. Chegamos a uma grande clareira do outro lado da península coberta de árvores. No meio dela está o que parece ser uma estação de trem. Dezenas de garotas estão de pé nas duas plataformas, distraídas com suas tarefas. Nós dois nos agachamos na sombra de um abeto grande na orla da floresta. O chão está salpicado de luar, que passa entre os galhos.

Há um trem entre as duas plataformas. Jatos de vapor saem da locomotiva, ainda quente da longa viagem, que sibila, estala e apita enquanto esfria. Pelo menos doze vagões estão acoplados a ela, elos negros de uma corrente de metal. Cada um é feito de barras de ferro curvas e tem a aparência de uma gaiola grande e horrenda. As barras, próximas demais umas das outras para que até mesmo uma criança magra consiga passar, deixam o interior exposto aos elementos: chuva, neve, vento. E, o mais importante, à luz do sol. Em outras palavras, os vagões são à prova de noturnos. Até o piso é de malha de aço. Qualquer noturno clandestino que tente pegar carona naquele trem não encontrará abrigo da luz do sol. Em minutos, ficaria reduzido a uma poça nojenta, gotejando através do piso poroso, pingando por quilômetros entre os trilhos do trem.

Há todo tipo de coisa nos vagões, desde latas, garrafas e frascos em caixas de plástico grandes e transparentes a mesas e cadeiras empilhadas perfeitamente, como peças de um quebra-cabeça, também enroladas em plástico. Garrafas de vinho, uísque e cerveja estão guardadas em baús de vidro climatizados e com suspensões a ar.

— Veja só — sussurro.

Na plataforma mais próxima, uma das garotas pega uma mangueira acoplada a algum tipo de gerador. Ela afasta as pernas, dobra os joelhos para se equilibrar e aperta um botão.

Um jato contínuo de água sai da mangueira. A garota dá alguns passos para trás devido à forte pressão antes de corrigir a postura. Quando começa a lavar o conteúdo do vagão, dez garotas nas duas plataformas se juntam a ela. Espalhadas pelo comprimento do trem, cada uma delas maneja a própria mangueira. No mesmo instante, fica óbvio que limpar as caixas e os contêineres de plástico é uma tarefa de alta prioridade. Nem um centímetro fica de fora. Até a parte de baixo de cada compartimento é lavada. Uma névoa de gotículas de água se espalha ao redor do

trem.

Pequenos grupos de anciões andam por cada plataforma, com pranchetas nas mãos. Mas, se o objetivo é fazer o inventário do carregamento, parece não haver pressa. Eles caminham até o último vagão, onde um grupo de garotas se reuniu.

— Vamos chegar mais perto — sussurra Sissy.

Então avançamos, agachados, escondidos pelas árvores, antes de corrermos pela campina.

Ninguém repara em nós. Toda a atenção está voltada para o trem. E para o último vagão em particular. Os homens gritam para que as garotas parem de lavar. O gerador é desligado, e os jatos de água viram filetes. Aos poucos, a névoa que envolve o último vagão começa a se dissipar. As barras de ferro emergem da névoa lentamente.

Sissy segura minha mão, apertando com força.

Dentro do compartimento, com a água ainda pingando das barras, alguma coisa se move.

Sissy e eu somos os únicos tensos de medo. Ninguém na plataforma grita ou se encolhe. Uma silhueta se move, se aproxima das barras. Mais formas surgem dentro do vagão, movendo-se sem padrão aparente, como as ondas de um mar turbulento. Quando o zumbido dos geradores para, os sons chegam a nós: balidos, pios, mugidos e guinchos de medo, cansaço e fome.

Expiro com força pelo nariz. Meu peito se enche de alívio enquanto aperto a mão de Sissy.

— O que é? — pergunta ela.

— Gado — respondo. Ela me olha sem entender. — Noturnos adoram comer a carne de certos animais — explico. — Como vacas, galinhas e porcos. O apetite deles por essas carnes não é nada em comparação ao desejo pela nossa, é claro, mas mesmo assim, eles quase levaram esses animais à extinção. Hoje em dia, essas carnes só estão disponíveis para a elite, e apenas em certas ocasiões. A população geral *nunca* chega a consumi-las. A maioria se vira com carne sintética. Sissy — continuo, com empolgação crescente —, noturnos jamais abririam mão desses animais. Especialmente para humanos.

A compreensão brilha nos olhos dela.

— O que quer dizer que, seja lá o que houver no final dos trilhos…

— Não devem ser noturnos — completo, apertando a mão dela. — Deve ser um lugar cheio de gente como nós. A Civilização é a Terra Prometida! Jacob estava certo, nós nos preocupamos por nada.

Sissy examina os trilhos até onde desaparecem na escuridão.

Eu continuo a falar:

— Pensei que os bifes que comíamos aqui eram da fazenda. Não que os animais

fossem enviados de fora. Mas, agora, tudo faz sentido. Com a velocidade que consumimos carne, não tem como o gado daqui ser a única fonte. A maior parte teria que ser importada.

Mas Sissy está virada, observando os trilhos do trem. O maxilar está projetado para a frente, rígido como um penhasco de granito ao luar. Ela olha para mim de soslaio, então para o antebraço exposto. Para a pele queimada.

— Não sei, Gene — sussurra, franzindo a testa. Ela morde o lábio inferior. — Talvez eu esteja sendo cautelosa demais, mas acho que ainda preciso de mais provas.

Observamos a atividade na plataforma em silêncio. Mais anciões chegam. Há gargalhadas e sorrisos, o prazer que sentem com o carregamento fica óbvio. Alguns já estão abrindo os baús de bebida, tirando as rolhas de algumas garrafas. Ouço a gargalhada de Krugman segundos antes de o rosto dele ficar visível. O homem segura duas garrafas pelo gargalo, como se estivesse estrangulando um par de gansos.

As garotas trabalham em grupo, em um movimento coordenado e silencioso: fileiras delas saem da estação carregando caixas, enquanto outras, agora de mãos vazias, voltam no sentido contrário. Elas se movem devagar por causa dos pés diminutos, mas a quantidade garante que o progresso seja constante. Terminarão de descarregar ao amanhecer, no máximo ao meio-dia. E o trem estará pronto para fazer a viagem de volta.

Sissy sabe o que isso quer dizer. Ela precisa tomar uma decisão logo. Mas seu rosto está tomado pela incerteza.

— Tenho uma ideia, Sissy — digo. Mudo de posição para ficar de frente para ela e coloco as mãos em seus ombros. — Vou pegar o trem. Só eu. Você e os garotos ficam aqui. Não, me escute. Vou para o que quer que haja do outro lado desses trilhos. Se for tudo que esperamos, se for mesmo a Terra Prometida, volto no próximo trem e busco vocês. Então, vamos embora, todos juntos.

— E se…

— Se eu não voltar, você sabe que não deve ir para lá.

Ela ainda está balançando a cabeça, mas o faz mais devagar conforme vou explicando o plano. Uma breve hesitação surge em seu rosto. O que sugeri faz sentido, e ela sabe disto. Mas Sissy olha diretamente nos meus olhos e diz:

— De jeito nenhum.

— Sissy…

— Não. Não vou deixar você bancar o herói.

— Não estou tentando. Pense bem, Sissy. Com meu plano, você e os garotos ficam juntos. Não é isso que você quer?

Os olhos dela hesitam apenas por um momento.

— Quero que fiquemos juntos.

— Os garotos vão ficar bem sem mim.

Ela coloca a mão na minha bochecha.

— Quando falei *quero que fiquemos juntos*, estou falando de mim e você.

Minhas mãos escorregam, deixando os ombros dela.

— Sissy…

— Eu não quero ficar sem você — afirma ela.

Uma brisa sopra pela campina e joga o cabelo dela no rosto. Os olhos, inteligentes e intensos, fixam-se nos meus por trás da franja desgrenhada. O luar brilha, prateado, sobre as mechas. Nesse momento, é como se todos os sons sumissem, a brisa soprando a grama, as vozes na plataforma, o som dos animais no trem, tudo some. Parece que o único som que continua a existir no universo é a voz dela.

— Eu não quero que a gente se separe — sussurra. — Nem por uma semana. Nem por um dia. Nem por uma única hora, Gene.

Estico a mão e ajeito os fios soltos de seu cabelo. Prendo-os atrás da orelha, e Sissy apoia o rosto na palma da minha mão, pressionando a bochecha contra minha pele. Faço uma pausa e penso.

Ela deve perceber minha determinação, a contração das minhas pupilas. Porque, assim que afasto o corpo, ela estica a mão para me impedir. Mas é tarde demais.

— Gene! Não!

Corro pela campina na direção da plataforma. Ouço-a seus passos atrás de mim na grama. Mas ganhei uma vantagem grande demais. Subo a escada três degraus de cada vez.

— Krugman! — grito.

Ele está no meio da plataforma. Corro na direção dele, e grupos de garotas se abrem para eu passar.

— Eu vou subir no trem — aviso, ao parar à sua frente. Estou ofegante, mas ainda assim tento falar. — Mas só eu. Os outros vão ficar e esperar minha volta. Só depois disso é que iremos. Juntos.

Sissy me alcança segundos depois.

— Seja lá o que ele tenha dito — avisa ela —, não vai acontecer. — Ela se vira para mim, a raiva fervendo em seu rosto. — Você *não* vai entrar nesse trem sozinho.

— Deixe que eu cuido disso — respondo.

Krugman começa a gargalhar alto, batendo com a perna no chão como se estivesse dançando. O grupo de anciões atrás dele se entreolha e começa a sorrir. Alguns riem alto com Krugman.

— Minha nossa! — exclama o homem, batendo na barriga. — Estou no meio de uma briga de casal! Quem imaginaria que algo assim seria tão divertido de assistir. E tão… *dramático*!

De repente, o sorriso se fecha e a gargalhada chega a um fim abrupto. Os outros homens param de sorrir e franzem os lábios. Krugman olha para nós, as bochechas gordas criando uma papada.

— O fato é que nada disso vai acontecer. Porque essa discussão é retórica. *Todos* vocês vão embarcar no trem. Os dois leram a ordem oficial da Civilização, que diz que todos vocês têm que ir para lá. *Todos*. Sem discussão. O trem estará pronto para partir daqui a algumas horas.

As palavras de Sissy são ditas em voz baixa e calma, mas os anciões dão um pulo a cada sílaba.

— De jeito nenhum. Não vamos entrar nele.

Krugman pressiona o queixo contra o peito e olha com raiva para Sissy.

— E o que deixou você tão contrariada?

Ela responde, quase em um sussurro:

— Acho que já está claro, mas vou dizer. Temos dúvidas sobre a Civilização. Não sabemos se ela é o que você disse ser.

— Eu percebi — retruca Krugman. Ele suspira devagar, e o catarro na garganta se mistura com o fedor do mau hálito. — Vou tentar não me sentir ofendido por essa aparente falta de confiança. Vou tentar não me sentir… traído. Será que essa é uma palavra forte demais? Não, acho que não… Vou tentar não me sentir traído por essa crença errônea de que menti para vocês sobre a Civilização.

Ele cospe no chão, e o catarro, grande como um cocô de passarinho, é amarelo-ácido, meio sólido e coberto de pequenas bolhas.

— Depois de tudo que fiz por vocês, depois de tudo que ofereci, *isso* é o que recebo em troca? Não apenas ingratidão, mas desconfiança? Me expliquem: o que eu fiz para merecer isso?

— Por que não tenta adivinhar? — retruca Sissy, suas palavras cortando o ar pesado e tenso.

Krugman sorri e se inclina de leve para examinar o antebraço dela. A língua aparece depressa no canto da boca.

— Acho que está infeccionando — diz, com um minúsculo sorriso de desdém.

Sissy puxa o braço para longe dele.

— Tratei vocês como hóspedes na minha casa — continua o homem. — Mas ainda é a *minha* casa. Há regras e regulamentos que *todos*, até mesmo os convidados mais honrados, precisam seguir. Lamento se você preferiu ignorar essas regras. Mas foi uma escolha sua.

Ele olha para as garotas com carinho. Todas baixam as cabeças quando o líder lhes dirige o olhar, se encolhem como dormideiras ao serem tocadas.

— Sabem esses regulamentos e preceitos que vocês têm em tão baixa conta? Não passam do cobertor que fornece calor e aconchego a essa comunidade.

— Lamento, mas não sinto muito calor nem aconchego aqui — retruca Sissy.

— Minha nossa, você está cheia de comentários interessantes hoje. — Ele estala os dedos, e uma garota se aproxima com copos de uísque em uma bandeja. Ele toma uma dose, limpa a boca com as costas da mão e espalha uma trilha de bebida na bochecha. — Permita-me lhe dar uma pequena sugestão. Seu grupo passou por poucas e boas, certo? Vocês dois parecem cansados. Por que não relaxam nas próximas horas? Transformem a Missão em seu próprio refúgio Shangri-la. Aproveitem até amanhã, quando vocês, *todos* vocês, partirão neste trem para a Civilização. Enquanto isso, apenas relaxem, parem de fazer perguntas incômodas e aproveitem o resto do tempo que terão neste lugar feliz.

— Você disse que a Civilização é um paraíso — falo, entrando na frente de Sissy.

A conduta de Krugman está me deixando desconfiado outra vez. Sinto-me menos otimista a cada segundo.

— Exatamente.

Hesito.

— Estou confuso. Talvez você possa me ajudar respondendo a uma pergunta.

— O quê?

— Se a Civilização é um lugar tão maravilhoso…

— Sim?

— Por que o Cientista preferiu não ir para lá? Por que preferiu não embarcar no trem?

O olhar malicioso some do rosto de Krugman. Os olhos dos homens atrás dele se desviam para mim, suas íris se transformam em aço gelado.

Krugman me encara por bastante tempo.

— Já falamos sobre isso. Ele era um homem perturbado. — As palavras não saem como uma sugestão, mas como se me desafiassem a discordar. — Nosso erro foi não obrigá-lo a pegar o trem. O homem precisava de ajuda profissional. Precisava ser internado.

— É mesmo?

— Além do mais, quem pode culpá-lo por querer ficar aqui na Missão? Não é nenhuma Civilização, mas não se pode dizer que é horrível, não é verdade? Chega bem perto do paraíso, na minha humilde opinião. Um pote de ouro no fim do arco-íris, um raio de sol cintilante. Onde canções, sorrisos e disposições alegres são o padrão.

— Bem, isso leva a outra pergunta — continuo.

— Vá em frente.

— Se esta vila é um lugar tão especial…

— Sim?

— Por que o Cientista se matou?

Silêncio.

— Cuidado, garoto — avisa um dos anciões.

— Não, quer dizer, você acabou de falar que este lugar era o pote de ouro no fim do arco-íris. Essas foram exatamente suas palavras. Então por que você acha que ele decidiu se enforcar, se viver aqui é tão maravilhoso?

As palavras de Krugman saem ácidas e ríspidas.

— Como falei, quem pode explicar as ações de um louco? Mas ele era a exceção. Todo mundo é feliz aqui. Olhe ao redor e me diga que não vê rostos sorridentes em todo o lugar.

— Você está falando dos sorrisos tatuados nos braços delas? — pergunta Sissy.

— Bem, não, eu não estava me referindo a esses. Mas podemos falar disso. As garotas carregam as tatuagens com orgulho. Na verdade, adoram mostrar as Marcas de Mérito. São como troféus. A sensação é exatamente essa. Marcas que sinalizam a aproximação da tão sonhada viagem para a Civilização.

— Parece que todo mundo quer sair daqui — comenta Sissy.

Uma vaca no último vagão muge alto.

— Parece que ninguém gosta deste lugar. Das regras. Dos…

— Chega — interrompe Krugman.

— … anciões, dos…

Há um movimento à minha direita, um homem dá um passo à frente, apontando o dedo para Sissy.

— Ela foi longe demais! Devia virar comida de notu…

— Chega!

A voz de Krugman explode, a papada vibra, me fazendo pular de susto. A pele solta do rosto balança, e a pinta cabeluda salta no queixo gordo. Ao meu redor, os outros anciões ficam tensos como se uma corda lhes apertasse o pescoço. Por alguns segundos, Krugman suspira pesadamente, como se arrependido da explosão. Mas, quando sussurra as palavras seguintes, bem devagar, pronunciando cada uma com uma ameaça implícita, fica claro que arrependimento é a última coisa que sente.

— Vocês vão subir no trem amanhã. Não há mais nada a discutir.

— Ah, mas há sim. Há muito a discutir. Mas será uma conversa particular. Só entre nós seis. Vamos — diz Sissy para mim. — Vamos embora. Esta conversa acabou.

— A conversa acaba quando dissermos que acabou! — grita um homem de barba grisalha.

— Vou explicar uma coisa para vocês — retruca Sissy. — Vamos voltar para nosso chalé. E queremos ser deixados em paz. Vamos decidir se entraremos ou não neste trem. Se decidirmos não entrar, não se preocupem, vamos embora da sua preciosa vila. Vamos descobrir o que há lá fora. Mas nós decidiremos nosso destino.

Até lá, nós seis vamos preparar e comer nossa própria comida.

— Esperem só um pouquinho…

— Vamos — diz Sissy, me puxando. — Vamos embora. — Começamos a andar de costas. — Não queremos corais nos acordando. Não queremos entregas de comida por garotas sorridentes balançando Brilhos Incandescentes…

— Você é de outro mundo, sabia?! — grita Krugman, de repente, em uma altura e com um veneno nunca ouvidos antes.

Alguma coisa se rompeu nele. É como se uma pessoa completamente diferente tivesse tomado conta de seu corpo.

O grupo de garotas mais próximo de nós se afasta depressa.

— Você devia saber seu lugar, garota! — As orelhas de Krugman estão vermelhas. — Vê alguma outra mulher me interrompendo, vê alguma delas se dirigindo a mim, ousando me olhar nos olhos? Você não aprendeu nada — continua o homem, com a voz mais baixa, mas ainda tensa de raiva. — Uma marca não foi suficiente, não é?

— Se tem alguém aqui que precisa ser marcado — responde Sissy —, esse alguém é você.

O queixo dele cai. A gordura da bochecha treme, como se ele tivesse realmente levado um tapa.

— Sua vaca feia de pé grande, cheia de opiniões — sussurra. — Você não pode falar assim comigo na frente dos outros homens e esperar que nada vá acontecer. Não pode falar assim comigo na frente de todas as garotas e não sofrer as consequências.

E ele dá três passos na direção de Sissy, a mão gorda e inchada levantada.

Entro na frente dela.

— Chega! — grito.

Krugman para no meio do movimento. Seus olhos são poços de lava de fúria, e a vermelhidão se espalha pelas bochechas cheias. As narinas estão bem dilatadas, o peito de barril sobe e desce. O olhar me perfura, tentando chegar até Sissy.

— Eu tenho sido paciente — retruca ele. — Tenho pedido com educação. Obviamente, essa foi a abordagem errada. Mas sei ser durão. É isso que você quer? — pergunta, olhando com raiva para Sissy. — Porque o papai aqui sabe ser durão, se você quiser.

E ele avança de repente, com velocidade apavorante, e me empurra na direção dos anciões amontoados atrás de si. Alguma coisa dura bate na parte de trás da minha cabeça, e meu corpo fica mole. Desabo no chão.

— Gene! — grita Sissy, em meio à minha confusão.

Ouço um estalo de pele contra pele e luto para recuperar a consciência. Nessa hora, vejo Sissy sendo carregada pelo pescoço como um filhote de cachorro. Um homem a arrasta para longe, na direção de um dos vagões, os braços peludos firmes

como uma coleira ao redor de seu pescoço.

— Levem-na! — ordena Krugman. — Tranquem essa garota no trem!

— Tirem as mãos de cima dela! — grito, dando um jeito de ficar de pé, e saio correndo.

Seguro o homem que está prendendo Sissy, ele é todo inchado e com gordura mole. Dou um soco na cara dele. Sinto o osso estalando, vejo a pele do rosto balançar. O ancião tomba sobre um joelho e larga Sissy. Ele toca o nariz, e a mão fica manchada com o sangue que escorre do corte aberto.

— Agora você passou dos limites — diz ele, e sinto um arrepio nos ossos.

Dou um chute no rosto dele, que cai de cara no chão.

Uma multidão se materializa na minha frente. Braços, punhos e pernas atingem meu peito. Defendo o máximo de golpes que consigo, mas são muitos. Sou virado, fico sem ar. Minha visão fica turva. Braços me envolvem e mãos seguram meu corpo como ganchos.

Atrás de mim, ouço o estalo metálico de lâminas, o brilho de faíscas.

Sissy.

Há um par de adagas nas mãos dela. Ela tirou uma do cinto. A outra, do compartimento secreto na bota. Sissy gira as adagas, mas não é para se exibir. Isso fica bem claro pela expressão em seu rosto. Ela vai responder a qualquer um que interfira. Vai injetar arrependimento vitalício em qualquer pessoa tola o bastante para não sair de seu caminho.

Krugman a subestima. Ele avança na direção de Sissy.

Ela dá um salto, o braço direito erguido acima da cabeça. Então baixa a mão quando o homem se aproxima. Estou esperando o som horrível da lâmina de metal entrando na carne gorda, mas ouço um baque seco.

Sissy bateu no crânio de Krugman com o punho da adaga. Acertou-o com o cabo, não com a lâmina.

O homem cambaleia, revirando os olhos nas órbitas. As pálpebras se fecham, e ele cai na plataforma. O corpo balança para a frente e para trás. Ele geme.

Com o líder fora da jogada, os anciões logo desistem de lutar.

Sissy e eu avançamos para a escada. As garotas nos encaram com medo no olhar, mas, em algumas, detecto uma espécie de assombro.

— Ele mereceu — diz Sissy a elas.

Um dos homens responde, o rosto magro é esburacado como uma casca de amendoim.

— Vocês estão errados. *Mortalmente* errados. Vão ver só. Mortalmente errados.

Os outros começam a rir. No começo é uma risadinha, depois uma explosão alta, zurros que deixam minha espinha arrepiada.

— Não pare de andar — sussurro para Sissy —, não pare.

De volta ao centro da vila, as ruas estão desertas, não há ninguém à vista. As portas, e até as janelas dos chalés, estão fechadas. Ao longe, ouvimos ecos das gargalhadas masculinas vindas da plataforma, acompanhando-nos até meu chalé.

32

ESPERAMOS O nascer do sol. Estamos reunidos ao redor de nossas bolsas empilhadas na sala, prontos para fugir ao primeiro sinal de luz. Sissy, Epap e eu bolamos um plano: seguiremos os trilhos do trem. A pé. É uma viagem que pode levar várias semanas ou até mesmo meses, mas pelo menos estaremos livres, e não presos dentro de um vagão. Podemos colher e caçar para nos alimentarmos. E, quando chegarmos perto o bastante da Civilização, talvez dê para ver de longe e decidir se devemos prosseguir ou não. É a possibilidade de escolher nosso próprio destino que nos convence a seguir esse plano.

Sissy quer partir na mesma hora, mas convenço-a a esperar. A escuridão na floresta seria tanta que estaríamos à mercê de perigos à espreita. É melhor esperar pelo sol. Além do mais, não vamos conseguir atravessar a ponte até que seja baixada, amanhã. É melhor ficarmos esperando aqui, aquecidos, conservando energia. Dormir, se possível.

Com todos sentados ao redor da lareira, observamos o fogo. Ben reclama de sede. Sissy e Epap pegam uma jarra, vão até o córrego e trazem água para todos. Não tem ninguém por perto, tudo está silencioso, dizem. A noite fica mais densa, cheia de ameaças. Nem uma luz brilha na vila, nem um pontinho de luz verde ou o tremor da luz de velas. De noite o ar é feito de puro perigo.

O cansaço acaba tomando conta de nós e nos leva a dormir. Decidimos fazer turnos de uma hora. Ao primeiro sinal de problema, sairemos correndo. Ainda eletrizado pela briga na estação de trem, eu me ofereço para ser o primeiro. Tenho a sensação de que vai levar horas até eu conseguir dormir.

Estou sozinho, o chalé ficou silencioso. Minutos se passam, e acho que ouço o leve som de roncos. Minha respiração embaça a janela, depois se dissolve, apenas para reaparecer segundos depois, um fantasma efêmero.

O som de cantoria chega de forma delicada e gradual. No começo, penso que é um dos garotos cantando no andar de cima. Mas, quando a voz ganha força, e a letra, forma, percebo que não vem do segundo andar, mas de fora do chalé.

Eu me inclino e espio pelo vidro embaçado. Está um breu lá fora, não consigo ver nada. Abro um pouco a janela, e o som chega com mais clareza. Não há nada de estranho em cantorias aqui na Missão, mas essa é muito diferente.

Para começar, ouço apenas uma única voz. Pura, quase nua em comparação ao coro habitual. E tem outra coisa. A voz está imbuída de um luto profundo, sem a

exuberância e a alegria habituais, e a letra não tem o otimismo açucarado de costume.

Senhor e Deus Todo-Poderoso
Proteja-me e apoie-me esta noite.
Senhor, Deus Todo-Poderoso
Esta noite e todas as noites.

Minha respiração, embaçando o vidro, fica acelerada. Conheço essa música.

É a canção de ninar que minha mãe cantava para mim.

A voz é completamente diferente, é claro. A da minha mãe — a única coisa de que me lembro dela — era delicada e melódica. Essa voz treme como um arrastar de correntes cheias de elos de metal. Mas a melodia é a mesma. Até a letra, embora eu não a conheça, encaixa como uma chave perdida em uma fechadura esquecida.

Em segundos, saio para o ar frio da noite. A cantoria para. Mas não antes de eu ver um vulto cinza se afastando. Eu o sigo.

Ele é rápido. Tem que ser *ele*, as garotas da vila, impedidas pelos pés de lótus, não chegariam nem perto de alcançar aquela velocidade.

— Ei, você! Espere! — grito.

Ele não olha para trás, não reduz a velocidade. Só acelera o passo. Esconde-se atrás de um chalé. Quando chego lá, não o vejo em lugar algum. Há apenas casas silenciosas e escuridão. Mas então… lá! A figura magra e envolta em sombras atravessa a campina na direção do muro da fortaleza. Cabelo esbranquiçado brilha na escuridão. Agora sei quem é.

— Clair! — grito.

Ela continua correndo. Avanço pela grama áspera tentando acompanhar seu ritmo. Alguns minutos depois, ela chega ao muro. Então desaparece nas sombras, como uma pedra largada em um lago sombrio. Em um segundo está ali, no momento seguinte ela se foi.

Quando chego ao muro, toco no aço preto e frio. Liso. Não há marcas que indiquem uma entrada. Mas então noto as pegadas dela, pequenas marcas prateadas no orvalho noturno, acompanhando a parede na direção de uma das torres. Corro, seguindo-as, e encontro uma porta. Abro-a, e logo estou dentro do muro. As botas dela estalam nos degraus em espiral.

— Espere, Clair! — grito, e minha voz ecoa pelo espaço de volta para mim, me assustando.

Subo a escada, minhas botas fazendo um barulho alto no metal.

Ela não está na sala da torre. Há uma porta aberta para o exterior, levando até o alto da fortaleza. Quando passo por ela, vejo Clair de pé no meio das ameias que ladeiam o muro, olhando para as montanhas banhadas pelo luar. Está me esperando.

A menina não se vira mesmo quando paro a apenas alguns metros dela. Clair fica esperando, a respiração completamente calma e controlada.

Por fim, ela se vira para mim. Seus olhos estão brilhantes e úmidos.

— Eu sabia que era você — diz. — Você é exatamente como seu pai o descreveu.

33

— O QUÊ? — GAGUEJO.

Vários pensamentos passam pela minha cabeça ao mesmo tempo. Dou um passo na direção dela, as pernas bambas de repente.

— Assim que vi você — continua Clair, com um sorriso triste —, soube que só podia ser uma pessoa. O filho dele.

— Ele falou de mim?

— Eu sabia que não podia ser nenhum dos outros garotos, são novos demais. E o mais velho, Epap, não se encaixa. Mas você. A mesma determinação corre em suas veias. Tem exatamente o mesmo olhar, ao mesmo tempo zangado e triste.

— Clair! Do que você está falando? — Seguro-a pelo cotovelo. — Como sabe de tanta coisa?

Ela parece ficar assustada, então afrouxo o aperto.

— Você está com a Origem? — pergunta. — Vou explicar tudo, eu juro, mas, por favor, me conte: você está com a Origem?

Solto o braço dela.

— Não sei. Não tenho certeza. Mas me conte o que está acontecendo aqui. Explique tudo.

Ela olha para as campinas escuras, que descem pela colina até terminarem em um precipício negro. Aqui e ali, grandes rochedos se projetam na paisagem.

— Não tenho muito tempo — diz. — Fomos seguidos. *Você* foi seguido. Você irritou muito os anciões hoje à noite, na estação, Gene.

— Eles vão superar.

— Acredite em mim. Não vão.

— Não se preocupe, certo? Ninguém nos seguiu. Pare de imaginar…

— Ninguém *me* seguiu. Eu fui silenciosa como um rato. Mas alguém seguiu *você*. Você veio até aqui com a sutileza de uma avalanche. — Ela aponta para um amontoado de chalés. — Olhe ali. Dá para ver duas pessoas de pé. Estão vindo para cá.

Ela está certa. Vejo duas silhuetas cinzentas seguindo com cautela fora da trilha, as cabeças baixas. Estão nos rastreando.

— Ande logo, então — peço.

Ela fala sem hesitação, encadeando pensamentos lógicos, as frases fluindo em um ritmo que parece ensaiado.

— Ele disse que essa música atrairia seu filho. Seria como um filtro à prova de impostores. E estava certo. — Ela sorri. — Pratiquei a canção todos os dias para não esquecer.

— Por que demorou tanto? Já estou aqui há alguns dias.

— Eu tentei, pode acreditar. Mas não podia cantar a música de cima dos telhados. A letra é subversiva, os anciões teriam acabado comigo. Não, precisei esperar a hora certa.

— Esta noite.

— Está longe do ideal, com todos tensos por causa do que aconteceu na estação. Mas, considerando sua partida iminente para a Civilização amanhã, não tive escolha.

Eu olho para as campinas. Os dois homens estão inclinados, examinando o chão. Eles começam a andar na direção do muro da fortaleza.

— Ande logo — peço —, conte tudo que sabe.

Ela inspira fundo.

— A Missão foi construída muitas décadas atrás…

— Vá direto ao ponto. Finja que já estamos conversando há cinco minutos. Me conte o que está acontecendo.

Ela balança a cabeça.

— Não é tão simples. Preciso contar para você sobre…

Solto um suspiro alto de frustração.

— Ande logo. Por favor.

Ela suspira.

— Me fale o que você já sabe. Vamos partir daí.

— Meu pai se isolou ao chegar aqui — começo, apressado. — Ele supostamente falava com um entusiasmo delirante sobre uma cura para os noturnos, a Origem. Acabou tendo que ir para a cabana em que você nos encontrou. E foi lá que ele cometeu suicídio.

Clair não responde, apenas olha na direção das duas figuras a distância. Estão mais próximas agora. Ela segura meu braço e me leva depressa para a sala da torre. Fecha a porta, e o aposento é mergulhado em escuridão. Ouço um estalo de plástico, depois outro. A sala fica iluminada por uma luz verde.

— A maior parte das coisas que você acabou de dizer é verdade — afirma Clair, entregando um Brilho Incandescente para mim. — Seu pai teve dificuldade em se adaptar novamente à comunidade da Missão. Alegava que as coisas tinham piorado muito, acusou Krugman de liderar uma… — ela faz uma pausa para lembrar — "ditadura totalitária". Os anciões não sabiam o que fazer com ele. Alguns achavam que ele era um câncer para o moral da vila e queriam que voltasse para a Civilização. Outros acreditavam que ele ainda tinha valor, e poderia acabar se mostrando um bom aliado. Assim, todos chegaram a um acordo. Ele podia ficar, mas

longe da vila. Deixaram que morasse na cabana da montanha.

— Sozinho?

Ela concorda com a cabeça.

— Eu virei garota de recados. Eu ia até lá duas vezes por semana com remédios e suprimentos. Foi por isso que não amarraram meus pés, deixando que crescessem até virarem pés de homem, para eu poder caminhar os muitos quilômetros e usar a escada de corda. No começo eu odiava o plano, ainda mais porque meus pés ficaram grandes e feios. As provocações das outras garotas eram implacáveis. *Pés de homem, pés de homem, pés de homem*. — Ela faz uma careta com a lembrança. — Mas logo passei a apreciar a solidão da caminhada. E, depois de um tempo, a companhia dele. No começo, seu pai me oferecia um copo de água. Depois, lanches. Com o tempo, começamos a fazer refeições juntos. Ao longo dos meses, ficamos próximos. Ele me contou sobre sua família, a mulher, os filhos. Me contou sobre você. Sobre onde trabalhava…

— O que ele disse? — Minha voz soa alta nesta sala.

— O quê?

— Sobre mim, o que ele disse sobre mim? — As palavras jorram da minha boca, caindo uma por cima da outra como blocos de madeira rolando de uma escadaria.

— Que você viria para cá, um dia. Ele tinha certeza.

Eu me mexo, agitado.

— Mais alguma coisa?

Ela levanta as mãos, exasperada.

— Pare de me interromper! Preciso dizer tudo na ordem certa para não me esquecer de nenhum detalhe importante…

— Não. Vá direto ao ponto. Conte o que mais ele disse de mim.

Ela inspira fundo.

— Muito bem.

Do lado de fora, ouvimos o som de vozes. Ainda estão distantes, mas se aproximam cada vez mais.

— Ele disse que você era um garoto com uma missão. Com um destino.

— Eu?

— Que você tem um propósito, uma vocação. Que sua vida tem um significado maior do que você poderia imaginar. — Ela tira o capuz. — Por que está me olhando assim?

— Eu não sei do que você está falando. Meu pai nunca falou nada disso para mim. Que missão?

— Eu devia instruí-lo aos poucos.

— Ultimamente, nada tem acontecido aos poucos nem tenho recebido instruções. Apenas me conte logo.

Ela dá um passo na minha direção, os olhos grudados nos meus.

— Não fique surpreso, não fique com medo do que vou dizer.

— Qual é minha missão, Clair?

— Você não pode subir naquele trem, Gene. — Os olhos dela sustentam os meus. — Nem amanhã, nem depois de amanhã. E nem nunca. Você vai para outro lugar.

Procuro a resposta no rosto dela.

— O quê? Para onde?

— Para seu pai, Gene. Ele ainda está vivo.

34

AS PALAVRAS dela são como um tapa forte. Meus joelhos fraquejam.

— Ele está vivo? Onde? — Me ouço murmurar. As palavras, a mil quilômetros de distância, perdem-se no turbilhão de pensamentos em minha mente.

Clair está prestes a dizer alguma coisa, mas balança a cabeça.

— Não temos tempo — afirma baixinho, como se para si mesma. — Me siga.

Ela vai até o outro lado da sala e afasta algumas caixas vazias, até revelar uma pequena porta.

— Não é possível — gaguejo. — Não me diga que ele está aí dentro.

— É claro que não — responde. — Não seja ridículo.

Ela abre a porta e entra. Eu vou atrás. Um segundo depois, ouço o estalo de plástico, e o aposento se ilumina com um brilho verde.

Na verdade, estou em um longo corredor, sua extensão se perdendo nas sombras. Pregados à parede como borboletas, há vários dispositivos parecidos com enormes pipas de grande envergadura.

— Estamos dentro do muro da fortaleza — explica Clair.

— O que são essas coisas?

— Chamam-se "asas-deltas".

Encosto no tecido da mais próxima. É feito de um material sintético.

— No princípio — começa ela —, quando a Missão ainda levava suas obrigações de posto avançado a sério, as pessoas voavam de asa-delta para observar a área. Sempre durante o dia. Para ficar de olho nos noturnos. Para ter certeza de que estavam na cidade, de que não exploravam ou viajavam pelo deserto.

Olho para as dezenas de asas-deltas que ocupam a parede inteira, de alto a baixo.

— Por que pararam?

— Os anciões ficaram grandes e pesados demais para operá-las. E mais tarde os voos foram proibidos depois dos boatos de que algumas garotas saíram voando e nunca mais voltaram. Agora ninguém consegue usá-las: os anciões são gordos demais, e as garotas não conseguem decolar por causa dos pés. Não que alguém se importe. Todos esqueceram que elas existem.

Caminho ao longo do corredor com o Brilho Incandescente, e o retângulo de luz verde ilumina as paredes ao meu redor, expondo mais asas-deltas cobertas de poeira.

— Elas ainda podem voar?

Ela dá um sorriso debochado.

— Você não chegaria muito longe. Estão quase todas em péssimo estado. As boas não existem mais, viraram cinzas há muitos anos. — Ela repara em minha testa franzida. — Foram queimadas em uma pira enorme por ordem dos anciões. Acho que este corredor era uma área de manutenção. Eles se esqueceram dessas.

Volto e toco na maior delas, perto da porta. Essa asa-delta tem uma envergadura especialmente longa, e o material sintético é de cores intensas.

— Essa parece nova — comento.

Clair assente.

— Mais ou menos. É a única que tenho certeza de que ainda voa.

— Meu pai?

Ela passa o dedo com carinho pela estrutura.

— Ele a construiu. É um modelo de treinamento. Dá para duas pessoas voarem ao mesmo tempo. Nós voávamos juntos, seu pai e eu. Ele me ensinou a controlá-la.

— Ele voava muito?

— Sim. Em segredo, é claro, e sempre à noite. Os anciões nunca teriam permitido. Depois que ele foi banido para a cabana, ficou livre dos olhos atentos deles, ainda mais livre para voar. Tinha outra dessas lá.

Assinto, lembrando-me do objeto na parede da cabana.

— Para onde ele ia?

— Para todo lado. Ou algum lugar específico. Não sei.

Passo o dedo pela asa-delta. Um pensamento me ocorre.

— Meu pai usou uma dessas para fugir — digo, a empolgação fazendo meu corpo tremer. — Os anciões não podiam permitir que a fuga dele fosse descoberta pelas pessoas da vila. Então, inventaram a história do suicídio. Foi isso, não foi?

Clair assente.

— E para onde ele foi?

Clair balança a cabeça.

— Só posso contar se você fizer uma coisa.

— Como assim?

Ela cruza os braços.

— Só posso contar onde ele está e como chegar lá se você me mostrar a Origem.

— Você está brincando? Não tenho nada para mostrar. Só especulações, teorias loucas. Agora conte onde meu pai está!

— Ele me fez jurar não contar até você mostrar a Origem. Porque essa é sua missão, Gene. Levar a Origem para o seu pai.

Eu solto o ar com força, muito frustrado.

— Tudo bem, então. Você está olhando para a Origem.

Ela fica confusa por alguns segundos e analisa meu corpo de cima a baixo.

— Onde… — Ela para de falar. Balança a cabeça e começa a botar o gorro de lã.

— Você está me fazendo perder tempo. Se não vai me levar a sério, então…

— Não! Estou falando a verdade.

— Não tem como…

— Clair! Estou falando o que sei — insisto, balançando os braços em súplica. — Veja bem, aposto que meu pai deu a entender que a Origem tinha a ver com letras, palavras, algo do tipo. Ele disse isso, não disse?

Ela olha para mim com cautela.

— *Gene* — digo. — É bem óbvio, mas ninguém vê. É exatamente o tipo de pista que meu pai esconderia na frente de todos. Óbvio, mas ao mesmo tempo invisível.

— Pare com isso!

— Não. Estou falando sério. Está nos meus genes. Sou eu. Eu sou a Origem!

Ela me olha com atenção, analisando meu pescoço, meu peito, meus braços. Vejo seus lábios formarem a palavra *Origem*, e o rosto pálido fica ainda mais branco.

— Agora me conte — peço. — Onde está meu pai?

Um brilho de irritação surge nos olhos dela.

— Só devo contar se tiver certeza absoluta de que você está com a Origem. E não tenho. Mas não temos mais tempo a perder.

— Entendi. Agora me conte onde ele está.

— No leste.

— Leste? Não tem nada a leste daqui. — Olho ao redor, para a plateia silenciosa de asas-deltas e para a garota estranha de pé à minha frente, que mais parece uma fada com seu cabelo louro quase branco. — Quer saber? Por que eu deveria acreditar em você? Nada do que diz faz sentido. Como vou saber se você não está inventando tudo isso?

— Seu pai disse que você talvez não acreditasse. Nesse caso, disse que eu deveria lhe mostrar uma coisa.

Ela vai até um pequeno baú de madeira escondido nas sombras em um canto e abre a tampa. Quando se vira, está com um pequeno avião na mão.

Meu peito se contrai, espremendo meus pulmões. Reconheço aquilo. É o avião de controle remoto que meu pai fez sair voando do telhado do prédio onde trabalhava, o arranha-céu mais alto da metrópole noturna. O avião é menor do que eu me lembro, com a superfície cromada desbotada e cheia de arranhões, mas, quando olho de perto, é impossível negar. É exatamente o mesmo.

— Ele me disse que o tinha programado para voar para um local específico — explica ela. — Sabia exatamente onde ele pousaria. E, anos depois, quando voltou para a Missão, encontrou o avião. Amassado, quebrado, enferrujado e emaranhado nos galhos de uma árvore, mas a menos de cem metros de onde deveria ter pousado.

Viro o avião nas mãos. Foi consertado e melhorado, está coberto com uma camada de verniz. E tem alguma coisa escrita nele. Embaixo das asas, vejo algo

escrito na mesma letra cursiva que passei a conhecer depois de ler os diários do meu pai. Tem apenas seis palavras.

— *Siga o rio para o leste* — sussurro.

— Você precisa ir para o leste — diz Clair, baixinho. — *Nós* vamos para o leste. Voando. Essa asa-delta para duas pessoas pode nos levar até lá. — Ela baixa os olhos com uma curiosa expressão de culpa no rosto. — Vamos seguir o rio. Ele sai do outro lado da montanha. Depois segue para o leste o restante do caminho.

— Não tem nada lá. Só uma terra vazia, estéril.

— Seu pai está lá. Em um lugar que descreveu como a terra de leite e mel, frutas e sol.

Tudo o que consigo fazer é virar o avião nas mãos, tocar nas placas frias de metal.

— É seu propósito, Gene. Foi o que seu pai me disse. Sua vida toda se resume a isso: ir para o leste com a Origem. Nada mais importa. Foi o que você nasceu para fazer. É sua missão.

Vozes gritam lá fora. Mais perto, talvez quase no muro da fortaleza.

Ela começa a falar mais rápido:

— Precisamos partir ainda hoje. Mas não agora. Não com os anciões tão perto de nós. Além do mais, tenho que passar no meu quarto para pegar a bolsa de suprimentos que escondi. A jornada levará alguns dias. Vamos nos encontrar aqui em uma hora.

— E meus amigos? Não posso deixá-los para trás.

Clair hesita, e sua expressão se enevoa com a mesma culpa que vi em seu rosto momentos antes.

— Talvez só Sissy… — começa a dizer, mas balança a cabeça. — Não, só tem lugar para nós dois na asa-delta — explica, nervosa.

Há um brilho estranho e peculiar nos olhos dela, de culpa e transgressão.

— Precisamos levar os outros também. — Balanço a cabeça. — O que estou dizendo? Ainda tenho muitas perguntas…

— E vai haver tempo suficiente para respostas quando estivermos no ar. — Ela me empurra para a sala, deixa os Brilhos Incandescentes, cada vez mais fracos, no corredor e fecha a porta. Na escuridão, coloca caixas na frente da entrada e vai até uma janela estreita. — Eles estão subindo. — Clair se vira para mim. — Vou sair por esta janela e atravessar o muro. Você é grande demais, não vai conseguir passar. Desça a escada e esbarre neles. Diga que estava explorando. — Ela coloca o capuz na cabeça. — Partiremos esta noite. Volte em uma hora. Não conte a ninguém. Está bem?

— Não. Não está bem.

Mas parece que ela não escuta. Clair apoia uma das pernas na janela e para.

— Seu pai me contou uma coisa. Às vezes, ele voava até a metrópole noturna. Levava um dia inteiro para ir até lá e voltar. Mas ele queria ver você. Mesmo de longe, do céu.

Seguro o braço dela.

— Por que você ficou? Se a terra de leite e mel existe mesmo, por que você ainda não foi para lá?

A garota puxa o braço e passa pela abertura até estar de pé no parapeito da janela, com metade do corpo pendurado para fora.

— Porque seu pai me pediu para ficar e esperar você. — Clair me olha nos olhos. — Ele é um homem bom. Eu faria qualquer coisa que ele pedisse.

Então ela sai para a noite, correndo pelo muro da fortaleza.

35

ELES ME encontram quando estou descendo a escada em espiral. São dois anciões, os rostos vermelhos pela bebedeira ou pelo cansaço. Ou as duas coisas. Não falam comigo, apenas tentam agarrar meus braços. Eu os afasto, e, quando percebem que não estou tentando fugir, eles passam a me seguir de perto. Não trocamos nem uma palavra. Assim que voltamos para a rua de pedras, eles desaparecem. Uma hora estão ao meu lado, mas, no instante seguinte, somem.

Estranho eles não terem me acompanhado até o chalé. Me forço a não pensar muito nisso. Mas uma inquietação cresce dentro de mim. Paro e tento ouvir os passos deles se afastando. Mas só ouço o assobio do vento.

Sinto uma gota de chuva no meu rosto. É gorda e fria, e cai sem hesitação. Em segundos, sinto outra, e mais outra. Elas caem nas minhas bochechas e testa, até que a chuva desaba, pesada, ao meu redor.

Mas não é por isso que fico com frio de repente. Olho ao redor. A chuva forma uma cortina molhada de escuridão densa e grossa. Como estática em uma TV, as gotas criam uma imagem preta e cinza tremeluzente. A chuva bate com força nas pedras do calçamento, o som parecido com o de um milhão de bolas de gude caindo.

Começo a andar de novo. Para o chalé. E bem depressa, o medo fazendo meus pés avançarem pelas pedras escorregadias e geladas. Na praça da vila, paro e escuto. Está tudo silencioso, ouço apenas meu próprio coração batendo. Alguma coisa estala em mim, uma convicção que faz meus pés se moverem de novo. Em pensamento, vejo a mim mesmo entrando no quarto e acordando todos. Epap, David, Ben, Jacob e Sissy. Dizendo a eles que precisamos ir embora neste segundo, e não só porque agora sei que a verdadeira terra de leite e mel, frutas e sol fica ao leste, não só porque sei que meu pai está vivo, respirando e me esperando lá. Mas porque sinto que nosso tempo na Missão acabou. Que os últimos grãos de areia da ampulheta escorreram, deixando apenas poças de um vazio medonho e escuridão ácida. Já consigo nos ver pegando as bolsas e avançando sorrateiramente para o bosque escuro enquanto aperto o passo, tentando ignorar a sensação de que já é tarde demais.

Entro pela porta da frente. Estou prestes a subir a escada quando alguma coisa chama minha atenção. Na sala. Uma luz dança na parede, pequena e tremeluzente. Mas não é a claridade que me faz olhar para lá.

É David.

Ele não olha para mim. Está no canto, virado para a parede, com as mãos nas costas. Parece em posição de sentido. Só que está tremendo.

— David?

Ando na direção dele, entro na sala.

— David — chamo.

A luz tremeluzente vem de uma vela. Epap está sentado à mesa, com o rosto iluminado. Ele enfia sopa na boca em movimentos robóticos, tão rápida e desajeitadamente que derrama boa parte na mesa e na frente da camisa.

Quando ergue o rosto, vejo que seus olhos estão vermelhos e inchados. Epap não demonstra surpresa por minha chegada repentina, mas seu olhar é de desespero. Lágrimas escorrem pelas bochechas, mas ele continua a enfiar colherada atrás de colherada na boca.

No canto atrás de Epap, há outra pessoa.

De costas para mim, com a cabeça baixa e tremendo.

— Jacob? — indago, e meus olhos já se dirigem ao outro canto da sala.

Ben está lá, o corpo pressionado contra a parede, tremendo incontrolavelmente. Ele também está de costas, e seu cabelo, desgrenhado, como se tivesse sido puxado e torcido em direções diferentes.

Volto a olhar para Epap. A colher em sua mão cai, estala na mesa, como se movida pelo meu olhar. Mas os olhos dele não estão mais grudados nos meus, agora observam algo atrás do meu ombro…

Às minhas costas, o piso geme.

De repente sinto a frieza de uma presença sobre mim, rápida e escura, como as asas de um morcego à meia-noite. Eu me viro.

Vejo um rosto vazio e redondo, com bochechas cheias e olhos saltados bem acima do meu ombro.

Como a lua, como a lua cheia.

Mas esses olhos vazios são destituídos de luz. Ele pisca, as pálpebras caindo como guilhotinas em câmera lenta. Eu começo a gritar.

Mas, antes de conseguir abrir a boca, algo pesado me acerta na nuca. Sinto a cabeça estalar, e meu cérebro é espremido contra o crânio. Todo o meu corpo se liquefaz em cinza e preto, e tombo, inerte e insubstancial, sem ver, ouvir ou sentir mais nada.

36

ESCURIDÃO. VISCOSA como piche, espalhada em várias camadas sobre meus olhos. Não faz diferença fechar ou abrir as pálpebras. Tudo está escuro.

É impossível saber quanto tempo passou. Um instinto me diz para ficar imóvel, controlar até a respiração. Para não hiperventilar devido ao pânico crescente. Para expirar e inspirar em silêncio absoluto. Para tentar entender o que está acontecendo sem me mover, sem falar.

Sei do seguinte: não estou mais do lado de fora. Não sinto gotas de chuva caindo no meu rosto. Não há estrelas, nem qualquer sinal de brisa. Devagar, estendo as mãos ao lado do corpo com as palmas viradas para baixo. Sinto terra batida, seca e granulada. Estou dentro de algum lugar. Preso. E aqui é silencioso como um caixão.

Escute, Gene. Escute.

Não ouço nada além dos batimentos do meu coração.

Engulo saliva, sinto meu pomo de adão se mover.

Fique calmo. Não entre em pânico. E, de novo, aquele instinto: *Não se mexa.*

E então, entre os batimentos altos do meu coração, ouço uma coisa. É apenas um sussurro, quase inaudível. De repente, some. Talvez eu o tenha imaginado. Mas não. Escuto de novo, um sussurro rouco.

Um som de respiração.

Tem alguém perto de mim.

Fique quieto. Não seja detectado.

Não consigo mais ouvir. Meus batimentos, o sangue correndo em meus ouvidos, estão altos demais. Forço a respiração a ficar mais calma. Inspirando lenta e profundamente, com a boca aberta para evitar ruídos indesejados.

Onde estou? Quem está aqui comigo?

Aos poucos, levanto os braços, movendo-os lentamente em arco. Não há nada além de ar frio. Meu braço esquerdo, ao descer, toca em alguma coisa fria, lisa e dura. Vidro? Uma janela? Viro a cabeça e olho para onde está a minha mão. Não vejo nada. Nem a mão nem o vidro. Só escuridão. Ainda assim, aquela sensação persiste: *fique quieto, fique calmo, não se mexa.*

— Oi?

A voz não é a minha, é de outra pessoa. À minha direita. Ela é um fiapo de fumaça, tão baixa que nem parece estar ali.

É Sissy.

Não se mexa, não fale, não se mexa, não fal…

— Sissy?

Luto contra a vontade de me sentar.

— Gene? — sussurra ela, em resposta.

Muito lentamente, centímetro a centímetro, deslizo na direção dela.

Ela faz o mesmo. Em silêncio. Sissy parece ter o mesmo instinto que me avisa para ficar quieto. As pontas dos nossos dedos se tocam, as mãos seguram uma a outra no mesmo instante, como entidades separadas lutando por dominância. Nossas mãos estão geladas, e o toque é feroz e intenso.

E, assim, ficamos segurando um ao outro, muito, muito quietos.

Porque nós dois sentimos. Não estamos sozinhos.

Ela respira, eu respiro. Silêncio.

E então, um pouco mais distante, depois do corpo de Sissy, ouço outra pessoa respirando. Sopros delicados e leves passando por lábios adormecidos.

Sissy começa a se deslocar na direção do som. Agarro a mão dela com mais força, para pará-la. Ela hesita, mas puxa a mão. Aperto com mais força. *Não se mexa.*

Mas ela é insistente. Rastejo até estar com o corpo colado no dela, a boca em seu ouvido.

— Não — sussurro.

Ela se mexe, aproximando-se até seus lábios encostarem no meu ouvido.

— Onde estamos? — sussurra.

— Não sei. Em perigo.

Sinto algo no bolso da calça. Estico a mão e pego. É um tubo plástico. Examino os contornos usando as mãos. Um Brilho Incandescente, só pode ser.

Sissy leva os braços até os pés. Ouço o som de couro e o tinido leve de metal. Ela pegou as adagas que esconde nas botas.

— Estou com um Brilho Incandescente — sussurro. — Estava no meu bolso.

Ouço um leve farfalhar de tecido, e Sissy diz:

— Eu também. O que está acontecendo?

— Precisamos ficar quietos. E parados.

Sinto-a assentir contra minha bochecha.

— Não use o Brilho Incandescente — avisa ela. — Ainda não.

Aperto sua mão.

Ficamos parados por mais um minuto. Novamente, ouço a respiração. Está mais alta, perturbada, menos ritmada. Sissy começa a se mover lentamente. Está mexendo as pernas, tentando sentir o ambiente.

O que está acontecendo?

Nossos olhos examinam a escuridão, desejando ver as formas ao nosso redor.

Mas há apenas um som: uma tosse, curta, quase como um espirro. O corpo de Sissy fica tenso como um elástico esticado. Outra tosse, que acaba se transformando em um pequeno rosnado, então o silêncio de novo.

Em seguida, os roncos e sopros suaves recomeçam, agora mais frágeis e rápidos.

A mão de Sissy aperta a minha. Sei qual é a necessidade dela, é a mesma que sinto. *Preciso sair daqui.* Seja lá onde *aqui* for.

Com muito cuidado, ficamos de pé. Nós nos afastamos da respiração distante com os braços esticados à frente do corpo. Arrastamos os pés aos poucos, tomando cuidado para não tropeçar em qualquer objeto que possa estar no chão. Minha mão bate em vidro. Logo a mão de Sissy também bate. Ela sufoca um grito.

— Gene. — É o grito mais baixo e sussurrado que já ouvi. — Sei onde estamos.

Ela solta a minha mão, e de repente estou sozinho em um mar de escuridão.

— Sissy?

Tudo está mergulhado em completo silêncio. Não ouço nem o som do ressonar distante.

Estico os braços na direção onde Sissy estava. Alcanço apenas ar, como se ela tivesse se desmaterializado. Ando para a frente, balançando os braços, mas só encontro vazio. Não há sinal de Sissy, não vejo nenhuma silhueta cinza se movendo na escuridão.

Um rosnado hediondo quebra o silêncio, cortante e salivante.

Ouço um grito — de Sissy —, seguido pelo barulho de alguém correndo e do som de areia sendo chutada e batendo no vidro.

Quebro o Brilho Incandescente. Uma luz verde doentia surge ao meu redor.

Estou no Vastinário.

Dentro da câmara de vidro.

Preso com um noturno.

Uma mancha. Correndo pela câmara, direto para cima de Sissy. O cabelo negro voa atrás do rosto branco, os dentes expostos.

A mão de Sissy já está lançando uma adaga. Um brilho de luz é refletido quando a lâmina gira na direção da noturna.

No meio do voo, ela se joga no chão, soltando um grito alto e agudo.

Ouço um estalo quando a adaga de Sissy bate no vidro. Ela errou.

Olho para a noturna. A garota está agachada e berrando, protegendo os olhos. É então que percebo. Está se escondendo da luz verde. É estranho: a reação é mais pronunciada agora em comparação à de ontem, quando mais de dez Brilhos Incandescentes cintilavam. Deve ser porque a parede de vidro filtrava as ondas mais dolorosas. Mas agora, sem a barreira, a noturna está totalmente exposta. A luz verde-clara é como lâminas nos olhos dela.

— O Brilho Incandescente, Sissy! Use-o! A luz a deixa cega!

Ela pega o tubo e o quebra. A luz verde se espalha, iluminando ainda mais o aposento. A noturna grita.

Não perco tempo. Me viro e corro até o vidro. *A porta, onde fica a porta?* Mas a superfície lisa e sem marcas não sugere a presença de uma abertura. Bato no vidro, frustrado. É duro como diamante, não cede nem um pouco. E então vejo, bem ali na minha frente, o contorno de uma porta. É bem leve, parece apenas uma marca na superfície. Contorno-a com as mãos, tentando encontrar uma tranca, uma maçaneta, qualquer coisa.

Mas só encontro vidro liso. A maçaneta fica do outro lado do vidro, o teclado numérico também, tudo fica do outro lado. É nessa hora que vejo os anciões. E Krugman. Sentados lá fora, olhando para nós com um brilho de empolgação nos olhos. Com os rostos iluminados por uma luz verde suave. Eles nos deram os Brilhos Incandescentes para se divertirem. Para apreciarem melhor o espetáculo de nossas mortes. Soco o vidro com raiva.

— Gene!

Eu me viro. A noturna está agachada, os olhos bem fechados contra a luz, a pele pálida esverdeada e manchada.

— Não grite, Sissy! Vai revelar sua posição!

E, para provar que estou certo, a noturna dá impulso com as pernas na minha direção, os braços esticados, os dedos com garras pretas pontudas se aproximando como flechas venenosas na minha direção. Jogo o corpo para o lado e caio sem jeito, batendo o rosto no chão.

A noturna passa voando por mim, o cabelo comprido roçando meus braços como uma carícia.

Ela se choca contra o vidro, a cabeça é lançada para trás com violência. Por uma fração de segundo, fica colada à parede como um sapo esmagado, antes de deslizar para o chão, inerte. Mas já está se levantando com os braços, os olhos feridos apertados à minha procura. Ela dá um grito de raiva, agudo, de rachar os tímpanos.

Eu rolo e fico de pé com um pulo. Sissy me segura, e saímos correndo para o outro lado da câmara.

— Só tem um jeito de sair dessa — começa, com os lábios comprimidos.

— Ela está voltando…

— Não, escute! — Sissy puxa meu braço para baixo, quase o deslocando. — Só há uma chance. Deixe que ela venha para cima de mim. Vou segurá-la pelo máximo de tempo que conseguir. Quando a noturna estiver distraída, você corta o pescoço dela por trás com isto — explica, me entregando a adaga.

Tento soltar o braço mesmo quando sinto o cabo frio na palma da mão.

— Não…

— Não tem outro jeito! Corte sem hesitar, bem fundo…

— … *eu* vou segurá-la, então! *Você* corta o pescoço dela, você é melhor do que eu com a adaga.

— Só me *escute*! Não discuta comigo. Apenas um de nós vai sobreviver a isso. Você sabe muito bem!

— Então você…

— *Não deixem Gene morrer!* — grita ela, na hora em que a noturna pula na nossa direção, sedenta por sangue.

Instintivamente, jogo a adaga. No mesmo instante, Sissy joga o Brilho Incandescente. A adaga acerta o tubo de plástico bem na frente do rosto da noturna. O Brilho Incandescente explode, e um spray verde luminoso cai bem no rosto dela. Na verdade, os borrifos *afundam* na cara dela, como lava em uma camada de gelo.

Um grito infernal reverbera pelas paredes de vidro. A noturna cai entre nós dois, encolhida de dor, enfiando as unhas nos olhos. Um aroma pungente se espalha, ácido e corrosivo. A noturna vai precisar lavar aquele líquido cáustico.

Meus olhos se voltam no mesmo instante para a superfície de água, plana como um espelho, na outra extremidade da câmara. É a abertura do poço pelo qual a noturna recebe comida, através de um buraco no outro lado da câmara de vidro. Onde, ontem mesmo, a professora enfiou um saco cheio de carne. O pacote desceu por um túnel vertical, passou por uma pequena interseção em U lá embaixo e subiu até este lado por outro túnel.

A noturna começa a rastejar em direção à água.

De repente, eu percebo: aquela é a nossa saída. É tão óbvio, o medo deve ter desligado meu cérebro. É nossa única saída. E temos que chegar lá antes dela. Temos que chegar lá agora, já, pronto, é isso.

Seguro o braço de Sissy e a puxo. Não tenho tempo para explicar.

Mas ela está tentando pegar a adaga no chão, pensando que essa é uma oportunidade para matar a noturna. Eu a puxo para mim, e meio que a arrasto para o outro lado.

— O que você está fazendo? — grita ela. — É nossa única chance…

— Estou *salvando* a gente! — respondo.

Chegamos ao poço, que é menor do que imaginei. Parece largo o bastante para ela. Para mim, não tenho tanta certeza.

— Lembra-se desta abertura? Tem formato de U, dez metros de profundidade, faz uma curva no fundo e sobe pelo outro lado.

Mas ela já está balançando a cabeça.

— Não vamos caber, é apertado demais, fundo demais. Vamos nos afogar.

A noturna está vindo devagar na nossa direção, os braços esticados à frente do corpo. Ela escuta nossa voz e sibila com malícia. A luz do Brilho Incandescente está se extinguindo. E, com ela, nosso tempo. Com ela, nossas vidas.

Sissy também repara nisso.

— Você primeiro — sussurra.

— Não.

— Gene…

— Não vou até você entrar ali.

— Não. *Não deixem Gene morrer* — insiste ela, os olhos firmes e determinados.

— E Gene não vai descer enquanto você não for — respondo, com a mesma determinação.

— Maldito — sibila ela, e me abraça pelo pescoço, apertando sua bochecha lisa na minha.

Em seguida, vai para a borda da abertura. Respira fundo e mergulha de cabeça. A última coisa que vejo são seus pés, depois os dedos, afundando na água, poço abaixo.

Por um segundo, fico confuso. Por que ela está indo de cabeça?

Mas então, entendo. É claro. É claro que temos que mergulhar de cabeça. Se tivesse entrado com os pés primeiro, o formato em U do poço seria estreito demais para fazer a curva. Só entrando com a cabeça na frente é que ela vai poder dobrar o corpo na curva do fundo e subir de cabeça do outro lado.

É um mergulho arriscado, tudo ou nada. Não há a possibilidade de desistir, voltar pegar ar ou de ficar em dúvida.

Ouço um rosnado atrás, garras e unhas escavando a terra. Em seguida, um silêncio que só pode querer dizer uma coisa: a noturna saltou.

Sei que não devo perder tempo olhando para trás. Eu me jogo para a direita e rolo com força na mesma hora em que a noturna aterrissa ao meu lado. Viro o corpo, puxo o braço direito que está preso debaixo das minhas costas e o estico à frente. O braço que ainda segura o Brilho Incandescente.

A luz mal brilha, parece uma brasa quase extinta. Mas tem energia suficiente para iluminar a noturna. O rosto dela está assustadoramente perto do meu, o olho direito inchado e vazando uma secreção branca, mas o outro está intacto e faminto, grudado em mim.

Tenho uma última cartada. Enfio o tubo na boca e o mordo com força. Em seguida, arranco a ponta. O líquido escorre na minha boca, grudento e avinagrado. Eu o seguro ali.

A noturna pula para cima de mim…

… agora está em cima de mim, montada em mim, prendendo meus braços, o olho bom brilhando de vitória, a saliva escorrendo da boca como água fervente na chaleira.

Ela me pegou.

E, naquela fração de segundo, quando ela baixa a cabeça depressa na direção do

meu pescoço, com as presas à mostra, cuspo o fluido do Brilho Incandescente, que sai em um jato da minha boca. O líquido verde cintilante se espalha na cara da noturna.

Ela grita e pula para trás, cobrindo o rosto com as mãos. Ouço o som de alguma coisa queimando, um chiado seco.

Já estou correndo para a abertura do poço. Não consigo encontrá-la, está muito escuro. Ali! A alguns passos, onde a superfície cinza treme de leve. Meus dedos rompem a superfície, e não perco tempo. Mergulho com tudo, e a água gelada cobre minha cabeça, meu maxilar, meu pescoço, meus ombros.

E, de repente, estou lá dentro. Submerso.

O abraço gelado é um choque para o meu corpo, como punhos frios apertando meus pulmões, tentando expulsar o ar que carrego dentro deles. A mudança repentina de ambiente é enlouquecedora e vertiginosa.

O túnel é apertado. O poço é pouco maior do que meus ombros. O pânico ameaça me dominar enquanto tento ignorar a assustadora desorientação por estar de cabeça para baixo na água, apavorado. Pelo menos, tive a presença de espírito de ir com os braços esticados à frente do corpo. Se tivesse entrado com a cabeça primeiro, eles estariam presos ao meu lado agora. Eu ficaria confinado.

Mas isso é só um pequeno consolo. E não é hora de me parabenizar. Porque, ainda assim, estou entalado. A parte inferior (ou seria superior?) do meu corpo está para fora da água, e minhas pernas balançam no ar, tentando encontrar apoio inutilmente. Elas parecem entidades separadas, girando como tentáculos, mil quilômetros acima de mim. Eu as invejo, porque elas têm acesso ao ar. Quero respirar por elas, como se fossem canudos.

Ouço o rosnado de desejo, abafado, mas assustador. Mesmo debaixo d'água, sinto o tremor de sua intensidade invadindo a água gelada. A noturna está vindo me pegar. Pegar minhas pernas, pelo menos. Por um momento, sinto um alívio irracional. Por estar seguro da cintura para baixo, pela proteção que minhas pernas oferecem. A noturna pode ficar com elas, desde que não me pegue.

Meu cérebro. Meus pensamentos. Embaralhados. Não estou pensando direito.

Começo a me debater de um lado para o outro. Preciso de ar. Em pânico, esqueci de respirar fundo antes de mergulhar. Meu fôlego já está no fim. Nem comecei — literalmente — a percorrer a distância debaixo d'água, mas já estou sugando o vazio em busca de ar.

Eu me mexo e me viro para tentar desalojar o corpo, pensando que devia ter tirado as roupas grossas e inconvenientes antes de mergulhar. Eu me agito e me contorço. De alguma forma, dá certo: o movimento me faz deslizar alguns centímetros. As palmas das minhas mãos escorregam pelo metal liso que me envolve, em busca de apoio. Encontro uma coisa, uma pequena protuberância: apenas um parafuso que não

foi enroscado até o fim. Mas isso basta, é apoio suficiente para o meu dedo se prender e deslizar meu corpo mais algumas dezenas de centímetros.

Pouco a pouco, eu me puxo para baixo, até meu corpo todo estar submerso. Mas estou indo devagar demais, não vai dar certo. Com os olhos abertos, não vejo nada além de escuridão, e o frio da água é como mil alfinetes perfurando meu corpo desprovido de ar. Isso foi um erro, preciso voltar, tenho que ir para a superfície, respirar o ar, o precioso ar…

Lá em cima, alguma coisa agarra meu pé.

Dou um grito. O que restava em meus pulmões borbulha para fora de mim, como um balão parcialmente inflado sendo solto.

Meu sapato é arrancado, e meu pé quase vai junto. Eu chuto e grito, me debatendo na água negra, forçando o corpo para baixo.

Alguma coisa cede. De algum jeito. Meu corpo desliza algumas dezenas de centímetros. Começo a puxar, minhas mãos tentando encontrar algum ponto de apoio nas paredes, encolho os ombros o máximo possível…

Uma unha afiada roça a sola exposta do meu pé.

Minha boca se abre para soltar um grito. Nada sai por ali. Não há mais ar, não há mais som.

Não engula água! Não! Uma gota na minha traqueia vai gerar um espasmo fatal. Dou um chute. Meu pé se choca com pele, com um osso arredondado — talvez a bochecha da noturna? —, e quando afasto a perna com um movimento brusco, sinto alguns fios de seu cabelo acariciando meu tornozelo, deslizando pelos meus dedos.

O pânico percorre meu corpo todo. Agarro as paredes escorregadias, desesperado para encontrar apoio. E então, um milagre: o túnel se alarga de repente. Só dois ou três centímetros de cada lado, sem dúvida não é o bastante para se virar, mas para mim parece largo como um cânion. No começo meu corpo desce mais alguns centímetros, depois alguns metros, os braços empurrando as laterais e me puxando para baixo, as pernas dando chutes curtos. Desci o que parecem ser gigantescos cinco metros. Sinto a dor intensa da pressão da água nos ouvidos.

Estou fora do alcance da noturna. Ela não vai se aventurar mais para o fundo.

De repente, sinto a mão dela como uma pinça ao redor do meu tornozelo. O toque é firme e seguro. Dou um grito, e bolhas saem da minha boca. Chuto, mas isso só parece incitá-la. Ela aperta com mais força. Dou outro chute, e, desta vez, meu calcanhar encontra alguma coisa sólida e grande, como uma cabeça.

Ela está debaixo d'água. Com a cabeça submersa. E, como se só tivesse percebido isso agora, a noturna começa a se debater. Sinto a mão soltar meu tornozelo, mas fica presa na minha calça. Com os movimentos confinados à estreiteza do túnel e da perna apertada pela calça, ela só consegue cortar um pouco o tecido. Rasga minha calça em tiras, nas quais seus dedos ficam presos como se em

uma teia. O pânico toma conta dela quando desço mais pelo poço. O grito que solta, mudo por causa da água, é acompanhado dos estalos intensos de seus dedos se deslocando, dobrados em direções improváveis. Sinto um espasmo final, violento, depois não há mais nada. A noturna para. Ela se afogou.

Abro bem os olhos para tentar ver o final do poço, mas está tudo escuro. Tudo o que consigo fazer é me puxar mais para o fundo, para o abismo, metro por metro. De repente, tenho um pensamento horrível. E se, em vez de tocar no fundo, eu tocar em Sissy? Em seu corpo afogado, bloqueando a passagem, com as roupas flutuando ao seu redor, o rosto inchado e sem expressão, morto, enquanto o cabelo balança em câmera lenta?

Aperto os olhos, tentando apagar essa imagem, tentando afastar os pensamentos, e desço com dificuldade, a temperatura diminuindo ao meu redor, o sangue pulsando nos meus ouvidos…

Não vou conseguir. Não tenho mais forças.

Ar. Estou sem ar. Um delírio escandaloso domina minha mente, as garras afiadas atacando meu peito. Eu só quero que esses espasmos parem, que o estágio final do afogamento passe e o descanso da morte chegue logo.

Nesse momento, meus dedos tocam em alguma coisa. Não em pele macia, mas em metal duro. O fundo do poço. Tateio as laterais, tentando encontrar o lugar onde faz uma curva até o outro lado. Não consigo encontrar. Só quando puxo o corpo mais para baixo e minha cabeça bate no fundo é que vejo a abertura. Está bem diante do meu rosto.

É horrivelmente pequena.

Meus ombros mal podem passar. Talvez. Não sei. Estico os braços lá para dentro. Não me resta nada a fazer além de me afogar tentando.

A interseção não é comprida. Na verdade, é curta o bastante para minhas mãos alcançarem a beirada do outro lado. Seguro a borda e puxo com força, os braços dobrados em uma flexão lateral, enfiando a cabeça e os ombros. A cabeça entra até chegar à altura das mãos, e olho para o outro túnel vertical. Deste lado, ele é bem mais largo. Só preciso passar meu corpo e bater os pés. A segundos de distância. O ar está a segundos de distância.

Mas estou preso. Alguma coisa impede meu progresso. É a noturna. Apesar de ter se afogado, a mão dela ainda está presa nos fragmentos da minha calça. Ela está sendo arrastada comigo, um peso morto alojado em algum ponto do poço.

Puxo com mais força, avanço mais um pouco. Agora consigo puxar a maior parte do corpo para fora da curva, até a parte vertical e mais larga. Mas, outra vez, sinto algo impedir meu progresso. A mão dela, morta e imóvel, ainda está presa na minha calça, e, independente do quanto eu chute, não consigo soltá-la. Estou preso. Mesmo afogada, a noturna me arrasta para a morte.

Esse é o fim. Sozinho no túmulo frio e cheio de água, o mundo transformado em escuridão. O que restou da minha vida, da solidão, da frustração, do desespero, tudo preso neste caixão estreito. Meu corpo relaxa, a tensão some. Um espasmo, e mais nada. Meus músculos afrouxam. Até o fluxo de sangue nos meus ouvidos vai diminuindo, sumindo. Meus dedos se abrem devagar, e, quando meus braços flutuam para cima, parecem fiapos gêmeos de fumaça acima de uma pira funerária.

Não é tão ruim, a morte. Só demorou um pouco para chegar. Todos esses anos.

Um anjo aparece acima de mim, uma silhueta cinza. Com o cabelo flutuando atrás dela enquanto se aproxima de mim, os olhos arregalados, descendo como duas pombas. Estou pronto para partir, e ela estica os longos braços, lisos como argila. Então me puxa uma vez, duas. Estou preso. O corpo do anjo afunda mais um pouco.

Alguma coisa se solta da minha perna, o anjo me puxa. A liberdade é distante e desimportante. Sinto a pressão de um corpo quente às minhas costas, macio e tranquilizador. Um movimento lento para cima, os braços dela sob minhas axilas, as mãos unidas sobre meu peito, as paredes pretas deslizando por nós enquanto subimos pelo túnel, passamos pelo telhado do Vastinário, pelas nuvens, pelas estrelas, até o céu distante. Só que não há estrelas aqui, nem anjos cantando, ruas feitas de ouro, nem leite e mel, frutas e sol. Apenas escuridão e negrume. E, então, nada mais.

37

SOU TRAZIDO de volta à consciência por movimentos brutos e insistentes, uma pressão rítmica e dolorosa no meu peito. Então mergulho no vazio, deslizando outra vez para o cinza.

Sinto lábios aveludados nos meus, úmidos e doces. Algo macio contra o macio, os lábios vivos e abrangentes. Mas logo ficam intensos, o toque firme como metal.

Ar é soprado na minha boca e desce pela traqueia. A onda de oxigênio queima, e uma brancura ácida se espalha pelo meu cérebro. Começo a tossir, a água saindo violentamente pela boca, fedida e quente, como se tivesse passado anos apodrecendo dentro de mim. Ofego em busca de ar, da pureza rica do oxigênio que traz uma clareza ardente.

— Vire de lado — diz Sissy, me ajudando. — Cuspa tudo para fora.

Água jorra de mim, mais do que eu achava ser possível. Sai com tanta força que parece que pedaços do meu fígado, estômago e rins estão sendo vomitados. Continuo deitado de lado por mais um minuto, cansado demais para me mexer. Sissy me ajuda a sentar. Os dedos dela puxam minha camisa, as mãos exploram meu corpo, meu peito, verificam as dobras no meu abdômen.

— Sissy? — gaguejo o nome dela, água escorrendo pela boca.

— Você está arranhado? Cortado? Foi mordido? Ela agarrou você em algum lugar?

— Não sei.

— Ela agarrou você, Gene?! Me diga!

Os olhos dela são caldeirões de alarme.

De repente, sinto medo outra vez, e esse novo medo causa uma descarga de adrenalina em meu cérebro. Sissy está certa: se algum de nós tiver sido arranhado pela noturna, vamos começar a nos transformar. Os sintomas dessa desintegração horrenda sempre aparecem rápido, embora o processo possa demorar horas para ser completado. Ela me observa com os olhos arregalados, o cabelo grudado no rosto pálido e gotas de água escorrendo como suor.

E ficamos de pé, juntos, a mão dela segurando e tirando minha camisa, meus dedos abrindo os botões da blusa dela, o tecido grudando na pele como cracas. Sob o brilho da luz verde e fraca, nossos olhos percorrem a pele um do outro. Meus dedos deslizam pelo corpo macio de Sissy em busca de perfurações, arranhões, cortes.

As mãos dela descem pela minha perna direita, até o tornozelo. Ela se encolhe.

— O que foi? — pergunto.

— Gene — começa, a voz rouca de medo —, sua calça está toda rasgada.

Ela puxa o tecido para cima, são os dois segundos mais longos da minha vida. A boca de Sissy se abre de pavor. Por causa dos arranhões compridos na pele, quase todos são linhas brancas onde a unha da noturna raspou. Mas há um corte comprido que jorra sangue. Onde as garras romperam a pele e abriram o caminho para que a saliva venenosa penetrasse.

Nossos olhos se encontram. Começo a me afastar dela.

— Fique longe de mim! — grito. — Sissy, corra!

Mas ela não se mexe, apenas me encara com intensidade, como se estivesse tentando injetar uma cura em mim atrás do olhar.

— Sissy! Você precisa ir embora. Antes de eu me transformar!

— Gene! Você está?

— O quê?

— Está se transformando? Acho que não.

Fico atordoado com a pergunta. Apalpo o peito, como se a resposta estivesse ali. Mas Sissy está certa. Não estou sentindo os sintomas da transformação que meu pai me fez decorar anos antes. Nenhum tremor. Nenhuma sensação de que meus órgãos internos estão se rasgando. Minha pele não está quente e febril.

— Você nos contou que os sintomas sempre aparecem em no máximo um minuto. Mas já se passou bem mais que um minuto, e você parece bem.

Ela passa os olhos pelo meu corpo. Fica de pé, anda até a primeira fila do auditório, onde eu tinha visto os anciões nos observando. A fileira está vazia, apenas alguns Brilhos Incandescentes permanecem ali, esquecidos durante a saída apressada. Ela pega um e o aciona.

A luz verde se espalha.

Eu não me encolho nem aperto os olhos. Na verdade, nem pisco. A luz não me fere nem um pouco. Pelo contrário: é a cor mais radiante e linda que já vi, e não me fez me encolher. A cor fica indistinta, e percebo que estou chorando.

Ouço o plástico estalando, e o líquido é jogado em meu rosto.

— Ei — digo —, pare com isso.

Pontos verdes luminosos respingam meu rosto e minhas roupas.

— Desculpe — pede Sissy, suprimindo um sorriso feliz. — Eu tinha que ter certeza.

Ela estica a mão e limpa alguns pontos luminosos do meu rosto. Os dedos passam de leve pelas minhas bochechas e param ali por um longo segundo.

— Gene — sussurra —, você é mesmo a Origem. Foi ferido, devia ter se transformado. Mas olhe para você.

Os olhos dela brilham, maravilhados.

Só consigo encará-la de volta, sem palavras. A noturna estava coberta pela própria saliva, as mãos e garras pingando baba quando ela mergulhou no poço atrás de mim. Mas talvez, quando me arranhou, a água já tivesse diluído a saliva.

— Não sei, Sissy.

— É verdade — sussurra ela, como se não tivesse ouvido uma palavra. — É você. A Origem.

Balanço a cabeça, em dúvida.

— A água pode ter lavado a saliva antes de ela arranhar minha perna. Tem muita água naquele poço. Se a noturna tiver me arranhado com as garras já sem saliva, eu não teria sido infectado. E esse pode ser o motivo para eu não estar me transformando. Pode ser só isso.

Mas ela ainda está olhando para mim, maravilhada.

— Preciso dar uma olhada em você — digo, mais do que depressa. — Vire-se.

Ela se vira devagar, as costas molhadas iluminadas pela luz verde-clara. Meus dedos percorrem as omoplatas protuberantes, descem pelo vale da coluna. As costas dela são curvas e macias como o interior de uma concha. Meus dedos param na lombar. Fico imóvel, notando uma mudança no corpo dela. O peito começa a subir e descer mais depressa, mais profundamente. Ela vira a cabeça, me olha de soslaio por cima do ombro.

— Está tudo bem — digo baixinho. — Sem arranhões. — Entrego a blusa a ela, que a veste. — Você soprou ar para meus pulmões. Como sabia o que fazer?

— O Cientista descreveu o processo para nós — explica. — Ele tinha medo de que nos afogássemos no lago do Domo. — Ela fica em silêncio, olhando para a porta. Está envolta na luz do amanhecer. — Lá fora não é seguro — diz. — Nenhum lugar é seguro.

— Eles estavam aqui — retruco. — Um grupo de anciões. Para assistir às nossas mortes.

Ela concorda com a cabeça.

— Eu também vi. Por que fariam isso conosco? O que iriam ganhar nos matando? Pensei que a ordem da Civilização fosse nos proteger de sermos… mortos.

Pego minha camisa e começo a torcê-la.

— Passamos dos limites na estação de trem. Na frente da vila toda. Atacamos os anciões, mesmo que em legítima defesa. Eles não podiam deixar isso passar. Não com todas aquelas garotas assistindo. Tinham que nos fazer de exemplo, e que a ordem se danasse.

— Temos que buscar os garotos — diz ela, abotoando a camisa depressa. — Depois, vamos para o bosque, para o mais longe possível daqui. Esqueça aquela história de esperar a ponte abaixar. Vamos agora.

Coloco a mão no braço dela.

— Preciso lhe contar uma coisa. É uma notícia e tanto.

Digo a ela tudo que Clair me contou. Falo depressa, o tempo todo sentindo a necessidade de voltar para o chalé, para os garotos.

— A leste daqui? — pergunta Sissy, estupefata. — O Cientista está vivo?

— É muita coisa para digerir, eu sei. Mas agora temos que nos concentrar em *fugir*. Podemos digerir e compreender tudo depois. Precisamos sair da vila, descer a montanha para onde o rio corre e segui-lo para o leste.

Mas Sissy não está mais ouvindo. Nem olhando para mim. Os olhos dela estão grudados em alguma coisa do lado de fora da câmara. Empalidecendo, ela aponta para a abertura do poço.

A noturna, o rosto virado para baixo e imóvel, flutuou até a superfície que nem uma bolha sem vida. O cabelo preto está espalhado na água como rachaduras em vidro. As garras tinham ficado presas na minha calça, e eu a arrastei pelo túnel em forma de U até o outro lado do poço. Onde seu corpo sem vida flutuou bem devagar até o alto.

Sissy vai até ela.

— Está morta, Sissy.

— Temos que ter certeza — explica, e estica a mão.

A noturna está encharcada e pesada demais. Sissy a larga na beirada da abertura, e seu tronco fica para fora parecendo uma língua preta e doente.

Viro a cabeça dela para o lado com o pé. Os olhos estão fechados, a boca aberta como um buraco, as pontas dos incisivos pressionam o lábio inferior.

Ela geme.

Sissy e eu damos um pulo para trás.

O rosto começa a soltar filetes finos de fumaça. A noturna choraminga, os dedos tremendo. É a luz do Brilho Incandescente: não é forte o bastante para matá-la, mas mais do que o suficiente para queimá-la de forma lenta e dolorosa.

— Precisamos acabar com ela. Destrui-la. Vou levá-la para fora, para a luz do sol.

— Sissy, não podemos arriscar. Nem perder tempo.

— Não vou relaxar sabendo que há uma noturna nas montanhas.

— Sissy — insisto, a voz urgente e questionadora. — É perigoso demais. A noturna vai acordar.

Mas ela me ignora. Inclina-se e passa os braços por baixo das axilas da noturna. Afasta-a da abertura e a puxa para trás, os calcanhares arrastando pelo chão. Mas a noturna, encharcada, está pesada demais. Depois de poucos passos, Sissy perde a força e derruba-a no chão. A noturna geme baixo.

Pego a noturna e a jogo por cima do ombro. A cabeça dela bate na minha omoplata, a boca assustadoramente perto. Para manter as presas visíveis, viro-a,

segurando-a no colo. Seu rosto tem uma fragilidade inesperada. Cílios pretos e compridos pousam sobre a face branca. Mais fumaça sai da pele, e o fedor de carne queimada enche minhas narinas.

Paramos diante das portas. A luz do dia entra pelas frestas.

— Ela pode voltar a si. Devido à dor. Tome cuidado, fique de olho na boca e nas presas.

Sissy se posiciona ao meu lado, o corpo apertado contra o meu.

— Prendi os braços dela — digo. — Fique de olho na boca, nas presas…

— Pode deixar — responde Sissy.

Seguro a noturna com força contra o peito e corro para as portas duplas.

Com o impacto, as portas se abrem e batem de encontro à parede externa. A luz do sol nos cega, nos atingindo como se fosse uma barreira sólida. Mas não paramos, nossas pernas continuam em movimento mesmo quando a noturna começa a se debater nos meus braços, mesmo quando a pele dela começa a chiar com as queimaduras do sol. Corremos o mais depressa que conseguimos, para o mais longe possível do Vastinário, do interior escuro no qual a noturna pode procurar refúgio.

Banhada na luz da manhã, a noturna dá um grito de gelar os ossos. O maxilar começa a estalar, um som igual ao de mármore rachando.

Tropeço. Não sei como, se foi em uma pedra ou nos meus próprios pés, mas de repente estou caindo. Acabo derrubando Sissy comigo, e o chão duro do inverno me dá um soco na barriga. Eu me encolho, lutando para respirar, sem nem perceber que a noturna escapou dos meus braços.

— Gene!

Um par de incisivos passa voando por mim, trincados e expostos. Vejo um borrão quando o corpo ágil pula sobre o meu e sai correndo.

Meio segundo depois, me levanto num pulo e vou atrás. A noturna é rápida, mas está prejudicada: ela já estava fraca pelo quase afogamento, e agora sofre os efeitos arrasadores da luz do sol. Sua velocidade cai vertiginosamente. Ela cambaleia, as pernas moles como manteiga em uma frigideira, os ossos virando gelatina. O corpo se curva, e os contornos desaparecem depressa enquanto os músculos e o esqueleto viram carvão.

Pulo nela, segurando-a no chão. A noturna não consegue mais lutar. É arrastada pelo meu impulso, e pedaços quentes de pele e gordura ficam presos no chão enquanto deslizamos. Quando paramos, estou montado no corpo dela, prendendo a cabeça, mantendo a boca, que se abre e fecha devagar, longe de mim. Minhas mãos afundam no crânio em decomposição, macio como um ovo cozido.

A noturna está fraca. Não sobrou um músculo sequer para mover os membros, nem desejo de viver ou de comer. O peito dela sobe e desce, fraco como a respiração de um coelho. A garota murcha diante de mim, apenas o cabelo grosso e

preto não sofre os danos da luz do sol. Acabou.

Ainda assim, ela sussurra e murmura.

Sissy se aproxima, ajoelhando-se ao meu lado. A noturna continua a derreter, o fluido amarelo forma uma poça ao nosso redor. Um aroma pungente de carne queimada enche o ar.

— Cuidado com as presas! — avisa Sissy.

— Está tudo bem, está tudo bem, ela não tem mais forças.

A boca da noturna se abre de repente, como se ela estivesse dando um bocejo, expondo uma fileira de incisivos afiados. O maxilar treme, vibra, ela parece estar com calafrios. Um som baixo e áspero sai de sua garganta.

— D-D-De… — sussurra, formando uma palavra.

Sissy e eu trocamos um olhar confuso e horrorizado.

— De-Des… — murmura ela, quase inaudível.

Eu aproximo a orelha do rosto dela.

— Não, Gene. É uma armadilha…

Afasto a mão de Sissy.

— Está tudo bem — sussurro, mas não para Sissy. Para a noturna. — Está tudo bem. Acabou.

E me inclino para a frente, até o ouvido estar quase colado aos lábios dela.

A noturna inspira uma última lufada de ar, os olhos arregalados como um par de bocas famintas. É nessa hora que reparo no braço dela. No que sobrou dele, na verdade. Cinco cicatrizes de queimadura se desintegram à luz do sol.

Ela finalmente emite a última palavra. Chego mais perto.

— Desculpe — diz.

E fecha os olhos.

Não falamos nada. Coloco a mão no cabelo preto da noturna e, no começo com hesitação, acaricio as mechas sedosas. Passo os dedos pelos fios ainda molhados, de novo e de novo, até a noturna ficar em silêncio, até estar morta, até não sobrar nada dela exceto o cabelo.

38

SAÍMOS CORRENDO pela vila. O dia avança, e as garotas saem para a rua. Sissy e eu abandonamos as esperanças de passarmos despercebidos e corremos direto pela rua principal. Algumas delas olham para nós, virando a cabeça quando passamos.

Entramos no chalé sem fazer barulho e percebemos o silêncio que reina no interior, o vazio da sala. Evitamos os degraus que estalam e subimos a escada. A porta do quarto está entreaberta, e espio lá dentro com muito cuidado. Todos os garotos estão na cama, os pulsos presos nas colunas da cabeceira. Só David me vê e arregala os olhos. Levo o dedo aos lábios. Ele pisca com força e aponta com o queixo na direção de um canto invisível do quarto.

Deixaram alguém de guarda.

O homem é grande, porém, mais importante, está dormindo. Há uma garrafa vazia de vinho bem ao lado dele, encostada na perna da cadeira. A boca do ancião está inteiramente aberta, e um ronco gorgoleja na garganta, mas não chega a sair pelos lábios. Obviamente, não estavam esperando qualquer resistência ou resgate.

Sissy entra no quarto atrás de mim, a adaga nas mãos, e começa a cortar as cordas. Os garotos, todos de olhos arregalados, sabem que devem ficar em silêncio. Paro em frente ao ancião com a garrafa de vinho na mão. Ao primeiro sinal de que ele vai acordar, quebrarei a garrafa na cara dele.

Em pouco tempo, os garotos estão soltos. As bolsas que arrumamos mais cedo ainda estão empilhadas ao lado da porta, e as pegamos ao sair do quarto pé ante pé, fechando a porta sem que o ancião bêbado perceba coisa alguma.

Do lado de fora, avançamos correndo pela rua. Estamos em vantagem. A céu aberto, nós não temos dificuldade para escapar das barrigas protuberantes e dos pés de lótus. A fuga está garantida. Passamos correndo por grupos de garotas que nos encaram, boquiabertas e de olhos arregalados. Disparamos pela rua de pedra e pegamos uma trilha de terra. Algumas garotas estão lavando roupa no deque na beira do córrego, e elas param para nos observar quando passamos correndo. Uma delas fica de pé e dá alguns passos urgentes na nossa direção. É a garota com as sardas. Ela levanta um braço esticado, sinalizando para pararmos. Mas não temos tempo, e passamos pelo deque disparados, atravessamos o córrego e entramos no bosque. Depois disso, é como se mais de cento e cinquenta quilômetros nos separassem deles, estamos livres.

* * *

Só paramos de correr depois de quinze minutos. Um riacho borbulhante nos dá a desculpa ideal para parar. Enchemos os cantis, felizes pela oportunidade de recuperar o fôlego. Sissy verifica a cabeça de Ben, onde um ancião o atingiu. Tem um galo pequeno, mas fora isso ele parece bem. Epap está com alguns hematomas e arranhões no rosto e nos braços. Diz que conseguiu dar alguns socos antes de ser dominado.

Ele agarra o casaco de repente, então cambaleia para trás de uma árvore. Nós o ouvimos vomitando e tossindo. Ele volta, com o hálito azedo e o rosto pálido. Então se ajoelha na margem do riacho e joga água no rosto.

— Está melhor? — pergunta Sissy.

— Ainda estou um pouco grogue. Por causa da sopa que me obrigaram a tomar. Ameaçaram os garotos para me fazer tomá-la. Disseram que trariam vocês de volta se eu tomasse tudo. — Epap faz uma careta e balança a cabeça. — A única coisa que ganhei foi um desmaio. Mas a água fria ajudou. Correr e suar também. — Ele fica de pé. — Opa, acho que levantei rápido demais. Ainda estou tonto. Me deem uns minutos.

Nós esperamos. Uso o tempo para contar tudo o que descobri com Clair: a Missão, meu pai, a necessidade de viajar para o leste. Eles assentem, sérios, enquanto falo, dirigindo um olhar cauteloso na direção da Missão.

Só Jacob parece em dúvida. Ele pega a bolsa devagar e a recoloca no chão.

— Então estamos mesmo sozinhos nessa.

Sissy se vira para ele.

— Vamos conseguir, Jacob. Vamos ficar juntos e vamos sobreviver.

Ele chuta uma pedrinha para o riacho.

— Então é só seguir o rio.

— Até chegarmos à terra de leite e mel.

— E quanto tempo vai demorar até chegarmos lá? Alguns dias? Semanas? Meses? Um ano?

— Não sei, Jacob.

O rosto dele se enche de emoção.

— O que foi, Jacob? — pergunta Epap.

— Por que não vamos para o oeste? — Ele olha para nós. — Para a Civilização. É só seguirmos os trilhos do trem. Pelo menos sabemos que o caminho termina em algum lugar. Mesmo se demorar semanas, pelo menos sabemos que tem uma luz no fim do túnel. Um lugar onde há vacas, galinhas, comida e suprimentos. E pessoas. Civilização.

— Mas não é para lá que devemos ir — respondo. — Não é a terra de leite e mel, frutas e sol.

— Quem disse? — indaga Jacob. — Aquela garota esquisita? Pode ser que ela esteja errada. Pode ser que esteja mentindo. Por que acreditaríamos nela?

— Você prefere acreditar nos anciões? Me desculpe, mas não foram eles que acabaram de tentar matar Sissy e eu? Que amarraram vocês quatro, que iam obrigá-los a entrar no trem?

As bochechas de Jacob ficam vermelhas, mas de vergonha, não de raiva. Sinto uma pontada de remorso por gritar com ele.

— Só quero chegar à Terra Prometida — diz, olhando com tristeza para os pés. — Para onde o Cientista prometeu que nos guiaria. Só isso.

Falo com mais delicadeza.

— Ela fica no leste, Jacob. Vou levar você para lá. Prometo.

O garoto olha para mim com os olhos úmidos. Então assente em um gesto rápido. Mas, com aquele movimento, sinto que está me entregando uma coisa frágil e valiosa, que está confiando algo a mim.

— Tudo bem — diz Sissy. — Vamos continuar. Quero chegar à cabana antes do anoitecer.

Então saímos correndo pelo bosque outra vez, na direção do sol nascente, para o leste.

* * *

O trajeto é difícil. Em minutos, diminuímos o passo para uma caminhada rápida, mantendo em mente as pernas curtas de Ben e sua pouca idade. Ele está se esforçando, o cabelo suado por baixo do gorro, as bochechas rosadas de cansaço. Aos poucos, o chão do bosque, coberto de agulhas de pinheiro, passa a ser terra batida, até que a última árvore fica para trás e nossas botas tocam a superfície compacta de pedra da montanha. O sol é refletido por quilômetros e mais quilômetros de granito disposto em ondulações delicadas, produzindo um brilho intenso cegante.

Fazemos outra pausa na beirada de uma ladeira íngreme. Vemos a mesma escada de corda que usamos para subir dias antes pendurada nela. É uma descida cansativa e debilitante, e Sissy quer ter certeza de que estaremos bem descansados antes de encará-la. Nós nos sentamos na superfície dura com as pernas esticadas à frente, apoiando o tronco nas bolsas. Um vento forte sopra pelos morros, assobiando entre as ravinas.

Sissy mexe na mochila e pega um binóculo. De onde estamos, temos uma visão

quase panorâmica. Ela observa a área abaixo de nós, enrugada como um cobertor. À nossa esquerda, a linha prateada e fina do rio Nede brilha sob o sol intenso. Sissy aponta o binóculo para leste. Se tem esperança de ver alguma coisa no horizonte, qualquer indicativo da Terra Prometida, não diz nada.

— Posso dar uma olhada? — pergunta Epap.

Sissy o ignora e continua a observar o lado esquerdo.

— Quanto falta?

Epap responde:

— Eu diria que estamos na metade do caminho. Portanto, deve levar mais umas quatro horas para chegarmos à cabana. Ei, Sissy, posso dar uma olhada no binóculo?

Mas parece que ela não escuta. Está completamente absorta: o dedo indicador mexe no dispositivo de foco, girando-o de um lado para o outro em graduações cada vez menores. Acima do binóculo, sua testa se franze cada vez mais. As costas dela se enrijecem de repente.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ela abre a boca, tão redonda quando as duas lentes. Afasta o binóculo e tenta ver a olho nu. Seus olhos mostram alarme e perplexidade.

Sissy fica de pé. Todos a imitamos. Penso que ela talvez tenha visto um grupo de anciões descendo a montanha. Mas o binóculo estava apontado para longe da montanha, para a terra lá embaixo.

— Não é possível — diz Sissy.

O vento carrega sua voz, transformando a frase em um sussurro assustado.

Epap pega o binóculo das mãos dela. A princípio, não vê coisa alguma. Mas logo as sobrancelhas se erguem, parecendo pipas se elevando ao céu. Ele dá um pulo para trás e quase derruba o binóculo.

— O que é? — pergunta David. Ele está olhando na mesma direção.

Epap balança a cabeça, como se para clarear a mente.

— Não sei… não pode ser.

— O que é?

— Meus olhos devem estar me pregando uma peça, é…

— Um barco — explica Sissy. — Descendo o rio.

Tiro o binóculo das mãos de Epap. Levo alguns segundos para encontrar o rio, e, mesmo assim, a princípio vejo apenas o brilho da água. O rio é uma linha fina e curva, cheia de pontinhos brilhantes que refletem o sol, extremamente desorientador, e começo a pensar que Epap e Sissy estão imaginando coisas.

Mas então, eu vejo.

Um barco circular, com formato de domo. A luz reflete nas placas de metal cromado que o envolvem. A embarcação gira e balança com a corrente forte, à mercê do rio. Cordas estão penduradas ao redor da circunferência, como as pernas

de um inseto. Na ponta de cada uma há uma mancha arredondada. Aproximo a imagem.

As manchas são cavalos submersos, flácidos e sem vida, arrastados pela correnteza presos às cordas, como criminosos enforcados. Mais cedo, os cavalos devem ter guiado o barco durante o dia, enquanto os noturnos se protegiam dentro do domo. Três em cada margem, carregando a embarcação pelo rio. Quando a correnteza aumentou, os cavalos devem ter sido obrigados a trotar, depois a galopar. Em determinado ponto, sem conseguir mais acompanhar o ritmo, caíram e afundaram.

— O que é?

Ouço a voz de Ben, mas ela parece vir de um milhão de quilômetros de distância.

Aponto o binóculo para a extensão do rio. Há mais barcos, todos com domos, todos arrastando cavalos afogados nas pontas das cordas.

— Está vendo algum noturno? — pergunta Ben, a voz ficando aguda e histérica.

Mexo no foco com um dedo trêmulo. Mais barcos aparecem, uma frota inteira descendo o rio. A corrente os leva na direção da caverna da montanha. Na nossa direção. Abaixo o binóculo.

Ben está me encarando.

— É, não é? Um grupo de caçadores — pergunta, a voz cortando o ar.

Balanço a cabeça.

— Não é só um grupo. É um exército inteiro.

Sissy apoia as mãos nos joelhos, como se tivesse levado um soco.

— Lembram quando fomos atacados no rio? Disse que eles estavam ficando mais espertos e fortes. — Ela balança a cabeça. — Eu nem fazia ideia.

— Como isso é possível? — pergunta Epap. — Como construíram esses barcos tão depressa?

Ele se vira para mim, como se eu pudesse saber.

— Talvez eles… não sei — respondo.

— Uma frota com tantos barcos… não dá para construir isso em poucos dias — diz Epap. — É algo que leva meses, anos. Era você quem vivia no meio deles. Não ouviu nada sobre a construção de uma frota?

— Não, nada.

— Vamos nos concentrar no que sabemos — pede Sissy. Sua voz treme um pouco antes de se firmar. — Sabemos que os noturnos estão a poucas horas da caverna. A cachoeira deve matar um bom número deles, mas muitos sobreviverão. E é escuro lá dentro, os remanescentes vão ficar protegidos até a noite.

— E depois? — pergunta Ben.

— Depois virão atrás de nós — responde David.

Ele parece tão pequeno, com os braços tremendo ao lado do corpo.

— Não — retruco. — Não virão.

Todos se viram para me encarar.

— Vejam o vento. Está soprando para o leste.

— E o que isso significa? — pergunta Ben.

— Significa que vão sentir o cheiro dos humanos da Missão primeiro se continuaremos seguindo para o leste, a favor do vento. A Missão tem centenas de pessoas. Somos apenas seis. Aquela vila é uma erupção vulcânica de odores, então nosso cheiro deve passar despercebido. Se aumentarmos depressa a distância entre nós e a Missão, se nos mantermos a favor do vento, ficaremos seguros. Vamos continuar avançando. Vamos continuar sobrevivendo. Até a Terra Prometida.

— Eles virão atrás de nós.

Balanço a cabeça.

— Vão estar tão entupidos de carne humana na Missão, tão cercados de odores humanos, que não vão sentir o leve aroma dos nossos corpos a quilômetros de distância. — Olho para o rio. Mesmo sem o binóculo, consigo ver as silhuetas pretas dos barcos. — Mas temos que seguir em frente. Essa é a hora crucial, temos que acelerar.

Pego a bolsa e a coloco nas costas. Sou o primeiro a chegar à escada de corda, com os garotos logo atrás. Epap se oferece para descer na frente e prende a bolsa de Ben ao corpo.

— Não olhem para baixo — digo para os mais novos. — Mantenham os olhos fixos nos degraus. Avancem devagar e com firmeza, certo?

Epap segura o apoio e coloca o pé no primeiro degrau, mas para.

— Sissy — chama.

Ela não se moveu. Ainda está no mesmo lugar, o rosto contraído de conflito.

— Venha, Sissy! — grito. — Temos que ir logo.

O rosto dela fica tranquilo de repente, a indecisão resolvida. Ela olha para mim com olhos firmes, mas úmidos.

— Ei! — grito. — Vamos lá!

— Não é tão simples — responde ela.

— O que não é tão simples? — pergunto.

— Fugir.

— O quê?

— Temos que voltar.

— Para a Missão? Você está maluca?

— Precisamos avisá-los sobre os barcos dos noturnos.

Vou até ela.

— Se voltarmos, morreremos. Se partirmos agora, temos uma chance — explico. — É simples *assim*. Se partirmos agora, chegaremos à Terra Prometida. Veremos

meu pai de novo. Não pode ser mais simples do que isso.

— Vou voltar para a Missão.

Eu a encaro.

— Para quê, Sissy? Eles já estão mortos. Mesmo que a gente consiga avisar, até onde acha que as garotas vão chegar com aqueles pés?

— Não posso fazer isso, Gene. Não posso deixar que sejam devorados.

Eu me viro para Epap.

— Coloque um pouco de bom senso nela, por favor.

Mas ele só olha para Sissy, a expressão hesitante e incerta.

— Ah, pare com isso, você também não, Epap!

Sissy olha para o rio.

— O Cientista disse para nunca abandonarmos nossos semelhantes. Se formos embora sabendo o que sabemos, estaremos traindo tudo que ele nos ensinou.

Aponto para o leste com o dedo, furioso.

— O Cientista quer que a gente siga para o leste. O Cientista quer que a gente chegue à terra de leite e mel, frutas e sol. O Cientista está nos esperando lá. Vamos para o leste. É isso que ele quer! Então não venha me falar sobre o que você *acha* que o Cientista quer!

A voz de Sissy soa baixa diante do meu tom de repreensão.

— Se partirmos, o sangue deles estará em nossas mãos. As mortes das garotas da vila, dos bebês. De centenas de pessoas. Não vou conseguir viver com isso.

— Ah, pare com isso, Sissy. Eles cavaram a própria cova.

— Não! — exclama ela. — Nós cavamos! Você não percebe? — Os olhos dela examinam os meus. — É por *nossa* causa que eles estão em perigo. Se não tivéssemos vindo, os barcos não teriam chegado tão longe. Se não fosse por nós, os noturnos nunca descobririam a Missão.

O vento sopra pelos morros de granito. Mechas compridas de cabelo caem em seu rosto, mas Sissy não as afasta.

— Vou voltar — diz. — É a única coisa que posso fazer. Vou contar a eles sobre os noturnos. Vou convencê-los a entrarem no trem, a partirem imediatamente. Temos pouco tempo, mas vamos conseguir.

— Você está maluca? Sissy, não sabemos para onde vai o trem! Foi por isso que fomos embora da Missão.

— E é exatamente por isso que vamos entrar nele. Porque não sabemos. Ele *talvez* nos leve à salvação. Mas, se não entrarmos nele, a morte é *certa*. — A voz dela é firme e decidida. — As vidas deles já são difíceis o bastante. Não posso deixar que sejam consumidos por noturnos, se puder evitar. Não vou conseguir viver sabendo que os abandonei.

Olho para ela com raiva.

— Sissy, não faça isso.

Ela me ignora e se vira para os outros.

— Vocês vão com Gene. Ajudem-no a encontrar o Cientista. Não se preocupem comigo, vou ficar bem.

— Não. — Epap pisca com força, o rosto pálido. Ele dá um passo na direção de Sissy. — Concordo com você, Sissy. É a coisa certa a se fazer.

— Eu também — diz David, afastando as lágrimas do rosto. — Vamos voltar para a Missão.

— E eu — concorda Jacob, a voz trêmula e um pequeno sorriso corajoso surgindo nos lábios. — Também vou com você.

Ben corre até Sissy e a abraça com força pela cintura. Ela acaricia o cabelo que sai por baixo do gorro. Então olha para mim.

Desvio o olhar. O vento sopra, e, apesar de não estar mais forte do que antes, passa por mim como se eu estivesse vazio, como se tudo que houvesse dentro de mim tivesse sido sugado. Chuto uma pedra precipício abaixo.

— É isso o que vocês querem, então? — pergunto. — Serem perseguidos e caçados? Serem presas dos noturnos a vida toda? Depois de terem nascido como presas, morrerão como presas? — Encaro todos eles, um de cada vez. — Essa é a nossa chance de sermos mais do que presas. De fugir disso tudo. Mas vocês preferem voltar, assim como um animal fugitivo volta para a jaula.

Ninguém responde. Ao longe, as silhuetas no rio ficam maiores.

— Podemos ser livres! — Minha voz falha. Estico os braços na direção do horizonte, do leste. — É para lá que precisamos ir. Para o leste. É onde meu pai está.

De repente, fico tonto, e o chão parece balançar sob meus pés. Eu me inclino para a frente e espero que o mundo pare de girar.

— Não façam isso, pessoal — peço, e minha voz, desbotada pelo vento, perdeu toda a força. Mal passa de um sussurro. — Não me deixem sozinho.

Por um momento, eles não respondem. Ficam perfeitamente imóveis. Só os cabelos balançam, soprados pelo vento, naquela tapeçaria de imobilidade. E então, David vai na minha direção, e, apesar de ser apenas um passo, parece que percorreu toda a distância entre nós.

— Venha conosco, Gene — pede. — Por favor.

E são essas últimas palavras que criam rachaduras em minha resolução.

Viro a cabeça e olho para o leste. Para a área ampla, vazia e árida.

— Gene. — Agora é Jacob. — Venha conosco. Você faz parte do grupo. Está com a gente. Sinto isso de verdade. Você se encaixa tão bem. Somos uma família. Não vamos deixar você ir embora!

Ninguém nunca implorou ou suplicou por mim. Por alguns momentos, não

respondo, sinto apenas um calor estranho enchendo áreas dentro de mim onde antes só havia vazio. Viro-me para olhar para eles de novo. Ben me encara com os olhos cheios de esperança e expectativa. Ele vê a decisão que mal percebo estar estampada em meu rosto e abre um largo sorriso. Puxa o braço de Sissy com empolgação.

— Ele vem! Ele vem com a gente!

Epap assente para mim, os olhos calorosos.

— Temos que ir — diz. — O caminho até a Missão é longo. Vá na frente, Gene. Vou cuidar da retaguarda, que tal?

Eu me vejo dando um passo à frente, indo para o meio do grupo. Quase consigo sentir as mãos de todos me dando tapinhas nas costas, a luz dançando nos olhos deles, a onda de energia nas minhas pernas quando inicio a caminhada de volta para a Missão.

Mas não me mexi. Estou paralisado. Mais uma vez, olho para o leste. Sinto a força de um milhão de mãos me puxando em direções diferentes.

— Eu vou atrás do Gene! — grita Jacob, pegando a mochila.

Ainda assim, continuo parado.

Então, Sissy, em silêncio há muito tempo, fala. Mas, ao contrário dos outros, não há empolgação na voz dela.

— Gene.

É tudo o que ela diz, apenas meu nome, bem baixinho. Sua voz está tomada de uma tristeza insuportável, que acaba comigo. Ela balança a cabeça ao olhar para mim, e, naquele pequeno movimento, trocamos mil palavras de percepção e compreensão.

Os garotos se viram para ela, a confusão evidente nos rostos.

— Sissy? — pergunta Ben. — Qual é o problema…?

— Gene não vai com a gente — explica Sissy, sem tirar os olhos de mim.

— O quê? O que você quer dizer?

A voz dela está calma.

— O destino dele é seguir para o leste. É o caminho que o Cientista determinou para ele.

— Não — retruca David, a voz densa de emoção. — Ele é um de nós, tem que ficar conosco…

— Ele é a Origem — retruca ela. — O caminho dele é diferente do nosso.

— Sissy — diz Ben —, ele quer vir conosco e…

— *Não deixem Gene morrer* — interrompe ela. — Gene é a Origem. Ele é a cura. Ele precisa ficar vivo. Precisa ir para o leste. Não há nada mais importante.

Os garotos ficam pálidos, mas os olhos arregalados e lábios silenciosos e trêmulos traem o reconhecimento indesejado de que Sissy está certa.

— Ele precisa encontrar o Cientista — prossegue ela, calma e determinada. — É o que o Cientista quer, é o que ele planejou desde o começo. Não podemos deixar nossos sentimentos pessoais — o rosto dela fica duro como pedra — atrapalharem. — Ela olha para mim de soslaio, e, pela primeira vez, sua voz treme de conflito e angústia. — E, no fundo, também é o que Gene quer.

Os garotos olham para mim. E Ben vê outra coisa em meu rosto, uma expressão diferente que faz seu lábio inferior tremer e os olhos lacrimejarem.

— Gene? — pergunta, e a questão paira no ar, balança ao vento.

Sissy anda na minha direção com o rosto rígido.

— Ele quer encontrar o pai. Nada, e ninguém, é mais importante. Não podemos negar isso a ele. Temos que deixá-lo ir. — Ela está de pé na minha frente, tão perto que vejo as rachaduras em sua determinação, as fendas macias causadas pela dor. — Você iria até o fim do mundo para encontrá-lo, não é, Gene?

Atrás dela, os garotos me encaram. O céu acima deles é puro azul, sem nenhum resquício de nuvem. Ben começa a chorar, e Epap passa um braço ao redor dos ombros dele para reconfortá-lo.

— Não vou abandonar vocês — digo.

— Você precisa — responde Sissy. — Não vou deixar você ficar.

— Estou cansado de abandonar…

Ela coloca o dedo em meus lábios e me faz ficar quieto.

A luz do sol refletida no granito realça os poços fundos das íris dela. Eu me lembro da primeira vez que vi aqueles olhos castanhos, na tela da escola. Foi quando Sissy sorteou os números da Caçada Eper. Foi há muito tempo, mas, apesar dos pixels da imagem digitalizada, ainda me lembro da força e da delicadeza daqueles olhos.

E essa é a sensação das mãos dela no meu rosto. Ao mesmo tempo fortes e delicadas.

— Gene — sussurra ela, e a voz finalmente a trai. Sissy engole em seco. — Vá.

Por um momento, os olhos decididos se partem em cacos de hesitação. Ela faz uma pausa, como se para me dar a chance de falar. Mas não digo uma palavra. Ela fecha os olhos e se vira para os garotos.

Eu não me mexo. E então, em um movimento que parece demorar horas, ando na direção da escada de corda. Nada tem substância, nem mesmo o granito abaixo de mim, minhas pernas ou meu corpo. Parece que serei levado pelo próximo sopro de vento, não bem carregado, e sim desfeito, osso a osso, até não sobrar nada. Apoio a bota no primeiro degrau.

— Gene! — grita David. — Vamos nos encontrar de novo um dia, tá?

Concordo com a cabeça. Ele sorri, e sinto meus lábios se curvarem naturalmente e se abrirem em um sorriso. Eu não sabia que sorrisos podem nascer da dor. Então

faço uma coisa que meu pai sempre me disse para não fazer. Levanto a mão e aceno, devagar. Eles acenam em resposta, todos juntos, os olhos úmidos.

Como se puxado pelo peso do meu coração, desço para o degrau seguinte e o seguinte. A visão de Sissy e os garotos é substituída pela parede dura de granito enquanto desço a escada. Meu pé encontra o próximo degrau e o próximo e o próximo, e fico completamente só de novo.

39

ANDO DEPRESSA, com passos intensos. É melhor assim, para manter o coração batendo com vigor, os pulmões trabalhando rápido, a mente concentrada no que há à frente, não no que deixei para trás. Sou um pontinho deslizando por uma terra sem memória, imensa e esquecida, preso em uma situação estática que nunca vai mudar.

Quando o sol começa a descer, minhas botas deixam de pisar no granito duro, adentrando o solo macio da floresta. Está mais frio ali, e também mais escuro, como se o crepúsculo tivesse chegado mais cedo. Mantenho o ritmo pesado, ansioso para deixar mais e mais quilômetros para trás.

Mas a floresta densa, com suas árvores idênticas, me deixa desorientado e tonto. Olho para o céu em busca de orientação, mas as sequoias altas, muito próximas umas das outras, revelam apenas pequenos pedaços do céu, obscurecendo o sol. Nem sei para que lado fica o leste. A cor do céu me preocupa, pois não está mais azul, e sim manchado com o tom vermelho-sangue do crepúsculo.

A noite está chegando.

Sou um garoto da cidade, não estou acostumado a andar na natureza. Sigo em frente, o pânico ameaçando tomar conta de mim. Dez minutos depois, sou obrigado a aceitar o que venho negando há mais de uma hora. Estou perdido, meu senso de direção já era. Não sei mais se estou indo para a Missão ou me afastando dela. Perdi tempo precioso.

Alarmado, reparo que algumas estrelas já aparecem no céu, que já está escurecendo. A noite cai sobre o mundo. Debaixo dos meus pés, agora mesmo, dentro da montanha, centenas de noturnos devem estar esperando que o dia dê lugar à escuridão total. A ideia me deixa muito nervoso. Em pouco tempo, eles vão começar a escalar as paredes da caverna, agarrados a heras e outras plantas, e sairão pelas aberturas por onde os raios de sol entram durante o dia. Vão sair em fluxos contínuos e cobrir a montanha como óleo negro ao correrem para a Missão.

Espero que Sissy e os garotos tenham ido depressa e que estejam seguros na vila. Espero que consigam convencer as garotas a entrarem no trem, que consigam partir antes de os noturnos chegarem. Enquanto ando, uma sensação crescente de culpa começa a pesar em mim. Por tê-los abandonado. Assim como abandonei Julia Brasa, também os traí. Acelero, aumentando a intensidade da caminhada, desejando que o cansaço afaste esses pensamentos.

Meia hora depois, me encosto no tronco de uma árvore, ofegante e com os olhos arregalados na floresta escura. Eu deveria estar do outro lado da montanha, a quilômetros de distância, fora do caminho dos noturnos e a favor do vento. Não perdido e com medo na escuridão e no silêncio da floresta. Dias atrás, quando Clair estava nos guiando, aquele lugar fervilhava de vida selvagem. Mas agora, há apenas um silêncio assustador. Como se todos os habitantes da floresta tivessem sentido a chegada dos noturnos e fugido.

Quando minha respiração ofegante se normaliza, ouço o som suave de um riacho. Sigo na direção dele, não por estar com sede e precisar de água, mas porque me lembro de que há um riacho a mais ou menos cinquenta metros da cabana. Talvez seja o mesmo.

Ele é borbulhante e corre rápido. Eu me abaixo e jogo água no rosto. A água gelada me arranca da nuvem de cansaço, me ajudando a ficar alerta.

Uma ideia se forma na minha cabeça. Um jeito de sair daqui. Não é perfeito; na verdade, está longe disso. Mas, conforme a temperatura despenca ao meu redor e o frio desce pela minha coluna, percebo que, além de ser um método viável de fuga, talvez seja o único. Coloco a mochila nas costas, aperto as alças e corro pela margem do rio. Procurando a cabana com os olhos.

Porque dentro dela está a asa-delta do meu pai.

* * *

Quase passo direto pela cabana. Um grito solitário é o que me salva. Ele sobe pelo céu da noite, assustadoramente próximo. É o que me faz parar de repente. E é nessa hora que vejo. Não a cabana, não de cara, mas a clareira. Em segundos, atravesso-a correndo até a varanda da frente da construção.

Quando giro a maçaneta, um coro de gritos masculinos e felinos sobe ao céu, um desejo ardente nas vozes unidas. Nuvens esparsas, tingidas de vermelho pelo sol poente, assumem a aparência de cortes profundos e sangrentos. Olho para o bosque que cerca a clareira. Nenhum movimento. Ao leste, a paisagem se transforma em um precipício, uma queda profunda. Um vento sombrio sopra ali. É de lá que meu pai saltava de asa-delta. Direto no precipício, para o céu, sobrevoando a Vastidão. E é de lá que preciso saltar.

Está escuro dentro da cabine. Tiro um Brilho Incandescente da mochila e o aciono. A asa-delta está exatamente onde me lembro: pendurada na parede do quarto. Agora que sei que preciso voar nela, parece ao mesmo tempo frágil e pesada. Eu a examino e tento compreender como funciona a loucura de tiras e barras. Nada faz sentido. Deve estar faltando alguma coisa. Então, eu lembro. Abro

o baú, tiro o colete de aparência estranha que vi dias antes. Abro o zíper e tento decifrar para que servem os ganchos metálicos, as cordas e os mosquetões pendurados. Visto o colete e passo as pernas pelas aberturas. Agora, a asa-delta faz mais sentido: ganchos se prendem em argolas, e mosquetões correspondem a outros da mesma cor na estrutura.

Um grito lá fora faz a janela tremer.

A janela agora está negra. A noite tomou o céu.

Como se acompanhando oficialmente a chegada da noite, gritos atravessam a montanha. Mais altos agora, arranhando as janelas da cabine como unhas em uma camada de gelo. Ouço leves estalos, como palitos de dentes sendo quebrados, e levo um minuto para me dar conta de que são os sons distantes de árvores caindo, troncos sendo pulverizados pela horda de noturnos. O cheiro de epers vindo das montanhas os deixaram frenéticos.

Coloco a asa-delta na cama e corro para fora. Pela varanda da frente, os vejo avançando. Árvores altas tremem ao longe.

Eles estão chegando. Eles estão chegando. Por acidente ou destino, a cabana está bem no meio da trajetória dos noturnos.

Eu corro para dentro. Penso em fechar as janelas e me esconder. Mas descarto a ideia na mesma hora. A construção de madeira tem tanta chance de resistir aos noturnos quanto uma caixa de fósforos em um incêndio. Eles destruiriam a cabana em segundos, a deixariam em pedacinhos.

Pego a asa-delta, atravesso o corredor de lado, carregando-a, e saio pela porta. O vento frio sopra com força ao meu redor, e os ecos dos gritos carregados por ele.

É agora ou nunca, quer eu esteja pronto ou não. Eu escolho o *agora,* torcendo para que esteja *pronto*.

Prendo um gancho na argola correspondente na asa-delta. Começo a andar para a beirada do precipício enquanto coloco os mosquetões no lugar, passo as cordas pelos aros, tudo instintivamente, sem nenhuma ideia do que estou fazendo. Só posso torcer para que tudo esteja no lugar certo.

O chão começa a tremer.

Ouço gritos na floresta atrás de mim e ao meu lado. Têm um tom diferente, de êxtase; gritos de surpresas agradáveis, de descobertas inesperadas.

Corro. Os mosquetões que não tive tempo de prender batem no meu corpo como cutucadas de uma criança exigente (*me ajeite, me ajeite, me ajeite*), mas é tarde demais para isso. Só sinto seus gritos agudos cortando meus tímpanos, além da pele da minha nuca e dos meus calcanhares, se esticando na minha direção como dedos com garras. Puxo a barra de metal da asa-delta por cima da cabeça, tomando cuidado para não tropeçar enquanto corro. Um tombo seria fatal.

Uma piscina de escuridão começa a me envolver.

Não olhe para trás. Não olhe para o lado. Mantenha os olhos na beirada. Corra para a beirada, corra, corra, corra.

E ali está, a beirada do precipício se aproximando, a boca do vazio arreganhada à minha frente. Não sei o que devo fazer com a asa-delta, mas é tarde demais para ter dúvidas. O chão treme, o ar é cortado por mil gritos de desejo, e me jogo da beirada, para o abismo preto e sem fundo.

E, na hora em que faço isso, ouço um grito, uma única palavra sendo dita atrás de mim. *Gene!*

* * *

Estou caindo, os pés balançando no ar enquanto a parede do precipício passa por mim. Não há vento. A asa-delta despenca como um pássaro ferido, as asas estalando com histeria. Uma sensação doentia de pânico toma conta da boca do meu estômago.

Um vento forte sopra do nada. A asa-delta entra em sintonia com ele, produzindo um clique quase audível. O ar da noite, antes tão vazio, de repente ganha a solidez de um tapete palaciano abaixo de mim, me elevando ao céu escuro.

Com o coração na mão, agarrado à barra com os nós dos dedos brancos, olho para baixo. Noturnos caem pela beirada do precipício, desabando no abismo negro. A asa-delta treme. Grudo os olhos na barra e me concentro na tarefa difícil que tenho que executar. Inclino o corpo para um lado e para o outro, experimento os mecanismos de voo de forma cuidadosa. Aprendo depressa a maior parte das coisas, e, em pouco tempo, pego o jeito com a asa-delta. Tudo é feito devagar e com delicadeza, sem puxões repentinos ou manobras radicais. Não é muito difícil, depois que supero o medo inicial.

Na verdade, é maravilhoso. A sensação de voar pelo céu, a brisa surpreendentemente gentil e refrescante no rosto. Muito abaixo, emergindo da montanha em uma cachoeira gigantesca, vejo o rio Nede fluir para longe. Ele brilha no chão, parecendo uma linha de magnésio, uma seta apontando para o leste. Para a Terra Prometida. Para meu pai. Se este vento para o leste se mantiver, chegarei rápido.

Dou uma última olhada para a montanha. A lua espalha a luz leitosa em sua face, e consigo ver um cobertor prateado com pontos pretos se espalhando como uma capa. Ondas e mais ondas de noturnos saem do interior da montanha. Em breve chegarão à Missão.

Tentei não pensar neles, mas minha mente vai involuntariamente para Sissy e os garotos. Eles já devem ter chegado à Missão. Por um segundo, um vazio maior do que o céu noturno ecoa dentro de mim.

Olho para a frente. Para o leste. Em algum lugar, além do que consigo ver, está meu pai.

Eu me pergunto quantas garotas Sissy convenceu a embarcarem no trem.

Meu pai deve estar bronzeado, penso, por não ter mais que ficar longe do sol. E talvez com a cintura mais redonda, com toda a comida e bebida que deve ter ingerido.

Eu me pergunto se Sissy e os garotos já entraram no trem. Se as garotas da vila estão com eles enquanto o motor acelera.

Meu pai deve estar de barba, talvez de bigode, ou possivelmente com uma barba rala. Vai ter pelos nos braços e nas pernas. As olheiras estarão menores, ou talvez tenham desaparecido, removidas por meses e anos de sono profundo e tranquilo. Ele deve estar diferente, mas, livre das máscaras que usou a vida toda, será quem é de verdade, estará exposto.

Eu me pergunto se Sissy e os garotos estão bem. Se sabem que precisam partir imediatamente. Se têm ideia de quantos noturnos seguem na direção deles.

Pela primeira vez na vida, verei meu pai sorrir de verdade. Verei a mais pura das emoções, que ele aprendeu a sufocar. Verei os lábios dele se curvarem, os dentes brilharem com uma naturalidade que vem da prática, um brilho em seus olhos. Os braços vão permanecer nas laterais do corpo, sem precisar fingir coçar os pulsos. E é isso que vai fazer quando me vir. Vai sorrir. Vai sorrir à luz do sol, e não vai se sentir obrigado a se esconder nas sombras.

Eu me pergunto se Ben não está cansado de andar o dia todo. Se David sabe que vai precisar de luvas e cachecol, porque o vento que entra pelas grades do trem deve ser forte e cortante. Eu me pergunto se o braço de Sissy está melhor, se a queimadura melhorou. Eu me pergunto se estão pensando em mim tanto quanto eu estou pensando neles. Eu me pergunto se Sissy queria estar comigo agora. Como eu quero estar com ela.

Estrelas brilham acima de mim e ao meu redor, e parece que sou capaz de alcançá-las. Como se eu pudesse esticar a mão e mudá-las de lugar, vê-las caírem como flocos de neve na terra.

Olho para o leste. Vejo meu pai no brilho quente da luz do sol, brilhando e desfocado como em um delírio. Vejo-o ficando menor e desaparecendo, como inevitavelmente todos os sonhos fazem com a chegada da luz intensa da manhã.

Agarro a barra com mais força. Em seguida, viro as pernas para o lado e inclino o corpo. As estrelas giram ao meu redor quando viro a asa-delta, a lua balançando como uma bola em uma corda. O rio prateado gira abaixo de mim. E então fico de frente para a montanha, a silhueta do pico inclinada para o lado, como a cabeça de alguém surpreso e confuso.

Estou voando para o oeste.

De volta para a Missão.

40

A MISSÃO fica acomodada em um vale, e, na primeira vez, acabo passando direto por ela. É a ponte, com as duas plataformas levantadas como suportes de livro, que acaba sendo um valioso ponto de referência. Dou a volta e vejo alguns pontos de luz brilhando na montanha escura. Voo mais perto, até a Missão surgir no breu, e vejo os pequenos chalés iluminados. Daqui de cima, o tamanho diminuto e a simplicidade da vila me pegam de surpresa.

Já concluí, com certa tristeza, resignação e nenhuma hesitação, que o pouso será feio, provavelmente doloroso, quem sabe até fatal, e totalmente dependente da minha sorte de principiante. Tive bastante tempo para pensar — os quase quinze minutos que demorei para dar a volta —, e já decidi que a melhor opção é pousar no lago glacial na extremidade da Missão. Mas o que pareceu uma ótima ideia é, na verdade, incrivelmente difícil de fazer. Daqui de cima, o lago é do tamanho de uma moedinha, uma área ridiculamente pequena cercada de crateras de granito e densas florestas de coníferas, com árvores apontando para o alto como facas.

Pousar no lago é como bater em um muro de gelo. A água lodosa não cede nem um pouco. Quando deslizo pela superfície, é como se minhas pernas e meu corpo passassem por um cortador de metal. A asa-delta afunda de repente nas profundezas, e o frio, as bolhas e a escuridão viram meu mundo de cabeça para baixo e de dentro para fora. Completamente desorientado, abro o colete e me liberto com dificuldade, chutando a asa-delta para longe. *Olhe para as bolhas, siga-as para cima, olhe para as bolhas*. Nado para a superfície, e o domo do céu noturno se espalha acima de mim, cheio de oxigênio.

Vou até a margem do lago e arrasto meu corpo encharcado e maltratado para fora da água. Estou com frio. Preciso me apressar, meus membros tremem como galhos ao vento, a mente já está se desfazendo em pensamentos desconexos e incongruentes. Saio cambaleando, as pernas bambas, batendo o queixo sem parar, e sigo até o chalé mais próximo com os braços ao redor do peito, as mãos presas debaixo das axilas. Minhas mãos congeladas mal conseguem envolver a maçaneta. Está escuro lá dentro. Abro o baú, tiro as roupas molhadas e visto as secas.

Nesse momento, percebo que não vi nem uma pessoa.

Corro para a rua batendo os dentes.

Observo a praça da vila. Nada se move, não há ninguém por perto. Quando começo a pensar que Sissy conseguiu convencer todos a irem embora, vejo um

grupo de garotas. Os olhos, pesados devido ao sono interrompido, se arregalam de surpresa ao me ver.

— Onde estão os meus amigos? — pergunto. As primeiras palavras faladas em horas saem agudas e trêmulas.

As garotas apenas me olham com cautela.

— Vocês me ouviram? Meus amigos: Sissy, Epap e os meninos. Eles conseguiram chegar? Vocês os viram?

Mas elas olham sem emoção, sem se deixarem afetar pelo desespero na minha voz. Exceto uma. Que parece apavorada.

— Eles conseguiram voltar? — pergunto.

Ela faz que sim.

— Onde estão? — indago.

— Na estação de trem — responde ela, baixinho. — Quase todos.

— Como assim *quase todos*?

Ela aperta a saia e enrola o tecido na mão.

— O que está acontecendo? — pergunto.

Uma sensação ruim cresce em meu coração.

— Não posso dizer mais nada. Não posso — responde ela, o corpo ficando rígido.

— O que está acontecendo aqui? — exijo.

E, como ninguém responde nem me olha nos olhos, começo a correr para a estação.

— Vão para o trem agora! — grito por cima do ombro. — Se quiserem viver, precisam subir no trem!

* * *

A estação está fervilhando. Parece que metade da vila está aqui, descarregando os vagões. *Ainda* descarregando o trem.

— Sissy! — grito.

Algumas cabeças se viram, um rosto redondo e sonolento atrás do outro. Mas não há sinal de Sissy e dos garotos.

— Epap! David!

Todos param de trabalhar, virando-se para olhar para mim. Vejo surpresa nos rostos deles, mas ninguém fala.

E então, ao longe, no último vagão do trem, eu a escuto. É Sissy, gritando:

— Aqui, Gene! Aqui. Venha logo…

Ela é interrompida pelo som de um tapa.

Isso injeta fogo nos meus pés. Corro pela plataforma, empurrando caixas e geradores, pulando por cima de mangueiras enroladas no chão. Os homens estão reunidos na extremidade da estação.

Paro na frente deles, ofegante, inspirando o ar frio. O grupo de anciões se abre como uma planta carnívora ao me redor, me envolvendo. É nessa hora que os vejo. Estão todos dentro de um vagão, amarrados. Sissy e os garotos. Ou melhor, quase todos os garotos.

— Onde está Ben? — pergunto.

— Krugman deixou Ben no escritório dele — responde Sissy. Vejo um hematoma em sua bochecha. As mãos, machucadas e vermelhas, estão presas acima da cabeça em uma das barras de metal. — Eles não quiseram nos ouvir. Nos forçaram a entrar no trem.

Ao lado dela, David está tremendo, quase chorando. Jacob está amarrado do outro lado do vagão. Consigo ver as cordas que os prendem às barras. Epap é quem parece em pior estado. Está jogado em um canto afastado, com os olhos roxos e inchados, caído de lado e quase inconsciente, os braços presos às costas. Vejo mais uma pessoa amarrada no outro canto. É uma garota, e seus olhos ardem com uma vitalidade renovada. Clair.

Eu me viro para os anciões. Eles estão sorrindo, olhando para mim com malícia.

— Tudo bem, tudo bem — digo. — Vocês nos pegaram. Vamos desistir. Vamos subir no trem. Vamos embora.

Eles franzem a testa. Estão esperando uma briga, não minha rendição.

— Só vão pegar Ben. Depois, podem nos mandar para onde quiserem.

— Está bem — responde um dos anciões. — Então entre no trem.

— Só quando vocês trouxerem Ben para cá — retruco. — Aí, eu entro.

O rosto do homem se abre em um sorriso caloroso, as linhas de expressão ainda mais marcadas.

— Ah, tudo bem — responde. — Como você quiser. Mas pode demorar, ah, uma hora ou duas para trazê-lo. Talvez até três.

O círculo de homens cai na gargalhada.

Olho para Sissy. Ela balança a cabeça. *Não vai funcionar*, dizem seus olhos.

Tento uma abordagem diferente.

— Me escutem com atenção — peço. — Vou explicar de forma bem clara para vocês entenderem. Temos que ir embora agora mesmo.

— Por que você acha isso? — pergunta o ancião.

— Eles estão chegando.

— Quem?

— Os noturnos.

Ele sorri e aponta para Sissy.

— Foi o que ela disse. Ahhh… estamos com tanto medo. Ahh… os noturnos estão descendo o rio em barquinhos lindos.

— Vocês deviam estar com medo. — Encaro aqueles rostos sorridentes até os sorrisos desaparecerem. — Porque eu os vi. Estão na montanha. Correndo para cá enquanto conversamos, cobrindo a superfície da montanha como uma avalanche de desejo negro. Estarão aqui em minutos.

Por um segundo, dois, três, eles ficam em silêncio. Um silêncio que é interrompido por uma explosão de gargalhadas.

— Ah, bem pensado, garoto, bem pensado — responde o homem. — Tenho que admitir que, por um momento, você quase nos fez cair nessa. — Ele para de rir e muda um pouco o tom. — Mas não foi bom o bastante, nem de longe. — Seu rosto fica sério. — Agora suba no trem.

— Primeiro, tragam Ben aqui. Enquanto isso, as garotas deveriam começar a embarcar.

— Do que você está falando? — pergunta uma delas. É a garota com sardas no rosto. A voz sai tímida e medrosa, desconfiando até mesmo de si mesma. Ela ignora os anciões, que a encaram com raiva. — Me conte.

Eles se viram para ela com irritação.

— Fique quieta…

— Temos que ir embora — grito, me dirigindo às garotas na estação. — Embarcar neste trem é o caminho para a sobrevivência. O único caminho. — Vejo que elas estão prestando atenção, inclinando-se para a frente. — Acham que a noturna do Vastinário era assustadora? Imaginem dezenas iguais. Imaginem centenas iguais a ela invadindo este lugar! — A garota se encolhe. — Agora os imaginem agarrando vocês, as devorando. Como sem dúvida farão nos próximos quinze minutos.

Perto de nós, uma menina baixinha, com no máximo sete anos, começa a chorar. A garota com sardas passa um braço ao redor dos ombros dela para reconfortá-la, mas está pálida e trêmula.

— Não deem atenção a ele! — grita um ancião. — Não deem atenção a essas mentiras deslavadas!

— Me escutem! — grito, mais alto do que ele. — Liguem o motor do trem. Comecem a baixar a ponte. Temos que partir agora mesmo!

Ninguém se mexe.

Nesse momento, acontece a única coisa que poderia ter algum efeito.

Um grito alto e horripilante corta o céu da noite.

Não é o som de um lobo ou de qualquer outro animal, nem é um brado de solidão. É um impulso enlouquecido e desesperado. É cheio de desejo, mas não humano. Um segundo depois, outro grito se junta àquele, depois outro, até que uma explosão de gritos bestiais toma o céu escuro.

Os rostos dos homens ficam pálidos, os olhos se arregalam ao perceber que seu pior pesadelo virou realidade. E então, eles fazem uma coisa estranha. Não mandam as garotas entrarem no trem. Também não embarcam. Apenas viram as costas e se afastam em silêncio, como artistas expulsos do palco sob vaias, o choque estampado no rosto. Os anciões voltam para a vila, atravessando a campina escura coberta de grama. Na direção dos uivos.

— O que eles estão fazendo? — pergunta Clair. — Para onde estão indo?

Nada disso faz sentido. As garotas, que no começo seguiam os homens para longe da plataforma, param e olham umas para as outras, sem entender. Os rostos são uma máscara de conflito: uma luta entre os instintos básicos de sobrevivência e a submissão condicionada aos anciões.

Outro grito. Não de um noturno, mas humano. A distância do grito — que vem das fazendas do outro lado da Missão —, não ajuda a esconder o terror que há nele. Mais gritos rasgam o manto da noite. Imagino as garotas da fazenda correndo para o abatedouro, se armando com cutelos e facas para enfrentar os noturnos. Elas não se dão conta da futilidade que é tentar se defender, não percebem que a visão e o cheiro de sangue do abatedouro, mesmo sendo apenas de animais, só vão servir para incentivá-los.

— Se quiserem viver, entrem no trem agora! — grito.

A garota com sardas dá um passo à frente. Com a voz bastante trêmula, manda as garotas subirem no trem. Elas não precisam de outro convite, movem-se juntas para os vagões, em um silêncio surpreendente. Apenas alguns soluços e gritos sufocados escapam de suas bocas.

Uma das garotas pega algo no chão do vagão. É a menina de tranças, e na mão dela está o cinto com as adagas. Ela se ajoelha ao lado de Sissy e desembainha uma lâmina. Um segundo depois, corta as cordas. Sissy fica de pé e esfrega os pulsos. Ela lança um olhar agradecido para a garota e pega outra adaga do cinto. Juntas, as duas começam a cortar as cordas que prendem os garotos e Clair.

— Como botamos esse trem em movimento? — pergunto para a garota com sardas.

— Tem um painel de controle no fim da plataforma — responde ela. — De lá dá para controlar tudo. Com a sequência certa de botões, o trem entra no piloto automático. Depois disso, leva quinze minutos para aquecer. Então todas as portas são trancadas, os freios, desengatados, o trem parte e a ponte é baixada. O processo não pode ser revertido. Não até chegar ao destino, a Civilização.

— Você sabe mexer no painel? — pergunto a ela.

Ela faz que sim, os olhos fixos nos meus. Há uma força inesperada neles.

— Vi os anciões mexerem nele muitas vezes — explica. — É tudo muito simples, com códigos de cores e etiquetas ilustrativas.

Mais uivos vêm da vila, agora mais altos, misturados com gritos de dor. O derramamento de sangue começou. Posso não conseguir sentir o cheiro, mas a sensação vem pelo ar. A morte paira na escuridão da noite.

— Faça isso — digo a ela. — Ligue os motores.

Ela avança na direção do painel, o mais rápido que seus pés de lótus permitem.

Vejo David sussurrando alguma coisa para Jacob, com certa urgência. Eles se viram e se preparam para sair correndo.

— Aonde pensam que vão? — pergunto, segurando-os pelos casacos.

— Buscar Ben — explica David, dando um soco no meu braço.

— De jeito nenhum. Vocês dois ficam aqui.

— Não vamos deixá-lo para trás, Gene.

— Eu sei — respondo, trincando os dentes. — É por isso que eu vou buscá-lo.

— Vou junto — diz Sissy.

— Eu trabalho melhor sozinho — retruco.

— Não desta vez. É de Ben que estamos falando. — Ela se vira para David e Jacob. — Vocês dois fiquem aqui com Epap, certifiquem-se de que ele está bem. Aquelas duas garotas — ela aponta para a menina de tranças e a com sardas — são capazes. Fiquem perto delas.

Então Sissy salta da plataforma enquanto prende o cinto. Momentos depois, estou ao lado dela, correndo pela campina. Mais gritos soam na vila. O terror se espalha pelas ruas e casas com força total. E estamos correndo direto para lá.

— Por que Krugman levou Ben? — pergunto.

Ela balança a cabeça, os olhos cheios de medo.

— Não sei.

Os passos dela ficam cada vez mais rápidos, mais poderosos.

Na metade do caminho, olho para a estação. Um clique mecânico e alto estoura no ar, e fumaça cinza-claro sai da locomotiva. O trem está esquentando. Quinze minutos. É todo o tempo que temos. Supondo que a gente consiga voltar vivo.

Nos encostamos à parede do primeiro chalé na periferia da vila e espiamos pelo canto. A rua está vazia. Atrás de nós, escutamos alguém correndo na nossa direção. É Clair.

— Ir mais longe que isso é suicídio — diz ela, ofegante. — Ouçam os gritos! Voltem para o trem.

— Vamos buscar Ben no escritório de Krugman — retruca Sissy. — Não vou embora sem ele.

As duas garotas se encaram. Clair cospe no chão.

— Nesse caso, vou junto. Posso ajudar. Sei o caminho mais rápido até lá. E para voltar.

— Clair… — começo.

— Vamos logo — interrompe ela. — Não temos tempo a perder.

Ela sai correndo, sabendo que vamos segui-la, entrando e saindo de vielas, passando por espaços estreitos entre os chalés. Clair é ágil e flexível, corta caminho por esquinas estreitas, corre entre as construções, pula cercas. De tempos em tempos, passamos por grupos de garotas correndo pelas ruas, gritando, avançando o mais rápido que seus pés de lótus permitem.

— Vão para a estação de trem! — digo para elas.

Mas, ao vê-las cambaleando pela rua, sei que não têm chance de escaparem dos noturnos.

Eles estão em todos os lugares e em lugar nenhum. Ainda não vi um único noturno, embora seus urros se espalhem por todos os cantos da vila. Pelo volume crescente de gritos, sei que ainda estão chegando, um fluxo infinito. São incitados pelo cheiro acobreado do nosso sangue que se espalha pelas ruas, pelos chalés, por nossas roupas, nossa pele, nossos músculos, órgãos internos e veias.

— Por aqui! — chama Clair em voz baixa, e disparamos pela rua.

Dois chalés à frente, uma garota sai pela porta. Os gritos a arrancaram de seu esconderijo em pânico. Ela está confusa e insegura quando se vira para nós. Mas não vê…

… o vulto negro que a pega. Em um piscar de olhos, uma forma preta indiscernível surge ao seu lado, agarra-a e a carrega para dentro do chalé, destruindo a porta no caminho. Os gritos dela se misturam aos uivos do noturno, uma intimidade macabra.

Pego a mão de Clair e a puxo. O braço está frouxo, seus pés se arrastam em choque.

— O escritório de Krugman, é só nisso que você vai pensar, certo, Clair? Nos leve até lá!

Ela concorda, mas o corpo a trai. Clair começa a tremer, virando os olhos de um lado para o outro, tentando entender o mundo que ficou escuro, preto e sangrento. Ela puxa o cachecol e o enrola na cabeça.

— O que você está fazendo? — pergunto.

— Meu cabelo branco vai revelar nossa posição no escuro.

— Não. É o cheiro de sangue que os atrai — explico, retirando o cachecol e o enrolando no pescoço dela outra vez. — E essa é a nossa vantagem. Sabemos exatamente onde eles estão. Onde houver gritos, haverá sangue, e é lá que eles estão. Ficaremos longe dos gritos.

Ela assente com um movimento frenético, e seu queixo treme.

— Se ficar comigo, Clair, estará protegida. Porque conheço essas coisas, sobrevivi aos ataques delas. Sei como se movem, para onde, quando e por quê. Olhe para mim, Clair, olhe!

Ela olha, e despejo toda minha confiança nos olhos dela, naquelas poças de medo. Quase consigo sentir o sangue correndo em suas veias. A menina assente devagar e respira fundo.

— Por aqui — diz. — Estamos quase lá.

Quando ela sai correndo, já fez as pazes com as pernas. Gritos, às vezes solitários, mas normalmente em grupos, cortam o ar da noite, e somos obrigados a contorná-los ou recuar.

Vultos escuros disparam pela vila, terrivelmente próximos. Duas garotas, tentando escapar de um chalé espremendo-se pela janela, gritam pedindo ajuda, os olhos suplicantes. Estão presas na esquadria da janela, os braços apoiados na parede externa. Os corpos arqueiam de repente, ficam retos e rígidos, e as bocas se abrem em gritos silenciosos. As pálpebras desaparecem, expondo a parte branca dos olhos, de tanta dor. Em seguida, os corpos desabam e pendem da janela, inertes, como roupa pendurada para secar. Mas logo são puxados para dentro com brutalidade.

Não hesitamos. Corremos para dentro de uma alcova, entramos e saímos de pequenas vielas.

— Por aqui — chama Clair, e de repente estamos a céu aberto, cortando a campina em direção ao muro da fortaleza.

Acima de nós, como uma grande seta, está o cabo de energia que segue do centro da vila para o escritório de Krugman, na torre do canto. Luz emana das janelas panorâmicas, brilhando como uma auréola.

41

SUBIMOS CORRENDO a escada em espiral, os pés batendo nos degraus, as mãos apoiadas no corrimão íngreme e curvo. Está estranhamente vazia e silenciosa. Na metade do caminho, Clair segura meu braço e nos faz parar. O som baixo de cantoria chega aos nossos ouvidos.

Livre-me da espada mortal;
salve-me das mãos dos invasores,
cujas bocas são cheias de presas,
cujas mãos são cobertas de garras.

Nós nos entreolhamos e retomamos a subida. Com passos mais lentos, mais silenciosos. Então paramos. É a voz de Ben, tremendo de medo.

E então nossos filhos, em sua juventude,
poderão ser como os muros da fortaleza,
e nossas filhas, pilares polidos,
de um palácio fortificado.
Nossas casas ficarão cheias
de todos os tipos de nobreza.

No alto da escada, seguimos a voz de Ben. Andamos pelo corredor até o escritório de Krugman. A porta está entreaberta e, pela fresta, vamos o garoto segurando uma partitura com as mãos trêmulas.

A sala está iluminada pelo brilho suave das lâmpadas. Um zumbido baixo de eletricidade se espalha no ar, vindo do cabo de força. A sala parece suavizada, os contornos mais leves em comparação à outra vez, quando o brilho intenso da luz do dia acentuou o interior. Krugman está sentado de costas para nós, olhando pela janela panorâmica. Está acuado, segurando um copo de uísque vazio como se fizesse um brinde com a noite, parecendo alheio aos gritos e uivos que ameaçam quebrar o vidro.

Ben está de pé em frente às estantes que cobrem a parede. Noto seu rosto pálido e sem vida quando faço sinal para ele se aproximar, com o dedo encostado nos lábios. Ele olha para Krugman e caminha em nossa direção na ponta dos pés. Então segura a mão de Sissy.

— Aonde pensam que vão? — pergunta Krugman, com a voz monótona. Não há o menor sinal de ameaça ou urgência no tom dele. Como se tivesse todo o tempo do mundo, como se uma onda de noturnos não estivesse varrendo a vila. — Por que não entram? Todos vocês?

Já estamos recuando pelo corredor.

— Espero que não estejam planejando fugir de trem — comenta Krugman.

Eu hesito. Sissy puxa meu braço, mas alguma coisa na voz dele…

— Porque isso seria como pular da frigideira para o fogo — explica. — Na verdade — prossegue, sabendo que estou prestando atenção —, seria mais apropriado dizer: *pular em um poço vulcânico de lava quente*.

Ele ri da própria piada.

— O que você quer dizer? — pergunto.

— Gene! — exclama Sissy.

— Não, espere — peço. Então falo mais alto: — Estamos indo embora.

— A escolha é sua — responde Krugman, parecendo cansado. — Você só vai adiar o inevitável.

Mais uma vez, Sissy puxa meu braço. E, novamente, resisto. Eu me viro para Krugman.

— Você é velho e gordo demais para chegar ao trem, e não quer que a gente escape. Só está tentando nos atrasar.

— Ainda assim você continua aqui, ainda assim você continua. — Ele se vira na cadeira devagar, os olhos aguados e injetados. Dá um sorriso triste e acaricia a barriga protuberante. — Eu nem sempre fui tão pesado — comenta de forma letárgica, como se cansado demais para falar.

É a resignação e a rendição dele que na verdade me deixam alarmado. Porque homens derrotados não têm o costume de enrolar ou de montar armadilhas. Se está de fato nos atrasando é porque certamente pretende confessar alguma coisa.

A ideia me deixa arrepiado.

— Você acha que o trem é morte certa — começo. — Me diga por quê.

— Gene! Vamos logo! — A voz de Sissy está tomada de urgência.

— Me conte por que o trem é morte certa! — insisto.

Krugman bate com as palmas das mãos nos braços da poltrona, como se desse tapinhas carinhosos na cabeça de duas crianças.

— Vocês precisam mesmo gritar? Já não há gritos suficientes lá fora?

— Tudo bem, vamos embora — respondo, virando de costas.

— Não é o trem que é morte certa — explica Krugman, e diz isso com uma clareza tão gélida que parece que recuperou a sobriedade por um momento. — É o que há no *fim* dos trilhos. — A voz dele se desintegra em um murmúrio úmido. — Muita morte e muitos gritos por lá. Muitos. Muitos mesmo.

— Conte o que tem na Civilização.

Ele ri.

— Vai demorar para explicar. Muito tempo. Muito mesmo.

— Gene, não caia nessa! Ele só quer…

— … impedir que vocês subam no trem? — pergunta Krugman. — Podem ir, eu lhes dou minha bênção. Vão logo, com um tapinha no bumbum, um carinho na cabeça e um beijinho, andem logo, queridinhos. Não quero atrapalhar. Não percam o ônibus da escola por minha causa.

Ando até Krugman e arranco o copo da mão dele. O objeto voa pelo escritório e se estilhaça na parede. O som o assusta, e uma clareza brilha em seus olhos antes de a neblina vítrea cobri-los de novo. Ele anda até a janela, a escuridão lá fora o emoldura. Um grito soa de algum lugar abaixo, no muro da fortaleza. O volume e a proximidade são apavorantes.

— Gene! — chama Sissy.

Eu a ignoro. Preciso saber.

— É o Palácio do Soberano, não é? — grito. — O trem leva para nada mais do que jaulas cheias de epers. Estou certo, não estou?

Krugman começa a rir.

— Deem um biscoito para o rapaz, por favor. Deem uma carinha feliz para o pequeno detetive. — Ele limpa uma lágrima. — Isso é só a ponta do iceberg — explica. — Você se acha inteligente, acha que entendeu tudo. Quer saber a verdade?

Clair grita. Um noturno, pálido e brilhante como a lua, desliza pelo vidro da janela como uma sanguessuga. Não consegue ver dentro da sala. Ele para com o rosto em frente ao de Krugman, imóvel, e suas narinas se dilatam. Em seguida, desliza para o chão. Do lado de fora, uma onda negra de noturnos se espalha por cima do muro.

Krugman passa as costas da mão no nariz.

— Vou dizer a verdade — começa, com a voz trêmula. — A verdade nua e crua, só para vocês. Preparem-se, criancinhas. — Ele dá as costas para a janela, virando-se para nós. — Estamos sozinhos. A humanidade foi exterminada gerações atrás. Os noturnos dominaram o mundo. E nós nunca o recuperamos. Nunca descobrimos um antídoto, uma cura, um veneno. Não encontramos nada além da morte. A Civilização nunca existiu.

Sissy para de puxar meu braço. Ela se vira devagar, relutante, para olhar para Krugman.

— Quando a poeira baixou, apenas alguns milhares de humanos sobreviveram. Tivemos uma existência horrenda. Relegados às profundezas do Palácio do Soberano, presos e forçados a nos reproduzir. Nosso único propósito era viver e morrer para satisfazer o apetite insaciável do Soberano. Ele tentou diminuir o ritmo,

se controlar, mas não conseguia resistir à tentação. Estávamos perto demais. E aconteceu a mesma coisa com todos os Soberanos que vieram depois. Nenhum tinha autocontrole. A população humana cativa começou a diminuir de forma alarmante e insustentável.

"Uma noite, muitas e muitas gerações atrás, o Soberano da época teve uma ideia. Era um plano brilhante: ele ofereceu um acordo."

— Ofereceu para *quem*?

— Para nós. Para os humanos. O Soberano concordou em soltar parte do nosso povo para formar uma comunidade aqui nas montanhas. A muitos quilômetros da metrópole, em um local distante demais para que os noturnos viajassem, porque, mesmo de trem, estariam expostos à luz do dia. Os humanos concordaram, como se tivessem escolha, e partiram.

"O plano era secreto, claro, só a nata da sociedade sabia. E, por décadas, a sucessão de Soberanos satisfez todas as nossas necessidades e desejos. É um segredo que eles sustentaram por mais tempo do que o esperado. Mas acho que todos os segredos, principalmente esse, acabam vazando.

Ele mexe nos pelos da pinta.

— Ultimamente, ouvimos boatos sobre divergências dentro do Palácio, sobre certas facções terem ouvido falar da Missão. Até boatos sobre uma frota inteira de barcos com proteção ao sol sendo construídos. Nós os descartamos na mesma hora. — Ele olha para o céu escuro. — Isso foi um erro. Fomos levados a uma falsa sensação de segurança. Eles sempre cumpriram sua parte do acordo.

— Conte mais sobre esse acordo. Conte tudo — peço.

— Nós nos reproduzimos para eles — sussurra Krugman. — Esse é o objetivo desta Missão. É uma fazenda de reprodução. Mandamos epers para o Palácio em um ritmo regular, como gotas de soro. Estamos longe o bastante para eles não poderem nos comer, não poderem nos levar à extinção em uma onda desesperada de fome. Em troca, eles nos dão tudo o que precisamos para sobreviver e, sim, até prosperar. Comida, remédios, materiais. Dente por dente. É uma bela relação simbiótica, de muitas maneiras. Não chegamos a assar marshmallows e cantar "Kumbaya" ao redor da fogueira com eles, mas acho que você entendeu.

— Vocês mandam as crianças para eles como comida — digo.

Ele baixa a voz.

— Não me venha com esse seu tom crítico, rapaz. Vou contar o que fiz. Propaguei nossa espécie. Sou o único motivo para não estarmos extintos. Sou o motivo para *você* existir. Portanto, se eu fosse você, morderia a língua.

— Todos aqueles garotos que você enviou. As garotas mais velhas… — diz Clair.

Krugman se vira para ela com uma expressão gentil e os olhos úmidos de afeto.

— Eu dei a vocês uma vida feliz. Foi isso que fiz. Música, sorrisos, luz do sol, comida, calor. Vocês não conhecem a tirania do medo, não sabem o que é passar a vida em celas frias e úmidas, cercados de morte e violência, ouvindo os sons terríveis de um noturno comendo uma pessoa amada. Vocês nunca precisaram viver com medo de ser sorteado, de garras de ferro agarrarem seus membros, puxando-os para longe. Em vez disso, você e todas as outras crianças da vila viveram em um paraíso, um verdadeiro Éden. E daí se tive que inventar algumas lendas, criar algumas histórias sobre a Civilização? A ignorância é uma bênção, e foi isso o que dei a todos vocês.

— Você só deu a eles uma sentença de morte — digo.

— Ah, mas todos temos uma! — grita Krugman, virando-se para me olhar com raiva. — Todos temos uma sentença de morte! No segundo em que nascemos, não somos todos sentenciados à morte? Mas, veja só. Eu tornei o corredor da morte mais tolerável. Não, mais do que isso, eu o tornei um lugar alegre, idílico. Cheio de sorrisos, cantoria e comida. Vejam os desenhos nessa estante. Não conseguem notar um toque infantil neles, uma alegria sonhadora? — As dobras do rosto dele tremem com violência. — Você. Você é igualzinho ao Cientista, com esse tom crítico. Você fala como ele, depois que voltou à Missão. Ele voltou bom demais para este lugar.

— Gene — implora Sissy, pedindo para irmos embora.

— É por isso que tem tantas garotas grávidas aqui — sussurro, enquanto a verdade fica horrivelmente clara. — É como a Missão sobrevive. Como… fornece para o Palácio. Para continuar recebendo comida, remédios, suprimentos, é preciso abastecer… — Não consigo terminar a frase.

— Olho por olho — sussurra Krugman. — Dente por dente.

— E vocês mandam os garotos quando ainda são pequenos. Por quê?

Os olhos de Krugman ficam sombrios.

— Vocês os mandam antes de crescerem a ponto de se tornarem uma ameaça — digo, começando a entender. — Certo? Porque não tem lugar para garotos aqui.

Krugman observa o lado de fora.

— Não têm utilidade reprodutiva. — E, depois de uma longa pausa, em um sussurro tenso, diz: — Os anciões cuidam dessa parte.

Ele não olha para mim, continua com o rosto virado para a janela, para a escuridão que cobre o massacre nas ruas.

— Há quanto tempo… — começo a perguntar.

— Séculos. Estamos aqui há séculos — responde ele. E faz uma longa pausa. Um leve sinal de remorso surge na testa dele, a manifestação de uma consciência há muito dormente. — E sim, houve defeitos de nascença ao longo dos anos. A reprodução consanguínea faz isso a longo prazo. É uma consequência triste, mas inevitável. E sempre somos rápidos em remover os erros. O que os olhos não veem,

o coração não sente.

Um arrepio gelado desce pela minha espinha. Eu lembro. Vi uma pessoa encapuzada carregando um recém-nascido há duas noites, correndo para o Vastinário.

Krugman se serve outra dose, derramando uísque para fora do copo e molhando os dedos. Ele continua a servir, sem se incomodar.

— Por que vocês não tiram essa expressão crítica do rosto? Teriam feito o mesmo. Não fazem ideia da pressão que sofremos. Quando não atingimos a cota — continua, fazendo um muxoxo, amargo —, eles mandam menos comida e suprimentos. Uma época, durante um período de vacas magras, eles decidiram nos dar uma lição. Prepararam uma surpresa para nós. Em meio a toda comida entregue havia uma maçã. Era bem comum por fora, mas dentro havia uma pequena lâmina contaminada com saliva de noturno. Infectou uma das garotas quando ela a mordeu. Ela se transformou. — Ele ri. — E finalmente entendemos por que o Palácio nos mandou construir o Vastinário, meses antes.

Ele olha em meus olhos pelo reflexo do vidro.

— Isso foi um aviso para nós. Para nos manter na linha. Depois disso, criamos novas regras. Aumentamos… a produção. Os pés das garotas foram "embelezados" para impedir que se afastassem da vila, que fugissem. Os garotos começaram a ser enviados cada vez mais jovens. Passamos a lavar os suprimentos do trem. Tomamos cuidado para que tudo ficasse livre e limpo de… contaminação.

Dois corpos de pele pálida e leitosa pousam na janela. Vão embora tão depressa quanto chegaram, deixando para trás marcas grudentas no vidro.

Sissy anda até mim e me faz olhar para ela.

— Gene. — Seu rosto parece ter envelhecido dez anos. — Vamos. Vamos embora.

— Ou vocês podem ficar. — Os olhos de Krugman parecem horrivelmente jovens, como um garotinho espiando por uma jaula de gordura, rugas, barba, olheiras, arrependimento e medo. — Por favor, fiquem. Acabou. Eu já aceitei isso. Só não quero morrer sozinho.

Não sinto pena dele. Krugman tem o sangue de incontáveis crianças nas mãos. Não fez nada para romper o ciclo de sangue e morte, apenas se beneficiou dessa troca horrível. Vendeu o próprio povo em troca de quê? Comida, bebida e a liberdade de saciar seu desejo em uma cidade de garotas inocentes.

— Vou dizer como as coisas vão terminar para você — começo, andando até a porta. — Você acha que se preparou para este momento, mas quando eles chegarem, entrando como água negra pelas frestas de uma represa quebrada, você vai gritar. E vai estar completamente sozinho. Entendeu? Em meio a um grupo de corpos pálidos e famintos, você vai sentir uma solidão que nunca imaginou existir.

Nós nos viramos para ir embora.

— Por favor — choraminga ele —, deixem o garoto. É tudo que peço…

— Vamos — diz Sissy, com raiva.

— … ele me faz lembrar de… mim. Quando era jovem. Quando era inocente. Por favor! Estamos todos mortos, mesmo. Só quero ouvi-lo cantar. Por favor, deixem o garoto…

Saímos andando, Sissy com o braço ao redor de Ben. A porta se fecha e abafa o som da voz de Krugman.

42

NO ALTO da escada em espiral, Clair me segura.

— Não, Gene! Não por aí!

— Por onde, então?

Uivos reverberam pela escada em espiral, fazendo o corrimão vibrar.

— Os muros da fortaleza estão comprometidos! — explica Clair. — A Missão está completamente infestada.

— Precisamos chegar ao trem!

— Esqueçam o trem! — diz ela, o rosto tomado pelo medo. — Você não ouviu o que Krugman disse? O trem vai nos levar a mais noturnos!

— Não temos escolha. Ficar aqui é morte certa. O trem ao menos nos dá uma chance…

Clair me vira para ela. A menina olha para mim com um brilho determinado nos olhos.

— Só tem um caminho para fora daqui. Ainda podemos chegar à asa-delta. Você vai voando. Para onde seu pai queria que fosse. — Ela me puxa. — Você e Sissy podem voar juntos na asa-delta de treinamento.

— De jeito nenhum! — exclama Sissy. — Não vou abandonar os garotos, eles estão no trem…

— Esqueça-os! Eles não podem ser salvos.

— E Ben? — grito. — E você?

Ela balança a cabeça.

— É o que seu pai queria. Que vocês voassem para o leste. Há mais nessa história do que você é capaz de imaginar, Gene. Você e Sissy precisam ir para o leste. Era para ser vocês dois desde o começo.

— Como assim?

— Vocês precisam ir para o leste…

— O que você quer dizer com *era para ser vocês dois desde o começo*?

Por um momento, uma onda de arrependimento surge no rosto dela.

— Me desculpe, de verdade. Eu menti. Aquela asa-delta era para você e Sissy. Não para mim. Seu pai insistiu que você e "a garota" fossem para o leste. Juntos. — Os olhos dela se enchem de lágrimas. — Eu nunca fui "a garota".

— Eu pensei que a ideia original fosse *você* ir comigo. Não foi o que você disse?

Ela baixa o olhar, pesado de arrependimento e vergonha.

— Você não é o único que quer ir para a Terra Prometida. Desculpe. Deixei que meus sonhos atrapalhassem a vontade do seu pai. — Ela balança a cabeça. — Era para ser você e Sissy.

Um estrondo alto abaixo de nós. Silêncio. E então, um grito ecoa pela escada.

— Por aqui! — diz Clair, sabendo que não temos escolha além de segui-la.

Ela vira à esquerda e avança por outro corredor. Os sons de nossas botas soam à frente, nas sombras frias. Atrás, ouço os estalos de garras no chão.

Clair abre uma porta, e entramos em uma sala que me é familiar. A garota chuta caixas e recipientes, depois abre outra porta e nos empurra para dentro. Após fechá-la atrás de nós, Clair se move na escuridão, tateando a parede. Em seguida, há um estalo, e o local se enche de um brilho verde.

Asas-deltas surgem das sombras, penduradas acima de nós como mariposas gigantescas. Ben as encara com os olhos arregalados.

Clair já está pegando o modelo de treinamento para duas pessoas. É surpreendentemente leve, e ela não tem dificuldade de carregá-lo sozinha.

Alguma coisa bate de encontro à porta. Garras começam a arranhá-la do outro lado, garras que se quebram. Clair ignora o som e se concentra em agarrar equipamentos, Brilhos Incandescentes e luvas. Outro golpe ensurdecedor quase arranca a porta das dobradiças.

— Precisamos de mais duas asas-deltas! — grito. — Clair, nós…

— Não temos tempo para encontrar as que funcionam! Quase todas estão ruins e…

Outro estrondo alto balança a porta.

— Não vai aguentar muito tempo — grito. — Temos que ir agora. *Agora!*

— Vá na frente, eu alcanço vocês! — grita ela, pegando um par de óculos e algumas bolsas. — Sigam o corredor até saírem pela porta!

— Não! Vamos agora!

Atrás de nós, a porta balança de novo, então começa a sacudir sem parar, os corpos se chocando contra ela como gotas de chuva. Logo ouvimos o ruído de metal entortando.

— Clair! — grito.

Estamos avançando pelo corredor, largando bolsas e equipamentos pelo caminho sem nos importarmos. Só a asa-delta importa.

A porta explode, e noturnos entram como balas disparadas de uma arma. Eles correm para cima de nós pelo chão, pelas paredes, pelo teto, soltando gritos ensurdecedores.

Clair abre a porta no final do corredor, e nos jogamos por ela. Chuto a porta para fechá-la quando caio, e Sissy a tranca em seguida. Noturnos batem na madeira do outro lado, entortando-a com golpes trovejantes. Nós paramos para recuperar o

fôlego, o sangue acelerado nas veias, e subimos correndo um lance de escadas, passando por outra porta.

Estamos do lado de fora, e o ar é frio e doce. Olho para o muro da fortaleza, para a pista de salto. Está vazia, sem ninguém por perto.

Mas não por muito tempo. Fomos avistados pelos noturnos que andam pela campina e por outros, sentados como gaviões no muro a uma distância mínima. Eles estão correndo de quatro na nossa direção, as pernas e os braços parecendo um borrão pálido.

Clair começa a tentar me prender na asa-delta.

— Não, Clair. Ben é que vai. Com Sissy.

— De jeito nenhum — responde ela. — Tem que ser *você* e Sissy.

— Não vou perder tempo discutindo — grito. Aproximo o rosto do dela e a olho bem nos olhos. — Vou ficar. Ben e Sissy vão embora.

— Eu vou lhes dizer o que Sissy vai fazer — fala Sissy. — Sissy vai voltar para o trem. Não vou abandonar os garotos.

O muro da fortaleza começa a tremer. Um mar de noturnos grita das campinas.

— Gene tem que ir! — grita Clair. — O Cientista disse…

Um tinir metálico. Sissy desembainhou uma adaga e a encosta no pescoço de Clair.

— Prepare-se para voar.

Clair percebe que não faz sentido resistir. Ela se prende, com Sissy observando de perto.

Ela guarda a adaga e segura Ben.

— Sissy!

— Ben — diz ela, enfiando-o no colete e fechando o zíper. — Vamos encontrar você. — Ela prende um par de mosquetões. — Você está em boas mãos, Clair vai levá-lo para a Terra Prometida.

— Não me abandone — pede Ben, os lábios tremendo e as lágrimas começando a descer pelas bochechas.

Um zumbido sacode o muro da fortaleza.

— Vão, agora! — grito. — Eles estão quase nos alcançando.

Sissy dá um abraço rápido no irmão. As lágrimas de Ben ficam no rosto dela quando se afastam.

— Vão! — grita ela para Clair.

Então os dois saem correndo, as pernas se movimentando sem parar. No final da pista, jogam os corpos por uma abertura no muro. Mergulham para fora do nosso campo de visão, mas reaparecem um segundo depois, planando no céu noturno, a asa-delta se inclinando para cima e para longe da montanha. Vejo o cabelo de Ben balançando ao vento, os braços rígidos de medo. E eles saem voando com

tranquilidade, Clair firme no controle, seguindo para o leste.

— Temos que chegar ao trem — digo, procurando uma rota de fuga.

Os uivos ficam mais próximos. Os noturnos atravessam a campina correndo, escalam o muro da fortaleza.

Sissy se vira para mim, sem pressa e deliberadamente. Alguma coisa em seu olhar faz o tempo ficar mais lento, e, pela primeira vez desde que voltei para a Missão, olhamos de verdade um para o outro. Os olhos dela ficam úmidos ao mesmo tempo que um sorriso triste e corajoso toca seus lábios.

— Acho que nós dois sabemos, Gene. Este é o fim.

Noturnos, pálidos e nus como ratos recém-nascidos, cobrem as laterais do muro. Estamos cercados. A Caçada, iniciada tantos dias atrás, está finalmente chegando ao fim.

Sissy desembainha duas adagas e me oferece uma.

— Vamos lutar até o fim? — pergunta.

Eu aceito a adaga.

— Sempre.

Vidro se estilhaça atrás de nós. É o escritório de Krugman. Noturnos nus escalam as paredes e entram na sala pela janela quebrada. Como leite estragado escorrendo pelo ralo. Não consigo ouvir os gritos de Krugman em meio ao barulho dos noturnos, mas não preciso.

A luz do escritório apaga de repente quando as lâmpadas lá dentro são quebradas, deixando tudo ainda mais escuro ao nosso redor. Mas a energia continua funcionando, vejo fagulhas escapando de dentro do escritório.

Uma ideia surge em minha mente.

Meus olhos se dirigem para o alto da torre. Lá está: o longo cabo de energia que liga a torre do escritório ao gerador principal na vila. Ele atravessa a campina bem no alto, por cima das hordas de noturnos que se aproximam.

Com o coração disparado, eu seguro a mão de Sissy e a puxo. Não tenho tempo para explicar.

Atrás de nós, como se inflamados pela tentativa de fuga, os noturnos berram de fúria.

Saímos correndo. Nossos olhos se sacodem nas órbitas, borrando, misericordiosamente, a visão dos corpos pálidos que emergem pelas laterais do muro, como ondas batendo contra a fortaleza. Os noturnos se agacham e nos procuram com os olhos. Quando passamos, pulam na pista de asa-delta e vão atrás de nós.

— O cinto das adagas — grito para Sissy.

Ela me entrega o cinto quando chegamos ao cabo de energia. Passo-o por cima do cabo e seguro as duas pontas. Forço o cinto para baixo. Vai aguentar. Tem que

aguentar.

À minha frente, Sissy passa os braços pelos meus ombros e se joga em mim, envolvendo minha cintura com as pernas. Sinto a cabeça dela assentir, encostada na minha, os lábios pressionados na minha têmpora.

Eu pulo. Me jogo no ar da noite, com as pontas do cinto envolvendo meus pulsos e Sissy agarrada aos meus ombros. O impacto da gravidade quando a tira de couro sustenta todo o peso de nossos corpos quase arranca meus braços. Quicamos uma, duas vezes, e o impacto faz com que Sissy escorregue, mas suas pernas apertam meus quadris com mais força, e ela consegue envolver meus ombros com os braços de novo.

E logo estamos disparando cabo abaixo com mais velocidade do que o atrito entre o couro e o metal parecia conseguir alcançar. Fagulhas disparam do cinto, e só quando olho para cima é que vejo o motivo: uma adaga está presa entre ele e o cabo de energia. É metal contra metal. Estamos voando. E disparando fagulhas.

Bem abaixo de nós, os noturnos que iam para o muro param de repente. Os rostos se viram para nos encarar com surpresa e fúria. Voamos em segurança por cima dos braços esticados.

Sissy, olhando por sobre meu ombro, sufocando um gritinho. Viro a cabeça para ver. Um noturno está nos perseguindo *por cima* do cabo. Ele mantém o equilíbrio com perfeição no fio estreito e corre para nós com velocidade surpreendente, as pernas e os braços trabalhando em uma sincronia cuidadosa e equilibrada, os membros tão firmes quanto um garanhão na campina mais ampla e plana do mundo.

Ele está horrivelmente desfigurado. Talvez, no desespero de ganhar vantagem sobre as centenas de outros noturnos, tenha saído da escuridão das cavernas mais cedo e sido exposto à luz do crepúsculo. Seja lá qual tenha sido o motivo, agora tem a aparência de um gato pelado em uma corda bamba. Metade do rosto derreteu, dando a ele um ar de loucura. O noturno abre a boca, os maxilares se afastando bem mais do que o natural, e solta um grito. E continua a escancarar a boca, até que os cantos se rasgam nas bochechas, partindo a pele como queijo derretido, expondo fileiras de dentes e presas.

Essa criatura selvagem, sem bochechas e com os incisivos expostos, parece estar sorrindo para mim, maravilhada.

Vejo um brilho de luz prateada. Sissy retirou uma adaga do cinto e a lança. Na direção do noturno.

É um golpe certeiro. A adaga afunda no peito do caçador. Desaparece.

E então sai do outro lado, depois de ter encontrado pouca resistência.

O noturno para por um momento. Ele — literalmente — não sabe o que o atingiu. Parece surpreso por um breve instante, como acontece após um arroto repentino e constrangedor. E tão indiferente quanto. Ele fixa os olhos em mim e continua a

perseguição.

Outro brilho, outra adaga lançada. Desta vez, no rosto do caçador, entre os olhos, um lançamento com intenção de desfigurar e eviscerar.

Mas o noturno nota o movimento. Inclina a cabeça para o lado, e a adaga passa direto. Só que o movimento o desequilibra. Ele se balança por um segundo, tentando recuperar o equilíbrio. E, naquele memento, Sissy lança a terceira adaga. A lâmina acerta a perna dele, bem no tornozelo. O noturno pisca uma, duas vezes, e cai. Os braços giram loucamente enquanto ele despenca, o grito é silenciado quando se choca com o chão da campina.

Sissy e eu alcançamos a vila um minuto depois. A essa altura, o cabo está baixo e quase paralelo ao chão, e o pouso é tranquilo. E bem na hora. Meus braços estavam prestes a soltar.

Os ataques na Missão só aumentaram. Gritos altos soam de cantos escuros, e, dos chalés próximos, sons molhados saem das sombras.

— O trem vai partir a qualquer segundo — sussurra Sissy. — Temos que correr.

— Encoste nas paredes — digo. — Mantenha os braços colados ao corpo e imóveis. Os noturnos são atraídos por movimento.

Gritos chegam a nós. Andamos em zigue-zague, evitando as ruas principais, onde ficaríamos mais expostos, e deslizamos por aberturas estreitas entre os chalés. Sissy para de repente.

— Qual é o problema? — pergunto.

Ela está espiando pela quina de uma casa, passando os olhos pela praça da vila.

— Podemos seguir por este lado da rua e atravessar a cerca a cem metros daqui, onde a rua fica mais estreita. Ou podemos atravessar agora. Mas vamos ficar bem mais visíveis e expostos.

— Não temos tempo — digo. — O trem já vai partir. Vamos atravessar agora. Fique abaixada.

Corremos, agachados. Na metade do caminho, Sissy para. Está olhando para a rua, hipnotizada.

Levanto a cabeça lentamente para olhar. Na rua, pouco mais do que uma mancha, há uma pessoa. Vestida de branco e banhada pelo luar prateado, ela parece uma estátua de mármore. Mesmo antes de identificar o rosto, sei quem é.

É Julia Brasa.

43

O CABELO castanho-avermelhado cai pelo corpo pálido como uma cortina de fogo. Os olhos, diamantes verdes idênticos, parecem me perfurar. Ela começa a se mover na nossa direção lentamente. De quatro.

Sissy segura minha mão e me puxa. Mas me levanto depressa. É tarde demais para isso.

— Vá você — sussurro para Sissy.

— Não.

Ela fica ao meu lado, segurando minha mão.

— Vá.

— Não.

Ela aperta mais minha mão.

Julia Brasa anda devagar na nossa direção, as omoplatas saltando nas costas a cada movimento. A postura é relaxada, como um guepardo no zoológico, andando preguiçosamente de um lado a outro na jaula em uma noite quente de verão. Mas os olhos estão brilhando de desejo. Uma bolsa pequena está bem presa às costas.

A trinta metros de distância, ela sibila. As pernas se contraem, e, de repente, seu corpo é feito de puro músculo e energia. Os braços se esticam quando Julia Brasa dispara, empurrando o chão, impulsionando o corpo esguio para cima e para a frente. Os olhos perfuram os meus com tanta obsessão quanto desespero.

— Sou eu! — grito. — Sou eu!

Nem uma fagulha de reconhecimento. Nem uma sombra de que vai parar. Ela corre na minha direção, rosnando e deixado à mostra as pontas das presas.

Sissy leva a mão instintivamente ao cinto para pegar uma adaga. Mas é tarde demais para isso.

Julia Brasa se aproxima, as pernas e os braços parecendo um borrão sob o corpo em movimento. Mais dez passos e estará no meu pescoço.

— Julia Brasa! — grito.

Um brilho de reconhecimento surge nos olhos dela. Ela vira a cabeça com violência. Os olhos se dirigem aos meus de novo, mas agora há um traço de dúvida. Ela diminui o ritmo até parar. Saliva pinga dos cantos da boca, comprida e gelatinosa, quase tocando as pedras. A cabeça se inclina para o lado. Ela franze a testa.

— Sou eu, Gene — digo.

Ela examina meu rosto, como se tentando lembrar. Alguma coisa passa pelos olhos dela, relaxa seu rosto. Os lábios tremem. As memórias estão voltando.

— Julia Brasa.

Apesar do medo, falo com carinho. E com culpa.

Um rosnado grave sobe pela garganta dela. Os pés batem no chão, mas ela não diminui a distância entre nós. Uma luz surge de repente em seus olhos, energizando-a. Ela se lembra de mim. Constrangida, ela limpa os filetes de baba.

— Gene? — sussurra. O som sai infantil e tímido.

Eu me encolho. O choque entre o corpo selvagem e a voz suave que chama meu nome é quase demais para mim. Desvio o olhar. Ela fica de pé, deixa de se apoiar nas mãos e braços até estar ereta. Parece tentar recuperar a humanidade. Mas está travando uma batalha ferrenha. Cada fibra de seu ser quer pular em mim como um guepardo. Vejo isso na saliva que pinga pelas presas ainda expostas, nos músculos trêmulos das coxas. Ela limpa a boca de novo. E os olhos se fixam em algo.

Minha mão. Segurando a de Sissy. Os olhos dela sobem pelo braço de Sissy, e, quando as duas se encaram, parece que só agora Julia Brasa reparou nela.

De repente, ela fica de quatro de novo. Uma contração percorre seu corpo, petrifica seus olhos. Julia Brasa balança a cabeça, espalhando tiras de saliva para todos os lados, molhando seu cabelo. Ela se agacha, tremendo com energia crescente, cedendo aos desejos animalescos. E explode na direção de Sissy.

Julia Brasa parece um borrão, um dardo disparado com força. Músculos magros e tensos se destacam nos braços, ondas de músculos surgem nas coxas. E ela pula.

Para cima de Sissy.

Ela joga a Sissy para longe e a prende no chão. Sou derrubado no chão. Quando consigo me levantar, Julia Brasa está em cima dela, a boca ao redor de seu pescoço. As presas estão afundadas na pele, e só consigo ver as gengivas manchadas de vermelho. Seus olhos me observam languidamente enquanto ela suga, suga e suga.

Sissy está tentando se libertar, mas os braços estão presos. As pernas se debatem inutilmente, já estão ficando sem forças. Ela se contorce embaixo da ruiva. O cabelo de Julia Brasa está espalhado pelo corpo prostrado de Sissy, como dedos bem abertos, possuindo-a, tomando-a para si.

— NÃÃÃO! — grito, e parto para cima de Julia Brasa, me jogo em cima dela com toda a força.

Ela me empurra. Percebo as garras cortarem a lateral da minha cabeça, mas não sinto dor. A dor virá depois. Saio voando para trás, e o mundo gira loucamente ao meu redor. O impacto com o chão arranca o ar dos meus pulmões. Eu me levanto cambaleante e caio. Começo a rastejar na direção de Sissy.

Os olhos de Julia Brasa se dirigem a um ponto atrás de mim, atrás do meu ombro.

Outro noturno saiu das sombras escuras de um chalé. Os olhos brilham de desejo

enquanto me observa. Ele se agacha e se aproxima como um caranguejo, os braços e as pernas batendo no chão como as patas de um crustáceo.

Julia Brasa levanta o rosto do pescoço de Sissy, o sangue escorrendo pelo queixo. Ela rosna para o noturno.

Em uma fração de segundo, o noturno passa do andar de um caranguejo à corrida de um puma. Para cima de mim.

Quando ele passa por Sissy inconsciente, Julia Brasa estica a mão e agarra o cabelo comprido do noturno. Escuto os fios sendo arrancados pela raiz. As pernas dele são jogadas para a frente e ele vira e cai no chão. Julia Brasa vai para cima dele antes que possa se levantar. Agachada no corpo do noturno, ela baixa o rosto até o nariz quase tocar o dele. Então rosna, arreganhando os lábios para deixar à mostra os longos sabres que são as presas afiadas. O noturno responde com outro rosnado, as sobrancelhas unidas em fúria. E também de medo. Ele tenta mordê-la.

Julia Brasa afasta a cabeça para evitar ser atingida pelos dentes. Em seguida, em um movimento fluido e poderoso, joga o noturno do outro lado da praça. Ele gira de forma nada graciosa pelo ar. O torso quebra a janela de uma casa, e as pernas batem no parapeito. Ele fica pendurado e tremendo, metade do corpo para fora e a outra para dentro do chalé.

Julia Brasa se vira para mim. O peito sobe e desce. Os olhos verde-esmeralda, límpidos e intensos, mas, de alguma forma, delicados, têm um brilho questionador e saudoso. A bolsa presa às costas está rasgada e entreaberta, e vejo a capa de um livro.

Recuo um passo.

De repente, ela é atingida pelo noturno, com cacos de vidro enfiados no corpo. Os dois caem em uma bola emaranhada de presas e garras, sibilando e atacando um ao outro.

Uso esses preciosos segundos para correr até Sissy. Os olhos dela estão fechados, e a garota murmura algo incompreensível. Eu a pego nos braços e saio correndo. Ignoro o som de Julia Brasa lutando com o outro noturno. Ignoro as pernas cansadas enquanto corro pela campina do outro lado da vila, ignoro até a visão do trem começando a sair da estação. Ignoro a horda desembestada que sei estar me perseguindo, o grupo do escritório de Krugman me alcançando. E, mais do que tudo, ignoro o calor que emana de Sissy, o suor que escorre pelo rosto dela, a palidez cinzenta das bochechas. Ignoro o fato de que ela está começando a se transformar. Está se transformando bem nos meus braços.

Solto os gritos que estavam presos e escondidos em mim há anos, minha vida toda, gorgolejos e berros estrangulados de angústia. Eles saem de mim como uma maré de fúria, e são mais do que as lágrimas que escorrem pelo meu rosto, mais do que o ácido láctico que queima nas minhas pernas.

O chão fica macio e começa a ondular sob meus pés, e não consigo localizar um ponto sólido, não consigo encontrar tração. De repente, caio, porque não tenho mais forças, porque não consigo mais correr, porque a fuga constante esgotou minhas últimas reservas. Tombo na grama. Chega. Chega. Aninho a cabeça febril de Sissy no peito e olho para as estrelas no céu. Sinto o chão tremendo embaixo de mim. Ouço a aproximação deles, tão perto agora. O bater dos pés, os gritos, as vozes agudas e histéricas.

E então, mãos me seguram, puxando minhas pernas, meus braços, se preparando para arrancá-los.

Não, não estão arrancando. Estão me ajudando; mãos sob minhas axilas me forçam a levantar.

— Gene! De pé! De pé!

Acima de mim, surgem os rostos de David e Jacob. Eles já estão pegando Sissy, levando-a. Mais passos se aproximam. É Epap, ele passa meu braço por cima do ombro.

— Gene, você precisa me ajudar. Não consigo carregá-lo sozinho. Corra, caramba! O trem está partindo!

Eu corro. O mais rápido que consigo, mas estou exausto. Chego à estação e quase não consigo subir a escada. O trem já está na metade da plataforma, afastando-se. Vejo David e Jacob subirem no vagão mais próximo e colocarem Sissy no chão. O trem já está ganhando velocidade. Epap e eu vamos ter que correr. Atrás de nós, ouço um grito de raiva. Olho rapidamente. Há mais de dez noturnos à frente do grupo. Eles vão nos alcançar em menos de dez segundos.

Jacob pula do último vagão e corre até mim e Epap. Ele puxa meu braço por cima do ombro e me arrasta.

— Vamos, Gene, venha, nos ajude.

— Me deixe aqui — digo. — Não dá tempo.

Estou certo, e eles sabem. Não vamos chegar ao trem, não comigo obrigando-os a ir mais devagar. Os noturno vão chegar antes disso.

Jacob me solta de repente e dispara à frente.

— Continuem, não parem, entrem no trem! — grita.

Ele se inclina e pega uma mangueira na plataforma. Quando passamos, liga o gerador. A máquina ganha vida. A água sai com uma pressão enorme.

Os noturnos sobem os degraus da plataforma. Nessa hora, Jacob vira a mangueira para eles. O jato de água atinge os corpos deformados. Os músculos, parcialmente derretidos e flexíveis pela exposição ao sol, são arrancados dos ossos em segundos, em uma explosão úmida de carne. Nem mesmo o esqueleto é poupado. O jato de água pulveriza os ossos e espalha fragmentos e pedaços pelo ar. Os noturnos desaparecem em uma névoa de ossos e carne. Jacob larga a mangueira e corre para

nos alcançar.

Mas tropeça em outra mangueira. Cai na plataforma.

Um trio de noturnos chega à escada. Em segundos, estão em cima dele.

— NÃO! — grita Epap.

Ele me larga. Enquanto pula um container grande e pega uma mangueira caída ali perto, os noturnos já estão em cima de Jacob, os dentes enfiados no pescoço e na coxa dele, os olhos fechados de prazer. Epap vira a mangueira. Em segundos, os três são pulverizados. Ele corre até Jacob, pega o garoto e o joga por cima do ombro. Não para para analisar o dano que ele sabe que foi causado.

Nesse tempo, reuni forças suficientes para mover os pés e empurrar as mangueiras que poderiam fazer Epap tropeçar. Ele chega ao meu lado e, juntos, corremos para o trem.

Consigo sentir o calor emanando de Jacob. Mesmo sem olhar, sei que ele está se transformando, e rápido. Mordido e infectado por *três* noturnos, a transformação será bem mais acelerada.

— Vamos! O trem está se afastando! — grita David, pendurado no último vagão.

O medo causa uma descarga de adrenalina em mim e em Epap. Explodimos em um surto de velocidade. Quando nos aproximamos do vagão, David estica o braço pela porta ainda aberta. Ele puxa Epap e Jacob, depois a mim, e caímos no chão do trem. Sissy está deitada ao nosso lado, ainda inconsciente, cercada por um grupo de meninas da vila ajoelhadas. A garota com sardas olha para mim e lança um olhar de pânico para os noturnos que nos perseguem.

— Não, não, não! — exclama Jacob.

Ele está começando a tremer, o suor escorrendo. Vejo o pescoço marcado, não apenas com dois buraquinhos, mas um monte. Ele está se transformando com uma velocidade exponencialmente acelerada.

E sabe disso. Jacob olha para Epap, assustado.

— Você vai ficar bem! — diz Epap, acariciando o cabelo dele. — Tudo vai ficar bem.

Lá fora, ouvimos os gritos desesperados dos noturnos correndo na nossa direção. A velocidade do trem aumenta aos poucos, mas as portas ainda estão abertas.

— Onde está o Ben? — grita David, olhando para trás.

Jacob tem um espasmo, e uma camada de suor brilha sobre o corpo frio.

— Quanto mais de velocidade precisa? — grito para a garota com sardas. — Para as portas se fecharem?

— Mais um pouco! — responde ela. — Acho que estamos nos aproximando da velocidade crítica.

E então, ouço um clique, e a porta começa a se fechar.

Ao ouvir o barulho, Jacob se vira para olhar. Uma expressão assombrada e

terrível atravessa seu rosto pálido.

— Eu estou me transformando — diz.

Ele olha para a porta em movimento. E percebe o que nenhum de nós notou até o momento. Se a porta se fechar com ele dentro, todos no vagão estarão mortos.

Jacob fica de pé. Um segundo depois, percebo o que vai fazer. Estico a mão para impedi-lo, para prendê-lo no chão. Mas fico paralisado. E, nessa hesitação, ele dá três passos e pula pela abertura restante. E vai embora. A porta se fecha.

— NÃO! — grita David, e já está na porta, tentando abri-la. Mas as grades estão trancadas e vão permanecer assim até chegarmos ao destino. — JACOB! — grita. — Jacob, Jacob!

Jacob já se levantou, o rosto tremendo de medo e choque. Ele está no mundo lá fora, sozinho pela primeira e única vez na vida. É mais do que consegue suportar, e o garoto corre ao nosso lado, mesmo que por mais alguns poucos segundos. David estica o braço entre as barras, e, por um momento, Jacob consegue correr rápido o bastante para segurar a mão dele. O cabelo dele balança, as bochechas sacodem, os olhos estão cheios de medo. O garoto que sonhava com carrosséis cheios de cavalos galopantes, sapos pulando e golfinhos voadores. Ele parece tão pequeno lá fora. Está sozinho, e não há nada que possamos fazer.

O trem ganha velocidade, e Jacob não consegue mais acompanhar. As mãos dos dois começam a se separar.

— Jacob!

As mãos se soltam.

Mas ele continua correndo o mais rápido que consegue, os braços impulsionando loucamente, as pernas virando um borrão. Ele não quer ficar sozinho, não quer se perder na noite, não quer se afastar da única família que conhece. Mas está ficando para trás enquanto o trem acelera mais e mais.

E então, tropeça e cai. Não consigo nem olhar. Virou um grãozinho pálido em uma praia de escuridão. Uma onda vem por trás e o engole.

* * *

As barras de metal do vagão começam a vibrar. Não de forma vigorosa; mais como um zumbido se propagando. Ele vai aumentando até as barras estarem tremendo nas minhas mãos, como se tivessem ganhado vida. Logo não são só as barras, o trem todo começa a balançar de um lado para o outro.

Um som intenso preenche a noite, o som de mil cavalos galopando. Mas não há cavalos nos perseguindo. Cavalos não emitem um brilho pálido, não sibilam, cospem ou babam, não uivam ou berram, não surgem da escuridão com o branco dos olhos

brilhando como luas insanas.

Um grito. Um noturno pulou no vagão e pegou de surpresa uma garotinha que estava encostada nas barras. Ele a puxa por entre as barras, mais ou menos inteira, com ossos quebrados e juntas deslocadas. Lá fora, ele a envolve e silencia seus gritos.

— Afastem-se das barras! — grito.

A garota com sardas começa a empurrar as meninas para o centro do vagão. De repente um noturno voa pela escuridão, se estatela na lateral e se segura nas barras com a destreza de um macaco, depois estica a mão para dentro e golpeia o ar.

— Abaixem-se, fiquem abaixados! — grita a garota com sardas, e, um momento depois, um noturno pousa no teto.

Nós nos encolhemos, deitando no chão bem na hora em que o braço dele desce como uma hera venenosa. O noturno sibila de frustração, e saliva pinga do alto. Eu vou até Sissy, ainda inconsciente, e cubro as mordidas no pescoço dela para protegê-la da saliva. Puxo os braços e as pernas para que nenhum dos membros fique ao alcance de um noturno. A pele está fria como gelo, e os braços tremem em espasmos.

Mais um noturno se choca contra a lateral do vagão, depois outro, sacudindo-o como uma gaiola de passarinho. Eles continuam a se jogar nas grades, cobrindo o exterior do vagão até que não vemos mais nada além de suas peles pálidas. O cobertor translúcido e membranoso é uma visão do inferno. No meio dessa cobertura de pele, há o rosto de noturnos, como tetas na barriga de uma cadela, sibilando e mordendo, os olhos e as bocas escancarados.

O trem sacode e continua seguindo para a ponte.

Debaixo de mim, Sissy murmura, os lábios se esforçam para falar e os olhos permanecem fechados. Como se sussurrando uma oração. Ou a extrema-unção. Para mim. Porque agora sinto a dor na lateral da cabeça, e, quando a toco com delicadeza, meus dedos ficam molhados de sangue. No lugar onde Julia Brasa abriu um corte com as garras. Com as garras cobertas pela própria saliva.

O trem segue em frente, os noturnos soltam seus berros estranhos para nós, e a única coisa que sou capaz de fazer é ajeitar as mechas de cabelo de Sissy, com cuidado e obsessão, atrás das orelhas.

O trem começa a tremer em um ritmo diferente. Estamos atravessando a ponte. *Trac-trac. Trac-trac.* Sentimos os estalos dos trilhos abaixo. E então, atravessamos o vale e seguimos para uma ladeira íngreme, ganhando velocidade. *Trac-trac, trac-trac-trac, trac-trac-trac-trac.*

Olho para a ponte por frestas estreitas entre os noturnos pendurados. Do outro lado, vejo enxames deles se enfiando na entrada da ponte, e dezenas são derrubados e caem pelo cânion.

Nos afastamos ainda mais, ganhando velocidade, até fazermos uma curva e a ponte e a Missão se perderem de vista.

44

A VIAGEM ao longo da noite parece infinita. No começo, ficamos encolhidos juntos, para nos protegermos dos noturnos que se recusam a se soltar do vagão. Depois, nos encolhemos para nos protegermos do frio cruel. Colocamos caixas de suprimentos ao nosso redor, nos aninhando na área apertada. Ninguém dorme, ninguém consegue, não com os filetes de saliva mortal caindo do teto, não com os gritos intermitentes de raiva e desespero.

Sissy está pegando fogo, suando profusamente. Tem espasmos com frequência. Ela está se transformando devagar — e não entendo o motivo —, mas, em um ou dois dias, a desintegração será completa. Não podemos permitir que ela se transforme ainda no vagão. Quando o progresso for demasiado, seremos obrigados a fazer o impensável. Teremos que empurrá-la para a lateral do trem, onde os noturnos ainda agarrados às barras poderão alcançá-la para fazer o que não somos capazes. Ninguém menciona isso, mas a verdade pesa sem ser dita sobre todos nós. Em Epap mais do que em qualquer outro. Ele não dormiu a noite toda, só acariciou o cabelo de Sissy sem parar, o rosto tenso de dor e preocupação, o outro braço ao redor de David.

Em algum momento da noite escura, deslizo até ela. Sissy está ardendo com mais intensidade. Tiro uma adaga do cinto dela. Epap acorda e leva um susto ao ver a lâmina. Ele olha para mim e pensa que estou prestes matá-la por misericórdia.

— Ainda não — diz. — Ela ainda pode…

— Não é o que você pensa — respondo.

Pressiono a adaga na palma da minha mão e faço um corte. Sangue escorre e se acumula ali. Os noturnos entram em frenesi. Abro os lábios de Sissy e derramo meu sangue dentro da boca dela.

— Para o caso de ser verdade. Eu ser a Origem. Eu ser a cura. Talvez esteja no meu sangue.

Mas Epap balança a cabeça, os olhos tristes e distantes.

— É nosso último recurso — digo. — Não temos nada a perder.

Ele mal consegue olhar para mim quando fala.

— Gene — diz, apontando para o corte na lateral da minha cabeça. Onde Julia Brasa me cortou. — Você também está se transformando.

Ele está certo. Viu o que estou tentando negar, que a palidez da minha pele, o suor brilhando no meu rosto e os tremores não são causados pelo vento gelado, mas sim

por uma coisa mais profunda e doentia, o início das convulsões.

— Você não é a Origem — diz Epap, deitando-se de novo e fechando os olhos. — Você não é a cura.

* * *

O amanhecer chega. Os noturnos se soltam do trem com relutância e raiva, alguns esticando os braços uma última vez na esperança de pegar alguém desprevenido. Sobraram poucos. Então, com um uivo coletivo, eles saltam e correm para o bosque cerrado. Agora que os noturnos se foram, o vento sopra com força pelo vagão que lembra uma gaiola.

Só um permaneceu. Mas apenas porque não tem escolha. Pulou de cabeça no vagão e ficou preso entre as barras. Não conseguiu se soltar, nem mesmo depois de horas puxando, nem mesmo depois de deslocar os ombros e quebrar o maxilar em cinco lugares.

O sol nasce, e nossos ouvidos são tomados pelos gritos do noturno até que, suficientemente derretido e amolecido, ele desaba. Um saco cheio de pus que se espatifa nos trilhos com um som úmido. O trem passa por cima, e o fluido amarelo se prende nas rodas e sobe como fogos de artifício. Gotas grudentas caem em nós como chuva amarela e grossa.

Mas finalmente amanheceu, e os raios de sol oferecem um alívio dos terrores da noite. Ninguém fala, continuamos sentados, encolhidos e juntos apesar do calor do sol, apesar da ausência de noturnos.

Uma garota pálida levanta o rosto para o sol com os olhos apertados. Há choque estampado em todo o corpo dela, nos punhos fechados, nas pernas dobradas com força. Mas vejo também um brilho de esperança nos olhos, uma expectativa do que vem pela frente. *A Civilização*, é o que os olhos dela parecem sugerir, *a Civilização.* Ela se vira para mim e sustenta o olhar por um ou dois segundo. As barras da gaiola lançam sombras inclinadas em seu rosto.

Talvez eu devesse contar a verdade a ela. Tudo que Krugman me contou. Mas, mesmo agora, em meu estado febril, estou começando a questionar essa verdade. Porque alguma coisa não se encaixa direito. Mas não digo nada, apenas desvio o olhar e abaixo a cabeça. A luz do sol é como ácido para meus olhos em transformação. Os raios passam pelos poros da minha pele, chegam aos meus ossos, abalam terminações nervosas que eu nem sabia que existiam. Epap está certo. Estou me transformando. Eu tremo. Fico arrepiado.

45

À TARDE, abrimos as caixas de suprimentos. Há muitas roupas térmicas das quais não precisamos mais, agora que adentramos em terreno mais baixo e mais quente. Encontramos papel, envelopes, remédios. E, com gritos de alívio, uma caixa com pêssegos em calda. São treze latas, o número exato de pessoas no vagão. Por enquanto. Até a noite, pode ser que haja duas a menos. A garota com sardas distribui as latas. Após um momento de consideração, coloca uma ao lado de Sissy, ainda inconsciente. Ela nos avisa para comer aos poucos. Ninguém sabe quanto tempo a viagem vai durar. Podem ser vários dias.

Epap escreve os nomes nas latas. É uma boa forma de aprender os novos nomes, diz. Ele está tentando ser corajoso, está tentando ser forte. Escreve o nome de Sissy na lata dela. Está se recusando a aceitar o que não pode mais ser negado: em poucas horas, teremos que fazer o impensável. Primeiro com ela, depois comigo. Epap escreve meu nome em uma lata, como se para fazer uma declaração.

Olho para as latas de pêssego em calda, lado a lado. Para o meu nome e o de Sissy escritos em letras de forma. Como nomes em lápides.

* * *

A noite chega. Sofro um espasmo e acordo, sentindo o frio da noite desértica penetrando em meus ossos. Até o luar começou a agredir meus olhos. Minha transformação está chegando ao fim. Uma brisa fria sopra pelo vagão, misturada ao aroma de fumaça. Eu me sento e olho para cima. Uma coluna de fumaça densa sobe da chaminé da locomotiva. O motor deve ter iniciado automaticamente depois que perdemos o embalo da ladeira. Há grandes chances de o trem permanecer nesta velocidade até chegar ao Palácio, sem nunca diminuir. Tudo no piloto automático.

Assim como minha transformação.

Eu tremo, e meu corpo todo sacode. Meu coração está disparado, e a camisa, grudenta com a condensação fria do suor. A transformação lenta é um sofrimento. O luar se espalha pela jaula, as sombras das barras de metal se dobram e curvam sobre a topografia de nossos corpos. De vez em quando, uma garota grita em meio a pesadelos. Eu me sento e sinto o estalar de ossos secos. David dorme um sono

agitado ao meu lado, murmurando palavras angustiadas. Puxo o cobertor para cobri-lo. Seu braço está esticado pelo espaço vazio ao lado. Onde Jacob estaria dormindo.

O terreno continua passando, quilômetros e quilômetros de nada. Sissy está deitada aos meus pés, a cabeça aninhada no colo de Epap. As adagas presas no cinto brilham ao luar, parecendo me chamar. Meus dedos tocam no couro áspero. Solto a tira e puxo uma adaga. Está na hora.

Epap não vai fazer isso. Mas eu consigo. Preciso. Primeiro ela, depois eu.

Encosto a adaga no pescoço dela. A lâmina afunda na pele macia, sinto o tremor da pulsação logo acima do fio.

Sua pulsação é firme e lenta, não está mais frenética. Franzindo a testa, toco a pele dela.

Está seca. Está quente.

Coloco a mão sobre o coração de Sissy. A pulsação é firme e lenta.

Ela não está mais se transformando. Está se *des*transformando.

Olho para o rosto calmo e descansado, sem entender. Um vento sopra pelas barras, e tremo com o delírio quente da transformação.

— Sissy.

As pálpebras dela tremem de leve. Ela está voltando a si. Tira os braços de debaixo do cobertor e esbarra nas latas de pêssego em calda perto da cabeça. A minha e a dela, lado a lado.

Noto algo, e meu coração, por motivos ainda não inteiramente aparentes, começa a bater ainda mais rápido.

Em seguida, escuto. É a voz do meu pai, clara mesmo depois de tantos anos: *Você está olhando, mas não está vendo. A resposta está bem debaixo do seu nariz.*

Sissy começa a despertar. Coloca a língua para fora, seca e branca, para umedecer os lábios rachados. As pálpebras começam a se mover, não com o tremor anterior, mas com segurança.

Em alguns momentos, ela vai despertar, se sentar e olhar para mim.

Mas não ainda. Meus olhos pousam nas latas de novo, lado a lado. Nas letras rabiscadas, nos nomes que Epap escreveu.

Gene. Sissy.

Mas não é bem isso. Porque o nome dela, com tantas letras, está apenas parcialmente visível. Só consigo ver as três primeiras letras, as duas últimas desaparecem na curva da lata.

Sis.

O nome que o Cientista escolheu para batizá-la.

De repente, estou pensando na asa-delta. *Era para ser vocês dois desde o começo.* Estou pensando em Krugman, na insistência dele de que a Origem era algum tipo de código alfabético. Em Epap, dizendo que meu pai sempre escolhia os

nomes por motivos específicos. No meu sangue dentro dela, misturando-se ao dela.

Fico olhando para os nomes, e me sinto como um cego que de repente começa a enxergar.

Gene. Sis.

Gene. Sis.

Gênesis.

Ela começa a abrir os olhos, para os quais nunca mais vou olhar do mesmo jeito.

Suas pálpebras se abrem, e Sissy olha para mim. Ela não se encolhe, não pisca para se proteger do luar que bate em seu rosto. Deve pensar que meus olhos estão arregalados de felicidade, de surpresa ao vê-la reviver.

Mas eles só se arregalam por causa da descoberta, da verdade que estava na minha frente esse tempo todo. Bem debaixo do meu nariz.

Gênesis. O começo.

A *Origem*.

Não eu. Não ela. Nós dois.

Juntos, somos a cura.

Agradecimentos

CATHERINE DRAYTON continua a ser uma agente maravilhosa. Sou grato por ter ao meu lado alguém tão confiável, que tem ideias e um tino para negócios com os quais passei a contar e que já considero naturais. Agradeço também às pessoas supertalentosas da InkWell Management, principalmente Richard Pine, Lyndsey Blessing, Charlie Olsen e Kristan Palmer.

Faço um agradecimento especial a Rose Hilliard, minha editora na St. Martin's Press. Tenho grande apreço por seus talentos quase mágicos, encorajamento caloroso e orientação elegante. Este livro transpira clareza, profundidade e vida por causa dela. Muito obrigado também a Matthew Shear, Anne Marie Tallberg, Joseph Goldschein, Loren Jaggers, Paul Hochman, Jeffrey Dodes e NaNá V. Stoelzle.

Agradeço a Ingrid Selberg, Venetia Gosling, Kathryn McKenna e ao restante da equipe da Simon & Schuster do Reino Unido, por receberem esta série com dedicação incansável.

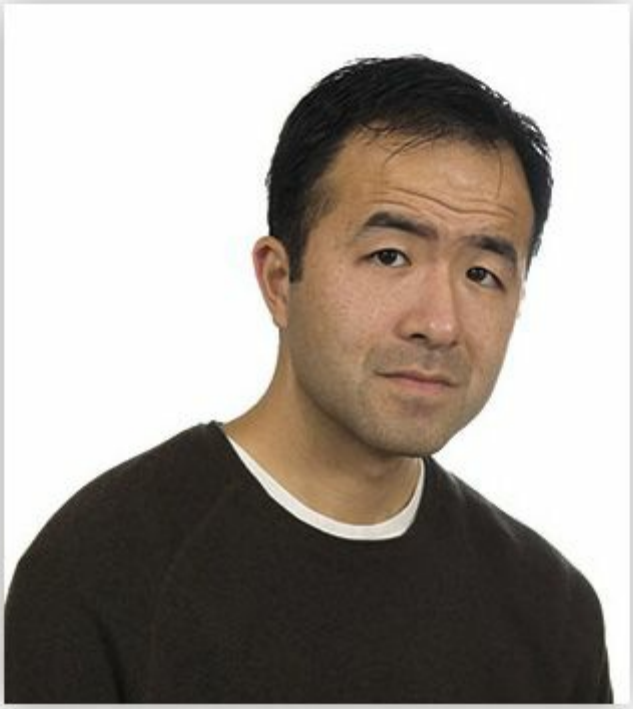
Pela generosidade do tempo e das palavras, tenho uma dívida eterna com Andrea Cremer, Becca Fitzpatrick, Richelle Mead e Alyson Noël. O apoio de vocês desde cedo foi (e continua a ser) tudo para mim. Muito obrigado.

Agradeço aos Monsters Calling Home pela inspiração.

E, finalmente, a Ching-Lee e aos meninos, pelo amor, apoio, gargalhadas, conforto, esperança, diversão, empolgação, alegria, abrigo, inspiração e outros milhões de motivos.

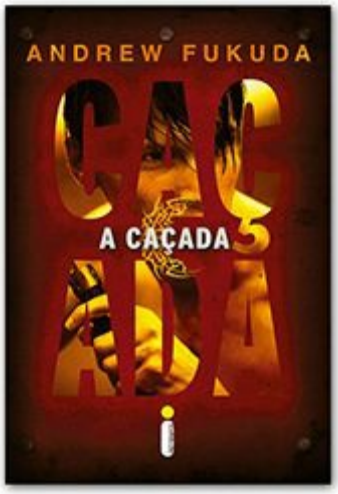
Sobre o autor

© Justin Ong



ANDREW FUKUDA mora em Long Island, EUA. Após se formar em história pela Universidade de Cornell, trabalhou como promotor na cidade de Nova York. O autor figurou na lista dos 10 Melhores Romances de Estreia do *Booklist* e hoje é escritor em tempo integral. As presas é o segundo volume da série iniciada por *A Caçada*.

Conheça o primeiro volume da série



A Caçada

Leia também

Séria *Os legados de Lorien*,
de Pittacus Lore



Eu sou o número Quatro



O poder dos Seis



A ascensão dos Nove



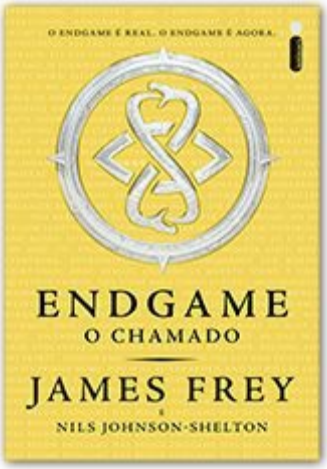
A queda dos Cinco



Silo
Hugh Dewey



Half Bad
Sally Green



Endgame: o Chamado
James Frey & Nils Shelton-Johnson

Table of Contents

Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32

33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça o primeiro volume da série
Leia também